

O BESTSELLER INTERNACIONAL

ÀS VEZES MINTO

Estou
em coma.

O meu marido
já não me ama.

ALICE FEENEY


cultura

“

Somos feitos de carne e estrelas, mas, no final, todos nos tornamos pó.

É melhor brilhar enquanto é possível.

**ÀS VEZES
MINTO**

ALICE FEENEY

**ÀS VEZES
MINTO**

TRADUÇÃO DE
CRISTINA BERNARDO SILVA


cultur@



TÍTULO ORIGINAL: *Sometimes I Lie*
Copyright © Alice Feeney, 2017

© Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *Às Vezes Minto*
AUTORIA: Alice Feeney

TRADUÇÃO: Cristina Bernardo Silva
REVISÃO: Isabel Garcia
CAPA: Vera Braga
PAGINAÇÃO: Ana Gaspar Pinto

ISBN: 978-989-577-336-7
1.ª EDIÇÃO EM PAPEL: abril de 2025

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cultura Editora é uma chancela



Ao meu Daniel. E a ela.

Chamo-me Amber Reynolds. Há três coisas
que devem saber sobre mim:

1. Estou em coma.
2. O meu marido já não me ama.
3. Às vezes minto.

AGORA

Boxing Day, dezembro de 2016

Sempre me fascinou a queda livre entre o sono e a vigília. Aqueles preciosos segundos de semiconsciência antes de abrir os olhos, quando damos por nós convencidos de que os sonhos podem ser realidade. Um momento de prazer ou de dor intensa, antes de os sentidos se reajustarem e nos dizerem quem somos e onde estamos. Por enquanto, durante apenas mais um segundo, desfruto de uma ilusão induzida por automedicação que me permite imaginar que poderia ser qualquer pessoa, poderia estar em qualquer lugar, poderia ser amada.

Sinto a luz atrás das pálpebras e a minha atenção recai sobre o anel de platina no meu dedo. Parece mais pesado do que antes, como se me puxasse para baixo. Um lençol cobre-me o corpo, tem um cheiro estranho e pergunto-me se estarei num hotel. Qualquer memória do que sonhei evapora-se. Procuro agarrar-me, tento ser alguém que não sou e ficar num lugar que não é este, mas não consigo. Sou sempre apenas eu, e estou aqui, onde já sei que não quero estar. Tenho dores nos membros e estou tão cansada que não quero abrir os olhos – até me lembrar de que não posso.

O pânico espalha-se em mim como uma rajada de ar gelado. Não consigo lembrar-me de onde estou nem de como aqui cheguei, mas sei quem sou: *chamo-me Amber Reynolds, tenho trinta e cinco anos, sou casada com o Paul*. Repito estas três coisas na minha cabeça, agarro-me a elas com toda a força, como se pudessem salvar-me, mas percebo que uma parte da minha história se perdeu, como se as últimas páginas tivessem sido arrancadas. Quando as minhas memórias se tornam suficientemente claras para que eu consiga suportá-las, enterro-as, forçando-as a permanecer imóveis dentro de mim, até conseguir pensar, sentir e

tentar compreender. Mas há uma que insiste em subir à superfície, apesar de eu não querer acreditar nela.

O ruído monótono de uma máquina infiltra-se na minha consciência, despedaçando os últimos vestígios de esperança e deixando-me com a amarga certeza de que estou num hospital. O cheiro esterilizado do lugar provoca-me vômitos. Odeio hospitais. São o lar da morte e dos arrependimentos fora de tempo, nunca um lugar que eu escolheria para visitar, muito menos para ficar.

Antes, houve aqui pessoas, estranhos, lembro-me disso agora. Disseram uma palavra que preferi não ouvir. Recordo um grande alvoroço, vozes exaltadas e medo, não só o meu. Esforço-me por me lembrar de mais qualquer coisa, mas a memória falha-me. Algo terrível aconteceu, mas não consigo recordar o quê, nem quando.

Porque é que ele não está aqui?

Perguntar pode ser perigoso quando já sabemos a resposta.

Ele não me ama.

Marco mentalmente esse pensamento.

Ouçó uma porta a abrir-se. Passos, depois o regresso do silêncio, mas já não é o mesmo, perdeu a pureza. Sinto o cheiro a fumo de cigarro apagado, o som de uma caneta a riscar papel à minha direita. Alguém tosse à minha esquerda e percebo que são duas pessoas. Estranhos na escuridão. Sinto-me mais fria do que antes e tão terrivelmente pequena. Nunca senti um terror como este.

Gostava que alguém dissesse alguma coisa.

— Quem é ela? — pergunta a voz de uma mulher.

— Não faço ideia. Pobre coitada, como ela está — responde outra mulher.

Gostava que não tivessem dito nada. Começo a gritar:

Sou a Amber Reynolds! Sou apresentadora de rádio! Porque é que não sabem quem sou?

Repito as mesmas frases vezes sem conta, mas ignoram-me porque, por fora, estou em silêncio. Por fora, não sou ninguém, nem sequer tenho nome.

Quero ver a pessoa que elas viram. Quero sentar-me, estender a mão e tocá-las. Quero sentir qualquer coisa de diferente. O que for. Quem quer que seja. Quero fazer mil perguntas. Acho que quero saber as respostas. Usaram outra vez aquela palavra, a de antes, a que não quero ouvir.

As mulheres saem, fecham a porta atrás de si, mas a palavra fica. Agora,

estamos sozinhas, eu e ela, e já não sou capaz de a ignorar. Não consigo abrir os olhos. Não consigo mexer-me. Não consigo falar. A palavra emerge à superfície, estala, e tenho a certeza de que é verdade...

Coma.

ANTES

Semana anterior, 19 de dezembro de 2016

Desço as escadas em bicos de pés, ainda envolta na escuridão da madrugada, com cuidado para não o acordar. Tudo está onde é suposto, mas sinto que falta qualquer coisa. Visto o casaco pesado de inverno para enfrentar o frio e vou até à cozinha para começar o meu ritual. Vou para junto da porta das traseiras e rodo repetidamente a maçaneta, até ter a certeza de que está trancada:

Para cima, para baixo. Para cima, para baixo. Para cima, para baixo.

A seguir, coloco-me em frente ao fogão grande, com os braços dobrados, como se estivesse prestes a dirigir uma orquestra imponente de bicos a gás. Os meus dedos assumem a forma familiar; o indicador e o médio tocam no polegar, nas duas mãos. Murmuro baixinho para mim própria enquanto me certifico, com o olhar, de que todos os botões e mostradores estão desligados. Faço três vezes uma verificação completa, com as unhas a tilintar numa espécie de código Morse que só eu consigo decifrar. Assim que me sinto satisfeita, segura de que tudo está em ordem e segurança, avanço para sair da cozinha, mas demoro-me um instante à porta, a ponderar se este é um daqueles dias em que tenho de voltar atrás e recomeçar tudo de novo. Não é.

Atravesso o *hall*, com um soalho rangente, pego na mala e confiro o conteúdo. Telemóvel. Carteira. Chaves. Fecho-a, abro-a e verifico outra vez. Telemóvel. Carteira. Chaves. Confirmo uma terceira vez, a caminho da porta da frente. Paro um instante, surpreendida por ver a mulher que está do outro lado do espelho a devolver-me o olhar. Talvez tenha sido bonita, mas agora mal a reconheço. Um contraste de luz e sombra. As minhas pestanas longas e negras emolduram os meus olhos grandes e verdes, umas tristes sombras instalaram-se

logo abaixo deles, e as sobrancelhas espessas marcam-lhes o arco. A minha pele é uma tela pálida esticada sobre as maçãs do meu rosto. O meu cabelo, tão castanho que parece quase preto, desce em fios direitos e malcuidados até aos ombros, por falta de melhor propósito. Passo os dedos por ele, com brusquidão, antes de o apanhar num rabo-de-cavalo, mantendo-o afastado do meu rosto com um elástico que tiro do pulso. Os meus lábios entreabrem-se como se fosse dizer qualquer coisa, mas o que me sai da boca é apenas ar. Um rosto bom para rádio devolve-me o olhar.

Lembro-me das horas e percebo que o comboio não vai esperar por mim. Não me despedi, mas duvido que isso importe. Apago a luz e saio de casa, certificando-me três vezes de que a porta está trancada, antes de descer o caminho do jardim iluminado pelo luar.

É cedo, mas já estou atrasada. A Madeline estará no escritório a esta hora, os jornais já terão sido lidos, esmiuçados à procura de histórias interessantes. Os produtores já terão desfolhado os restos de papel antes de serem instruídos, com gritos e empurrões, que devem fazer tudo para conseguir as melhores entrevistas para o programa da manhã. Os táxis estarão a caminho para apanhar e despejar convidados, excitados e despreparados. Cada manhã é diferente e, ainda assim, completamente rotineira. Entrei para a equipa do *Coffee Morning* há seis meses e as coisas não estão a correr como planeado. Muita gente diria que tenho um emprego de sonho, mas os pesadelos também são sonhos.

Paro rapidamente na entrada para comprar café para mim e para uma colega, e subo os degraus de pedra até ao quinto andar. Não gosto de elevadores. Forço um sorriso antes de entrar no escritório e relembro-me de que isto é o que faço melhor: adaptar-me às pessoas à minha volta. Sei fazer de «Amber, a amiga» ou «Amber, a mulher dedicada», mas agora é hora de fazer de «Amber, do *Coffee Morning*». Sei representar todos os papéis que a vida me atribuiu, conheço todas as falas; há muito tempo que ando a ensaiar.

O sol mal nasceu, mas, como sempre, a pequena equipa predominantemente feminina já está reunida. Três jovens produtoras, alimentadas a caféina e ambição, curvam-se sobre as secretárias. Cercadas por pilhas de livros, guiões antigos e canecas vazias, martelam nos teclados como se a sua vida dependesse

disso. No canto mais afastado, vejo o brilho do candeeiro da Madeline, que está no seu pequeno gabinete privado. Sento-me à minha secretária e ligo o computador, enquanto devolvo os sorrisos e as saudações calorosas das outras mulheres. As pessoas não são espelhos, não nos veem como nós nos vemos.

Só este ano, a Madeline já despediu três assistentes pessoais. Ninguém dura muito tempo com ela sem ser descartado. Eu não quero um gabinete privado nem preciso de uma assistente pessoal, gosto de estar sentada aqui, com toda a gente. O lugar ao meu lado está vazio. É raro a Jo não estar aqui a esta hora e fico preocupada com a possibilidade de lhe ter acontecido alguma coisa. Observo o café a mais a arrefecer e decido levá-lo ao gabinete da Madeline. Chamo a isto um gesto de paz.

Detenho-me junto à porta aberta, como um vampiro à espera de ser convidado a entrar. O seu gabinete é risível de tão pequeno, literalmente um armário reconvertido, porque ela recusa sentar-se junto do resto da equipa. Há fotografias emolduradas da Madeline com celebridades enfiadas em todos os centímetros das paredes falsas, e uma prateleira com prémios, atrás da secretária. Ela não levanta os olhos. Observo o seu cabelo curto e feio, com as raízes grisalhas a sobressaírem por baixo dos fios pretos. O seu queixo sobrepõe-se e, felizmente, o resto da sua carne enrolada fica escondida por baixo das roupas largas e escuras. A luz do candeeiro ilumina o teclado, sobre o qual pairam os dedos da Madeline, cobertos de anéis. Sei que ela consegue ver-me.

— Pensei que talvez precisasses disto — digo, dececionada com a simplicidade das minhas palavras, uma vez que demorei tanto tempo a encontrá-las.

— Deixa aí na secretária — responde ela, sem desviar os olhos do ecrã.

De nada.

Um pequeno aquecedor a óleo resmunga num canto e o calor com cheiro a queimado serpenteia pelas minhas pernas acima, detendo-me no lugar. Dou por mim a fixar-me na verruga que ela tem no rosto. Por vezes, os meus olhos fazem isso: fixam-se nas imperfeições das pessoas, e eu esqueço-me, por momentos, de que elas percebem que estou a ver o que preferiam que eu não visse.

— O fim de semana foi bom? — arrisco.

— Ainda não estou preparada para falar com ninguém — diz ela. Deixo-a entregar a si mesma.

De volta à minha secretária, dou uma vista de olhos pela pilha de correio que se acumulou desde sexta-feira: um par de romances de aspeto lastimável que nunca irei ler, algumas cartas de fãs e um convite para uma gala de beneficência, que prende a minha atenção. Bebo um pouco de café e deixo-me levar por fantasias sobre o que poderia vestir e quem levaria comigo, caso decidisse ir. Deveria fazer mais trabalho de beneficência, mas parece que nunca há tempo. A Madeline é o rosto da Crisis Child, além de ser a voz do *Coffee Morning*. Sempre achei um pouco estranho a sua relação muito próxima com a maior instituição de apoio a crianças do país, uma vez que ela as odeia e nunca teve filhos. Nunca chegou sequer a casar. Está completamente sozinha na vida, mas nunca solitária.

Depois de organizar o correio, leio as notas preparatórias para o programa desta manhã; é sempre bom termos algum conhecimento de fundo antes de entrarmos no ar. Não consigo encontrar a minha caneta vermelha, por isso dirijo-me ao armário do material de escritório.

Está repleto.

Lanço um olhar por cima do ombro e, depois, volto a focar-me nas prateleiras bem organizadas. Agarro num punhado de *post-its* e, em seguida, pego em várias canetas vermelhas, enchendo os bolsos. Continuo a tirá-las até esvaziar a caixa e deixo lá as outras cores. Quando regresso à minha secretária, ninguém levanta o olhar, pelo que não me veem a despejar tudo na gaveta, antes de a trancar.

Mal começo a preocupar-me com a possibilidade de a minha única amiga aqui ainda não ter dado sinais de vida, a Jo entra e sorri-me. Está vestida como sempre, com calças de ganga e um *top* branco, como se nunca tivesse saído dos anos 1990. As botas, que ela diz odiar, estão desgastadas nos calcanhares e o seu cabelo loiro ainda está húmido por causa da chuva. Senta-se à secretária, que fica ao lado da minha, de frente para as outras produtoras.

— Desculpa o atraso — sussurra. Ninguém repara, a não ser eu.

O último a chegar é o Matthew, o editor do programa. Nada fora do normal. As calças justas revelam a protuberância da barriga, com o cóis ligeiramente abaixo da cintura. São um pouco curtas para as suas pernas compridas e deixam ver as meias coloridas por cima dos sapatos castanhos e brilhantes. Ele dirige-se diretamente para a sua secretária arrumada, junto à janela, sem cumprimentar ninguém. Que uma equipa de mulheres, a produzir um programa para

mulheres, seja gerida por um homem, é algo que ultrapassa a minha capacidade de compreensão. Mas a verdade é que o Matthew me deu este trabalho quando a minha antecessora saiu abruptamente, por isso, talvez eu deva sentir-me grata.

— Matthew, será que podes vir ao meu gabinete agora que chegaste? — chama a Madeline, do outro lado da sala.

— E ele a pensar que a manhã não podia piorar — murmura a Jo. — Vamos beber um copo depois do trabalho?

Aceno com a cabeça, aliviada por ela não desaparecer logo no final do programa.

Observamos o Matthew a apanhar as notas e a apressar-se a entrar no gabinete da Madeline, com o casaco a esvoaçar dos dois lados, como se quisesse ganhar asas. Depois de alguns instantes, ele sai, com o rosto vermelho e um ar perturbado.

— É melhor irmos para o estúdio — diz a Jo, interrompendo os meus pensamentos. Parece-me um bom plano, tendo em conta que faltam apenas dez minutos para entrarmos no ar.

— Vou ver se Sua Majestade está pronta — respondo, satisfeita por ver a Jo a sorrir. Apanho o olhar do Matthew, que arqueia uma sobrancelha na minha direção. Não devia ter dito aquilo em voz alta.

À medida que o relógio se aproxima da hora certa, todos tomam os seus lugares. Eu e a Madeline dirigimo-nos para o estúdio e voltamos às nossas posições habituais, num palco central na penumbra. Somos observadas através de uma enorme janela de vidro, na proteção da galeria, como se fôssemos dois animais muito diferentes, colocados por engano na mesma jaula. A Jo e as outras produtoras sentam-se na galeria, que é clara e ruidosa, com botões de mil cores que parecem complicadíssimos perante a simplicidade do que fazemos: falar com pessoas e fingir que gostamos. Por oposição, o estúdio é escuro e desconfortavelmente silencioso. Há apenas uma mesa, algumas cadeiras e um par de microfones. Eu e a Madeline sentamo-nos na escuridão, ignorando-nos mutuamente, à espera de que a luz que diz «no ar» fique vermelha e que o primeiro ato comece.

— Bom dia e bem-vindos à edição de segunda-feira do *Coffee Morning*, eu sou Madeline Frost. Mais tarde, no programa de hoje, teremos como convidada a

autora consagrada E. B. Knight, mas, antes disso, vamos discutir o número crescente de mulheres responsáveis pelo sustento familiar e, para as chamadas telefônicas de hoje, estão convidados a participar no tema «amigos imaginários». Teve algum em criança? Talvez ainda tenha...

O som familiar da sua voz no ar acalma-me e entro em modo piloto automático, à espera da minha vez para falar. Pergunto-me se o Paul já estará acordado. Ultimamente, não parece ele próprio: fica até tarde no anexo da escrita, vem para a cama pouco antes de eu me levantar, ou nem sequer aparece. Ele gosta de chamar «cabana» ao anexo. Eu gosto de chamar às coisas aquilo que são.

Uma vez, passámos uma noite com a E. B. Knight. Foi quando o primeiro romance do Paul teve sucesso, há mais de cinco anos, pouco depois de nos termos conhecido. Na altura, eu era repórter de televisão. De notícias locais, nada de especial. Mas ver-me no ecrã obrigava-me a cuidar da aparência, ao contrário do que acontece na rádio. Nessa altura, era magra e não sabia cozinhar. Antes do Paul, não tinha ninguém para quem cozinhar e raramente me dava a esse trabalho se tivesse de o fazer apenas para mim. Além disso, estava sempre ocupada a trabalhar. Na maioria das vezes, fazia reportagens sobre buracos nas estradas ou furtos de metais em telhados de igrejas, mas, um dia, a sorte decidiu intervir. A nossa repórter de celebridades adoeceu e escolheram-me para entrevistar um novo autor de sucesso no lugar dela. Eu nem sequer tinha lido o livro. Estava de ressaca e irritada por ter de fazer o trabalho de outra pessoa, mas tudo mudou quando ele entrou na sala.

A editora do Paul tinha reservado uma suíte no Ritz para a entrevista. Fazia lembrar um palco e eu senti-me como uma atriz que não tinha decorado as falas. Lembro-me de me sentir fora da minha zona de conforto, mas, quando ele se sentou na cadeira à minha frente, percebi que estava mais nervoso do que eu. Era a sua primeira entrevista para a televisão e, de alguma forma, consegui pô-lo à vontade. Quando me pediu o cartão, a seguir, não pensei muito nisso, mas o meu operador de câmara divertiu-se a falar sobre a nossa «química» durante todo o caminho de regresso ao carro. Naquela noite, quando o Paul me telefonou, senti-me como uma estudante do liceu. Conversámos e foi tudo muito natural, como se já nos conhecêssemos há muito tempo. Ele disse-me que na

semana seguinte tinha de ir a uma cerimónia de entrega de prémios literários e que não tinha companhia. Perguntou-me se estaria disponível para o acompanhar e eu estava. Durante a cerimónia, ficámos na mesa da E. B. Knight, e foi como jantar com uma lenda e ter um primeiro encontro memorável. Ela era encantadora, inteligente e espirituosa. Desde que soube que ela tinha sido convidada que ansiava por poder estar de novo com ela.

— Que bom vê-la — digo, enquanto a produtora a conduz para o estúdio.

— É um gosto — responde, ao sentar-se. Nem um vislumbre de reconhecimento; como é fácil as pessoas esquecerem-me.

A sua famosa franja branca emoldura o rosto pequeno e octogenário. Está impecável, até as rugas parecem cuidadas com esmero. É suave nas feições, mas tem uma mente ágil e rápida. As maçãs do rosto exibem um rosa por causa do *blush* e os seus olhos azuis, sábios e atentos, percorrem o estúdio antes de se fixarem no alvo. Ela sorri para a Madeline de forma calorosa, como se estivesse a conhecer um ídolo. Às vezes, os convidados fazem isso. Na verdade, não me incomoda.

No fim do programa, toda a gente se dirige para a sala de reuniões, para a análise. Sentamo-nos, à espera da Madeline, e o espaço fica em silêncio quando ela entra, finalmente. O Matthew começa a falar sobre as histórias — o que funcionou bem, o que não funcionou assim tão bem. A Madeline tem uma expressão de desagrado, a sua boca tem um aspeto tão retorcido que parece que ela está a desembrulhar rebuçados com o rabo. Ficamos todos calados e deixo a minha mente vaguear, mais uma vez.

Brilha, brilha, lá no céu...

A Madeline intervém com uma expressão severa.

A estrelinha que nasceu.

Ela solta um suspiro de impaciência e revira os olhos.

Logo outra surge ao lado.

Quando a Madeline esgota as críticas subentendidas, a equipa levanta-se e começa a sair em fila.

Fica o céu iluminado.

— Amber, podemos falar? — diz o Matthew, arrancando-me do meu devaneio. Pelo tom, não devo ter opção. Ele fecha a porta da sala de reuniões e

eu volto a sentar-me, enquanto tento encontrar pistas no seu rosto. Como sempre, é impossível decifrá-lo, uma ausência total de emoção; se a mãe morresse, ninguém perceberia. Ele tira uma bolacha do prato que deixamos para os convidados e faz-me sinal para fazer o mesmo. Abano a cabeça. Quando o Matthew quer chegar a um ponto, opta sempre pelo caminho mais longo. Tenta sorrir, mas desiste rapidamente e dá uma dentada na bolacha. Algumas migalhas ficam presas nos seus lábios finos, que se abrem e fecham como os de um peixe dourado, enquanto ele luta para encontrar as palavras certas.

» Bom, posso fazer conversa de circunstância, perguntar como estás, fingir que me interessa, tudo isso, ou posso ir direto ao assunto — diz ele. Um nó de inquietação forma-se no meu estômago.

— Diz — respondo, embora deseje que não o faça.

— Como estão agora as coisas entre ti e a Madeline? — pergunta ele, antes de dar outra dentada na bolacha.

— Como sempre, ela odeia-me — respondo, precipitando-me. Agora, é a minha vez de forçar um sorriso, que pretendo descartar o mais rapidamente possível.

— Sim, é verdade, e isso é um problema — diz o Matthew. Não deveria ficar surpreendida, mas fico. — Sei que ela não te facilitou a vida quando entraste para a equipa, mas também foi difícil para ela habituar-se a ter-te por perto. Esta tensão entre vocês não parece estar a melhorar. Podes achar que ninguém repara, mas reparam. A química entre as duas é mesmo importante para o programa e para o resto da equipa. — Fica a olhar para mim, à espera de uma resposta que não sei dar. — Achas que consegues melhorar a tua relação com ela?

— Bem, acho que posso tentar...

— Ótimo. Não tinha noção de como esta situação estava a incomodá-la, até hoje. Ela lançou-me uma espécie de ultimato. — Ele faz uma pausa e aclara a garganta, antes de continuar. — Quer que eu te substitua.

Espero que desenvolva mais um pouco, mas ele não o faz. As palavras ficam a pairar na distância que nos separa, durante os instantes em que tento digeri-las.

— Estás a despedir-me?

— Não! — protesta, mas o seu rosto diz outra coisa, enquanto considera o que

acrescentar. Ele junta as mãos à altura do peito, com as palmas voltadas uma para a outra e as pontas dos dedos a tocarem-se, formando uma torre cor de pele ou uma oração sem convicção. — Ou melhor, ainda não. Tens até o fim do ano para mudares a situação. Lamento que tudo isto tenha surgido mesmo antes do Natal, Amber. — Ele descruza as pernas compridas, como se estivesse a fazer um grande esforço, e recua o corpo o mais possível na cadeira, afastando-se de mim. A sua boca fica retorcida como se tivesse acabado de provar qualquer coisa profundamente desagradável, enquanto espera pela minha reação. Não sei o que dizer. Às vezes, acho que o melhor é não dizer nada, o silêncio não pode ser mal interpretado. — És excelente, adoramos-te, mas tens de perceber que a Madeline é o *Coffee Morning*, está a apresentá-lo há vinte anos. Lamento, mas se tiver de escolher entre as duas, tenho as mãos atadas.

AGORA

Boxing Day, dezembro de 2016

Tento visualizar o que me rodeia. Não estou numa enfermaria; está demasiado silêncio para isso. Também não estou na morgue; sinto a minha respiração, uma ligeira dor no peito sempre que os meus pulmões se enchem de oxigénio e esforço. A única coisa que ouço é o som abafado de uma máquina a lançar *bips* indiferentes, ali perto. Estranhamente, é reconfortante; a minha única companhia num universo invisível. Começo a contar os *bips*, a guardá-los na memória, com receio de que possam cessar e sem saber ao certo o que isso significaria.

Concluo que estou num quarto privado. Imagino-me confinada na minha cela clínica, com o tempo a escorrer lentamente pelas quatro paredes, formando poças de um lodo sujo que vão subindo, até me afogarem. Até isso acontecer, existo num espaço infinito onde o delírio se funde com a realidade. Neste momento, limito-me a existir e a esperar, sem saber para quê. Regressei ao meu estado inicial, um ser humano que existe, não um ser humano que faz. Para lá destas paredes invisíveis, a vida segue o seu rumo, mas eu permaneço imóvel, em silêncio e contida.

A dor física é real e exige a minha atenção. Questiono-me sobre a gravidade da minha lesão. Uma pressão implacável envolveu o meu crânio, latejando ao ritmo do meu coração. Percorro o meu corpo da cabeça aos pés, em busca de um autodiagnóstico que me explique o que aconteceu, mas é inútil. A minha boca está aberta; sinto um objeto estranho preso entre os lábios e os dentes, a passar pela língua e a deslizar pela garganta. O meu corpo parece estranhamente distante, como se pertencesse a outra pessoa, mas consigo sentir tudo até aos

dedos dos pés. E isso traz-me um alívio imenso. Estou aqui, inteira, de corpo e mente, só preciso que alguém me ligue de novo.

Pergunto-me como estarei; se alguém escovou o meu cabelo ou limpou o meu rosto. Não sou uma pessoa vaidosa, prefiro ser ouvida a ser vista, de preferência nem sequer notada. Não sou especial, não sou como ela. Sou mais como uma sombra. Uma pequena nódoa suja.

Embora tenha medo, há um instinto primitivo que me diz que vou ultrapassar isto. Vou ficar bem, porque tenho de ficar. E porque fico sempre.

Ouçó uma porta abrir-se e o som de passos a aproximarem-se da cama. Consigo ver as sombras a moverem-se e a deslizarem atrás da minha visão enevoada. São duas pessoas. Sinto o cheiro a perfume barato e a *spray* para o cabelo. Estão a conversar, mas não consigo perceber o que dizem, ainda não. Por enquanto, é apenas ruído, como num filme estrangeiro sem legendas. Uma delas pega no meu braço esquerdo, que estava debaixo do lençol. É uma sensação peculiar, semelhante àquela de fingir, em criança, que os nossos membros estão flácidos. Estremeço por dentro ao sentir os seus dedos na minha pele. Não gosto de ser tocada por estranhos. Na verdade, não gosto de ser tocada por ninguém, nem mesmo por ele, já não.

Ela enrola qualquer coisa à volta da parte superior do meu braço esquerdo e presumo que se trata de um garrote ao sentir a pressão a apertar-me a pele. Depois, pousa o meu braço com cuidado e desloca-se para o outro lado. A segunda enfermeira, presumo que é isso que são, continua aos pés da cama. Ouço um barulho de papel a ser manuseado por uns dedos inquietos, e imagino que está a ler um romance ou o meu processo clínico. O barulho torna-se mais nítido.

— A última da mudança de turno, depois já podes ir embora. O que é que aconteceu a esta? — pergunta a mulher mais próxima de mim.

— Chegou tarde, ontem à noite. Parece que foi um acidente — responde a outra, a mexer-se enquanto fala. — Vamos deixar entrar um pouco de luz aqui, talvez alegre o ambiente, o que achas? — Ouço o som áspero das cortinas a serem puxadas com relutância e fico envolta numa penumbra mais clara. Sem pré-aviso, há uma coisa afiada que se enfia no meu braço. É uma sensação surreal e a dor puxa-me para dentro de mim mesma. Sinto qualquer coisa fresca

a deslizar sob a minha pele, a serpentear no meu corpo até se tornar parte de mim. As vozes trazem-me de volta à superfície.

— Já contactaram o familiar mais próximo? — pergunta a que tem uma voz mais velha.

— O marido. Tentaram várias vezes, foi sempre para o *voicemail* — responde a outra. — Esperar-se-ia que desse pela ausência da mulher no Dia de Natal.

Dia de Natal.

Percorro a biblioteca das minhas memórias, mas há demasiadas estantes vazias. Não me lembro de nada sobre o Natal. Costumamos passá-lo com a minha família.

Porque não está ninguém comigo?

Percebo que tenho a boca terrivelmente seca e consigo sentir um sabor a sangue ressequido. Daria tudo por um pouco de água e pergunto-me o que posso fazer para chamar a atenção delas. Foco-me na minha boca, em conseguir um gesto, em fazer um sinal, por ínfimo que ele seja, no silêncio ensurdecedor, mas nada acontece. Sou um fantasma aprisionado dentro de mim própria.

— Bem, vou para casa, pode ser?

— Até logo, dá cumprimentos ao Jeff.

A porta abre-se e consigo ouvir um rádio ao longe. O som de uma voz familiar chega-me aos ouvidos.

— Ela trabalha no *Coffee Morning*, já agora. Encontraram o cartão de acesso na sua carteira, quando a trouxeram — diz a enfermeira que está de saída.

— Trabalha? Nunca ouvi falar dela.

Eu consigo ouvir-vos!

A porta fecha-se, o silêncio regressa e eu desapareço, já não estou ali, fico a gritar em silêncio na escuridão que me engoliu.

O que é que se passou comigo?

Apesar dos meus gritos interiores, por fora estou sem voz e completamente imóvel. Na vida real, sou paga para falar na rádio, mas agora estou silenciada, agora não sou nada. A escuridão agita os meus pensamentos, até que o som da porta a abrir-se de novo os interrompe por completo. Presumo que a segunda enfermeira também vá deixar-me, e quero gritar, implorar-lhe que fique, explicar-lhe que estou apenas um pouco perdida na toca do coelho e que preciso

de ajuda para encontrar o caminho de volta. Mas ela não está a sair. Alguém entrou no quarto. Consigo sentir o cheiro dele, ouvi-lo a chorar e apercebo-me do terror esmagador que sente ao olhar para mim.

— Desculpa, Amber. Estou aqui agora.

Aperta-me a mão com um pouco de força a mais. Sou eu quem se perdeu, ele perdeu-me há anos e agora não serei encontrada. A enfermeira que ficou sai, talvez para nos dar espaço ou privacidade ou, quem sabe, porque percebe que a situação é desconfortável, que qualquer coisa não está bem. Não quero que ela se vá embora, não quero ficar sozinha com ele, mas não sei porquê.

— Consegues ouvir-me? Por favor, acorda — repete ele, sem parar.

A minha mente retrai-se com o som da sua voz. A pressão volta a envolver-me o crânio, como se mil dedos estivessem a pressionar-me as têmporas. Não consigo lembrar-me do que me aconteceu, mas sei, com uma certeza inabalável, que este homem, o meu marido, teve qualquer coisa que ver com isso.

ANTES

Segunda-feira, 19 de dezembro de 2016 — De tarde

Inicialmente, fiquei agradecida quando o Matthew disse que podia tirar o resto do dia. A equipa já se tinha dispersado para o almoço, pelo que eu podia evitar perguntas ou demonstrações forçadas de preocupação. Só agora, ao avançar pela Oxford Street, como um salmão a nadar contra uma maré de turistas e consumidores, percebo que ele o fez por si próprio; nenhum homem quer sentar-se e encarar uma mulher com o rosto cheio de lágrimas, sabendo que é responsável.

Embora seja uma tarde de dezembro, o céu está de um azul cristalino, com o sol a esforçar-se por surgir entre nuvens dispersas e inacabadas, criando a ilusão de um dia agradável sob um fundo de neblina e incerteza. Preciso apenas de parar para pensar, e é isso que faço, bem no meio da rua cheia de gente, para irritação de todos à minha volta.

— Amber?

Levanto o olhar para o rosto sorridente de um homem alto, que se coloca à minha frente. A princípio, nada me ocorre, mas depois surge um vislumbre de reconhecimento, seguido de uma onda de memórias: Edward.

— Olá, como estás? — consigo murmurar.

— Estou ótimo. Que bom ver-te.

Dá-me um beijo no rosto. Não deveria preocupar-me com o meu aspeto, mas dou um abraço a mim mesma, como se estivesse a tentar esconder-me. Reparo que ele está quase igual. Mal envelheceu, apesar de terem passado uns dez anos desde a última vez que o vi. Está bronzeado, como se tivesse acabado de voltar de um qualquer lugar quente, e tem madeixas douradas no cabelo castanho, sem

sinal de grisalhos. Parece tão saudável, impecável, ainda com aquele conforto já raro na própria pele dourada. As suas roupas parecem novas, caras, e aposto que o fato por baixo do casaco comprido de lã é feito à medida. O mundo sempre foi demasiado pequeno para ele.

— Está tudo bem? — pergunta.

Lembro-me de que estive a chorar; devo estar com um ar péssimo.

— Sim. Ou melhor, não. Recebi uma má notícia, só isso.

— Lamento.

Aceno com a cabeça, enquanto ele fica à espera de uma conversa que não sei ter. Só consigo pensar em como o magoei. Não cheguei a explicar-lhe porque deixei de o ver; saí do seu apartamento numa manhã, ignorei as suas chamadas e cortei completamente o contacto. Estávamos os dois a estudar em Londres. Eu ainda vivia com os meus pais, por isso passava o máximo de tempo possível no seu apartamento, até ao dia em que acabou, e nunca mais voltei.

Uma mulher que escreve uma mensagem enquanto caminha, vem contra mim. Abana a cabeça, como se a culpa fosse minha. O impacto liberta algumas palavras do seu esconderijo.

— Estás em Londres para o Natal? — pergunto.

— Sim. Acabei de me mudar para cá com a minha namorada, tenho um novo emprego aqui.

O alívio que sinto inicialmente depressa dá lugar a outra sensação. Era óbvio que ele tinha seguido em frente. Convenço-me de que estou contente por ele, enquanto forço um sorriso, acompanhado por um aceno desprovido de entusiasmo.

— Percebo que não é um bom momento — diz ele. — Mas, olha, aqui está o meu cartão. Seria bom pormos a conversa em dia. Tenho uma reunião marcada e já estou atrasado, mas gostei muito de te ver, Amber. — Pego no cartão e tento sorrir, mais uma vez. Ele toca-me no ombro e desaparece no meio da multidão. Estava ansioso por se ir embora.

Recolho os pequenos pedaços de mim mesma e mudo para o modo piloto automático. As minhas pernas levam-me a um pequeno *pub* nos arredores da Oxford Street. Costumava vir aqui com o Paul, no início do nosso namoro. Já não vimos, nem sequer me lembro da última vez que saímos juntos. Pensei que a

familiaridade deste lugar me faria sentir segura, mas não está a funcionar. Peço um copo grande de vinho tinto e dirijo-me à única mesa livre, que fica junto à lareira acesa. Não há qualquer proteção. Afasto ligeiramente a cadeira do calor, apesar de querer aquecer. Fixo o olhar no copo de Malbec, bloqueando com sucesso o tumulto natalício que me envolve. Preciso de convencer uma mulher que não gosta de ninguém a gostar de mim e, ao olhar por tempo suficiente para a bebida, espero conseguir encontrar uma solução. Por enquanto, não tenho nada.

Bebo um pouco de vinho. É bom. Fecho os olhos, engulo e saboreio a sensação de calor que me desce pela garganta. Fui uma tonta. Estava tudo a correr bem e agora arrisquei o que tinha. Devia ter-me esforçado mais com a Madeline, devia ter seguido o plano. Não posso perder este emprego, não agora. Há, com certeza, uma solução, mas não estou certa de conseguir encontrá-la sozinha. Preciso *dela*. Detesto este pensamento e decido que preciso de outra bebida.

Quando termino o copo, peço outro e tiro o telemóvel da mala, enquanto espero. Disco o número do Paul. Devia ter-lhe ligado logo, não sei porque não o fiz. Ele não atende, então, tento de novo. Nada, só o *voicemail*. Não deixo mensagem. Chega o segundo copo de vinho, bebo um pouco. Quero anestesiar-me, mas sei que devo abrandar. Preciso de manter a mente límpida se quiser que tudo entre de novo nos eixos — e quero, porque é o que tenho de fazer. Deveria ser capaz de lidar com isto sozinha, mas não consigo.

— Começaste sem mim — diz a Jo, a desenrolar o cachecol ridiculamente comprido que tem ao pescoço, enquanto se senta à minha frente. O seu sorriso desaparece do rosto quando começa a olhar para mim com mais atenção. — O que se passa? Estás com um ar horrível.

— Não sabes?

— Não sei o quê?

— Tive uma conversa com o Matthew.

— Isso explica esse estado depressivo — diz ela, a olhar para a carta dos vinhos.

— Acho que vou ser despedida.

A Jo fixa-me, como se procurasse qualquer coisa na minha expressão.

— O que é que estás a dizer?

— A Madeline fez-lhe um ultimato. Ou saio eu ou sai ela.

— E ele disse-te que sais? Assim, sem mais nem menos?

— Não exatamente. Tenho até ao fim do ano para a fazer mudar de ideias.

— Então faz com que ela mude de ideias.

— Como?

— Não sei, mas eles não te podem fazer isto.

— O meu contrato termina em janeiro, por isso podem simplesmente não o renovar. Não teria nada a meu favor. E, além disso, têm tempo para encontrarem um substituto durante as férias de Natal. — Observo a Jo processar tudo o que acabei de lhe dizer e vejo-a chegar à mesma conclusão a que cheguei há algumas horas.

— O drama persegue-te como uma sombra, não é verdade?

— Estou tramada, não estou?

— Ainda não. Vamos pensar em qualquer coisa; mas, primeiro, vamos precisar de mais vinho — diz ela.

— Pode trazer-me mais um copo disto, por favor? — peço a um empregado que está a passar. Viro-me de novo para a Jo. — Não posso perder este emprego.

— Não vais perder.

— Ainda não tive tempo de fazer tudo o que tinha de fazer. — O empregado permanece por perto, a olhar para mim com uma expressão de preocupação. Sorrio. Ele acena educadamente e vai buscar o vinho. Olho à volta do *pub* e um breve vislumbre dos olhares das pessoas confirma que estou a ser demasiado ruidosa. Quando estou cansada ou ligeiramente embriagada, isto acontece. Lembro-me de que tenho de ser mais discreta.

Quando chega o vinho, a Jo diz-me para tirar um bloco de notas e uma caneta da mala. Manda-me escrever PROJETO MADELINE em letras grandes e vermelhas no topo de uma página em branco, e eu faço-o, sublinhando-as para reforçar. A Jo é o tipo de pessoa que gosta de escrever tudo. Ser assim pode meter-nos em sarilhos se não tivermos cuidado. Ela fixa o bloco de notas enquanto eu bebo mais vinho, apreciando o calor que se espalha pelo meu corpo. Sorrio e a Jo retribui o sorriso. Tivemos a mesma ideia ao mesmo tempo, como sucede tantas vezes. Ela diz-me o que escrever e eu apresso-me a rabiscar cada palavra no

bloco, num esforço para acompanhar o que ouço. É uma boa ideia.

— Ela pensa que nunca vão substituí-la, que a Madeline Frost é o *Coffee Morning* — diz a Jo. Reparo que ainda não tocou no copo.

— Foi exatamente o que o Matthew disse. Talvez pudesse ser esse o novo *jingle* — digo, a tentar fazê-la sorrir. Não resulta.

— Mas ela não sabe como correu a tua conversa com o Matthew. Talvez devêssemos fazer com que a Madeline pense que já está toda a gente farta dos seus ataques de fúria e que vão despedi-la — diz ela.

— Mas nunca fariam isso.

— Ela não tem a certeza disso. Atualmente, ninguém é insubstituível, e começo a achar que, se plantarmos as sementes certas, a ideia tem pernas para andar. Se ela perdesse aquele emprego, não seria ninguém. É toda a vida dela, é tudo o que tem.

— Concordo. Mas como? Não há tempo suficiente, não agora. — Começo a chorar, mais uma vez. Não consigo evitar.

— Está tudo bem. Chora se precisares, deita tudo cá para fora. Tens sorte porque até tens uma maneira bonita de chorar.

— Eu não sou bonita em nada.

— Porque é que fazes isso? És mesmo bonita. Admito que podias esforçar-te um pouco mais...

— Obrigada.

— Desculpa, mas é verdade. Não usar maquilhagem não te torna pálida e interessante, torna-te apenas pálida. Tens uma boa figura, mas parece que estás sempre a tentar escondê-la debaixo das mesmas roupas velhas.

— Estou a tentar esconder-me.

— Então para com isso.

Ela tem razão, estou um caos. A minha mente recua até ao Edward; deve ter pensado que teve muita sorte por não acabar comigo.

— Encontrei um ex na Oxford Street — digo, a observar a reação dela.

— Qual deles?

— Não precisas de perguntar dessa forma, também não foram assim tantos.

— Mais do que os meus. Quem foi?

— Não interessa. Mas senti-me tão desleixada, uma falhada. Gostava que ele

não me tivesse visto assim.

— O que é que isso interessa? Agora só tens de te focar no que importa. Vai comprar roupa nova; uns vestidos, uns sapatos novos, qualquer coisa com saltos altos, e compra também maquilhagem. Amanhã tens de parecer feliz e confiante. Põe tudo no cartão de crédito. A Madeline sabia que ele ia falar contigo hoje, por isso, vai estar à espera de te ver abatida, talvez pense que nem sequer vais aparecer, mas vais. Vamos espalhar alguns rumores nas redes sociais. Vamos assumir o controlo da situação. Sabes o que tens a fazer.

— Sei.

— Então vai às compras, depois vai para casa. Deita-te cedo e amanhã aparece incrível, como se nada disto te incomodasse.

Faço o que ela diz, esvazio o copo e pago a conta. Sempre me mantive na linha ao colorir a minha vida, mas agora estou disposta a deixar que as coisas fiquem um pouco desordenadas. Antes de sair do *pub*, arranco a página do Projeto Madeline do bloco de notas, amarroto-a e atiro-a para a lareira acesa. Observo o papel branco a escurecer e a consumir-se nas chamas.

AGORA

Boxing Day, 26 de dezembro — À noite

Quando começo a cair, esqueço-me de ter medo, estou demasiado ocupada a notar que a mão que me empurrou era tão parecida com a minha. Mas, à medida que me precipito pela escuridão abaixo, os meus piores medos seguem-me. Quero gritar e não consigo; aquela mão tão familiar está agora firmemente fechada sobre a minha boca. Não consigo emitir um único som, mal consigo respirar. Quando o terror me arranca deste pesadelo recorrente, desperto para outro. Continuo sem me lembrar do que me aconteceu, por mais que tente, por mais que precise desesperadamente de saber.

As pessoas parecem entrar e sair, numa cacofonia de murmúrios, sons incomuns e cheiros desconhecidos. Formas indefinidas pairam sobre mim e à minha volta, como se eu estivesse submersa, a afogar-me nos meus próprios erros. Por vezes, sinto que estou deitada no fundo de um lago turvo, com o peso do líquido sujo a pressionar-me e a encher-me de segredos e imundície. Há momentos em que penso que afogar-me, acabar com tudo, seria um alívio. Ninguém me vê aqui em baixo, mas a verdade é que sempre fui quase invisível. O novo mundo que me envolve move-se em câmara lenta, sempre fora do meu alcance, enquanto eu permaneço perfeitamente imóvel, presa na escuridão.

Por vezes, consigo emergir o suficiente para me focar nos sons, acelerando-os até se tornarem outra vez reconhecíveis, como agora. Ouço o som de uma folha de papel a ser virada, sem dúvida um daqueles romances policiais ridículos de que ele tanto gosta. Os outros entram e saem, mas ele está sempre aqui. Já não estou sozinha. Pergunto-me porque ainda não largou o livro e correu para o meu lado, agora que estou acordada, mas lembro-me de imediato que para ele eu não

estou acordada; para ele, nada mudou. Todo e qualquer sentido de tempo abandonou-me. Pode ser dia ou noite. Sou um cadáver vivo, silencioso. Ouço uma porta abrir-se e alguém entra no quarto.

— Boa noite, senhor Reynolds. Não devia estar aqui a esta hora, mas penso que podemos abrir uma exceção, só desta vez. Eu estava cá quando trouxeram a sua mulher ontem à noite.

Ontem à noite?

Parece que estou aqui há vários dias.

A voz do médico soa-me familiar, mas se é ele quem me tem tratado, é normal que isso aconteça. Tento imaginá-lo. Vejo um homem sério, de olhos cansados, com a testa vincada por linhas esculpidas por toda a tristeza que deve ter testemunhado. Imagino-o de bata branca, mas logo me lembro de que já não as usam; vestem-se como qualquer outra pessoa, e a imagem do homem que criei desvanece-se.

Ouço o Paul pousar o livro e mexer-se de forma desajeitada, como um idiota; ele sempre se sentiu intimidado por profissionais de saúde. Aposto que se levantou para lhe apertar a mão; na verdade, sei que sim. Não tenho de o ver para conseguir prever cada um dos seus gestos.

— Quer que alguém trate da sua mão? — pergunta o médico.

O que é que aconteceu com a mão dele?

— Não, está tudo bem — responde Paul.

— Está bastante maltratada. Tem a certeza? Não custa verificar.

— Parece pior do que está, mas obrigado. Pode dizer-me quanto tempo é que ela vai ficar assim? Ninguém me dá uma resposta.

A voz do Paul soa estranha, baixa e abafada.

— É muito difícil dizer nesta fase. A sua mulher sofreu ferimentos bastante graves no acidente... — A seguir, deixo de o ouvir, mas as suas palavras ecoam repetidamente na minha cabeça. Tento com todas as forças, sem sucesso. Nem uma única memória de qualquer acidente. Nem sequer tenho carro.

— Disse que estava cá quando ela chegou. Havia mais alguém? Ou melhor, mais alguém ficou ferido? — pergunta o Paul.

— Que eu saiba, não.

— Então, estava sozinha?

— Não houve outros veículos envolvidos. É uma pergunta difícil, mas há algumas marcas no corpo da sua mulher. Sabe como é que ela as terá feito?

Que marcas?

— Presumi que fossem do acidente — diz o Paul. — Nunca as vi antes...

— Muito bem. A sua mulher alguma vez tentou magoar-se?

— Claro que não! Ela não é esse tipo de pessoa.

Que tipo de pessoa é que eu sou, Paul?

Se me tivesse prestado um pouco mais de atenção, talvez soubesse.

— Mencionou que ela estava perturbada quando saiu de casa, ontem. Sabe porquê? — pergunta o médico.

— Coisas. O trabalho tem sido complicado.

— E em casa, tudo estava bem?

Partilhamos os três um silêncio desconfortável até que a voz de Paul o quebra.

— Quando ela acordar, ainda será ela mesma? Vai lembrar-se de tudo? — Estou tão concentrada em tentar perceber o que é que ele não quer que eu me lembre que quase perco a resposta.

— É demasiado cedo para saber se ela vai recuperar totalmente. Os ferimentos são graves. Ela não tinha o cinto de segurança...

Uso sempre o cinto de segurança.

— ... e devia ir a alta velocidade para ter atravessado o para-brisas daquela forma. Sofreu um golpe forte na cabeça com o impacto. É uma sorte estar viva.

Sorte.

— Agora, é deixar andar, um dia de cada vez — diz o médico.

— Mas ela vai acordar, não vai?

— Lamento. Há alguém que possamos chamar para estar consigo? Um familiar? Um amigo?

— Não. Só a tenho a ela — responde o Paul.

Acalmo-me ao ouvir estas palavras. Não costumavam ser verdade. Quando nos conhecemos, ele era muito popular, toda gente queria um pedaço dele. O seu primeiro romance foi um sucesso instantâneo. Ele odeia que eu o diga, descreve-o sempre como o sucesso instantâneo que demorou dez anos. No entanto, foi sol de pouca dura. As coisas melhoraram mais um pouco e depois pioraram muito. Ele deixou de conseguir escrever, as palavras estavam bloqueadas. O sucesso deu

cabo dele, e o fracasso deu cabo de nós os dois.

Ouço a porta fechar-se e pergunto-me se estou de novo sozinha. Depois, o som de cliques, ao longe, faz-me imaginar o Paul a enviar uma mensagem. Esta imagem desconcerta-me; não me lembro de alguma vez o ter visto a enviar mensagens. Os únicos contactos que lhe restam são a mãe, que raramente fala com ele e só quando precisa de alguma coisa, e o agente, que agora prefere comunicar por *email*, já que pouco têm a dizer. Eu e o Paul trocamos mensagens, mas, se está a fazê-lo neste momento, não sou eu o destinatário.

— Disse-lhes onde estás — suspira ele, a aproximar-se da cama.

Deve estar a falar da minha família. Não tenho muitos amigos. Um arrepio inexplicável percorre a minha coluna, enquanto o silêncio se instala de novo.

Sinto uma pontada de mágoa em relação aos meus pais. Não duvido que ele tenha tentado contactá-los, mas eles viajam muito e, ultimamente, é difícil encontrá-los. Muitas vezes, passamos várias semanas sem falar, embora isso nem sempre tenha que ver com as suas viagens ao estrangeiro. Pergunto-me quando virão e, depois, reorganizo o pensamento: pergunto-me se virão, sequer. Não sou a filha preferida, sou a filha que sempre tiveram.

— Cabra — diz o Paul, num tom que mal reconheço como sendo dele. Ouço os pés da cadeira arrastarem-se pelo chão. As sombras sobre as minhas pálpebras escurecem e sei que ele está inclinado sobre mim. Mais uma vez, sinto o impulso de gritar, e grito. Mas nada acontece.

O seu rosto está tão perto do meu que sinto o seu hálito quente no pescoço enquanto me sussurra ao ouvido:

— Aguenta.

Desconheço o significado desta palavra, mas a porta abre-se e sou salva.

— Meu Deus, Amber. — A minha irmã, a Claire, chegou.

— Não devias estar aqui — diz o Paul.

— Claro que devias. Devias ter-me ligado mais cedo.

— Preferia não te ter chamado de todo.

Não entendo o conflito entre as duas sombras escuras que pairam sobre mim. A Claire e o Paul sempre se deram bem.

— Bem, agora já estou aqui. O que aconteceu? — pergunta ela, aproximando-se.

— Encontraram-na a alguns quilómetros de casa. O carro está desfeito.

— Ninguém quer saber do teu maldito carro.

Nunca conduzo o carro do Paul. Aliás, nunca conduzo.

— Vai ficar tudo bem, Amber — diz a Claire, a segurar a minha mão. — Agora, estou aqui.

Envolve a minha mão com os seus dedos frios, transportando-me de volta à infância. Sempre gostou de dar as mãos. Eu não.

— Ela não te ouve, está em coma — diz o Paul, com um estranho tom de satisfação.

— Em coma?

— Estás orgulhosa?

— Sei que estás zangado, mas isto não é culpa minha.

— Não é? Achei que tinhas o direito de saber, mas não és bem-vinda aqui.

Os meus pensamentos fervilham e não consigo compreender nada do que estão a dizer. Sinto que estou num universo paralelo onde nada à minha volta faz sentido.

— O que aconteceu à tua mão? — pergunta a Claire.

O que é que há de errado com a mão dele?

— Nada.

— Deviam ver isso, pode ser grave.

— Está tudo bem.

O quarto que não consigo ver começa a girar. Luto para me manter à superfície, mas a água agita-se à minha volta e engole-me de volta à escuridão.

— Paul, por favor. Ela é minha irmã.

— Ela avisou-me para não confiar em ti.

— Estás a ser ridículo.

— Estou?

Tudo fica muito mais silencioso do que antes.

— Sai.

— Paul!

— Eu disse sai!

Desta vez, não há hesitações. Ouço os passos da Claire, com os saltos a bater no chão enquanto se afasta da cama. A porta abre-se e fecha-se, e volto a ficar

sozinha com um homem que soa como o meu marido, mas que se comporta como um estranho.

ANTES

Segunda-feira, 19 de dezembro de 2016 — À noite

Saio do comboio e sigo pelas ruas suburbanas e silenciosas em direção a casa e ao Paul. Ainda não tenho a certeza de que seja possível salvar o meu emprego, mas talvez consiga ganhar algum tempo para fazer o que tem de ser feito. Não lhe direi nada. Pelo menos por enquanto. Talvez nem seja necessário.

Não seria o primeiro emprego que perdi desde que estamos juntos. A minha carreira como repórter de televisão teve um fim abrupto há dois anos, quando o meu editor se tornou demasiado «amistoso» uma vez, e depois outra, e outra. Tinha uma abordagem bastante prática. Uma noite, deslizou a mão por baixo da minha saia e, no dia seguinte, alguém riscou o seu BMW no parque de estacionamento da empresa. Achou que tinha sido eu e nunca mais me deixou ir para o ar. Mas também nunca mais tentou apalpar-me. Demiti-me antes que ele arranjasse uma desculpa para me despedir, e a verdade é que foi um alívio. Detestava trabalhar na televisão. Mas o Paul ficou devastado. Ele gostava daquela versão de mim. Amava-a. Eu tornava-me impossível de aturar em casa, sempre no seu caminho. Já não era a mulher com quem casara. Estava desempregada, já não me vestia da mesma forma e deixara de ter histórias para contar. No ano passado, num casamento, o casal ao nosso lado perguntou-me o que fazia. O Paul respondeu antes que eu pudesse fazê-lo. Nada. O alguém que ele amava transformou-se num ninguém que ele desprezava.

Dizia que a minha presença constante em casa lhe tornava a escrita difícil. Mandou construir uma casinha luxuosa no fundo do jardim, para poder fingir que eu não estava lá. A Claire foi quem viu o anúncio para o trabalho no *Coffee Morning*, há seis meses. Mandou-me o *link* e sugeriu que me candidatasse. Nunca

pensei que me escolhessem, mas escolheram.

Caminho, a tropeçar, pelo jardim até à porta e procuro a chave na mala. Ouço música e risos vindos do interior da casa. O Paul não está sozinho. Recordo-me de ter tentado ligar-lhe esta tarde, mas ele não atendeu nem se preocupou em ligar de volta. As minhas mãos tremem ligeiramente, enquanto abro a porta da entrada.

Estão sentados no sofá a rir, o Paul no seu lugar habitual, a Claire no meu. Uma garrafa de vinho quase vazia e dois copos compõem uma natureza-morta entediante na mesa à frente deles.

Ela nem sequer gosta de vinho tinto.

Parecem um pouco surpreendidos por me ver, e eu sinto-me uma intrusa na minha própria casa.

— Olá, mana. Como estás? — cumprimenta a Claire, enquanto se levanta para me dar dois beijinhos. As suas calças de ganga de marca parecem pintadas no corpo, os seus pés pequenos e impecavelmente cuidados espreitam por baixo. A blusa branca justa revela um pouco mais do que devia quando ela se levanta. Não me lembro de a ter visto antes, deve ser nova. Veste-se como se ainda fôssemos jovens, como se os homens ainda nos olhassem daquela maneira. Se olham, eu não noto. O seu cabelo loiro e comprido está alisado na perfeição e preso atrás das orelhas, como se usasse uma bandolete invisível. Tudo nela é impecável, organizado, controlado. Não podíamos ser mais diferentes na nossa aparência. Ela mantém-se demasiado próxima, à espera de que eu diga qualquer coisa. O seu perfume infiltra-se-me nas narinas, na garganta, consigo até senti-lo na língua. Reconhecível, mas ameaçador. Enjoativo de doce.

— Pensei que fosses sair depois do trabalho — diz o Paul, sentado no sofá. Estreita os olhos ligeiramente quando vê os sacos de compras, com roupas novas dobradas em papel de seda. Em silêncio, desafio-o a dizer qualquer coisa. O dinheiro é meu, eu ganhei-o. Gasto-o como quiser. Pouso os sacos no chão e reparo nas marcas vermelhas e profundas que as alças de plástico deixaram nos meus dedos.

— Surgiu um imprevisto — digo, a olhar para o Paul, antes de me virar para a Claire. — Não sabia que vinhas cá. Está tudo bem? — Sei perfeitamente o que se passa aqui.

— Está tudo ótimo. O David está a trabalhar até tarde, outra vez. Vim cá para termos uma conversa de irmãs, mas esqueci-me de que, ao contrário de mim, tu tens uma vida social.

Está a esforçar-se demasiado, o sorriso parece magoar-lhe o rosto.

— Onde estão as crianças? — pergunto. O seu sorriso desaparece.

— Com uma vizinha. Estão bem. Não os deixaria com alguém pouco fiável. — Volta-se para o Paul, mas ele limita-se a olhar para o chão. Os lábios dela estão manchados de vinho e tem o rosto um pouco corado. Nunca suportou bem o álcool. É então que vejo aquele brilho perigoso no olhar dela, um sinal de que já aprendi a reconhecer. Ela sabe que reparei e que não esqueci o que isso implica.

— É melhor ir andando, já é mais tarde do que pensava — diz ela.

— Convidava-te a ficar, mas preciso de falar com o meu marido. — Queria ter dito Paul, mas o meu subconsciente achou que era necessário reescrever o guião.

— Claro. Bem, vejo-vos em breve. Espero que esteja tudo bem no trabalho — responde, enquanto pega no casaco e na mala, e deixa o copo de vinho meio cheio em cima da mesa. Quando a porta se fecha, sinto um arrependimento a tomar conta de mim. Sei que devia ir atrás dela, pedir desculpa, para que saiba que ainda gosto dela, que está tudo bem. Mas não vou.

— Bem, isto foi desconfortável — diz o Paul.

Não respondo, nem sequer olho para ele. Dou duas voltas à chave na porta, sem pensar, e pego no copo da Claire, antes de me dirigir até à cozinha. Ele segue-me e fica parado na entrada, enquanto despejo o líquido carmesim no lava-loiça. A porcelana branca fica salpicada de um vermelho-escuro e abro a torneira para a lavar.

— Sim, foi um pouco estranho chegar a casa e encontrar o meu marido e a minha irmã a desfrutarem de uma noite intimista juntos. — O vinho que bebi mais cedo embarga-me ligeiramente a voz. Vejo pela expressão do Paul que ele acha que estou a ser ridícula, ou ciumenta, ou as duas coisas. Mas não é isso. Tenho receio do que isto possa significar, vê-los assim. Estou praticamente certa de que ela sabia que eu não estaria em casa e arranjou maneira de despachar os miúdos; foi tudo planeado. Não consigo explicar-lhe; ele não acreditaria. Não conhece a Claire como eu conheço, nem imagina do que ela é capaz.

— Não sejas ridícula. Referia-me a ti, a mandá-la embora daquela maneira.

Veio cá para te ver, está mesmo em baixo.

— Bem, talvez devesse telefonar primeiro, se realmente queria ver-me.

— Disse que telefonou, várias vezes. Tu é que não respondeste. — Lembro-me de que a Claire ligou hoje, de facto, e duas vezes. A primeira durante a minha conversa com o Matthew, como se soubesse que algo estava errado. Viro-me para o Paul, mas as palavras não saem da minha boca. Tudo nele, neste momento, me irrita. Continua a ser um homem atraente, mas há elementos da vida que escolheu que o deixaram gasto e usado, como uma peça de prata brilhante que se torna baça e manchada com o tempo. Está demasiado magro, a sua pele parece ter esquecido que há sol, e o seu cabelo está demasiado comprido para um homem da sua idade. Mas nunca cresceu de verdade. Pelo contorno tenso da sua mandíbula, percebo que está irritado comigo, e, por alguma razão, isso excita-me. Não fazemos sexo há meses, desde o nosso aniversário. Talvez seja assim de agora em diante, uma ocasião rara e anual.

Viro-me para o fogão, e os meus dedos seguem os movimentos habituais. Antes, fazia questão de esconder isto dele, mas agora já não me preocupo.

— Aconteceu alguma coisa no trabalho, hoje? — pergunta.

Não respondo.

— Não sei porque continuas lá.

— Porque preciso.

— Porquê? Não precisamos do dinheiro. Podias tentar arranjar outro trabalho na televisão.

O silêncio instala-se, abafando as palavras que ambos sabemos, mas nunca ousamos dizer. A rádio destronou a estrela de televisão que ele foi. Continuo a olhar para o fogão, enquanto começo a contar, em voz baixa.

— Podes parar com isso? É maluquice — diz ele.

Ignoro-o e continuo a minha rotina. Sinto o olhar dele em mim.

A roda do autocarro roda, roda...

Parece que ultimamente só discutimos.

Roda, roda...

Quanto mais tento manter-nos juntos, mais depressa nos afastamos.

Roda, roda...

Não sou de chorar; tenho outras formas de expressar a minha tristeza.

A roda do autocarro roda, roda...

Gostava de poder dizer-lhe a verdade.

Pela cidade...

Uma memória de infância desperta na minha mente. Gostava que não acontecesse.

— Estás bem? — pergunta o Paul, finalmente, afastando-se da porta.

— Não — murmuro, permitindo que ele me abrace.

É a verdade, mas não toda.

ANTES

Segunda-feira, 16 de setembro de 1991

Querido Diário,

Hoje foi um dia interessante; comecei o ano letivo numa escola nova. Por si só, isto não tem grande interesse, acontece com frequência, mas hoje pareceu-me diferente, como se, talvez desta vez, as coisas fossem correr bem. A minha nova diretora de turma parece simpática. Aposto que, quando a minha mãe a conhecer, vai dizer: «A professora MacDonald gosta de comer, não gosta?» A minha mãe costuma dizer coisas desse género, é assim que ela comenta que alguém tem peso a mais. Acha que é importante cuidarmos da aparência porque, embora as pessoas não devam julgar um livro pela capa, a verdade é que o fazem. A professora MacDonald é mais velha do que a minha mãe, mas mais nova do que a minha avó era. Apresentou-me à turma sem grande alarido, ao contrário do que os professores costumam fazer, e depois mandou-me sentar. Havia apenas uma secretária vaga ao fundo da sala, por isso sentei-me ali. Para primeiro dia de aulas, não correu nada mal. A minha mãe diz que desta vez vamos mesmo ficar, mas ela já disse isso antes.

A turma está a ler o diário de uma rapariga chamada Anne Frank, mas só começaram há pouco, por isso não perdi muita coisa. A miúda da secretária ao lado da minha deixou-me partilhar o livro dela. Disse-me que a tratasse por Taylor, que na verdade é o seu apelido, não o seu primeiro nome, mas enfim. Reparei no pó de giz espalhado pelo seu casaco e já percebi que ela é daquelas raparigas de que os outros

não gostam.

Para o trabalho de casa, temos de escrever uma entrada no diário todos os dias durante uma semana, um pouco como fazia a Anne Frank, mas ela escreveu durante muito mais tempo. A melhor parte é que nem sequer temos de o entregar, porque a professora MacDonald diz que os diários devem ser sempre privados. Pensei em não fazer nada, ninguém saberia, mas a mãe e o pai estão de novo a discutir lá em baixo, por isso achei que seria bom tentar.

Não acho que o meu diário vá ser tão interessante como o da Anne Frank. Não sou uma pessoa muito interessante. A professora MacDonald disse que, se ficarmos sem ideias, basta pensarmos em três coisas honestas sobre nós próprios. Ela disse que toda a gente consegue pensar em três coisas e que ser honesto consigo mesmo é mais importante do que ser honesto com os outros.

Então, aqui vão as minhas primeiras três coisas para partilhar contigo (são todas verdade):

1. Tenho quase dez anos.
2. Não tenho amigos.
3. Os meus pais não me amam.

A questão é que a verdade é muito dura.

A minha avó morreu de cancro. Mudámo-nos para a sua casa quando ela ficou doente, mas isso não a salvou. Tinha sessenta e dois anos, o que soa a velho, mas a mãe disse que nessa idade é-se novo para morrer. Eu passava muito tempo com a avó, ela levava-me sempre a lugares muito bonitos e ouvia-me. Nunca teve muito dinheiro, mas deu-me este diário no Natal passado. Achava que escrever sobre o que sentia poderia ajudar-me a lidar com a vida. Já passou quase um ano e não liguei ao que ela disse, mas agora gostava de ter ligado. Gostava de ter escrito todas as coisas que ela dizia, porque já comecei a esquecê-las.

Acho que os meus pais já me amaram, mas desiludi-os tantas vezes que o amor deles por mim se esvaneceu. Já nem se amam um ao

outro, passam o tempo todo a discutir e a gritar. Discutem sobre muitas coisas, mas principalmente sobre o dinheiro que não temos. Também discutem por minha causa. Uma vez fizeram tanto barulho que um dos vizinhos chamou a polícia. A mãe disse que foi uma enorme vergonha e, mal os polícias se foram embora, começaram a discutir ainda mais por causa disso. Já não vivemos lá, por isso a mãe disse que não importa e que as pessoas deviam se meter na própria vida. Disse que esta mudança seria um «recomeço» e que seria «bom fazer novos amigos». Nem sequer reparou que eu não tinha amigos antigos.

Costumava fazer amigos sempre que nos mudávamos para um lugar novo, mas ficava muito triste quando tinha de me despedir. Agora já nem me dou a esse trabalho. Também não preciso de amigos. Quando me convidam para festas de aniversário, só digo que não, obrigada, e que não me deixam ir, mesmo que seja mentira. Nem mostro os convites à mãe, limito-me a deitá-los no lixo. O problema de ir a casa dos outros é que depois eles querem vir à nossa. A avó dizia sempre que os livros eram melhores amigos do que as pessoas. «Os livros levam-nos a qualquer lugar, se deixarmos», dizia, e eu acho que tinha razão.

Depois de a avó morrer, a mãe disse que iríamos redecorar a casa, mas não o fizemos. Durmo no quarto da avó, na cama onde ela um dia adormeceu para sempre. A mãe disse que podia comprar uma cama nova para mim, mas eu não quero, ainda não. Às vezes, parece que ainda consigo sentir o cheiro dela, o que é ridículo porque os lençóis já foram lavados várias vezes e nem sequer são os mesmos. Há duas camas no meu quarto. A outra era do meu avô, mas ele não morreu aqui, morreu num lar que não era a sua casa.

Não ouço nada, o que significa que eles pararam de discutir, por enquanto. O que acontece a seguir é que o pai vai abrir uma garrafa de vinho tinto e servir-se de um copo cheio. Enquanto isso, a mãe vai tirar qualquer coisa do congelador para o jantar e preparar uma bebida que parece água, mas não é. Quando eu crescer, nunca vou

beber álcool; não gosto do que faz às pessoas. Vamos comer uma lasanha de micro-ondas em silêncio durante algum tempo, até que um deles se lembre de perguntar como foi o meu primeiro dia. Vou dizer que foi bom, falar um pouco sobre os professores e as aulas, e eles vão fingir que ouvem. Quando o pai acabar de comer, vai levar o que restar do vinho para o escritório. Esse quarto costumava ser a sala de costura da avó. O pai mudou-lhe o nome, mas não faz lá nenhum trabalho, só vê televisão. A mãe vai lavar a loiça e eu vou sentar-me sozinha na sala a ver a televisão grande até ser hora de ir dormir. Às nove em ponto, a mãe vai mandar-me subir. Põe um alarme para não se esquecer de o fazer. Quando eu estiver na cama e eles acharem que estou a dormir, vão começar de novo a discutir. A avó costumava cantar-me uma canção para me ajudar a adormecer quando eu era pequena. *A roda do autocarro roda, roda*. Eu não gostava, mas agora às vezes canto baixinho só para mim, para abafar o som do pai a gritar e da mãe a chorar. É mais ou menos isto a minha vida. Eu bem disse que não era tão interessante como a da Anne Frank.

AGORA

Terça-feira, 27 de dezembro de 2016

Consigo ouvir a chuva pesada, como um exército implacável de pequenas unhas que batem no vidro e tentam acordar-me deste sono sem fim. Na minha imaginação, cada gota irada que falha em quebrar o feitiço transforma-se numa lágrima que desliza pelo vidro. Deve ser noite; está mais silencioso do que antes. Imagino-me a levantar, a caminhar até à janela, a estender a mão para o exterior, sentindo a chuva na pele e olhando para o céu noturno. Anseio por isso e pergunto-me se algum dia voltarei a ver as estrelas. Somos feitos de carne e estrelas, mas, no final, todos nos tornamos pó. É melhor brilhar enquanto é possível.

Estou sozinha, mas continuo a ouvir a voz do Paul na minha cabeça. *Aguenta.* Eu bem tento, mas as coisas continuam a escapar-me por entre os dedos. Não entendo porque é que ele e a Claire discutiram, sempre se deram bem. A minha irmã é mais nova do que eu, mas esteve sempre um passo à frente. Dizem que somos parecidas, mas ela é loira e bonita, enquanto eu sou uma versão dececionante, de cabelos escuros, uma imitação pouco inspirada. Ela foi a filha nova e melhorada que os meus pais sempre quiseram, acharam-na perfeita. Eu também a achei perfeita, ao início, mas quando ela entrou na nossa família, fui esquecida. Eles nunca a conheceram como eu conheci, nunca viram o que eu vi.

Sinto que estou a afastar-me, a ser puxada para longe. Luto contra isso o máximo que consigo, mas, quando estou prestes a ceder, a porta abre-se.

Sei que é ela.

A Claire usa o mesmo perfume da nossa mãe há anos, é uma criatura de hábitos. E usa sempre demasiada quantidade. Consigo também cheirar o

amaciador da roupa dela enquanto caminha devagar pelo quarto. Aposto que está a usar roupa justa e feminina, qualquer coisa demasiado pequena para me servir. Ouço os saltos baixos a bater no chão e pergunto-me para onde estará a olhar. Move-se sem pressa. Está sozinha.

Puxa uma cadeira e senta-se perto da cama, agora é a vez dela de ler para mim em silêncio. O som esporádico das páginas a virar denuncia que veio preparada. Imagino as suas mãos impecavelmente cuidadas a segurar o livro no colo. Começo a visualizar o meu quarto como uma biblioteca estéril e eu como uma bibliotecária fantasmagórica que impõe silêncio a quem entra: *Chhhiu!* A Claire lê rápido na vida real, por isso, quando as páginas demoram a virar, sei que está apenas a fingir. Ela é boa a fingir.

— Gostava que os nossos pais estivessem aqui — diz ela.

Ainda bem que não estão.

Ela queria que estivessem aqui por ela, não por mim. Provavelmente culpar-me-iam, como sempre. Ouço-a pousar o livro que estava a fingir ler e aproximar-se da cama. Os meus pensamentos tornam-se tão altos que sou obrigada a escutá-los, mas giram à minha volta, colidindo entre si, impedindo-me de apanhar um deles tempo suficiente para fazer sentido. O rosto da Claire está tão próximo do meu que consigo sentir o cheiro a café na sua respiração.

— Ainda tens vidro no cabelo — sussurra.

Mal as palavras chegam aos meus ouvidos, sinto-me puxada, com força. É como atravessar um túnel muito longo e escuro, mas para trás. Dou por mim sentada num galho alto de uma árvore morta. Olho para baixo e percebo que ainda estou vestida com a bata do hospital. Reconheço a rua lá em baixo, moro aqui perto, estou quase em casa. Há um trovão ao longe e consigo cheirar qualquer coisa a arder, mas não tenho medo. Estendo a mão para tocar na chuva que começou a cair, mas a minha mão continua totalmente seca. Só consigo ver o mais escuro dos negros, exceto uma luz minúscula ao longe. Fico tão feliz por vê-la, até que percebo que não é uma estrela, mas o farol de um carro. Um segundo farol junta-se ao primeiro.

O vento aumenta de intensidade e vejo um carro a descer a rua demasiado depressa. Olho para o chão e vejo uma criança, de robe cor-de-rosa felpudo, no meio da estrada. Está a cantar.

Brilha, brilha, lá no céu...

Ela levanta a cabeça na minha direção.

Pergunto-me quem és.

Enganou-se na letra.

Por cima do mundo, tão triste.

O carro está agora muito próximo. Grito para que ela saia da estrada.

Não são as drogas. Estás a enlouquecer.

Só então reparo que ela não tem rosto.

Vejo o carro desviar-se para a evitar, e depois derrapar e embater contra a árvore onde estou. A força do impacto quase me faz cair do galho, mas uma voz ao longe diz-me que *aguenta*. Em baixo, o tempo parece abrandar. A menina ri-se descontroladamente, e eu assisto, horrorizada, enquanto o corpo de uma mulher atravessa o para-brisas. Ela voa pelo ar em câmara lenta, envolta num manto de mil estilhaços de vidro. O corpo aterra com força na estrada, mesmo por baixo de mim. Olho de novo para a menina. Parou de se rir. Levanta o dedo indicador para o lugar onde deveriam estar os lábios: *Chhhiu*. Volto a olhar para o corpo da mulher. Sei que sou eu ali em baixo, mas não quero ver mais nada. Fecho os olhos. Tudo está em silêncio, exceto o rádio do carro, que ainda toca canções de Natal no interior da carcaça de metal toda retorcida. A música para de repente, e ouço a voz da Madeline a emergir nas ondas de rádio crepitantes. Sento-me no galho e tapo os ouvidos com as mãos, mas consigo ouvi-la repetir as mesmas palavras, inúmeras vezes.

Olá e bem-vindos ao Coffee Morning.

Nada acontece por acaso.

Começo a gritar, mas a voz da Madeline torna-se ainda mais alta. Ouço uma porta abrir-se e caio diretamente da árvore para a cama do hospital.

— Voltei — diz o Paul.

— Já reparei — responde a Claire.

— Significa que já podes ir. Quando eu estiver aqui, tu não estás. Foi o que combinámos.

— Foi o que tu combinaste — responde ela. — Não vou a lado nenhum.

A Claire pega no livro que tinha deixado ao fundo da cama e volta a sentar-se na cadeira. Durante algum tempo, o silêncio é total. Depois, ouço o Paul sentar-

se do outro lado do quarto. Parece que ficamos assim durante horas. Não sei se estive acordada ou a dormir o tempo todo, nem sei se perdi alguns momentos. As horas são-me roubadas, há episódios que queria ver apagados antes de ter, sequer, a oportunidade de os viver.

Ouçõ vozes, desta vez são novas. Parece que toda a gente fala ao mesmo tempo, as palavras atropelam-se na direção dos meus ouvidos. Tenho de me concentrar muito para as entender.

— Senhor Reynolds? Sou o inspetor-chefe Jim Handley e esta é a agente Healey. Podemos falar consigo lá fora? — diz uma voz masculina vinda da porta.

— Claro — responde o Paul. — É sobre o acidente?

— Talvez seja melhor falarmos a sós — sugere o detetive.

— Tudo bem, eu saio — diz a Claire.

Sinto o nó no meu estômago apertar-se enquanto ela sai do quarto. Ouçõ o clique da porta a fechar e, logo a seguir, alguém a aclarar a garganta.

— Ontem à noite, era o seu carro que a sua mulher estava a conduzir, correto? — pergunta o detetive.

— Sim — responde o Paul.

— Sabe para onde é que ela ia?

— Não.

— Mas viu-a sair?

— Vi.

Ouçõ uma respiração longa e pesada.

— Pouco depois de a sua mulher ser trazida para o hospital de ambulância, dois dos nossos agentes foram até sua casa. O senhor não estava lá.

— Estava à procura dela — responde o Paul.

— A pé?

— Sim. Estava em casa na manhã seguinte, quando voltaram.

— Portanto, sabia que os agentes tinham ido a sua casa na noite anterior?

— Bem, na altura não, mas acabou de dizer que eles...

— Os agentes que apareceram na sua casa ontem de manhã foram enviados para o informar de que a sua mulher estava no hospital. Os primeiros polícias destacados na noite anterior foram porque alguém participou que vocês estavam

a discutir alto na rua.

O Paul não responde.

— Se não sabia para onde a sua mulher tinha ido, onde é que foi procurá-la?

— Estava bêbedo, afinal era Natal. Não estava a raciocinar direito, andei a vaguear por aí...

— Vejo que tem a mão ligada. Como é que isso aconteceu?

— Não me lembro.

Ele está a mentir, consigo perceber isso, mas não sei porquê.

— Falámos com alguns dos funcionários que estavam aqui quando a sua mulher deu entrada no hospital. Dizem que algumas das lesões são anteriores ao acidente. Tem ideia de como é que ela pode tê-las feito?

Que lesões?

— Não — responde o Paul.

— Não reparou nas marcas no pescoço ou nas contusões no rosto? — pergunta a agente.

— Não — insiste ele.

— Acho que será melhor falarmos consigo num local mais reservado, senhor Reynolds — diz o detetive. — Gostaríamos de o convidar a vir connosco até à esquadra.

O silêncio toma conta do quarto.

ANTES

Terça-feira, 20 de dezembro de 2016 — De manhã

— Consegui uma mesa para ti no Langham, mexi uns cordelinhos — digo.

— Ótimo. Para quê? — pergunta o Matthew, sem desviar os olhos do ecrã do computador. Faltam menos de dez minutos para irmos para o ar e quase toda a gente, incluindo a Madeline, já está no estúdio.

— *Brunch* — respondo.

— Com quem? — Ele levanta o olhar, dando-me meia atenção. Depois, vejo a sua expressão mudar quando repara no meu vestido novo, na maquilhagem, no cabelo moldado por escovas de ar quente. Endireita-se ligeiramente e levanta a sobrancelha esquerda, num gesto de apreciação impossível de ignorar. Dou por mim a questionar se será mesmo *gay* ou se apenas presumi que o é.

— O painel de hoje. As convidadas, mulheres na casa dos cinquenta. Falámos sobre isso na semana passada — digo.

— Falámos?

— Sim. Disseste que irias levá-las a almoçar depois do programa para discutir algumas ideias futuras.

— Que ideias futuras?

— Disseste que precisávamos de ser mais inovadores, agitar as águas.

— Isso soa a algo que eu diria.

Não soa. Quando ele hesita, bombardeio-o com ainda mais palavras bem ensaiadas.

— Elas estão à tua espera logo a seguir ao programa, mas posso cancelar, inventar uma desculpa, se preferires.

— Não, não. Acho que já me lembro. A Madeline também vai?

— Não, só tu e as convidadas. — Ele franze o sobrolho. — Assim podem falar com toda a liberdade sobre o que acham que funciona ou não funciona.

Esta parte não estava ensaiada, mas as palavras saem da minha boca e cumprem o efeito desejado.

— Está bem, suponho que faz sentido. Tenho uma consulta de fisioterapia às três, por isso preciso de ir para casa logo a seguir.

— Claro que sim, chefe.

— E hoje connosco, no *Coffee Morning*, estão Jane Williams, editora da *Savoir-Faire*, a revista mensal feminina mais vendida no Reino Unido, e a escritora e locutora Louise Ford, que nos vão falar sobre mulheres a trabalhar nos *media* aos cinquenta — diz a Madeline, antes de beber um pouco de água. Pela primeira vez, parece tão desconfortável no estúdio quanto eu. Enterro as unhas nos joelhos, por baixo da mesa, e a dor acalma-me o suficiente para não ter de sair a correr daquele espaço minúsculo e escuro.

Criei uma conta falsa no Twitter ontem à noite. Demorei cinco minutos, enquanto o Paul tomava banho antes de nos deitarmos. Publiquei algumas imagens de gatos, que encontrei na Internet, e, quando acordei, já tinha mais de cem seguidores. Detesto gatos. Também não entendo as redes sociais. Ou melhor, entendo, só não compreendo por que razão tanta gente gasta tanto tempo nelas. Não são reais. É só ruído. Ainda assim, fico contente por existirem. O *tweet* «Madeline Frost vai deixar o *Coffee Morning*?» já foi *retweetado* oitenta e sete vezes desde que o publiquei, há vinte minutos, e a *hashtag* #FrostSaiDeCena está a ser um sucesso. A ideia foi da Jo.

A maquilhagem, que quase nunca uso, pesa na minha pele. O batom vermelho combina com o vestido novo, e a armadura cuidadosamente escolhida faz-me sentir segura. A máscara protetora esconde as minhas cicatrizes e apazigua a minha consciência: estou apenas a fazer o que é preciso para sobreviver. Dou por mim a escapar ao papel que estou a interpretar e olho para os meus dedos vermelhos. Por um instante, penso que estou a sangrar, mas percebo que estive a arrancar a pele dos lábios tingidos de vermelho.

Sento-me em cima das mãos, durante alguns instantes, para as esconder de mim própria. Tenho de me manter calma ou não irei conseguir passar por isto.

Agora, dou por mim a morder o lábio inferior, e os meus dentes dão seguimento ao trabalho dos dedos. Paro e foco-me totalmente no copo meio vazio da Madeline. O silvo ligeiro e a efervescência da água com gás parecem intensificar-se à medida que os meus olhos traduzem o som para os ouvidos. Ajusto o foco para a voz dela e tento focar-me de novo.

Sorrio a cada uma das convidadas do estúdio, sentadas à mesma mesa que nós. Que amabilidade terem aceitado o convite com tão pouca antecedência. Analiso os seus rostos enquanto falam umas por cima das outras, todas presentes e incorretas pela mesma razão: autopromoção. Cada uma de nós está aqui hoje com um objetivo. Se nos despíssemos de todas as intenções, reduzindo-as ao denominador comum mais baixo, seria sempre o mesmo: querer ser ouvido, precisar de destaque no meio do ruído da vida moderna. Pela primeira vez, não quero ser eu a fazer as perguntas; gostava que alguém ouvisse as minhas respostas e me dissesse se a minha versão da verdade ainda é a acertada. Às vezes, fazer o que é certo está errado, mas a vida é assim mesmo.

O meu sorriso forçado começa a magoar-me. A tentativa de representar uma versão feliz de mim mesma tem sido eficaz, mas extenuante, e dou por mim a olhar repetidamente para o relógio na parede do estúdio. O tempo está a esgotar-se, mas nesta sala parece ter abrandado, aprisionando-me em minutos suspensos. Cada vez que os meus olhos se cansam de olhar para o guião, levanto o olhar para o relógio, até ficar fixo, a seguir o movimento do ponteiro maior, enquanto ele traça a sua rotação em direção ao vazio. Um som de tique-taque, no qual nunca tinha reparado antes, soa cada vez mais alto e abafa as vozes das convidadas. Consigo ver os rostos das pessoas da equipa na *régie*; parece que estão todas a olhar para mim. Procuro a Jo, mas ela não está lá. Volto a arrancar as peles dos meus lábios. Paro, irritada com a minha falta de autocontrolo, e limpo os dedos manchados de batom no tecido do vestido. Vermelho sobre vermelho. Tenho de me esforçar mais para não ser eu.

Quando o programa termina, finalmente, sinto satisfação ao ver a Madeline retirar-se para o seu gabinete, sabendo exatamente o que vai encontrar. Agradeço às convidadas — alguém tem de o fazer — e deixo-as com o Matthew, que já está de casaco vestido, pronto para as levar a almoçar. Passo pela casa de banho para verificar se a máscara se mantém no lugar. A assistente pessoal da

Madeline está lá, a olhar para o seu reflexo no espelho. Parece cansada, e tem uma tristeza por trás dos olhos que me dá vontade de a salvar. Sorrio, e ela devolve-me um sorriso fraco. Uma das suas muitas tarefas, todas as manhãs, é abrir o correio da Madeline; ela é demasiado ocupada e importante para o fazer sozinha. Há sempre uma pilha organizada a tratar: comunicados de imprensa, convites, ofertas, o habitual. Recebe mais correio do que toda a equipa junta, incluindo eu. Depois, há ainda o correio dos fãs. Esse é deixado na sua secretária depois do programa. Ela gosta de ler qualquer coisa que se pareça com uma carta pessoal depois de sairmos do ar, por isso, marca com um pequeno autocolante vermelho as que considera merecerem uma resposta. Não guarda as cartas. Inspira admiração e expira arrogância, uma fotossíntese feita à sua medida. As cartas com autocolantes vermelhos recebem uma fotografia autografada da Madeline. Mas ela não escreve as respostas, nem sequer assina as fotografias; é mais um trabalho para a sua assistente pessoal. Observo-a retocar a maquilhagem e pergunto-me como se sente, a fingir ser alguém que não é, todos os dias.

Dirijo-me à sala de reuniões e espero, com os outros, pela reunião para o balanço. A Jo acena-me com a cabeça quando me sento. O Projeto Madeline está, até agora, a correr conforme planeado. Um rumor percorre a sala, baixinho, alimentado pelas notícias da eventual saída da Madeline, que começaram a circular *online*, e eu fico satisfeita por saber que estão a espalhar-se. As mentiras passam a parecer verdades quando são contadas muitas vezes. O alvoroço das fofocas desaparece assim que ela entra na sala. A Madeline bate com a porta de vidro e senta-se à mesa. Aposto que já viu o Twitter. Não consegue imprimir os próprios guiões, mas sabe usar as redes sociais. Sei que verifica a sua conta após cada programa, para se certificar de que os seus cinquenta mil «seguidores» ainda a adoram, e descobrir que está a ser tendência pelos motivos errados não a terá deixado feliz.

— Onde está o meu café? — ladra ela, para ninguém em particular. A assistente pessoal cora.

— Está... ali mesmo, Madeline — diz, a apontar para a chávena fumegante na mesa.

— Aquela não é a minha caneca. Quantas vezes tenho de repetir?

— Está na máquina de lavar.

— Então lave-a. À mão. Onde está o Matthew?

Olho para ela, esta mulher bem-sucedida e formidável, e pergunto-me de onde vem toda a sua raiva. Sei coisas sobre a Madeline, coisas que não deveria saber e que ela preferiria que eu não soubesse, mas essas coisas não explicam todo este ódio. Aclaro a garganta e cerro os punhos debaixo da mesa. Está na hora de dizer as minhas falas.

— O Matthew levou a Jane e a Louise a almoçar para discutirem uns assuntos — digo.

— O quê? Porquê? — pergunta a Madeline.

— Não sei. Disse que estaria fora do escritório o resto do dia.

A Madeline fica em silêncio por um momento. Todos aguardamos, enquanto ela olha para a mesa, com uma pequena ruga a formar-se no rosto já profundamente marcado.

— Muito bem, talvez alguém possa explicar-me de onde surgiu esta ideia de «Mulheres aos Cinquenta». Só esta manhã é que ouvi falar dela.

Deixo que os outros expliquem tudo, enquanto me recosto e analiso a minha inimiga. Os seus óculos de armação escura pousam na ponta do seu nariz arrebitado e, por trás deles, o olhar vazio saltita pela sala.

Ovelhinha, vou te tosquiar.

As suas unhas longas e afiadas batem no bloco de notas com uma cadência impaciente e reparo que há qualquer coisa a espreitar por entre as páginas em branco: o contorno nítido de um envelope vermelho. Ela já o leu, então. Sorrio para mim mesma.

O Passo Um está concluído.

ANTES

Quinta-feira, 24 de outubro de 1991

Querido Diário,

A Taylor, a rapariga que se senta a meu lado na sala de aula, quer ser minha amiga. Não mo disse diretamente, mas nota-se. É um problema. Parece ser boa pessoa, não muito popular, mas não é isso que me incomoda. Ser popular não é assim tão bom como se diz, as pessoas esperam demasiado de quem o é. É muito melhor misturarmo-nos na multidão; assim, quando brilhamos, as pessoas reparam.

Hoje, uma das miúdas populares foi má para a Taylor nos balneários antes da aula de hóquei. A Kelly O'Neil, que está sempre bronzada porque a família vai muitas vezes de férias, não é boa pessoa. Disse que a Taylor «sai ao pai», o que é estúpido, porque todas temos o peito liso, uma vez que temos dez anos. Todos se riram, não porque tenha sido engraçado, mas porque têm medo da Kelly, o que também é ridículo. Ela é apenas uma miúda mimada e idiota. A Taylor corou, mas conseguiu disfarçar bem as lágrimas que quase lhe caíam dos olhos. A avó costumava dizer que, se não deixarmos as lágrimas saírem, podem transformar-se em veneno. A mãe diz que só os bebés choram e que é sinal de fraqueza. Talvez dependa do tipo de lágrimas, porque eu apanho-a a chorar muitas vezes.

Aqui estão três coisas que me fizeram chorar recentemente, sem ninguém ver:

1. O facto de a avó ter morrido.
2. A minha caneta de tinta permanente ter manchado o *Mulherzinhas* em todo o lado.
3. Ir para a cama sem jantar, com o estômago tão vazio que não consegui dormir.

O hóquei foi frio e aborrecido. Começou a chover a meio do jogo, mas continuámos a jogar. A professora de Educação Física disse que um pouco de chuva nunca fez mal a ninguém. Ela própria parece precisar de fazer exercício. Disse que o campo não tinha relva em algumas zonas, por excesso de uso e falta de cuidado, por isso tentei não pisar as partes peladas, na esperança de ajudar. Estava a correr atrás da bola, na relva molhada, quando escorreguei. Estendi as mãos à minha frente para amparar a queda e larguei o *stick*. Só quando me levantei percebi o que tinha acontecido. O *stick* voou pelo ar e acertou no rosto da Kelly O'Neil. O nariz dela começou a sangrar e tudo. Foi um acidente, por isso não me senti lá muito mal. A avó dizia que não há acidentes e que tudo acontece por uma razão. Não sei o que pensar disso. Às vezes, as coisas acontecem sem intenção e o facto de ninguém acreditar em nós não significa que o fizemos de propósito.

Ouvi um prato partir-se lá em baixo. Fiquei à escuta no patamar por alguns momentos. O pai gritou que o prato quase lhe tinha acertado na cabeça. Os pratos não voam pelo ar sozinhos, por isso suponho que tenha sido a mãe a atirá-lo. Há um país chamado Grécia onde partir pratos é uma tradição. Ouvi a Kelly O'Neil falar disso nos balneários, antes do hóquei. Ela já foi à Grécia de férias. Duas vezes. Nunca fui para fora do país, mas já fui a Brighton. Fomos lá passar um fim de semana, eu, a mãe e o pai. Acho que eram felizes, nessa altura. Agora, de certeza que não o são. Já não consigo lembrar-me do rosto do pai a sorrir. A mãe parece sempre triste e está mais gorda do que antes. Começou a usar *leggings* com cintas elásticas em vez das

calças de ganga. Talvez seja por isso que o pai anda sempre tão zangado. Ouvi-o dizer que ela se tinha desleixado, o que significa que já não está tão bonita como antes e que deixou de ser atraente.

Fechei a porta do quarto, mas ainda os consigo ouvir. Tenho o batente da porta da avó comigo na cama, a fazer-me companhia, já que não tem nenhuma outra função. Gosto de o sentir, pesado, de metal castanho, com a forma de um pequeno pássaro. Era uma das coisas preferidas da avó e agora é uma das minhas. A melhor coisa de ser um pássaro é poder voar para longe. Mas este não pode, tem de ficar aqui, comigo, no nosso quarto. Não pode voar, nem cantar, nem construir o seu próprio ninho longe daqui. Aposto que, se pudesse, faria tudo isso.

Vou pensar bem se devo ou não ser amiga da Taylor. A avó dizia sempre que era bom dormir sobre os assuntos, o que significa que, se pensarmos no que nos preocupa antes de adormecermos, sonhamos com isso e, com sorte, acordamos com a resposta certa na cabeça. Costumo esquecer os meus sonhos mal acordo; nunca me mostraram qualquer resposta.

ANTES

Terça-feira, 20 de dezembro de 2016 — De tarde

Chego a casa mais cedo, na esperança de falar com o Paul, mas ele não está. Deve ter ido dar um dos seus passeios. Ele faz isso com frequência, diz que o ajuda na escrita quando está menos inspirado. Ultimamente, parece nunca estar, e acho que o mundo dele deve ficar terrivelmente silencioso. A casa está igualmente silenciosa, e não sei bem o que fazer. Abro o frigorífico e fico a olhar para o conteúdo durante mais tempo do que é necessário; não há quase nada lá dentro. Pego num refrigerante e sento-me à mesa da cozinha, voltada para o jardim. O céu, sem nuvens, é de um azul brilhante, a relva está verde, e só as árvores despidas e o frio no ar denunciam que não se trata de um dia de verão. É um cenário muito diferente daquele que vivi na semana passada, sozinha em casa, numa noite em que o Paul estava numa das suas viagens de investigação, convencida de que havia alguém lá fora, no escuro, a tentar entrar. Tenho a certeza de que ouvi passos e alguém a tentar abrir a porta de trás da casa. O Paul acha que sonhei. Afasto o pensamento.

A lata faz um *psst* quando a abro com a unha, como se quisesse contar-me um segredo. Bebo um pouco. Está tão fria que faz com que os meus dentes doam, mas gosto desta sensação de formigueiro e bebo tudo até ao fim. Volto a olhar para o jardim e reparo num pequeno pássaro pousado num poste da vedação. Fixo o olhar nele, e ele parece olhar para mim. Tudo acontece num instante. Um emaranhado de penas num voo rápido lança-se na minha direção com uma determinação feroz, até ser detido pelas portas de vidro. O impacto ecoa num baque que me faz sobressaltar e derramar a bebida. O seu pequeno corpo cai para trás, quase em câmara lenta, e aterra na relva. Corro para as portas do

pátio, mas não as abro. Em vez disso, fico ali, a observar o pequeno pássaro deitado de costas, a agitar as asas como se ainda estivesse a voar, com os olhos já fechados. Não sei quanto tempo ficamos assim, suspensos naquele momento, o animal a lutar por ar enquanto eu, sem querer, sustenho o meu próprio fôlego, mas o tempo acaba por apanhar-nos.

O pássaro deixa de se mexer, as suas asas repousam ao lado do corpo.

O seu peito vermelho afunda-se até parar de mexer.

As suas duas patinhas descem lentamente no sentido da relva húmida. De certa forma, sinto-me responsável, mas não consigo abrir a porta ou sair para o jardim; preciso da barreira de vidro entre nós, pelo menos por enquanto. Ajoelho-me, baixando o rosto para ver melhor, como se pudesse presenciar a vida a escapar-lhe pelo bico. Recordo-me de uma amiga me dizer que estes pequenos pássaros são almas de mortos que voltam com uma mensagem. Interrogo-me sobre o significado desta e noto que os pelos dos meus braços se eriçam.

O choque no vidro provocou-me um sobressalto. Levanto o olhar e vejo o rosto da Claire à janela. Ela não repara no pássaro, embora ele esteja a poucos passos. Levanto-me para abrir a porta e ela entra sem esperar que eu a convide, como se fosse a dona da casa. Foi ela quem nos ajudou a encontrar esta casa, descobriu-a *online* e marcou uma visita prévia com o agente imobiliário. Deixei-me levar, é uma casa bonita, mas escolher algo e ser a sua proprietária são coisas diferentes.

— O que estás a fazer? — pergunta ela, a tirar o casaco. Está impecavelmente arranjada, como sempre, com a roupa limpa e engomada, apesar de ter dois filhos pequenos, e cada fio de cabelo no seu devido lugar. Detesto a forma como chega sempre pela parte de trás da casa para ver se estou aqui. Qualquer outra pessoa tocaria à campainha, na parte da frente, e, se ninguém atendesse, perceberia, mas não a Claire. Já me pediu uma chave algumas vezes. Respondo sempre que vou mandar fazer uma cópia, mas nunca a faço.

— Nada, achei que tinha visto alguma coisa.

— Chegaste cedo.

— Está mais calmo do que é costume por causa do Natal.

— O Paul não está? — pergunta ela, enquanto coloca o casaco nas costas de uma cadeira da cozinha, como se estivesse em casa.

— Parece que não. — Arrependo-me de imediato da escolha de palavras. O meu tom não lhe passou despercebido, nunca passa.

— Bem, que bom que te apanhei sozinha — diz ela. Aceno com a cabeça. De facto, sinto-me apanhada.

— Queres beber alguma coisa?

— Não, estou bem, não posso ficar muito tempo. Tenho de ir buscar os gémeos — diz ela, enquanto se senta à mesa. Pego em papel de cozinha e limpo a bebida entornada antes de me sentar à sua frente, no mesmo lugar onde estava antes, ainda quente do meu corpo. Não consigo evitar olhar por cima do seu ombro, para o pássaro morto, mesmo ali fora.

— Então? — pergunto, sem querer parecer brusca. As minhas interações com a Claire não são como as conversas que tenho com outras pessoas. É como ligar o rádio e ouvir uma música que já estávamos a trautear mentalmente. Não podíamos saber que ia tocar, mas a verdade é que sabíamos, de alguma forma. É assim com a Claire.

— Então... estou preocupada contigo. Achei que devíamos conversar — diz.

— Eu estou bem.

— Estás? Não pareces. Tens ignorado as minhas chamadas.

— Tenho estado ocupada. Tenho um emprego a tempo inteiro. — Analiso o seu rosto por um instante, tentando ganhar tempo enquanto descarto mentalmente cada frase que me ocorre. Ela parece tão mais jovem do que eu, como se o seu rosto se tivesse esquecido de envelhecer nos últimos anos. — Estou apenas cansada, só isso. — Gostava de poder contar-lhe a verdade, partilhar o tipo de segredos que as irmãs normais partilham, mas nem sei por onde começar. Temos tudo e nada em comum, e a nossa língua materna não contém esse tipo de vocabulário.

— Lembras-te do rapaz com quem namorei no último ano da universidade? — pergunto. Ela abana a cabeça. Está a mentir, e eu arrependo-me logo de ter trazido o assunto à baila.

— Qual era o nome dele?

— Edward. Não gostavas dele. Não que isso te refresque a memória, nunca gostaste de nenhum deles.

— Gostei do Paul — diz ela. Ignoro o tempo verbal no passado.

— Cruzei-me com ele na Oxford Street, ontem, uma daquelas coincidências loucas, suponho.

— Acho que me lembro. Alto, bastante bonito, muito confiante.

— Não acho que alguma vez o tenhas conhecido.

— Queres chegar a algum lado com esta história? Não me digas que vais ter um caso.

— Não, não vou ter um caso. Estava só a conversar.

Fico a olhar para a mesa durante um instante e desejo que ela se vá embora, mas ela não vai.

— Como estão as coisas com o Paul?

— Diz-me tu, ultimamente tens passado mais tempo com ele do que eu. — Fico surpreendida com as minhas próprias palavras, muito mais ousadas do que eu me sinto. Estamos a navegar por águas desconhecidas. Tenho consciência de que comecei a falar numa língua que ela não entende e, pela primeira vez, talvez precisemos de um intérprete. Ela levanta-se para sair, tirando o casaco do encosto da cadeira. Não tento impedi-la.

— É evidente que te apanhei numa má altura, vou deixar-te. — Abre a porta das traseiras, antes de se virar. — Lembra-te de que estou aqui muito perto — acrescenta, antes de sair.

As suas últimas palavras soam mais a ameaça do que a conforto. Ouço os seus passos pelo caminho ao lado da casa, com o som do cascalho a diminuir até ouvir o portão fechar-se com um estrondo.

Os meus pensamentos voltam para o pequeno pássaro. Por um momento, acredito que ele tenha voltado à vida e voado, mas, ao aproximar-me do vidro, o meu olhar dá com o seu corpo castanho imóvel sobre o tapete verde. Não posso deixá-lo ali, ferido e sozinho. Abro a porta de trás e espero um ou dois segundos antes de sair, cautelosa para não perturbar o que já de si é perturbador. Demoro algum tempo até ganhar coragem suficiente para me baixar e apanhar o pássaro. É mais leve do que imaginei, como se fosse feito só de penas e ar. O impacto do pequeno corpo ao atingir o fundo do caixote reflete o som do choque contra o vidro, e a sensação de culpa que me invade torna-se impossível de ignorar. Entro de novo e lavo as mãos, ensaboando e esfregando três vezes a pele sob a água escaldante. Quando as seco, volto a ligar a torneira e repito tudo várias vezes, até

não haver mais sabonete. Enfio as mãos nos bolsos, desta vez ainda molhadas, e tento parar de pensar nelas. Sinto-me estranha por descartar uma vida como se fosse lixo. Há pouco estava ali, no momento seguinte já não estava, tudo por causa de uma decisão errada, um único passo em falso.

AGORA

Quarta-feira, 28 de dezembro de 2016 — De manhã

Está a tornar-se mais difícil separar os sonhos da realidade, e tenho medo de ambos. Mesmo quando me lembro de onde estou, não sei quando estou. Dou conta do amanhecer, mas já não distingo a tarde ou a noite. Escapei ao tempo e desejava que ele me encontrasse de novo. Tem um cheiro próprio, o tempo. Como uma divisão familiar. Quando já não é nossa, ansiamos por ela, salivamos e desejamo-la com uma fome insaciável. Percebemos que faríamos qualquer coisa para tê-la de volta. Enquanto ela não voltar para nós, roubamos segundos perdidos e devoramos minutos desperdiçados, colando-os todos para criarmos uma cadeia frágil de tempo emprestado, na esperança de que ela se estenda. Na esperança de que seja suficientemente longa para alcançar a próxima página. Se houver uma próxima página.

Consigo sentir o cheiro do meu tempo perdido. E mais qualquer coisa. Estou sozinha há algum tempo. O Paul não voltou, e ninguém entrou no meu quarto desde que comecei a contar os segundos. Parei nos sete mil, o que significa que estou deitada nos meus próprios excrementos há mais de duas horas.

As vozes vêm com frequência, para me despertar do meu sonho dentro de um sonho. Estão a começar a soar familiares. As mesmas enfermeiras entram no meu quarto, verificam se ainda estou a respirar e a dormir, e depois deixam-me sozinha com os meus pensamentos e com os meus medos. Estou a ser injusta. Fazem mais do que isso. Viram-me, embora eu não saiba porquê. Neste momento, estou deitada de lado, do meu lado esquerdo, que era como gostava de dormir quando ainda tinha escolha. Costumava fazer escolhas. A pior parte da merda está na parte interna da minha coxa esquerda. Consigo senti-la e

cheirá-la. Obrigada a permanecer com a boca aberta, quase consigo prová-la, e esse pensamento dá-me vontade de vomitar, mas essa é só mais uma coisa que já não consigo fazer. O tubo na minha garganta tornou-se parte de mim, já mal o sinto. Imagino-me como um monstro recém-criado do *Doctor Who*: parte mulher, parte máquina, pele e ossos entrelaçados com tubos e fios. Quero que me limpem antes de o Paul voltar. *Se* é que vai voltar. A porta abre-se, e penso que é ele, mas o cheiro a almíscar branco diz-me que não é.

— Bom dia, Amber, como estamos hoje?

Ora bem, sinto-me uma merda, estou coberta de merda, cheiro a merda.

Porque é que estas pessoas continuam a falar comigo? Sabem que não posso responder e não acreditam realmente que consigo ouvi-las.

— Oh, querida, não se preocupe, já tratamos de a limpar.

Obrigada.

Duas delas limpam-me. Nunca se apresentaram, por isso não sei os seus verdadeiros nomes, mas inventei os meus. A «Enfermeira do Norte» parece ser de Yorkshire. Tem uma tendência para falar sozinha e baixinho enquanto trabalha e, ainda assim, as suas vogais são intensificadas nos meus ouvidos. As suas mãos são ásperas e apressam-se a fazer o trabalho. Ela esfrega a minha pele como se fosse uma frigideira suja com manchas resistentes, e soa sempre cansada. Hoje está acompanhada pela «Enfermeira Quarenta por Dia», o nome diz tudo. A sua voz é rouca e grave, e parece estar zangada com o mundo. Quando se aproxima de mim, consigo sentir o cheiro a nicotina nos seus dedos, prová-la na sua respiração, ouvi-la nos seus pulmões. Escuto o som dos seus aventais de plástico enquanto elas me limpam, o borbulhar da água na bacia, o cheiro do sabonete, o toque das luvas na minha pele.

Quando terminam, viram-me para o lado direito. Não gosto de estar deitada deste lado, não parece natural. Uma delas escova-me o cabelo, segurando-o junto à raiz para evitar que o puxão me magoe. Está a tentar não me causar mais desconforto do que aquele que já sinto. Lembra-me a minha avó, que me escovava assim o cabelo quando eu era criança. A Enfermeira do Norte limpa-me o interior da boca com o que parece ser uma pequena esponja, depois aplica vaselina nos meus lábios, que estão secos e doridos. O cheiro engana o meu cérebro, fazendo-o pensar que consigo saboreá-la. Às vezes, ela explica o que

está a fazer, outras vezes esquece-se. O que eu queria mesmo era um pouco de água, mas isso ela não me dá. Não sei quanto tempo passou, mas começo a habituar-me a esta nova rotina. É estranho como nos adaptamos rapidamente. Um relance de memória acende-se na minha mente, e penso na minha avó quando estava a morrer. Pergunto-me se ela terá sentido sede. *A roda do autocarro roda, roda.*

Não sei quanto tempo mais tarde, ele chega. A sua voz atravessa a muralha que construí à minha volta.

— Deixaram-me ir, por agora, mas sei que pensam que te magoei, Amber. Tens de acordar.

Pergunto-me por que razão é que ele não me cumprimentou antes de começar a exigir fosse o que fosse. Depois, percebo que não o ouvi entrar, que podia estar aqui há já algum tempo, talvez até tenha dito mais coisas, mas eu não estava a ouvir. A sua voz soa como uma péssima imitação de si mesmo. Não consigo decifrar o tom, o que é estranho, uma vez que sou a sua mulher. É óbvio que eu deveria saber distinguir raiva de medo. Talvez seja essa a questão, talvez sejam a mesma coisa.

Lembro-me de ele ter saído com os polícias. Ele não fala sobre isso, por mais que eu deseje que o faça. Limita-se a ler-me o jornal e diz que o médico achou que isso poderia ajudar. Todas as notícias são más e pergunto-me se ele evitou as boas ou se simplesmente elas já não existem. Depois, cala-se e eu fico magoada por causa das palavras que não diz. Quero que ele me conte tudo o que aconteceu enquanto estivemos separados. Preciso de saber. O tempo avança sem mim e não consigo alcançá-lo. Ouço o Paul levantar-se e tento preencher as lacunas sozinha. A polícia não pode tê-lo prendido, porque ele está aqui, mas há qualquer coisa de errado. Ele permanece no quarto, mas o silêncio parece ter-lhe roubado a presença. Imagino-o a observar-me e sinto um desconforto profundo ao pensar no que ele deve estar a ver agora. Parece que a única constante é a minha capacidade de o desapontar.

Começo a deslizar quando já não há nada para me agarrar. As vozes na minha cabeça falam mais alto do que o silêncio no quarto. A mais proeminente é a minha, que me lembra sem parar de todas as coisas que eu disse e fiz, das que não disse e não fiz, de tudo o que deveria ter feito. Sinto-a chegar. Há sempre

uma agitação na água antes da chegada de uma onda grande. Já aprendi que é mais fácil render-me e deixá-la levar-me até onde ela quiser. Temo que um dia a água escura vá engolir-me para sempre, sem que eu consiga voltar à tona. Os interruptores estão sempre ligados ou desligados. As pessoas estão no alto ou no fundo. Quando estou no fundo, voltar a subir torna-se quase impossível, e nunca estive tão em baixo como agora. Mesmo que conseguisse encontrar o caminho de regresso à normalidade, duvido que reconhecesse quem sou ao chegar lá.

— Gostava de saber se me consegues ouvir — diz o Paul.

Sinto uma tontura e, ao tentar focar-me nas suas palavras, elas distorcem-se. O seu tom transforma-se em algo agressivo, e ouço o arrastar das pernas da cadeira no chão quando se levanta, como se fosse um aviso. Ele inclina-se sobre mim, com o rosto tão próximo do meu que parece estar a examinar-me, como se achasse que estou a fingir.

Nessa altura, sinto umas mãos grandes apertarem-me o pescoço.

A sensação dura menos de um segundo e apercebo-me de imediato que o que senti não foi real, não pode ter sido. Talvez um vislumbre sombrio de uma memória que preferia esquecer, mas também não faz sentido. O Paul não faria isso. Tento perceber a lógica do que acabei de sentir, mas já não sei o que é real. O Paul caminha de um lado para o outro, e o esforço que faço para ouvir os seus passos no quarto esgota-me. Não quero ter medo do meu marido, mas ele não está a ser ele próprio, e esta versão é-me estranha.

A Claire chega e uma breve sensação de alívio evapora-se por entre uma onda caótica. Espero que discutam outra vez, mas não o fazem. Acho que ele se vai embora agora, mas não o faz.

E lá ia a subir.

Houve uma mudança de ritmo entre os dois.

Depois vinha a descer.

Parece-me que se abraçam. Reprimo a esperança de que ela lhe pergunte o que aconteceu na esquadra da polícia. Pela conversa, é óbvio que já sabe.

E quando parava de subir...

A trama adensa-se e continua sem mim, para lá deste quarto.

Começava a descer.

Sinto inveja do que Claire sabe. Sinto inveja de tudo.

Quando os meus pais trouxeram Claire para casa pela primeira vez, ela só chorava. Exigia tanta atenção e comportava-se de forma a fazer com que as nossas vidas orbitassem à sua volta. A minha mãe e o meu pai não viram as lágrimas que eu chorava à noite, deixaram de me ver. Tornei-me a filha invisível. Os gritos dela durante a noite acordavam-nos a todos, mas era a mãe quem se levantava para estar com ela. Foi a mãe que quis a Claire desde o início, eu não era suficiente, isso é claro para mim, agora. A nossa família passou de três para quatro, mesmo sem termos condições para isso. Não havia amor suficiente para partilhar.

ANTES

Terça-feira, 20 de dezembro de 2016 — À noite

Tenho ido às compras. Desta vez, foi comida. Começo por arrumar os produtos congelados, depois os frescos, e por último o resto, a organizar tudo enquanto arrumo, para que cada coisa fique no seu lugar. A despensa exige mais trabalho. Tiro tudo de lá, cada lata, cada frasco e cada garrafa. Limpo todas as prateleiras e começo de novo, a alinhar cada embalagem por tamanho, com os rótulos virados para a frente. Quando termino, já está escuro. Vejo que a luz está acesa no anexo ao fundo do jardim, o que significa que o Paul ainda está lá a escrever. Talvez tenha finalmente ficado inspirado. Coloco uma garrafa de espumante no frigorífico; tive uma pequena vitória, hoje, no trabalho, que merece ser celebrada. O projeto Madeline está, sem dúvida, a começar bem. Reparo numa garrafa de vinho branco a meio, na porta do frigorífico, o que não me lembro de ter visto antes. Não bebo vinho branco e o Paul também não. Talvez a tenha usado para uma receita. Tiro a garrafa, sirvo-me de um copo e começo a cozinhar. Sabe a urina de gato, mas estou com sede, por isso bebo na mesma.

Com o jantar quase pronto, preparo a mesa da sala de jantar, onde raramente nos sentamos. Ponho música, acendo algumas velas e noto que só falta o meu marido. Ele prefere não ser interrompido enquanto escreve, mas já passa das oito e quero aproveitar o que resta da noite com ele. Quando souber que temos borrego, o seu prato preferido, não se importará com o facto de ter sido interrompido. Saio para o jardim e sinto um frio cortante no rosto. Com o relvado escorregadio em certas partes, torna-se difícil orientar-me com a luz fraca do anexo, que mal consegue iluminar o caminho.

— Boa noite, escritor residente — digo, num tom brincalhão e grave, ao abrir a

porta. O meu sorriso desaparece quando percebo que o anexo está vazio. Fico ali alguns instantes, a olhar à minha volta, como se o Paul pudesse estar escondido.

Espreito para o jardim, na escuridão, como se ele fosse saltar de trás de um arbusto e gritar: *Buuu!*

— Paul? — Não sei porque estou a chamar o nome dele, quando os meus olhos já me mostraram claramente que ele não está. Sinto um estado de pânico a subir pelo meu peito e a apertar-me a garganta. Também não está em casa, já estou em casa há algumas horas, teria notado se ele estivesse. O meu marido, que está sempre por perto, desapareceu, e eu, tão absorvida comigo mesma, nem sequer me dei conta. Não devo dramatizar. Sempre tive uma imaginação demasiado fértil e uma tendência para temer o pior seja qual for a situação. Tenho a certeza de que há uma explicação simples para ele não estar aqui, mas as vozes na minha cabeça são menos otimistas. Corro de volta para casa, a escorregar e tropeçar na relva molhada.

Já no interior, volto a chamar por ele. Nada. Ligo para o telemóvel. Ouço um toque fraco vindo do andar de cima. Sinto-me aliviada ao perceber que vem do nosso quarto, talvez ele esteja a descansar, talvez não estivesse a sentir-se bem. Subo as escadas e empurro a porta do quarto com um sorriso, a rir-me da minha própria paranoia, que é ridícula. A cama está feita, e ele não está deitado nela. Nunca faz a cama. Fico confusa e volto a ligar para o número dele. Começo a ouvir de novo aquele toque familiar, estou na divisão certa, mas o som vem do guarda-roupa, que está fechado. A minha mão treme ligeiramente quando alcanço a maçaneta. Digo a mim mesma que estou apenas a ser tonta e que tem de haver uma explicação perfeitamente aceitável para tudo isto — o Paul não está no guarda-roupa, não somos crianças a jogar às escondidas e isto não é um filme de terror com um corpo escondido no armário. Rodo a maçaneta e abro a porta do guarda-roupa. Nada. Ligo de novo para o seu número e vejo o brilho do telemóvel no bolso do seu casaco preferido. O mistério do telemóvel desaparecido está resolvido, mas o do marido desaparecido continua. Vejo um embrulho cor-de-rosa, com um ar caro, parcialmente escondido por baixo da fila de calças de ganga e *T-shirts* que ele chama de «uniforme de escritor». Tiro-o e olho lá para dentro, enquanto desembrulho com cuidado o papel de seda que

esconde o conteúdo. O cetim preto e a renda parecem-me estranhos ao toque, são o tipo de coisa que eu costumava usar. Talvez seja uma prenda de Natal para mim. Não é o tipo de coisa que ele costuma comprar. O sutiã parece-me pequeno e verifico a etiqueta. É o tamanho errado, espero que tenha guardado o recibo.

Desço as escadas, ainda atordoada, e verifico se o forno está desligado. No meio da minha rotina, a garrafa vazia de vinho branco chama-me a atenção, despertando uma memória. É uma das preferidas da Claire. Ela esteve aqui. Tapo a boca com a mão, corro para o lava-loiça da cozinha e vomito. Quando já não há mais nada para sair, cuspo, abro a torneira e limpo o rosto com um pano de cozinha. Verifico o forno três vezes, depois agarro na mala e confiro rapidamente o seu conteúdo.

— Telemóvel. Carteira. Chaves — digo de forma deliberada e em voz alta, como se as coisas se tornassem reais apenas quando falamos delas. Começo a sair, mas paro no corredor e abro de novo a mala. — Telemóvel... Carteira... Chaves — repito, desta vez mais devagar e a fixar o olhar em cada uma das coisas o tempo suficiente de me convencer do que estou a ver. Ainda assim, verifico uma última vez, antes de fechar a porta atrás de mim.

A casa da Claire fica a menos de um quilómetro daqui. Dá para ir a pé, mas devia ter levado um casaco — está um frio de rachar. Cruzo os braços sobre o peito e apresso o passo com o olhar fixo no passeio. Um leve cheiro a gás infiltra-se pelas minhas narinas e desliza pela garganta, provocando-me náuseas e levando-me a acelerar o passo. A Claire vive nesta rua há muito tempo; agora são proprietários da casa, assim como da oficina ao lado, onde o David trabalha. A rua é-me tão familiar que seria capaz de caminhar daqui até à porta dela de olhos fechados. Mas não o faço. Os meus olhos estão abertos e a primeira coisa que vejo é o carro do Paul. É facilmente reconhecível. Um MG Midget verde de 1978, comprado em segunda mão e restaurado com muito carinho para recuperar o brilho original. Comprou-o com o adiantamento do seu primeiro romance e gosta dele quase tanto quanto eu o abomino.

Subo a entrada da casa com o peito apertado, parece que deixei de respirar por completo. Tenho uma chave suplente da casa da Claire na mala, mas não me sinto confortável a entrar assim, sem pré-aviso. Ela deu-ma, esperando que fosse

o início de uma troca. Não foi.

Carrego na campainha repetidamente, ansiosa por resolver isto, seja lá o que for, o mais depressa possível. O frio magoa-me as mãos e consigo ver o fumo da minha respiração. Lá dentro, ouço uma criança que começa a chorar e vejo a imagem desfocada de um adulto a aumentar através do vidro fosco. O marido da Claire abre a porta de rompante e recebe-me com a expressão que eu reservo para os vendedores que andam de porta em porta. Não sei bem por que não nos damos bem. Não é por não termos nada em comum — temos a Claire — talvez seja o contrário.

— Olá, Amber. Obrigado por acordares os gémeos — diz ele, sem o mais pequeno sorriso. Não me convida a entrar. O meu cunhado é um homem grande, mas com pouca paciência e ainda menos tempo. Mantém vestido o fato-macaco do trabalho.

— Desculpa, David, não estava a pensar. Isto pode parecer um pouco estranho, mas o Paul está aqui?

— Não — responde. — É suposto estar? — Ele parece cansado, com olheiras profundas. Estar casado com a minha irmã envelheceu-o. Ela chama-lhe David, por isso também o fazemos, mas toda a gente o trata por Dave.

— O carro dele está aqui — digo. O David espreita por cima do meu ombro na direção do carro estacionado na garagem.

— Pois está. — Não acrescenta nada e, quando fico em silêncio, ele franze o sobrolho de tal maneira que parece que vai partir-lhe a cara. Baixa o olhar para os meus pés e eu sigo o seu olhar. Ainda estou de pantufas. Dois focinhos de *pug*, feitos de feltro, sujos, olham para mim; os olhos costurados também parecem cheios de espanto e de pena. Estavam na secção infantil do supermercado, mas serviam-me e eu gostei deles. — Estás bem? — pergunta.

Penso na pergunta dele e dou-lhe a resposta mais honesta que consigo.

— Não, na verdade não estou. Acho que não estou bem. Preciso de falar com a Claire. Ela está em casa?

Ele endireita-se ligeiramente, lançando-me um olhar confuso, até que uma expressão desagradável lhe invade o rosto.

— A Claire não esteve aqui o dia todo. Pensei que estava contigo.

ANTES

Quarta-feira, 13 de novembro de 1991

Querido Diário,

Já tenho dez anos há um mês inteiro e não acho que os dois dígitos façam assim tanta diferença, apesar de a mãe me ter dito que iriam fazer. Continuo sem poder fazer inúmeras coisas, continuo bastante baixa e continuo a sentir falta da Nana todos os dias. Estou tão zangada com a mãe por tantas razões, mas especialmente pelo que ela fez na reunião de pais, esta noite. Foi sozinha porque o pai teve de trabalhar até tarde. A mãe disse que ele podia ter de dormir de novo no trabalho, ele tem trabalhado muito, ultimamente. Como não tinha o pai para falar, começou a conversar com alguns dos outros pais da escola. Quando chegou a casa, vinha muito entusiasmada, não por causa das minhas notas brilhantes, como uma pessoa normal, mas porque conheceu a mãe da Taylor e ficou feliz por descobrir que eu tinha feito uma boa amiga. Continuou a falar disso e perguntou-me por que razão nunca lhe tinha falado da Taylor. Eu disse que não queria falar sobre isso e ficámos em silêncio durante algum tempo.

Quando a mãe percebeu que eu estava num daqueles estados de não querer falar, levantou-se da mesa e fez um *mojito* para si. Não sei o que coloca lá dentro, mas ela chama-lhe a sua «bebida da felicidade». Para mim, preparou uma limonada com muito gelo e um raminho de hortelã por cima, para que a minha bebida fosse parecida com a dela. Tirei a hortelã quando ela não estava a ver. Depois foi

buscar uns *nuggets* de frango e batatas fritas onduladas ao congelador, que são o meu jantar preferido de todos os que ela faz. Ela tirou o *ketchup* do armário, virou-o ao contrário e pôs apenas dois lugares na mesa, usando os pratos bons da Nana. Como o pai não estava, trouxe a televisão pequena do escritório dele para a cozinha e vimos um episódio da série *Coronation Street* enquanto jantávamos, em vez de termos de inventar coisas para dizer uma à outra. Estávamos a ter um momento até bastante agradável quando, depois do terceiro *mojito* dela (eu estava a contar só para ver se eram os *mojitos* que estavam a engordá-la), ela estragou tudo.

— Tenho uma surpresa para ti, porque estás a ir tão bem na escola nova — disse ela. Os seus olhos estavam meio fechados, como ficam sempre que ela bebe, com um ar de sono, mesmo quando estamos em pleno dia. Perguntei se era uma sobremesa e ela disse que não, com uma expressão séria, e perguntou-me se eu já me tinha esquecido do que o dentista tinha dito sobre os meus dentes e o açúcar. Não me esqueci, mas também não me importo muito. A Nana fazia sempre qualquer coisa de sobremesa; e não de pacote, ela fazia-a mesmo. Bolo de chocolate, bolo Victoria, pudim de caramelo, *crumble* de maçã com creme inglês. Tudo com um sabor maravilhoso. Agora que penso nisso, a Nana já não tinha dentes, usava uma prótese e guardava-a num copo ao lado da cama, enquanto dormia. Ainda assim, prefiro comer bolo, mesmo que os meus dentes caiam como os dela. A mãe perguntou se eu estava a ouvir, como faz sempre que eu penso tanto numa coisa qualquer que deixo de ouvir o que ela diz. Acenei com a cabeça, mas não respondi em voz alta, ainda um pouco irritada por não haver nenhum tipo de sobremesa. Depois ela sorriu, com os olhos ainda meio fechados.

— Perguntei à mãe da Taylor se ela podia vir cá brincar uma noite na próxima semana. E ela disse que sim. Não é bom? — Terminou o copo e pousou-o na mesa, depois olhou para mim com um sorriso grande e idiota no rosto gordo. — Fazemos isso numa noite em que o

teu pai estiver a trabalhar, assim ficamos só nós, as meninas. Vai ser divertido, vais ver! — Fiquei tão furiosa que não consegui pensar em nada para lhe dizer. Levantei-me da mesa, sem pedir licença, depois corri para o meu quarto, agarrei na maçaneta da porta e fechei-a. Nem sequer acabei as minhas batatas fritas onduladas. Achei que ia chorar, mas não o fiz.

A Taylor não pode vir cá. Ainda não decidi se devemos ser amigas de verdade. Estou tão zangada com a mãe. Há tantas coisas que detesto nela, mas estas são as três maiores razões que consigo enumerar neste momento:

1. Bebe demasiado.
2. Mente constantemente, como quando diz que não vamos ter de nos mudar outra vez.
3. Gostava que eu fosse como as outras crianças.

Não sou como as outras crianças. A mãe estragou tudo. Outra vez.

AGORA

Quarta-feira, 28 de dezembro de 2016

Os meus pais chegaram finalmente ao hospital — as suas vozes alcançam-me muito antes de entrarem no quarto. Tiveram um casamento raro, daqueles em que o amor dura mais de trinta anos. Mas é um amor que me deixa triste e vazia, um amor construído na base do hábito e da dependência, que não é verdadeiro. A porta abre-se e sinto o perfume da minha mãe; demasiado floral, demasiado forte. Ouço o meu pai aclarar a garganta daquela forma irritante que lhe é tão característica. Ficam ao fundo da cama, mantendo a distância habitual.

— Ela está com mau aspeto — diz o meu pai.

— Talvez pareça pior do que é — responde a minha mãe.

Já passou quase um ano desde a última vez que falámos e não há o mínimo vestígio de afeto nas suas vozes.

— Não acho que ela consiga ouvir-nos — diz ela.

— Devíamos ficar um pouco, só por precaução — responde ele, enquanto se senta ao lado da cama, e eu amo-o por isso. — Vais ficar bem, Amendoim — diz ele, a segurar-me a mão. Imagino que uma lágrima desce pelo seu rosto e para no queixo, onde permanece na minha imaginação antes de cair sobre o lençol branco do hospital. Nunca vi o meu pai chorar. O toque dos seus dedos entrelaçados nos meus traz de volta uma memória de quando andávamos de mãos dadas, tinha eu cinco ou seis anos. A Claire ainda não tinha entrado no nosso mundo. Íamos ao banco, e ele tinha pressa. Estava quase sempre com pressa. As suas pernas longas davam passos gigantes, e eu corria para acompanhar o seu ritmo. Pouco antes de chegarmos ao banco, tropecei e caí. Comecei a sangrar do joelho, com fios finos de sangue a serpentearem pela

minha perna abaixo até se unirem e mancharem a minha meia branca de vermelho. Doía, mas não chorei. Ele parecia arrependido, mas não me deu um beijo para fazer a dor passar. E ainda consigo ouvir a sua voz:

Vais ficar bem, Amendoim.

Sem mais palavras, seguimos para o banco, desta vez um pouco mais devagar.

Trataram a Claire muito melhor quando ela chegou. Ela era como uma boneca nova e preciosa, e eu já estava partida e riscada. O meu pai chamava-me Amendoim. A Claire era a sua Princesa. Não odeio os meus pais, odeio apenas que tenham deixado de me amar.

O ar no quarto está pesado de silêncio e remorsos, até que a porta se abre de novo e tudo muda.

— Como está ela? — pergunta a minha irmã.

Ouçó o Paul responder e percebo que estive no quarto connosco o tempo todo. É ainda mais desconfortável do que imaginava, o Paul e os meus pais nunca se deram bem. O meu pai acha que escrever não é um emprego respeitável e que um homem sem um emprego desses não é um homem a sério.

— Alguma novidade? — pergunta a Claire.

— Disseram que está estável agora, mas ainda é cedo para saber o que vai acontecer — responde o Paul.

— Só precisamos de nos manter positivos — diz ela.

É fácil dizer, para ela.

Tenho tantas perguntas para fazer. Se estou estável, suponho que significa que não vou morrer. Pelo menos por enquanto. Afinal, todos morremos no final, tanto quanto sei. Para mim, viver é mais aterrador do que morrer, não vale a pena temer uma coisa tão inevitável. Desde que estou aqui deitada, o que mais receio é nunca acordar completamente, o horror de ficar presa dentro do meu corpo para sempre. Tento silenciar a minha mente e focar-me nas vozes deles. Às vezes, as suas palavras chegam até mim, outras perdem-se pelo caminho ou não consigo convertê-las em frases com sentido.

Há tanto tempo que a minha família não se juntava assim, parece estranho estarmos reunidos à volta da minha cama de hospital. Costumávamos passar todos os Natais juntos, mas isso acabou. Sou o centro desta reunião familiar, mas continuo invisível. Agora, ninguém segura a minha mão. Ninguém chora.

Ninguém age como devia, como se eu nem sequer estivesse aqui.

— Pareces muito cansado — diz a Claire, a filha preocupada. — Talvez devêssemos ir comer qualquer coisa?

Ninguém responde, até que a voz do meu pai quebra o silêncio:

— Aguenta, só tens de fazer isso.

Por que razão todos insistem em dizer-me que aguento? Aguentar o quê? Não preciso de aguentar, preciso de acordar.

O Paul beija-me na testa. Penso que irá ficar, mas ouço-o dirigir-se para a porta e sair do quarto com eles. Não sei por que razão me surpreendo com este abandono, sempre fui abandonada. A Claire tira sempre de mim tudo o que eu amo.

Ouço a chuva começar a bater com força na janela invisível do meu quarto imaginário. A melodia fluída distrai-me da raiva, mas não o suficiente para silenciá-la.

Não permitirei que leve mais ninguém de mim.

Uma raiva muda espalha-se como um vírus pela minha mente. A voz dentro da minha cabeça, que tanto se assemelha à minha, é alta, clara e imperativa.

Tenho de sair desta cama, tenho de acordar.

E acordo.

Ainda consigo ouvir o som das máquinas que respiram por mim, que me alimentam e me drogam para que eu não sinta o que não devo, mas os fios desapareceram e o tubo foi retirado da minha garganta. Abro os olhos e sento-me. Tenho de contar a alguém. Levanto-me da cama e corro até à porta, abro-a com força e atravesso-a apressada, mas caio com força no chão. É então que me apercebo do frio, é então que sinto a chuva. Tenho medo de abrir os olhos e, quando o faço, vejo-a. A menina sem rosto, no roupão cor-de-rosa, deitada no meio da estrada, ao meu lado. Não consigo movimentar o meu corpo e tudo está imóvel, como se estivesse a olhar para um quadro.

Consigo ver o carro acidentado e a árvore danificada, as suas raízes grossas ganham vida e avançam até mim e à criança. Envolvem os nossos braços, as nossas pernas e corpos, apertando-nos contra o asfalto onde caí até estarmos quase completamente cobertas e escondidas do resto do mundo. Sinto que a criança está assustada, por isso digo-lhe para ser corajosa e sugiro que talvez

devêssemos cantar uma canção. Ela não quer. Ainda não. A chuva começa a cair com mais força, e o quadro no qual estou presa começa a ficar esborratado e a desfazer-se. Parece que a chuva está a tentar apagar-nos, como se nunca tivêssemos existido. A água cai com tanta força que salpica do asfalto para o interior da minha boca e do meu nariz. Começo a sentir que estou a afogar-me nesta aquarela suja, mas, tão depressa como começou, a chuva para.

As estrelas não brilham sem escuridão, sussurra a menina.

O meu corpo continua preso pelas raízes da árvore, mas viro a cabeça para cima e olho para o céu noturno. À medida que contemplo as estrelas, elas tornam-se mais brilhantes, maiores e mais reais do que alguma vez as vi. E a menina começa a cantar.

Brilha, brilha, lá no céu... Se estás aqui em baixo, quem está no carro?

As raízes soltam-me. Um exército de arrepios percorre os meus braços, e olho para onde a criança está agora a apontar. Ali está, a sombra de alguém dentro do carro. A porta do condutor abre-se e uma figura sombria sai e afasta-se. Tudo está em silêncio. Tudo está imóvel.

O som de uma fechadura a rodar traz-me de volta ao meu corpo adormecido na minha cela de hospital. Tudo o que consegui ver e sentir desaparece. O pesadelo acabou, mas continuo com medo. Havia outra pessoa no carro naquela noite, tenho a certeza disso. E agora há alguém no meu quarto e tudo parece profundamente errado.

— Consegues ouvir-me? — É um homem. Não reconheço a sua voz.

Sinto-me invadida pelo medo, enquanto ele se aproxima da cama.

— Perguntei se consegues ouvir-me? — repete.

Está mesmo ao meu lado quando faz a mesma pergunta pela terceira vez. Suspira e dá um passo atrás. Ouço-o abrir qualquer coisa ao lado da cama e, de seguida, o som de um telemóvel a ser ligado. O meu telemóvel. Ouço o código de segurança que nunca mudo; seja quem for, está a ouvir as minhas mensagens de voz. Há três mensagens, audíveis apesar de fracas. A primeira voz que ouço é a da Claire. Ela diz que está a ligar apenas para saber se está tudo bem, mas o seu tom sugere que já sabia que não estava. Segue-se uma mensagem irritada do Paul: quer saber onde estou. Depois, o estranho no meu quarto reproduz a terceira mensagem. E é a sua própria voz que ouço no meu telemóvel.

Lamento o que aconteceu, foi só porque te amo.

Sinto como se todo o meu corpo congelasse. Ouço um *bip*.

Mensagem apagada. Não tem novas mensagens.

Não conheço este homem. Mas ele conhece-me. Estou tão aterrorizada que, mesmo que conseguisse gritar, acho que não seria capaz de o fazer.

— Espero bem que não estejas aí deitada a sentir pena de ti própria, Amber — diz ele. Toca-me no rosto e eu só quero afundar-me na almofada. Toca-me repetidamente na cabeça, com o dedo. — Caso estejas confusa com o que ouviste, não foi um acidente. — Desliza o dedo pelo meu rosto, de lado, e pousa-o nos meus lábios. — Foste tu que fizeste isto a ti mesma.

ANTES

Quarta-feira, 21 de dezembro de 2016 — De manhã

Desligo o alarme, não vou precisar dele. Mal dormi e tentar agora é inútil. A minha insónia deveria ser um sintoma da minha preocupação com o meu marido desaparecido, mas não foi nisso que fiquei a pensar durante toda a noite. Lembro-me constantemente do pequeno pássaro morto, do seu corpo minúsculo e inerte. Durante toda a noite, imaginei que conseguia ouvir as suas asas a bater dentro do caixote, como se não estivesse morto. Preocupo-me com a possibilidade de ele estar apenas inconsciente, de talvez o ter deitado fora quando estava apenas a dormir.

Olho para o lado vazio da cama. Nenhuma notícia do Paul. Há uma garrafa vazia de vinho tinto no chão; tentei beber até adormecer, mas não resultou. O vinho transformou-se num antibiótico receitado em excesso, ao qual o meu corpo já não reage. Penso em chamar a polícia para dar o Paul como desaparecido, mas sinto-me ridícula. Não saberia como explicar os meus medos sem soar como uma louca. Os maridos nem sempre voltam a casa à noite, eu sei disso, já sou crescida.

A minha mente muda do Paul para a Claire. Quando, finalmente, atendeu as minhas chamadas, pareceu-me irritada por eu a ter acusado de saber onde ele se encontrava. Disse que tinha estado com uma amiga e que lhe estraguei a noite, depois desligou. Ela sabe exatamente o que me preocupa. Amo-os aos dois, mas sinto que aquilo que mantive seguro até agora começa a desmoronar-se. Basta um puxão no fio para que tudo caia num buraco sem remédio. Talvez seja já demasiado tarde.

Ainda está escuro, por isso acendo a luz, percorrendo o quarto com os olhos em

busca de algo que se assemelhe a uma pista. Lembro-me do embrulho escondido no fundo do roupeiro do Paul, com roupa interior feminina. Volto a pegar nele e retiro de lá o sutiã e as cuecas, uns painéis frágeis de cetim preto emoldurados por renda. São definitivamente demasiado pequenos. Baixo as calças do pijama e uso os pés para as tirar, enquanto puxo o *top* pela cabeça. Deixo no chão a pilha de algodão em tons pastel e visto a roupa interior, ainda com as etiquetas, cujas arestas de cartão me arranham a pele. Aperto os seios nas copas demasiado pequenas e posiciono-me em frente ao espelho de corpo inteiro. Já não me via assim há algum tempo. O meu corpo no reflexo não é tão mau quanto imaginava. Não sou tão feia por fora como me sinto por dentro, mas continuo a não gostar do que vejo. A minha barriga está um pouco mais arredondada do que costumava ser, mas agora como o que quero. Odeio este corpo quase tanto quanto me odeio a mim mesma. Ele não fez o que devia. Não lhe deu o que ele queria. Não quero vê-lo mais, por isso apago a luz, mas ainda consigo ver o fantasma do meu reflexo. Agarro no robe e escondo-me de novo, com a nova roupa interior a apertar e a morder a minha carne. O pensamento de que talvez não tenha sido comprada para mim é demasiado intenso para ser ignorado, por isso tiro-a, coloco-a de volta no lugar no qual a encontrei e recomeço o dia.

Ainda está escuro, mas conheço esta casa; consigo orientar-me na escuridão. O anexo é o espaço privado do Paul, mas o pequeno escritório nas traseiras da casa é meu. Um quarto só meu, com espaço suficiente para uma pequena secretária e uma cadeira. Sento-me e ligo a luz do candeeiro. A secretária foi comprada em segunda mão, por isso guarda segredos que desconheço, assim como outros que conheço bem. Tem quatro gavetas pequenas e uma maior, que se assemelha a um sorriso cúmplice de madeira. Abro-a devagar e calço as luvas brancas de algodão que encontro no interior. Depois, retiro uma folha de papel, juntamente com a minha caneta de tinta permanente, e escrevo. Quando termino e sei ter escrito as palavras certas que quero que sejam lidas, dobro o papel em dois e coloco-o dentro de um envelope vermelho. Depois, tomo banho, lavo quaisquer vestígios de culpa ou preocupação e preparo-me para o trabalho.

Chego mais cedo do que é costume. O escritório principal está vazio, mas vejo que a luz do gabinete da Madeline já está acesa. Tiro o casaco, deixo a mala sobre a secretária e tento afastar a névoa de cansaço que me envolve. Preciso de

estar alerta, manter o foco na tarefa que tenho pela frente. Antes de conseguir sentar-me, ouço a porta dela ranger, ao abrir.

— Amber, és tu? Posso falar contigo?

Reviro os olhos, certa de que ninguém me vê. Não preciso disto agora, mas ajusto a expressão e encaminho-me para o pequeno gabinete no canto, com as mãos fechadas em punhos tensos dentro dos bolsos.

Com desânimo, bato à porta, que está entreaberta, antes de a empurrar totalmente. Lá está ela, vestida de preto, como sempre. Curvada sobre a secretária, com o rosto franzido e demasiado próximo do ecrã para conseguir ler o que está lá. A fábrica de rumores ainda está em pleno funcionamento no Twitter, a gerar mais especulação sobre a sua saída iminente. Pergunto-me se estará a ler os novos comentários sobre #MadelineFrost, que são muitos.

— Um instante, estou no meio de um pensamento. — Ela faz sempre isto. O tempo dela é o único que valoriza, e quer que eu saiba disso. Digita qualquer coisa que não consigo ver. — Fico contente por teres chegado cedo — diz ela. — Esperava ter uma pequena conversa contigo antes de os outros chegarem.

Tento não reagir, obrigando cada músculo do meu rosto a permanecer exatamente onde está. Ela tira os óculos e deixa-os pendurados no cordão de contas cor-de-rosa que circunda o seu pescoço largo. Por um instante, imagino apertá-lo, mas afasto rapidamente esse pensamento.

— Porque não te sentas? — diz a Madeline, a apontar para o pufe de couro roxo que trouxe de Marrocos há alguns meses.

— Estou bem, obrigada — respondo.

— Senta-te — diz ela, a reforçar o pedido com duas fileiras perfeitas de dentes. Obrigo-me a sorrir de volta e obedeço. É o que os produtores têm de fazer todas as manhãs: entrar neste pequeno gabinete e sentar-se no pufe, enquanto a Madeline os interroga sobre cada história do programa do dia. Inclino-me e tento equilibrar-me. É demasiado baixo e não é nada confortável. Como sempre, trata-se de controlo, e é evidente que eu não tenho nenhum.

— Sabias da reunião que o Matthew teve com as convidadas, ontem? — pergunta.

— Sim — respondo, sem desviar o olhar. Ela acena com a cabeça, depois examina-me de alto a baixo, como se estivesse a avaliar a minha escolha de

roupa. É mais um vestido novo, mas é claro que não a impressionou.

— Quero pedir-te um favor — diz ela, por fim. — Se ouvires qualquer coisa que aches que eu deva saber, quero que me contes.

Começo a pensar que ela se esqueceu de que está a tentar fazer com que me despeçam, ou talvez pense que eu não sei.

— Claro — respondo. Não lhe diria nada, nem que ela tivesse uma cobra venenosa enrolada ao pescoço.

— Temos de nos apoiar, Amber. Se se livrarem de mim, vão trazer uma equipa completamente nova, como fazem sempre. E também te vão substituir, não penses que não. Lembra-te disso e da próxima vez que ouvires qualquer coisa vens contar-me, não vens?

Com isso, coloca os óculos novamente no nariz e começa a digitar no teclado, sinalizando que a reunião terminou.

Esforço-me para conseguir levantar-me do pufe, saio do gabinete e fecho a porta atrás de mim.

— Estás bem? — sussurra a Jo, que acabou de chegar.

Sento-me de novo à secretária.

— Sim, estou bem — digo, a saber que a Madeline vai estar a observar-nos através da janela, na porta.

— Não pareces bem — diz a Jo.

— Não sei onde está o Paul. Não voltou para casa, ontem à noite. — Mal acabei de dizer estas palavras e já estou arrependida.

— É outra vez por causa da Claire? — pergunta ela. Estas palavras atingem-me como um murro no estômago e o meu medo transforma-se em raiva, mas há uma preocupação genuína nas feições da Jo. Ela não tem culpa de saber tanta coisa sobre o meu passado, fui eu mesma quem lhe contou.

Desconheço a resposta, por isso digo aquilo que desejo ser verdade:

— Não me parece.

— Talvez devêssemos ir tomar um café?

— Não, obrigada, estou bem. — Desvio o olhar, ligo o computador e fixo-me no ecrã.

— Como queiras — diz ela, afastando-se, sem acrescentar mais nada.

Quando ela desaparece, abro o *email*. A caixa de entrada está atolada de

obrigações e convites. É quase tudo lixo, descontos para coisas que não quero nem preciso, mas há uma mensagem que me chama a atenção. O rato para num nome familiar e fixo o olhar na única palavra do assunto, como se fosse difícil traduzi-la:

Olá.

Começo a arrancar pele dos lábios com as unhas. Devia apagar o *email*, sei que é isso que deveria fazer. Olho à minha volta, sem dar muito nas vistas. Continuo sozinha. Arranco outro pedaço de pele do lábio superior e deixo-o cair na secretária. Está manchado de púrpura, por causa do vinho de ontem à noite. Lembro-me de ter tirado o cartão de visita da mala quando não conseguia dormir, de passar o polegar pelo relevo das letras. Lembro-me de ter escrito o nome dele num *email* no telemóvel, de hesitar quanto ao assunto, de compor uma mensagem descontraída, preocupada por poder parecer estranho enviá-la tão tarde, e lembro-me também de, ainda assim, a ter enviado. O meu rosto arde com vergonha por não conseguir lembrar-me exatamente do que lhe disse.

Abro o *email* e leio-o. Depois leio-o de novo, desta vez mais devagar, interpretando cuidadosamente cada palavra.

Pelos velhos tempos.

Experimento as palavras enquanto leio, a tentar perceber se se ajustam a mim. Ainda consigo visualizar o autor, se fechar os olhos.

Memórias felizes.

Não foram todas felizes.

Marcamos encontro para um copo?

Arranco mais um pedaço de pele do lábio e examino a pequena tira de mim, enquanto seca e endurece na ponta dos meus dedos. Coloco-a na pilha minúscula ao lado das outras.

Encontro. Encontrar. Descoberta.

O Paul está desaparecido. O meu casamento está por um fio. O que estou a fazer? O meu pensamento morre antes de nascer.

— Olá, Terra chama Amber? — diz a Jo, acenando com as mãos à frente do meu rosto. Fecho a janela do *email*, limpo a pilha de pele da secretária e sinto-me corar.

— Tens estado a jogar Space Invaders? — digo de repente.

— O quê? Não. Porquê? — Ela sorri.

— Porque estás a invadir o meu espaço.

O sorriso dela desaparece.

— Desculpa. Uma vez, ouvi alguém dizer isso e achei piada. Não quis ser rude, estava noutra.

— Eu percebi. Não te preocupes, de certeza que ele está bem.

— Quem? — pergunto, a pensar se terá visto o *email* do Edward.

— O Paul? O teu marido? — diz ela, a franzir a testa.

— Pois. Sim, desculpa. Estou um pouco desatenta, hoje.

A voz da Madeline ecoa no escritório, o que faz com que nos calemos enquanto ela chama pela assistente pessoal. Surge na ombreira da porta, imponente, e entrega-lhe o cartão de crédito e uma lista de instruções. Quer que ela vá buscar a roupa à lavandaria, dá-lhe o *pin* e tudo o que precisa de saber. A forma como fala com as pessoas deixa-me furiosa.

Penso no *email* do Edward, enquanto falamos das tarefas da manhã. Penso nele no estúdio, durante as entrevistas e telefonemas. Mal ouço o que os outros dizem toda a manhã. Devia sentir-me culpada, mas não sinto. O Paul não me toca há meses e eu não fiz nada de errado. Somos apenas amigos, nada mais. Não passa de uma memória de outro tempo e de outro lugar. As memórias não magoam ninguém — a não ser quando são partilhadas.

ANTES

Sábado, 7 de dezembro de 1991

Querido Diário,

Ontem, a Taylor veio cá a casa. Eu já receava esse momento. O pai teve de ficar a trabalhar até tarde outra vez, por isso só tive de me preocupar com a possibilidade de a mãe me envergonhar. Foi ela que nos foi buscar à escola no nosso Ford Escort azul, que mais parece uma lata de sardinhas com rodas. A família da Taylor tem um Volvo e um Renault 5. A mãe fez questão de nos obrigar a usar o cinto de segurança — uma medida com a qual não costuma importar-se — e ainda nos deu um pacote de Ribena a cada uma para bebermos no caminho. Também nunca faz isso. São apenas cinco minutos até casa, de certeza que não morremos de sede. Pensei que o carro não fosse pegar, mas, à terceira tentativa, o motor lá tossiu o suficiente para conseguir arrancar, e a mãe fez uma piada sobre isso, como sempre faz. Que vergonha.

Não falámos muito no carro. A mãe continuava a olhar para mim pelo retrovisor, enquanto fazia perguntas parvas a mim e à Taylor, do género «Como foi o vosso dia?», com aquela voz e entoação ridículas. Respondi-lhe o mesmo de sempre, «normal», mas a Taylor entrou em muito mais detalhes e falou-lhe dos retratos que estamos a pintar na aula de Artes. Isso irritou-me, porque estou a pintar um quadro da avó e queria que fosse uma surpresa.

Quando chegámos a casa, fiquei atenta à reação da Taylor. A

primeira coisa que se nota na casa da avó é a pintura. A avó adorava o azul. A porta da frente é azul, há janelas azuis e uma garagem azul, e está tudo a pelar, como o meu nariz quando apanha demasiado sol. Às vezes ajudo a tinta a sair com as unhas, gosto de sentir aquela textura sob os dedos. Há cortinas de renda em todas as janelas, que já foram brancas, e uma entrada de cimento na qual está sempre uma poça de óleo. A expressão da Taylor não mudou, nem mesmo quando teve de sair do carro pelo meu lado, porque a porta dela estava avariada e costuma encravar.

Quando entrámos, a mãe disse-me para mostrar o meu quarto à Taylor e eu obedeci. Não demorou tempo quase nenhum, uma vez que não há muita coisa para ver. Expliquei-lhe que o quarto era da avó e que ela morreu ali. Pensei que isso a fosse assustar, mas não. Continuou com a mesma expressão. Não o redecoramos, por isso o quarto ainda tem o papel de parede listado, azul e branco com flores, e o chão está coberto por uma alcatifa azul, desgastada pelos anos de uso. As duas camas de solteiro combinam com o roupeiro e o tocador, tudo em madeira escura que cheira a produtos de limpeza Mr. Sheen. É como viver num museu, mas posso tocar nas coisas. A Taylor disse que gostava do quarto, mas acho que o fez apenas por educação. Ela é assim. Disse-me que a alcatifa do quarto dela era cor-de-rosa e ambas concordámos que talvez fosse ainda pior do que azul.

A Taylor foi até às minhas estantes e senti-me desconfortável. Disse que talvez devêssemos descer para ver que iguarias de micro-ondas é que a minha mãe estava a planear usar para nos envenenar, mas ela ficou ali parada, como se não me tivesse ouvido. Não gosto que toquem nas minhas coisas, mas tentei manter a calma. Afinal, a Taylor lê muito, tal como eu. Já leu alguns dos livros que eu li e falou de outros que nunca ouvi falar, mas que me pareceram interessantes. Quando a mãe nos chamou para jantar, fiquei até irritada, mas continuámos a falar de livros, enquanto descíamos as escadas, e

durante o jantar de douradinhos com batatas fritas. Ainda falávamos de livros quando a mãe nos trouxe uma taça de gelado. Tinha aquele molho de chocolate mágico que sai do frasco ainda líquido e fica duro ao secar, como sangue.

Depois do jantar, a mãe disse que podíamos ver televisão na sala, mas preferimos subir para o meu quarto e conversar. Quando a mãe apareceu no quarto a dizer que estava na hora de a Taylor se ir embora, senti-me triste e pedi para ela ficar mais um pouco. A mãe arqueou as sobrancelhas invisíveis da forma parva do costume. Ela não tem sobrancelhas como eu, porque as arrancou todas quando era nova e agora tem de desenhá-las com um lápis, o que a faz parecer um palhaço. Perguntou à Taylor se queria dormir cá, e ela disse que sim antes que eu tivesse tempo de responder. Por isso, a mãe telefonou à mãe dela, que respondeu que sim, porque era sexta-feira.

Temos apenas três quartos em casa e nenhum deles está livre. A mãe e o pai costumavam partilhar um quarto na casa antiga, mas agora têm quartos separados. A mãe diz que é porque o pai ressona, mas eu sei que é porque já não gostam um do outro. Não sou burra. A Taylor dormiu no meu quarto, na cama antiga do avô — acho que ele não se importaria.

Quando já estávamos na cama, a mãe entrou e disse que tínhamos de apagar a luz dos candeeiros dali a dez minutos. Depois, colocou dois copos de plástico com água nas mesinhas de cabeceira. É mais uma coisa que ela nunca faz, mas de repente, parecia muito preocupada com a nossa sede.

Ficou parada à porta, sorriu e disse uma coisa muito estranha:

«Olhem só para vocês, duas ervilhas da mesma vagem.»

Depois apagou a luz principal e começou a fechar a porta, mas eu entrei em pânico e pedi para não o fazer. Ela deixou-a entreaberta com o calço da avó, um pequeno pássaro de tecido. Quando a mãe voltou a descer, pedi desculpa à Taylor pelo seu comportamento estranho e disse-lhe que não sabia o que ela quis dizer com a

conversa das ervilhas. A Taylor riu-se e disse-me que já tinha ouvido aquela expressão antes. Explicou que significava apenas que éramos parecidas. Nunca vi ervilhas a não ser em sacos de plástico no congelador.

Apagámos os candeeiros passados dez minutos, como a mãe tinha pedido, mas continuámos a conversar por muito mais tempo. A Taylor estava a falar de olhos fechados e acabou por adormecer. Não acho que tenha sido por eu ser aborrecida. Mesmo com tudo apagado, havia luz suficiente da lua a espreitar pelas frinchas das cortinas e dava para eu ver o seu rosto enquanto ela dormia. Ao início, não percebi o que a mãe queria dizer. Sou mais baixa do que a Taylor e ela é muito magra, mas suponho que somos um pouco parecidas. Temos as duas cabelo castanho e comprido.

Há três coisas que descobri gostar na Taylor:

1. Na verdade, é bastante engraçada.
2. Gosta de livros tanto quanto eu.
3. Faz anos exatamente no mesmo dia que eu.

Nascemos no mesmo hospital, no mesmo dia, com apenas algumas horas de diferença. Se tivesse nascido na família da Taylor, a minha vida seria muito melhor. Para começar, iriam buscar-me à escola num Volvo, além disso os avós dela ainda estão vivos. Mas a minha avó não seria a minha avó, e isso seria triste. Fiquei a olhar para a Taylor a dormir durante quase uma hora. Foi como ver outra versão de mim. Fiz uma amiga. Tentei evitá-lo, mas talvez não seja assim tão mau, porque somos como duas ervilhas da mesma vagem.

AGORA

Quinta-feira, 29 de dezembro de 2016

Alguém esteve no meu quarto. Ouviu as mensagens no meu telemóvel, apagou-as e disse que sou eu a culpada de estar aqui, no hospital. Não foi um sonho. Agora, não consigo dormir, tenho demasiado medo. Medo do que sei, medo do que não sei. Não tenho a certeza de quanto tempo passou desde que ele esteve aqui, mas não voltou. O tempo estendeu-se de uma forma que já não consigo compreender. Gostava que alguém preenchesse as lacunas, existem tantas. É como se estivesse presa no corpo de alguém que viveu uma vida que não me lembro de ter vivido.

— Aqui está um caso interessante para terminar a nossa ronda da manhã. Quem é que pode falar sobre ele? — ouço-os juntarem-se ao fundo da cama. O coro de médicos soa todo igual. Quero dizer-lhes que saiam.

Curem-me ou desapareçam.

Sou forçada a ouvir o que dizem sobre mim como se não estivesse ali. Revezam-se a partilhar o pouco que sabem sobre o que se passa de errado comigo e sobre quando é que vou acordar. Tenho de dizer a mim mesma que é *quando*, porque nem sequer estou disposta a considerar a ideia de ser *se*. Quando deixam de ter respostas erradas, saem do quarto.

Devo ter adormecido, porque os meus pais estão de novo aqui. Sentam-se um de cada lado da cama, quase sem fazer barulho, como se não houvesse ali ninguém. Gostava que dissessem qualquer coisa, o que quer que fosse, mas parecem querer estar o mais silenciosos possível, como se não quisessem acordar-me. A minha mãe senta-se tão perto da cama que consigo sentir o cheiro da sua loção corporal, o que espoleta uma memória de nós num retiro de *spa* no Lake

District.

A Claire tinha marcado aquilo para ser um mimo para nós as três, mas, quando chegou a altura de irmos para lá, já estava bastante grávida dos gémeos. O corpo dela tinha mudado tanto em relação ao meu, ela estava enorme, exausta, e passou a maior parte do fim de semana no quarto e eu e a mãe tivemos de nos desenrascar sem ela. No último dia da viagem, quando parou finalmente de chover e o sol, que nunca vimos, já se tinha posto, eu e a mãe descemos até ao restaurante para jantar.

Ficámos sentadas numa mesa pequena com vista para o grande Lake Windermere. Lembro-me de olhar para fora e ver as primeiras estrelas a aparecer no céu noturno, por cima da água com ondas, e pensar em como estava tudo tão bonito. Disse à mãe para espreitar, que a luz estava perfeita. Ela virou-se para olhar por um instante, por cima do ombro, e depois voltou a concentrar-se na lista de vinhos, sem dizer uma única palavra. A Claire tinha-se tornado a cola que nos foi mantendo juntas ao longo dos anos e sem ela não tivemos opção que não fosse a de descambar. A mãe disse que não queria saber do que iríamos beber, desde que fosse qualquer coisa alcoólica, e passou-me o menu. Pedi a primeira garrafa de vinho tinto que vi na lista. Também eu estava a precisar de um copo.

Íamos a meio da garrafa quando chegaram as entradas. A mãe estava a beber depressa e eu fui acompanhando o seu ritmo, uma vez que não parecia haver muito mais para fazer. A nossa conversa tinha-se esgotado logo na noite em que chegámos, pelo que o poço de palavras estava seco. Mas o vinho mudou isso.

— Como te sentes em relação à Claire? E aos bebés. Estás bem? — As palavras da mãe saíram aos tropeções e soaram desajeitadas. Talvez estivesse a tentar mostrar que se importava, mas teve o efeito de um murro no estômago. Ela queria netos. Nunca foi segredo para ninguém. E eu era uma desilusão. Mais uma vez.

Quando eu e o Paul começámos a namorar, a Claire e o David já estavam a fazer tratamentos de fertilização *in vitro* (FIV). É impressionante o que essas três letras podem fazer a um casamento. O que podem fazer a uma pessoa é ainda pior. Mudou a Claire, não conseguir algo que tanto desejava.

O Paul também queria desesperadamente ter filhos, toda a gente sabia disso,

mas eu não queria parar a pílula até que a Claire tivesse a família dela. Não lhe podia fazer isso. A minha irmã é mais nova do que eu, mas esteve sempre um passo à frente: foi a primeira a ter namorado, a primeira a casar, a primeira a engravidar, sempre a vencer numa corrida não declarada. Sempre fomos assim.

A terceira tentativa de FIV funcionou. A Claire ficou grávida e eu deixei de tomar a pílula por pensar que já seria seguro tentarmos sem magoar ninguém. Nunca me ocorreu que também tivéssemos problemas em conceber. Fizemos exames, muitos exames, mas não encontraram nada de errado em nenhum de nós. Um dos médicos sugeriu que talvez fosse um problema genético, mas eu sei que não é isso. Há qualquer coisa errada dentro de mim, tenho a certeza — o meu castigo por algo que aconteceu há muito tempo.

Continuámos a tentar, mês após mês. O sexo tornou-se uma tarefa programada. O Paul queria o bebé pelo qual tinha esperado, o filho que eu lhe prometera, mas era evidente que não me queria a mim. Já não fazíamos amor. Já não fazíamos nada. Perdi o interesse nisso e o Paul perdeu o interesse em mim. Manteve-se fiel ao guião e disse que, enquanto nos tivéssemos um ao outro, não precisávamos de mais nada. Mas já não nos tínhamos um ao outro, era esse o problema. Ele achava que eu devia ter deixado a pílula mais cedo, que esperámos demasiado tempo. Nunca o disse, mas sei que acha que tenho culpa. Mais do que qualquer homem que conheci, ele queria muito ter uma família, e eu assisti ao seu luto a transformar-se em qualquer coisa sombria e moldada pelo ressentimento.

A minha mãe nunca soube nada disto. Achava que eu estava a adiar ter uma família por estar demasiado focada na minha carreira. Lembro-me de ela me fixar naquela noite, à espera de uma resposta que eu não sabia dar, enquanto preenchia as lacunas na sua cabeça.

— Estou bem, estou feliz por ela — disse-lhe, finalmente. Para umas palavras escolhidos com tanto cuidado, soaram completamente estranhas. Vazias e falsas. Talvez porque ela me apanhou desprevenida. Quando se trata de conversas difíceis, gosto de estar preparada. Gosto de as ensaiar na minha cabeça, considerar todas as frases possíveis e praticar as respostas, até estarem polidas e sabidas de cor. Ensaiar não me torna perfeita, mas faz com que seja mais provável as pessoas acreditarem em mim.

Durante algum tempo, falámos sobre a Claire. A mãe começou a elogiar como ela estava a lidar tão bem com tudo e a dizer que ela seria uma mãe maravilhosa. Cada elogio à Claire era também um insulto para mim, mas eu não discordei. Sabia que a Claire nasceu para ser mãe, sempre foi incrivelmente protetora de quem ama. A cada gole de vinho, a conversa da minha mãe tornava-se um pouco mais perigosa. Há sempre aquele momento, antes de um acidente, em que sabemos que nos vamos magoar, mas já não há volta a dar. Podemos levantar os braços à frente da cara, fechar os olhos, gritar, mas sabemos que nada disso vai mudar o que está para acontecer. Eu sabia o que estava prestes a acontecer naquela noite, mas em nenhum momento tentei travar. Pelo contrário, carreguei ainda mais no acelerador.

— Alguma vez te questionaste por que não tenho filhos? — perguntei-lhe. As palavras já estavam ditas. Tinham nascido para o mundo porque a minha irmã não estava lá para as ouvir.

— Nem toda a gente nasceu para ser mãe — respondeu ela, demasiado depressa.

Bebeu mais um pouco de vinho e eu respirei fundo, mas ela voltou a falar antes de eu conseguir colocar as palavras na ordem certa.

— A questão é que, para ser uma boa mãe, é preciso pôr os teus filhos em primeiro lugar. Sempre foste muito egoísta, Amber, mesmo quando eras criança. Não sei se a maternidade te teria assentado, por isso talvez seja verdade o que dizem.

Senti-me ferida, como se o ar tivesse sido arrancado do meu peito para abrir espaço aos pensamentos que se atropelavam dentro de mim. Mas, em vez de recuar e proteger-me de mais feridas, dei-lhe uma oportunidade de me magoar de novo.

— O que é que dizem?

— Que tudo acontece por uma razão. — Esvaziou o copo e serviu-se de mais vinho. Lembro-me de ouvir o meu coração a bater tão alto no meu peito que pensei que todo o restaurante também o ouvia. Olhei para o lago e foquei-me com todas as minhas forças em tentar não chorar, enquanto as palavras dela ecoavam sem parar na minha cabeça. O silêncio que se seguiu tornou-se insuportável e a minha mãe decidiu preenchê-lo com mais palavras que talvez

nunca devesse ter dito.

— A verdade é que acho que somos mais parecidas do que imaginas, eu e tu. Nunca quis ter filhos, tal como tu.

Estava enganada. A partir daquele momento, eu quis ter um filho quase tanto quanto o Paul, só para provar que ela estava errada.

— Não querias que eu nascesse? — perguntei-lhe, convencida de que ela iria explicar-se e referir que não era isso que queria dizer.

— Não. Nunca tive instinto maternal. A verdade é que foste um acidente. O teu pai e eu deixámo-nos levar uma noite e depois fiquei grávida, só isso. Não queria estar grávida e, muito menos, queria ter um bebé.

— Mas amaste-me quando nasci? — perguntei.

Ela riu-se.

— Não, detestava-te! Parecia que a vida tinha acabado e que tinhas estragado tudo, só porque tínhamos bebido demasiado e não fomos cuidadosos! A minha mãe tomou conta de ti nas primeiras semanas, eu nem sequer queria olhar para ti e toda a gente tinha medo de que... bom, claro que nunca iria magoar-te, tenho a certeza disso. — Ela tinha-me magoado tantas vezes, sem fazer a menor ideia. — Mas as coisas tornaram-se mais fáceis à medida que foste crescendo. Cresceste tão depressa, sempre mais madura do que a tua idade, mesmo naquela altura. Começaste a andar e a falar antes das outras crianças da tua idade e, bem, a tua presença tornou-se normal, como se sempre tivesse sido assim.

— E a Claire?

— Ah, com a Claire foi diferente, claro!

Claro!

Ouçó a voz da Claire, neste preciso momento, e regresso ao presente, à cama de hospital, sem ir para lado nenhum. Capto a ironia. Estou de novo sentada com a minha mãe à espera que a Claire trate da nossa relação, nos ensine a estar uma com a outra e nos impeça de descambar.

— Aqui estás tu — diz a Claire. Imagino-as a abraçarem-se, o rosto da minha mãe a iluminar-se ao ver a sua filha preferida, que entra para o interior do quarto com o cabelo loiro comprido e roupas bonitas, sem dúvida. A Claire senta-se e pega numa das minhas mãos.

— Olha para estas mãos, iguais às da mãe, mas sem as rugas. — Imagino-as a

sorrir calorosamente uma para a outra, por cima da cama. É verdade que sou parecida com a mãe. Tenho os mesmos pés e mãos, o mesmo cabelo, os mesmos olhos.

— Caso consigas ouvir-me, preciso de te dizer uma coisa — diz a Claire. — Esperava não ter de o fazer, mas devias saber que ele estaria aqui, se pudesse. — Sinto que estou a prender a respiração, mas a máquina continua a bombear oxigénio para os meus pulmões. — O Paul achava que a polícia não ia deixá-lo em paz e tinha razão. Estão a dizer que as impressões digitais dele foram as únicas no carro, além das tuas, e parecem muito certos de que não estavas a conduzir. Depois há os hematomas, as marcas no teu pescoço. O teu vizinho disse que vos ouviu a gritar na rua um com o outro. Eu sei que o Paul não te fez isto, mas agora é mais importante que acordes. — Ela aperta-me a mão com tanta força que me magoa. Sinto o manto de escuridão a subir pelo meu pescoço, pelo meu queixo, pelo meu rosto. Vou adormecer, não consigo resistir mais, mas tenho de aguentar. As últimas palavras dela soam distantes e distorcidas, mas ainda consigo ouvi-las:

— O Paul foi preso.

ANTES

Quarta-feira, 21 de dezembro de 2016 — De tarde

Caminho pela nossa rua, encantada com as pequenas nuvens de vapor quente que saem da minha boca, e percebo que estou a sorrir sozinha. Há muito pouco para sorrir neste momento, por isso apresso-me a mudar de expressão. O céu está a apagar-se lentamente por cima de mim, enquanto os candeeiros de rua piscam até ganharem vida, indicando-me o caminho para casa. Fecho o portão atrás de mim e, com os dedos gelados da outra mão, procuro a chave dentro da mala, de forma automática. Quando os meus dedos se tornam suficientemente quentes para sentir o que procuram, abro a porta. Ouço qualquer coisa. Sem fechar a porta, tropeço pelo pequeno corredor até à sala e vejo o Paul deitado no sofá, a olhar para a televisão. O marido desaparecido voltou. Ele olha para mim alguns instantes, antes de voltar a fixar o olhar no ecrã.

— Chegaste cedo — diz ele. E é só. Não o vejo nem tenho notícias dele há mais de vinte e quatro horas, e ele só tem isto para me dizer. Cruzo os braços sem querer, com aquele ar de mulher furiosa, na qual me tornei.

— Onde é que estiveste? — pergunto. A minha voz treme ligeiramente e nem sequer sei se quero mesmo saber a resposta. Estou furiosa, mas ao mesmo tempo aliviada por ver que ele está bem.

— Na casa da minha mãe. Não que te importes.

— O que é que estás a dizer? Estava a perder a cabeça, de tão preocupada. Podias ter ligado.

— Esqueci-me do telemóvel e a rede em casa da minha mãe é uma porcaria. Saberias isso se te desses ao trabalho de ir lá comigo quando a visito. Deixei-te um bilhete e liguei para o telefone fixo. Pensei que, tendo em conta as

circunstâncias, podias fazer um esforço e juntar-te a mim desta vez.

— Não me ligaste. Nem havia nenhum bilhete — insisto.

— Deixei-te um bilhete na cozinha — diz o Paul, com os olhos fixos nos meus. Vou até à cozinha, e a verdade é que está lá um bilhete, no balcão. Agarro o papel e leio-o de perto:

A minha mãe caiu. Vou certificar-me de que está bem. Talvez precise de a levar às urgências. Bj. P

Tento lembrar-me da noite anterior. Estava a preparar o jantar e tive de reorganizar a despensa. Passei muito tempo na cozinha e não me lembro de ter visto este bilhete. O Paul está agora à entrada da cozinha.

— Isto não estava aqui. Puseste-o agora — digo.

— Mas que raio estás a dizer?

— A luz do anexo estava acesa. Pensei que estivesse a escrever. Fiz o jantar para nós.

— Pois, já vi — diz ele. Sigo o seu olhar pela cozinha: está tudo exatamente como deixei na noite anterior. Panelas e tachos ainda cheios de comida em cima do fogão. A garrafa vazia de vinho branco. Está um caos, não acredito que deixei o espaço neste estado.

— Nem sequer perguntaste como é que ela está — diz o Paul, ainda na entrada da cozinha, enquanto continuo a observar toda a confusão. Há uma pilha de cascas de batata a escurecer em cima de uma tábua de madeira, mais batata do que casca, porque usei uma faca para as descascar. Detesto ver a cozinha assim, por isso começo a arrumar, enquanto ele continua a falar comigo.

— Por favor, podemos não discutir. Tive um dia horrível — diz ele.

Eu também não quero discutir. Ele continua a falar enquanto eu limpo, mas não acredito em nenhuma das suas palavras. Não suporto sujidade ou mentiras, só quero que tudo isto acabe. Não sei quando é que as coisas começaram a correr tão mal, só sei que correram.

— Ela partiu a anca, Amber. Ligou-me quando estava caída no chão da cozinha. Tive de largar tudo e ir. — Abro o forno e encontro as costeletas de borrego que estava a cozinhar, secas e reduzidas a osso. — Terias feito o mesmo se fosse a tua mãe.

Não teria feito o mesmo, até porque a minha mãe nunca me teria ligado numa situação dessas. Ligaria à Claire.

— Então porque é que o teu carro estava na casa da Claire? — pergunto, enquanto atiro os ossos para o lixo e me viro para ele.

— O quê? Porque a inspeção do carro já expirou. Não consigo fazer o seguro enquanto não tratar disso, e o Dave ofereceu-se para dar uma vista de olhos — explica ele, sem qualquer hesitação.

David, não Dave. Ela não gosta disso.

Ele tem resposta para tudo e as peças do *puzzle* parecem encaixar. Começo a sentir que sou uma tonta e a minha própria estupidez desarma-me.

— Desculpa — murmuro, sem saber se devo.

— Desculpa também.

— A tua mãe vai ficar bem?

Deixamos a cozinha suja para trás e sentamo-nos a conversar durante algum tempo. Faço o papel da mulher atenciosa que ele precisa que eu seja, e ele conta-me como tem sido um filho maravilhoso, o que só parece reforçar as suas falhas como marido. Não há tempo para ensaiar as minhas respostas, por isso sou obrigada a improvisar. Não é uma atuação digna de ser premiada, mas chega para satisfazer o público composto por uma só pessoa. Nunca gostei da mãe do Paul. Mora sozinha num *bungalow* antigo e gelado perto da costa de Norfolk. Detesto aquele lugar e só o visitei algumas vezes. Tenho sempre a impressão de que ela me vê tal como sou e acho que ela não gosta do que vê.

O Paul fala sobre a noite no hospital e eu ouço-o, à procura de incoerências na história, mas não encontro nenhuma. Fixo a boca dele, enquanto articula as palavras, e luto para que o som delas se sobreponha ao murmúrio incessante dos meus pensamentos.

Quero acreditar nele, quero mesmo. O meu telemóvel está em cima da mesa de apoio e vejo agora que há uma chamada não atendida... talvez o Paul tenha mesmo ligado para me dizer onde estava e eu não reparei.

— Queres vinho? — pergunto. O Paul acena com a cabeça. Pego no telemóvel enquanto vou para a cozinha e ouço a mensagem, mas não é a voz do meu marido que ouço.

ANTES

Sábado, 14 de dezembro de 1991

Querido Diário,

Ontem à noite fiquei em casa da Taylor e não queria sair de lá. Ela vive na casa mais bonita que já vi e tem os pais mais simpáticos do mundo. Nasceu naquela casa, nunca se mudaram, ao contrário de nós. Há até marcas na porta da despensa a mostrar a altura da Taylor em cada ano, desde que nasceu. Uma despensa é um armário muito grande só para comida. Eles precisam de uma porque têm grandes quantidades de comida e nada está congelado. Quando for adulta, também quero ter uma casa com uma despensa.

A Taylor disse-me que os pais dela são tão estranhos como os meus, mas isso não é verdade. A mãe dela foi muito simpática comigo e o pai não teve de trabalhar até tarde. Quando chegou a casa, jantámos todos juntos à mesa e o jantar estava delicioso. Comemos uma lasanha que a mãe da Taylor cozinhou no forno, não no micro-ondas, feita de raiz. Os pais dela não discutiram uma única vez e o pai até tinha muita graça, sempre a dizer piadas parvas. A Taylor revirava os olhos, talvez já as tivesse ouvido todas, mas eu ri-me delas.

Depois do jantar, disseram que podíamos ir para o quarto da Taylor ou então ver um filme com eles. Têm a maior televisão que já vi. Acho que a Taylor queria que fôssemos para o quarto, mas eu disse que gostava de ver o filme. A mãe dela fez pipocas e o pai desligou todas as luzes, deixando apenas as da árvore de Natal e o brilho da

televisão. Foi como estar no cinema. Os pais dela sentaram-se no sofá e eu e a Taylor partilhámos um pufe enorme no chão, como se fôssemos uma família de verdade. Não prestei grande atenção ao filme porque fiquei a olhar à volta da sala. Estava tudo tão perfeito, gostava de viver ali.

Quando o filme acabou, a Taylor já estava a dormir, por isso, pensei que talvez não fosse má ideia fingir que também estava a dormir. A sua mãe pegou nela ao colo, e fiquei um pouco assustada quando o pai dela pegou em mim, mas levaram-nos para cima como se ainda fôssemos bebés e deitaram-nos na cama. A Taylor só tem uma cama no quarto, por isso tivemos de a partilhar. Os lençóis cheiravam muito bem, a prado. A Taylor estava mesmo a dormir, mas eu não conseguia. Estava a ser a minha melhor noite de sempre, e eu não queria que acabasse. Olhei para o teto do quarto dela e vi centenas de estrelas. Sei que eram só autocolantes a brilhar no escuro, mas eram igualmente incríveis. Estiquei a mão e, se a posicionasse no ângulo certo e semicerrasse os olhos, parecia que podia tocá-las.

Mesmo depois de ouvir os pais da Taylor irem para a cama, continuei sem conseguir dormir; os pensamentos na minha cabeça estavam demasiado agitados. Levantei-me para ir à casa de banho e, quando lá cheguei, reparei nas três escovas de dentes no copo. Tinha perguntado à Taylor a quem é que cada uma delas pertencia e ela explicou-me que a dela era vermelha, a do pai a azul e a da mãe a amarela. Disse que usam sempre as mesmas cores. Depois, acrescentou que talvez eu pudesse ter uma escova verde e fazer parte do grupo deles. Mas eu não queria uma escova verde. Queria ter uma vermelha.

Voltei para o quarto, onde a Taylor ainda dormia. Nessa altura, fiz algo errado. Não era minha intenção, simplesmente aconteceu. Fui até ao tocador e peguei na caixa de joias dela. A Taylor tinha-me pedido para não lhe mexer, mas isso fez-me querer tocar-lhe ainda mais. Abri-a devagar e vi a pequena bailarina a rodopiar lá dentro.

Deveria haver música para ela dançar, mas alguém tinha partido o mecanismo. Fiquei a observar a pequena boneca a girar sem parar, a dançar em silêncio com um sorriso minúsculo e o rosto pintado de cor de morango. Dentro da caixa, havia uma pulseira dourada. Peguei nela para a ver melhor e reparei que estava gravada com a data de nascimento da Taylor. Podia ser a minha, porque fazemos anos no mesmo dia. Do outro lado, lia-se «minha querida menina» em letras pequenas e juntas. Eu não tinha intenção de a levar. Queria apenas sentir como era tê-la na mão. Vou devolvê-la.

Depois disto, deitei-me e mexi o corpo até o meu rosto ficar mesmo junto ao da Taylor, com os nossos narizes quase a tocarem-se. Mesmo a dormir, parecia que ela estava a sorrir, talvez por ter tanta sorte. Aposto que até os sonhos dela são melhores do que os meus.

Há três coisas que a Taylor tem e eu não:

1. Pais fixes.
2. Uma casa bonita.
3. As suas próprias estrelas.

Estou feliz por eu e a Taylor sermos amigas. Vou devolver a pulseira, prometo que vou. E espero nunca mais mudar de casa, porque ia sentir muito a falta dela. Gostava de viver numa casa que cheirasse a pipocas e tivesse estrelas no teto.

AGORA

Quinta-feira, 29 de dezembro de 2016

A minha família não é como as outras. Acho que o sei desde criança. Sempre desejei que os meus pais me amassem como os outros pais amavam os seus filhos. Incondicionalmente. As coisas já não eram perfeitas antes de a mãe trazer a Claire do hospital, mas sempre eram melhores. Naquela altura, ninguém estava lá para mim, e agora também não está.

O Paul não voltou. Cada vez que a porta se abre, espero que seja ele, mas as únicas pessoas que me visitaram desde a ronda da manhã são pagas para isso. Falam comigo, mas não me dizem o que quero saber. Deve ser difícil dar respostas quando se desconhecem as perguntas. Se o Paul foi realmente preso, mais do que nunca eu tenho de acordar. Tenho de me lembrar do que aconteceu.

As rondas da noite são breves, já não sou o centro das atenções. Agora sou uma notícia antiga. Apareceu alguém num estado pior do que o meu. Até as pessoas boas se cansam de tentar consertar o que não tem remédio. Mais cedo, a Enfermeira Quarenta por Dia esteve a falar com outra pessoa sobre as férias que se aproximam. Ela vai a Roma com um homem que conheceu na Internet e parece mais feliz do que o costume, um pouco mais delicada. Pergunto-me qual será o seu verdadeiro nome: Carla, talvez? Tem voz de quem podia chamar-se Carla. Não é a minha preferida, mas vou sentir a sua falta enquanto ela estiver ausente; agora, faz parte da minha rotina e gosto pouco de mudanças.

Neste novo mundo, dependo de estranhos: lavam-me, mudam-me e alimentam-me através de um tubo no estômago. Recolhem a minha urina num saco e limpam-me o rabo sujo. Fazem todas estas coisas para cuidar de mim,

mas continuo sempre a ter frio, fome, sede e medo. Consigo sentir o cheiro do jantar no corredor da enfermaria, lá fora. A saliva acumula-se na minha boca, antecipando uma coisa que não virá. Escorre e desliza pelo tubo na minha garganta, enquanto a máquina que respira por mim expira, como se estivesse farta de tudo isto. Dava tudo para provar comida de novo, para sentir o seu sabor na língua, mastigá-la e engolir o calor, antes de ele descer até à minha barriga. Tento não pensar em todas as coisas que tenho saudades de comer, de beber, de fazer. Tento não pensar em nada.

Ouçó alguém entrar — um homem, parece-me, pelo ligeiro cheiro a suor. Quem quer que seja, não fala, e eu não consigo perceber o que está a fazer. Há dedos a tocarem-me no rosto, sem aviso, e, depois, alguém abre o meu olho direito, enquanto aponta uma luz forte para dentro dele. Vejo tudo branco até permitirem que a minha pálpebra volte a fechar-se. Quando começo a acalmar-me, fazem o mesmo com o meu olho esquerdo, deixando-me ainda mais desorientada do que da primeira vez. Quem quer que tenha sido, sai pouco depois e eu fico aliviada. Nunca imaginei que estar deitada numa cama pudesse ser tão desconfortável. Estou virada para o meu lado direito há mais de seis mil segundos. Depois disso, perdi a conta. Deviam virar-me de novo daqui a pouco. Não acontece nada de bom quando fico deitada deste lado; começo a pensar que pode dar azar.

Sinto qualquer coisa a pingar no meu rosto. É frio. Acontece outra vez. Pequenas gotas de água caem na minha pele. Parece chuva, mas isso não faz sentido. Por instinto, abro os olhos e vejo o céu noturno por cima de mim. É como se tivessem removido o teto e estivesse a chover dentro do meu quarto. Consigo abrir os olhos, mas não consigo mexer-me. Olho para baixo e vejo que a cama do hospital se transformou num barco que flutua numas ondas suaves. Digo a mim mesma para não ter medo; é apenas mais um sonho, tal como os outros. A chuva cai mais forte e os lençóis que cobrem os meus membros inertes começam a ficar húmidos e frios. O corpo do qual me sinto separada começa a tremer. Há qualquer coisa a mexer-se debaixo dos lençóis, e não sou eu. A menina de robe cor-de-rosa emerge debaixo das cobertas, no fundo da cama, e senta-se, imitando-me. O seu cabelo está a pingar e ela continua a não ter rosto. Não consegue falar, mas também não precisa de o fazer. O silêncio é a nossa

língua comum. Ela escolheu-o e eu vivo com a escolha dela. Aponta para o céu escuro e eu vejo as estrelas, centenas delas, tão próximas que podia estender a mão e tocá-las, se conseguisse mexer-me. Mas não são reais. São autocolantes luminosos que começam a descolar e a cair por cima da cama, com as pontas de plástico branco enroladas. No céu, há agora buracos em forma de estrela. A menina começa a cantar, e eu desejo que não o faça.

Um barquinho ligeiro andava, ligeirinho andava no mar.

Ela tira as mãos de debaixo dos lençóis, e noto um brilho dourado a cintilar no seu pulso.

Um barquinho ligeiro andava, ligeirinho andava no mar.

Agarra-se aos lados da cama, que se transformou num barco, e começa a balançar de um lado para o outro. Tento dizer-lhe para parar, mas não consigo falar.

A nuvem passou, o mar se agitou, o vento a soprar e os barcos a virar.

Fecho os olhos antes que ela nos faça tombar por completo. A água está fria e é escura. Não consigo nadar, porque não consigo mexer-me, e afundo-me, impotente, cada vez mais fundo na escuridão, como uma pedra de carne. Ainda consigo ouvir a sua voz distorcida por baixo das ondas:

Vem a onda, baloiça o barquinho e o barquinho faz tchape no mar.

Ouço um som alto e estridente, misturado com os ruídos da água, mas já não estou submersa. Ouço vozes que reconheço e vejo rostos que não conheço.

Tenho os olhos abertos.

Consigo ver os médicos e os enfermeiros a agitarem-se à minha volta.

Isto é real.

Depois, as vozes calam-se. Todas menos uma.

— É FV, precisamos de choque.

Não são as minhas iniciais.

— Afastem-se.

Os rostos desaparecem, e só vejo o teto branco.

Tudo é branco.

Fecho os olhos porque tenho medo do que possam ver. Então, ouço a voz do meu pai, ao fundo da cama.

— Aguenta, Amendoim — diz ele. É como ouvir um fantasma.

Abro de novo os olhos e ele sorri-me. Percebo que consigo mesmo vê-lo. Está tão velho, tão frágil, tão cansado. Tudo o resto é branco, estamos apenas eu e o meu pai, e sinto lágrimas a escorrer pelo meu rosto.

— Desculpa pelo que aconteceu — implora. Quero dizer-lhe que está tudo bem, mas ainda não consigo falar. Quero segurar a sua mão mais uma vez, mas continuo sem poder mexer-me.

— Se soubesse que aquela seria a última vez que iríamos falar, nunca te teria dito o que disse. Não era o que queria dizer. Amo-te, nós os dois sempre te amámos. Sempre. A vida não passa de um sonho.

Ele vira-se para sair e não olha para trás. Sou outra vez ela; a menina que tenta desesperadamente acompanhar o pai. Ele está mais lento do que antes, mas continua a deixar-me para trás.

ANTES

Quinta-feira, 22 de dezembro de 2016 — De manhã

— E, se acabou de se juntar a nós no *Coffee Morning*, seja bem-vindo — diz a Madeline. — Até agora, temos falado de forma aberta e honesta sobre adultério. Vamos falar, aqui no estúdio, sobre o motivo que leva algumas mulheres a sentir que nunca poderiam ignorar uma traição, enquanto outras escolhem perdoar e esquecer. Vamos também falar com mulheres que traem. Tenho agora comigo a Amber, que afirma que é impossível conhecer realmente uma pessoa, nem mesmo nós próprios. Amber, fala-nos mais sobre isso — diz a Madeline, antes de revirar os olhos e verificar o guião para ver o que se segue no programa. Depois, olha para mim: — Então? O que tens para dizer? — A voz dela muda a cada palavra, como se as suas pilhas estivessem a acabar. Depois, vomita em cima da mesa do estúdio. Levanta o olhar, limpa a boca e continua.

— Amber? — A voz do Paul sai agora da boca de Madeline.

— Amber? — Sento-me na cama. — Estavas a ter um pesadelo — diz o Paul. Pisco os olhos na escuridão. Estou transpirada e não me sinto bem.

— Já passou, já estás bem — diz ele.

Não estou. Afasto o edredão e corro para a casa de banho. Seguro-me à sanita com uma mão e mantenho o cabelo afastado do rosto com a outra. Por pouco tempo. Ouço o Paul sair da cama e fecho a porta da casa de banho.

— Estás bem? — pergunta ele, do outro lado da porta de pinho.

— Vou ficar. Está frio, volta para a cama, já vou ter contigo — minto. Pouco depois, ele recua, sem insistir.

Puxo o autoclismo, lavo o rosto e fico a ver-me ao espelho, a escovar os dentes. Uma mulher louca devolve-me o olhar, por isso desvio-o para o chão. Cuspo a

pasta de dentes, pequenos pedaços de vermelho misturados com branco, e limpo a boca. Os meus dedos indicadores e os polegares encontram-se e as minhas mãos sobem até ao rosto. Puxo cada uma das sobancelhas e deixo pequenos fios caírem no lavatório. Só paro quando consigo contar dez minúsculos pedaços de mim na cerâmica branca. Têm sempre de ser dez. Pouco tempo depois, abro a torneira da água fria e lavo-me até não poder mais.

Abro a porta sem fazer barulho e espreito para ver o Paul. Já voltou a adormecer e deixa escapar pequenos roncos com a boca entreaberta. Pego no robe que está pendurado na porta do quarto e deslizo pelo patamar até ao meu pequeno escritório. Está tudo impecavelmente arrumado, exatamente como deixei. Pego nas luvas brancas e na caneta de tinta permanente, e fico a olhar para a folha em branco. Estou demasiado cansada para pensar no que escrever, por isso, lembro-me da senhora MacDonald na escola e da sua regra das Três Coisas. As palavras aparecem e sorrio para mim mesma:

Cara Madeline,

Espero que tenhas gostado das minhas cartas até agora. Sei como gostas de receber cartas dos teus fãs.

Eu não sou tua fã.

Há três coisas que deves saber sobre mim:

- 1. Sei que não és a mulher que finges ser.*
- 2. Sei o que fizeste e o que não fizeste.*
- 3. Se não fizeres o que peço, vou contar a todos quem és realmente.*

Vou continuar a escrever-te até entenderes a mensagem. A tinta não é eterna, claro, por isso espero que não tenhamos de continuar este contacto por muito mais tempo. Se a tinta acabar, vou ter de encontrar outra forma de te fazer ouvir.

— O que estás a fazer? Porque é que não voltaste para a cama? E o que é essa cena das luvas de ilusionista?

O Paul espreita pela porta do escritório, só de *T-shirt* e *boxers*. Fui apanhada.

— Não conseguia dormir. Pensei em começar a escrever os postais de Natal,

mas tinha as mãos frias — respondo, a gaguejar.

Ele lança-me um olhar estranho.

— Certo. Bem, a minha mãe acabou de me mandar uma mensagem. Acha que os médicos estão a tentar matá-la. Vou ter de voltar lá.

Nem sabia que ela conseguia enviar mensagens.

— Agora?

— Sim, agora. Ela precisa de mim.

— Vou contigo — ofereço-me.

— Não, está tudo bem. Sei que estás muito preocupada com o trabalho, neste momento. Não vou demorar muito.

Ele afasta-se da porta antes que eu consiga responder. Ouço-o a ligar o chuveiro e a caldeira a ganhar vida. Não parece ter assim tanta pressa. Dobro a carta, enfio-a no envelope vermelho e guardo as luvas brancas na gaveta. Passo pela casa de banho, a porta está ligeiramente aberta e o vapor tenta escapar-se. Espreito através da nuvem húmida e vejo o meu marido, todo nu, no chuveiro. Já não o via assim há algum tempo, e sinto uma estranha mistura de rejeição e alívio. Aproximo-me rapidamente do quarto e pego no seu telemóvel, na mesa de cabeceira: 06h55. Não tinha percebido que já é tão tarde, ainda parece que estamos a meio da noite. Digito a palavra-passe do Paul. Lembro-me da primeira vez que tentei adivinhá-la, há alguns meses: pus a data do nosso casamento, a minha data de nascimento e, finalmente, a dele. Claro que tinha de ser sobre ele. Abro as mensagens. A última foi há mais de vinte e quatro horas, minha. Não há mensagens da mãe dele. Ouço o chuveiro desligar. Largo o telemóvel, volto para a cama e viro-me para a parede. Ouço-o a secar-se, a vestir-se, a pôr desodorizante, a apertar o cinto e a encher os bolsos das calças com moedas.

— Como é que vais lá? De comboio? — pergunto.

— Não, é mais rápido de carro.

— Pensei que o carro não tinha a inspeção feita?

— O Dave diz que já está pronto. Vou buscá-lo. Tenho a chave suplente.

— Ele também te mandou uma mensagem?

— Não, ligou ontem à noite. Porquê?

— Por nada.

Tem uma resposta para tudo.

Despede-se de mim com um beijo e diz que me ama. Respondo-lhe que também o amo. São palavras gastas, murchas e sem significado. Fico completamente imóvel enquanto ouço o som do meu marido a abandonar-me. Por pouco tempo. Quando a porta da frente se fecha, saio da cama e espreito pela cortina do quarto, vendo-o afastar-se.

Sigo as passadas do Paul, desço até à cozinha e acendo a luz. Tenho a garganta seca e encho um copo de água para levar para cima. Paro em frente ao forno e verifico doze vezes que está desligado, enquanto estalo os dedos da mão esquerda, vazia. Reparo na luz vermelha do atendedor de chamadas a piscar na consola do corredor. As únicas pessoas que usaram o telefone fixo nesta casa foram os meus pais, e até eles deixaram de ligar para este número. O meu dedo indicador paira sobre o botão de *PLAY*, numa hesitação, quase com medo de o tocar, como se pudesse queimar-me. Bebo um pouco de água, como se ela pudesse lavar o meu medo, e pressiono o botão. É uma mensagem do Paul e tem dois dias. Afinal, ele ligou mesmo para dizer que estava em casa da mãe. Não sei como é que deixei escapar a luz a piscar, passo por aqui tantas vezes. Apago a mensagem e fico a olhar para o botão que diz *PLAY ALL*. Não devia precisar de ouvir a voz dele outra vez, mas preciso. Fecho os olhos quando o som familiar da voz do meu pai preenche o meu coração e os meus ouvidos.

Olá, sou eu, o pai. Liga-me quando ouvires isto, Amendoim.

Há tanto tempo que não me chama assim. As lágrimas que tenho reprimido saem dos meus olhos livremente. Fazem trilhos pelo meu rosto e ficam presas no meu queixo o mais que conseguem, até caírem na minha camisa de noite, formando manchas húmidas de tristeza. Guardei esta mensagem durante tanto tempo. O Paul diz que isso é mórbido, não entende. Por curiosidade instintiva, pego no telefone e carrego no botão do último número que foi marcado. Depois de vários sinais sonoros, ouço um clique e uma mensagem pré-gravada ecoa no meu ouvido. Bato com o auscultador no suporte, tratando-o como se tivesse culpa. Nunca liguei para a Claire deste telefone.

ANTES

Quinta-feira, 22 de dezembro de 2016 — De manhã

Estou alguns minutos atrasada para o trabalho. A Madeline já chegou, mas isso hoje não importa. Ainda sinto que estou desorientada ou a sonhar dentro de outro sonho. Antes de o Paul sair, verifiquei o fundo do seu roupeiro. O saco cor-de-rosa, com o seu conteúdo de renda preta, desapareceu, deve tê-lo levado com ele. Duvido que fosse uma prenda para a mãe.

Sento-me em silêncio à secretária, enquanto o resto da equipa se reúne. As pessoas dizem «bom dia» e eu aceno de volta, como num disco riscado. Hoje não me apetece conversar, seja por cortesia ou por outra razão qualquer, e esta manhã não tem nada de bom. Quando me parece que ninguém está a olhar, estudo os rostos das mulheres no escritório. Todas elas têm um ar desgastado, um pouco cansadas, muito perdidas. Uma coleção de pessoas a boiar, a tentar manter-se à tona, num mar imprevisível. Não são minhas amigas, não de verdade; todas nós empurraríamos as outras para baixo se isso significasse não nos afogarmos. Concluo que não tenho nada a temer; elas não conseguem ver quem sou realmente, nem sequer conseguem ver-se a si mesmas.

A Madeline sai do seu gabinete para gritar com alguém, e os nossos olhares cruzam-se. Ela está a falar com outra pessoa, mas fixa o olhar em mim, e, por um instante, convenço-me de que ela sabe. Tenho um sabor horrível na boca, que não consigo fazer desaparecer. Sinto a náusea a subir de novo pela minha garganta e dirijo-me à casa de banho, esforçando-me ao máximo para parecer calma. Quando entro, empurro a porta de uma cabine, puxo o autoclismo e inclino, a tempo, a cabeça por cima da sanita mesmo, esperando que ninguém me oiça. Vomito apenas bílis, não comi nada. Pergunto-me se será nervosismo,

culpa ou ambos. Seja o que for, tenho de me recompor depressa, não tenho tempo para isto. Ouço a voz da Jo do lado de fora da porta. Ela acha que eu devia passar na farmácia antes de entrarmos no ar, há uma que fica relativamente perto do edifício. Acho que ela tem razão. Espero um pouco, para ter a certeza de que já passou, e depois abro a porta e lavo as mãos, aliviada por estar de novo sozinha.

Sinto-me muito melhor depois do programa. Já a Madeline não está nada bem. Andou a arrastar-se entre a secretária e a casa de banho ao longo de toda a manhã, coberta de suor. Ela acha que deve ser uma intoxicação alimentar. Eu acho que é mais provável que seja por causa dos laxantes que pus no seu café antes de ir para o ar. A Madeline gosta de café, bebe-o aos litros e nunca recusa um desde que seja simples e forte. Também gosta de conduzir para o trabalho e de volta para casa. Diz que os transportes públicos são «sujos e cheios de gente vulgar infestada de germes». Agora, não está em condições de conduzir, por isso ofereço-me para levá-la, surpreendendo o Matthew, que faz um sinal de aprovação. Não acho que ela vá aceitar à primeira, mas, depois de mais uma visita inesperada à casa de banho, parece mudar de ideias, e eu fico contente.

Carrego o saco dela ao sair do escritório porque ela «sente-se demasiado fraca», e finjo não saber qual é o carro dela quando chegamos ao parque. Ela destranca o Volkswagen Golf preto, depois passa-me a chave antes de se encolher no banco de trás, como se o carro se tivesse transformado num táxi. Resmunga o código postal, antes de eu o introduzir no GPS, e depois avisa-me que devo «conduzir com um cuidado do caracas» e «prestar atenção aos estrangeiros na estrada».

Adormece enquanto conduz, e eu concluo que gosto muito mais dela assim. Em silêncio. É que o veneno fica preso dentro dela enquanto dorme, em vez de escorrer pelos seus lábios quando está acordada.

Detesto conduzir em Londres. É demasiado caótico e barulhento. Há demasiadas pessoas na rua e todas têm pressa, embora poucas tenham realmente para onde ir. Tudo melhora quando saímos do centro da cidade, as estradas parecem ficar mais largas e menos movimentadas.

Quando o GPS sugere que estamos a apenas dez minutos do destino, o carro faz um som de aviso e o painel exhibe um símbolo vermelho.

— Está quase sem gasolina — digo, a olhar para os olhos semicerrados da

minha passageira, agora acordada, pelo retrovisor.

— Não pode estar — responde ela.

— Não te preocupes, de certeza que chega para te levar a casa.

— Pareço preocupada?

Voltamos a cruzar o olhar no espelho. Sustento o olhar dela o tempo que me parece sensato, enquanto conduzo a sessenta quilómetros por hora, depois volto a olhar para a estrada.

Não voltamos a falar até eu virar à esquerda, na rua onde ela mora. Resmunga de novo, para me dizer onde e como estacionar, mas mal a ouço. Estou demasiado ocupada a fixar a casa que diz ser dela, sem saber como me sentir em relação ao que estou a ver. Reconheço este lugar. Já estive aqui antes.

ANTES

Domingo de Páscoa, 1992

Querido Diário,

A Taylor está fora com os pais durante todas as férias da Páscoa, e eu sinto-me miserável. Não a vejo desde o último dia de aulas e só voltarei a vê-la na próxima terça-feira, quando regressarmos. Ela mandou-me um postal. Há dois dias, a minha mãe entrou de rompante no meu quarto, com um grande sorriso no rosto, para me entregar. Pensou que isso me faria feliz. Não fez. A Taylor parece estar a divertir-se muito sem mim, e acho que nem sequer sente saudades de *mim*.

Este ano não vou de férias, nem sequer em Inglaterra. A mãe diz que não temos dinheiro. Quando a fiz notar que o pai tem trabalhado imenso e, por isso, devíamos ter bastante dinheiro, ela começou a chorar. Ultimamente, está sempre a chorar e já não é gorda; pergunto-me se estará demasiado triste para comer. Uma noite, na semana passada, estava demasiado triste até para preparar o almoço ou o jantar. Como não me deixam mexer no forno, limitei-me a comer batatas fritas e bolachas. Perguntei à mãe se ainda estava triste por causa da avó e ela disse que estava triste por tudo.

A mãe disse que me levaria de novo a Brighton um dia da próxima semana, se eu me portasse bem. Perguntei-lhe para onde me levaria se me portasse mal, mas ela não achou piada nenhuma. Lembrei-a de que já tenho dez anos e meio e que sou demasiado velha para andar

em carrosséis infantis, mas que não me importo de passear pelo pontão e gosto de ouvir o som do mar. Agora que sou mais crescida, a mãe começou a procurar um emprego a tempo parcial, como a mãe da Taylor. Ainda não conseguiu nenhum, apesar de já ter enviado imensas candidaturas. Sempre que vai a uma entrevista, veste o seu fato preto do século passado, põe maquilhagem a mais e, depois, volta para casa e passa a tarde a beber. Eu também não lhe daria um emprego, é demasiado triste e desleixada. Antes das férias, tive de usar a mesma camisa para a escola durante três dias seguidos. Disse que não fazia mal, que ninguém iria reparar e depois borrifou-me com um perfume horrível que ela tem e que me fez cheirar mal o dia inteiro.

Os meus almoços embalados têm tido algumas mudanças curiosas. O trabalho do meu pai inclui reabastecer máquinas de doces no local onde trabalha e uma vantagem é que pode trazer para casa caixas de chocolates e batatas fritas. Na semana passada, trouxe uma caixa com quarenta KitKat. Quando o pão acabou, antes do último dia de aulas, a minha mãe deu-me dois KitKat para levar como almoço, em vez das habituais sandes de manteiga com batatas fritas, o que me pareceu perfeitamente aceitável. No entanto, a auxiliar da escola reparou no que eu estava a comer e presumiu que me tinha esquecido de trazer o almoço, apesar de eu lhe assegurar que não era o caso. Acabou por dizer que me juntasse às crianças que comem refeições quentes, o que foi ótimo, porque é exatamente o que a Taylor faz.

Ela estava sentada sozinha, como de costume, por isso sentei-me na mesa dela. Mas depois houve uma confusão porque, pelos vistos, a mãe ainda não tinha pagado a última vez que tive de comer um almoço quente. No fim, acho que a senhora MacDonald teve pena de mim ou qualquer coisa do género, porque pagou do próprio bolso e disse-me que já estava tudo certo. Quando, finalmente, recebi o meu prato de peixe com batatas, todas as outras crianças já tinham sido mandadas para o recreio. Consegui ver quase toda a escola no

campo enquanto comia o meu almoço. Vi um grupo de raparigas da minha turma e reparei que a Taylor estava no meio delas. Estavam a empurrá-la entre si, como se fosse uma boneca de trapos, e ela não parecia estar a gostar. Quando tentou sair dali, deram as mãos e fecharam os espaços entre elas, empurrando-a de volta para o centro do círculo. Deixei as batatas e disse que não queria sobremesa, mesmo estando ainda com fome. Corri para o campo de jogos, mas não consegui encontrar a Taylor nem as outras raparigas. Corri para o átrio, onde ela às vezes se sentava sozinha nos degraus, mas também não estava lá.

Voltei à nossa sala de aula, apesar de ainda ser intervalo, mas estava vazia. Houve qualquer coisa que me chamou a atenção, qualquer coisa fora do lugar. Aproximei-me do aquário da turma e vi o peixe dourado morto, a flutuar à superfície da água, tingida de verde. A Taylor e eu tínhamos ajudado a limpar o aquário há poucas semanas. A senhora MacDonald ensinou-nos que se esvazia a água enfiando uma mangueira no aquário e sugando a outra ponta. Quando isto é bem feito, a água sai sozinha e pode ser recolhida num balde. Tem tudo que ver com a gravidade. Tal como a lua e as estrelas. Na primeira vez que tentei, engoli um pouco de água do aquário e a Taylor riu-se de mim. Acho desde esse dia, nunca mais ninguém o limpou.

Percebi que o peixe estava morto, mas não consegui decidir como sentir-me em relação a isso. Quando era pequena, tive um peixe dourado que morreu. A avó deitou-o pela sanita abaixo, e eu fiquei triste. Mas aquele era meu, pertencia-me. Este peixe não era meu, mas, enquanto tentava encontrar as emoções certas para sentir, as minhas mãos de forma automática e abriram a tampa do aquário. Não sei por que quis segurá-lo. Estava húmido, escorregadio e frio. Foi então que a Taylor entrou na sala. Olhou para o peixe morto e depois olhou para mim. Tirou-me o peixe das mãos, voltou a colocá-lo no aquário e fechou a tampa. Tirou um lenço da manga, como um

mágico tira um coelho da cartola, e secou as minhas mãos antes de secar as dela. Fiquei aliviada por ela estar bem.

No ano passado, recebi dois ovos da Páscoa. Um da mãe e do pai, e outro da avó. O da avó era melhor porque tinha rebuçados dentro do ovo de chocolate. contei-os: eram treze, lembro-me porque era um número de sorte e de azar ao mesmo tempo. Este ano, só tenho um ovo da Páscoa, mas não faz mal porque é da Taylor. Não lhe dei nada, mas hei de dar. Talvez lhe ofereça alguns KitKat, ainda temos muitos.

AGORA

Quinta-feira, 29 de dezembro de 2016

Os meus pais estão mortos. Não sei como é que se esquece uma coisa destas, mas eu esqueci. Eles estavam aqui, no meu quarto de hospital, tão reais como qualquer outra pessoa e, no entanto, não estavam. Não podiam estar; já morreram há mais de um ano. A mente é poderosa — consegue criar mundos inteiros e é claro que não hesita em pregar-nos algumas partidas para assegurar que nos preserva. Nem sequer nos falávamos quando eles morreram. Lembro-me das últimas palavras que o meu pai me disse — ainda as ouço, como um disco riscado e cruel de uma memória que recusa abandonar-me: «Ouve, Amber. A distância na nossa relação foi criada por ti. Quando eras ainda uma adolescente fechaste-te no teu pequeno mundo. Não nos querias lá e não teríamos conseguido encontrar-te, mesmo que tentássemos. Eu sei isso porque a verdade é que tentámos. Durante vários anos. O mundo não gira à tua volta; se tivesses tido filhos, saberias isso.»

Depois disto, nunca mais me ligaram, e eu também não lhes liguei.

A Claire foi quem me telefonou a dizer que eles tinham morrido. Num acidente de autocarro em Itália. Vi a notícia na televisão, mas, mesmo quando a apresentadora falou sobre os turistas britânicos mortos, nunca me ocorreu que aquela voz estivesse a falar diretamente comigo. Nunca soubemos ao certo o que aconteceu. Especulou-se que o motorista tinha adormecido ao volante. A notícia continuou no ar durante um ou dois dias e, depois, os nossos pais foram de novo esquecidos por toda a gente, menos por nós. Aconteceu algo de mau a alguém, algures, e isso tornou-se a nova notícia, e nós continuávamos a assistir sozinhos à nossa própria história. Nos passaportes, tinham escrito o nome da Claire, como

contacto de emergência, não o meu. Até na morte, escolheram-na a ela em vez de mim.

A Claire tratou de tudo: fez o que era necessário para trazê-los para casa, organizou o funeral, lidou com o advogado. Eu fiquei encarregada de esvaziar a casa deles, desfazer-me das suas coisas, distribuir pedaços das suas vidas por outras pessoas, por outros lugares. A Claire disse que não suportaria fazer isso.

Ainda fico impressionada com a forma como me apareceram neste quarto de hospital. Estava tão desesperada por partilhar a minha solidão com alguém que a minha mente se deu ao trabalho de trazer os meus pais de volta como memórias vivas. Os mortos não estão muito longe quando realmente precisamos deles; estão apenas do outro lado de uma parede invisível. O luto é sempre apenas nosso, tal como a culpa também. Não se pode partilhá-los. A Claire ficou verdadeiramente destruída quando eles morreram. Chorou por fora durante várias semanas; eu chorei por dentro para sempre. Estou a começar a questionar tudo o que a minha mente me apresenta, a tentar separar o que é real do que poderá ser apenas um sonho.

A porta abre-se, e alguém arrasta uma cadeira. Pega na minha mão, e eu só sei que é o Paul por causa da forma como a segura. As suas mãos são macias, exceto um calo que ele tem no dedo médio, no sítio onde aperta demasiado a caneta ao escrever. Ele voltou. A polícia deve tê-lo libertado. Sentamo-nos em silêncio por muito tempo. Sinto-o olhar para mim; não diz uma única palavra, limita-se a segurar a minha mão. Quando as enfermeiras entram para me virar e mudar, ele espera lá fora, como elas pediram. Mal se vão embora, ele volta. Quero saber o que lhe aconteceu, quero saber o que disse a polícia, o que achavam que ele tinha feito.

Uma enfermeira entra no quarto e diz-lhe que o horário das visitas terminou. Ele não responde, mas a sua expressão deve ter dito qualquer coisa, porque ela acaba por dizer que ele pode ficar o tempo que quiser. Seja o que for que a polícia pensou, é evidente que as enfermeiras estão convencidas de que é um bom marido. Ficamos mais algum tempo em silêncio; ele não encontra as palavras certas, e as minhas foram-me roubadas.

— Desculpa — diz ele.

Quando me pergunto porquê, sinto-o inclinar-se por cima de mim e começo a

notar que o pânico do costume está de novo a instalar-se. Não sei por que tenho medo, mas aquele vislumbre de memória regressa mais uma vez: as mãos de um homem no meu pescoço, sinto que não consigo respirar, apesar da máquina que força o oxigénio para os meus pulmões. As mãos do Paul estão no meu rosto, não no meu pescoço, mas não sei o que está a fazer. Quero gritar quando ele empurra qualquer coisa para dentro dos meus ouvidos. O som do meu mundo esvazia-se um pouco, e não gosto nada disso; ouvir é tudo o que me resta.

— O que estás a fazer? — pergunta a Claire, e fico chocada por ouvir a sua voz. Não sei há quanto tempo está aqui; aliás, nem sequer sabia que estava.

— O médico disse que podia ajudar — responde o Paul, voltando a pegar na minha mão.

— A polícia deixou-te sair?

— Parece que sim.

— Estás bem? — pergunta ela.

— O que achas?

— Acho que estás com péssimo aspeto e deves estar a precisar de um duche porque cheiras mesmo mal.

— Obrigado. Vim direto para aqui.

— Bem, então acabou.

— Não acabou, ainda pensam que eu...

Mas acabou para mim, porque já não os consigo ouvir. Nos meus ouvidos a música pulsa e desliza pelo meu corpo, diminuindo todas as outras sensações até se tornar a totalidade do que sinto. Tudo o mais, todos a gente desaparece, e sou levada para longe deste lugar por uma sucessão de notas que culminam numa memória: é a canção com que entrei na igreja quando eu e o Paul nos casámos. A letra, que fala de tentar reparar alguém que se ama, transporta-me de volta no tempo. Já nessa altura, ele queria reparar-me, quando eu nem sabia que estava despedaçada. E continua a tentar.

A memória está um pouco desgastada nas extremidades, mas é algo real, por isso desacelero e agarro-me a ela. Vejo o Paul no canto desta memória, a deslizar um anel no meu dedo; ele sorri para mim, e somos felizes. Fomos felizes naquela altura, lembro-me agora de como fomos felizes. Gostava que pudéssemos ser esta versão de nós outra vez. Mas é tarde demais.

Foi uma cerimónia pequena, nunca tive muitos amigos. A verdade é que não gosto de muitas pessoas. Todas as que conhecemos são inevitavelmente imperfeitas. Mal noto as falhas e imperfeições de alguém, perco o interesse em passar tempo com essa pessoa. Não evito pessoas despedaçadas por me sentir superior a elas, mas porque não gosto de ver o reflexo das minhas próprias fragilidades. Além disso, todas as que deixei entrar na minha vida acabaram por sair magoadas; por isso, desisti de fazer novos amigos. Descobri que o mais sensato é manter-me fiel aos que já tenho.

A música para e eu regresso à realidade. O som dá lugar ao ritmo do ventilador, acompanhado por um *bip* que me é menos familiar. Uma enfermeira entrou. Reconheço-a pelo som do avental de plástico a roçar quando passa pela cama. O som do avental domina o espaço por breves instantes, antes de o silêncio voltar a instalar-se. Agora, é através dos sons que pinto a minha vida, não através de números. São os meus ouvidos exaustos que manejam o pincel. O *bip* cessa. Quando a enfermeira sai, o Paul e a Claire retomam a conversa, e eu não consigo deixar de pensar nas palavras que perdi.

— Tens de parar de te culpar, Paul. Foi um acidente.

— Nunca devia tê-la deixado ir.

— Tens de te recompor. Ela precisa de ti e, neste momento, estás um trapo. Precisas de tomar um banho, descansar e organizar as ideias.

— Eles ainda acham que era eu quem estava a conduzir o carro, que sou um tipo que bate na mulher quando está bêbado e depois se esquece. Eu não sou essa pessoa.

— Eu sei disso.

— Eles odeiam-me. Não vão desistir, vão voltar, eu sei que vão. Não vou deixá-la sozinha outra vez. Vai tu, se quiseres.

Quando mais quero que eles falem, eles calam-se. Outra pessoa estava a conduzir o carro, tenho a certeza. Mas não o Paul. Sinto-me aliviada por a Claire também acreditar nele.

— Posso ficar um pouco a fazer-te companhia? — pergunta ela.

— Faz o que quiseres.

Ficam em silêncio. O Paul faz-me reviver uma memória: uma canção de que ambos gostámos e que ouvimos na última viagem que fizemos. Há mais músicas,

mais memórias, mas depois a música para, o silêncio regressa, e é muito mais ensurdecedor.

— Queres falar sobre o bebé? — pergunta a Claire.

Que bebé?

— Não — responde o Paul.

— Tu sabias?

Sabia o quê?

— Já disse que não quero falar sobre isso.

Eu quero que falem sobre isso.

Mas não falam. O ventilador expele o ar e inspira, ecoando a frustração presente no quarto.

— Pronto, vou para casa. Já é tarde — diz a Claire. — Posso dar-te boleia ou trazer roupa lavada e um *necessaire*, se me deres a tua chave.

Não lhe dês a chave.

— Aceito a boleia para casa e volto daqui a algumas horas.

— Precisas de descansar.

— Preciso de estar com a Amber.

— Está bem.

A Claire beija-me no rosto e fico envolvida pelo aroma do seu champô de hortelã. Imagino como estará o meu cabelo, sem ser lavado há tanto tempo. O Paul também me beija, depois tira-me os pequenos auscultadores dos ouvidos. Não quero que ele se vá embora, e sinto a minha disposição ensombrar-se à medida que a porta se fecha, deixando-me entregue ao silêncio e às máquinas. Ouço a porta abrir-se e penso que o Paul mudou de ideias e voltou para ficar comigo, mas não é ele.

— Olá, Amber — diz a voz de um homem. Ouço o som de uma fechadura a rodar, e sei que é ele, o homem que esteve aqui antes, o homem que apagou a minha mensagem de voz. — Acabei de me cruzar com o teu marido. Um tipo um bocado desganhado, não percebo o que vê nele. Um dos meus colegas disse que quase te perdemos? Mas encontraste o caminho de volta, por isso não foi nada de grave.

Colegas.

Ele trabalha aqui?

— Sabias que um dos medicamentos que usamos para manter as pessoas em coma é o mesmo que é usado nos Estados Unidos para a pena de morte? Fiquei surpreendido por estares aqui esta noite. É que aquela dose devia mesmo ter-te matado. Enganei-me nos cálculos, percebes.

Isto não pode ser real, isto não está a acontecer. Acorda. ACORDA!

— Todos cometemos erros. O importante é aprender com eles. Vou cuidar muito melhor de ti daqui em diante.

Isto não é um sonho.

— Não tens de quê. Sei que me agradecerias se pudesses.

Eu conheço este homem.

Ele acaricia-me o rosto.

Lembro-me dele, agora.

Inclina-se sobre a cama e beija-me, depois lambe o meu rosto devagar, como se estivesse a saborear a minha pele. Tremo por dentro. Ele desvia o meu tubo de respiração para o lado e beija-me na boca, forçando a língua entre os meus lábios, com os dentes a roçar no tubo e nos meus. Desliza a mão pelo meu corpo, a apertar-me o peito por baixo da bata do hospital. Quando termina, devolve-me à posição em que me encontrou.

— Tens razão, temos de ir com calma — diz ele, a sair do quarto.

ANTES

Quinta-feira, 22 de dezembro de 2016 — À noite

Não estou a fazer isto porque, mais uma vez, o Paul não vai regressar a casa esta noite. Nem por causa do saco de renda preta que desapareceu — é possível que haja uma explicação perfeitamente razoável para isso. Faço-o porque quero, e está tudo bem. Há muitas pessoas que ficam amigas dos ex-namorados, não tem de significar nada de especial e não estou a fazer nada de errado. Repito estas palavras na minha cabeça, vezes sem conta, até, talvez, poder acreditar nelas. Cada passo em frente dá-me a sensação de que estou a ir na direção errada, mas eu continuo, indiferente, a fazer o caminho que escolhi.

Southbank está vivo, repleto de pessoas que trocam sorrisos. O Tamisa dança sob a luz do luar e os edifícios erguem-se de forma majestosa, ao longe, a serpentear ao longo das suas margens. Adoro a cidade à noite, na escuridão a sujidade e a tristeza são impercetíveis.

Avisto-o de imediato, no *pub*, tem uma silhueta ainda estranhamente familiar, mesmo depois de todos estes anos. Está de costas para mim, mas vejo que já tem um copo de qualquer coisa na mão. Ainda não é tarde demais. Podia simplesmente virar-me, sair pela porta e esquecer tudo isto, uma coisa que nunca chegou a acontecer.

É só uma bebida.

Os meus sapatos de salto alto parecem presos ao chão, até que uma onda nauseante atravessa o meu corpo, a gritar para que eu fuja. Vejo um letreiro néon que indica as casas de banho e abro caminho por entre os clientes do início da noite, receosa de não chegar a tempo. Mas o desconforto dissipa-se mal entro numa das cabines — talvez esteja apenas ansiosa. Lavo as mãos. Não sei porquê,

uma vez que não estão sujas. Pegó numa toalha de papel e seco-as com força. O meu olhar fixa-se subitamente na aliança que tenho na minha mão esquerda. Respiro fundo, expiro e encaro o meu reflexo no espelho, grata por não haver mais ninguém aqui para ver esta versão de mim. Os olhos que me devolvem o olhar parecem cansados e distantes, mas, de uma maneira geral, estou com um ar aceitável. O meu novo vestido preto, curto, assenta-me bem, favorecendo o meu corpo negligenciado, e os sapatos de salto, apesar de desconfortáveis, dão-me confiança. Consegui domar a minha cabeleira castanha, maquillei o rosto e pinteí as unhas. Não sei por que razão isto importa, mas quero que ele me veja com bom aspeto.

Tento tranquilizar o meu reflexo com um sorriso, mas ele responde-me de forma apática. Volto à expressão mais neutra. A calma que me envolve desfaz-se quando a porta se abre com estrondo. O caos ruidoso do *pub* invade o espaço, e suga o ar da pequena divisão. Tenho dificuldade em manter a cabeça acima do barulho e agarro-me ao lavatório, com os nós dos dedos apontados para a saída. Duas mulheres, um pouco alteradas, tropeçam para o interior, rindo-se de algo que me está vedado. Parecem mais novas do que eu, embora suspeite que tenhamos a mesma idade. Usam saias curtas, têm os lábios pintados de vermelho, e os seus chapéus de papel lembram-me de que é Natal. Já não significa nada, o Natal. A conversa ruidosa das mulheres chega para abafar as vozes na minha cabeça, que me dizem para me ir embora daqui, por isso respiro fundo e dirijo-me ao balcão.

Paro mesmo ao lado dele e inalo aquele cheiro, tão familiar quanto proibido. Ele parece não notar a minha presença.

— Quero um copo de Malbec, por favor — digo ao empregado.

Na minha visão periférica, vejo a cabeça do Edward virar-se, a percorrer-me de alto a baixo com o olhar, como costumava fazer.

— Olá, Edward — digo, virada para ele. Faço o possível para manter a minha voz e a minha expressão controladas. Ele sorri. O tempo mudou-me, mas deixou-o intacto. Mais de uma década parece, até, tê-lo melhorado. Não consigo evitar reparar na sua pele bronzeada, nos dentes brancos e nos olhos castanhos, cheios de malícia, que parecem dançar de prazer enquanto olha para mim.

— Eu pago isso e era mais uma Amber Ale. Gosto do nome. — Ele tira uma

nota de vinte libras da carteira de couro e coloca-a em cima do balcão. A sua camisa de algodão branco parece quase pequena demais, como se estivesse a ter dificuldade para ocultar os músculos por baixo. Ele passava o tempo no ginásio quando éramos estudantes e, claramente, mantém o hábito. — Então, sempre vieste.

— Sim — respondo. O olhar dele é demasiado intenso e eu esforço-me por não desviar o meu.

— É bom ver-te. — Há qualquer coisa na forma como o seu olhar agarra o meu que me faz encolher um pouco. O vinho chega, entretanto, e eu mal posso esperar.

— Bem, esta noite tinha duas horas livres e achei que seria agradável pormos a conversa em dia — digo.

— Duas horas? É só isso que me dás? — diz ele, enquanto me passa o copo.

— Não, para ti tenho dez minutos, depois tenho outro encontro com umas pessoas fixas.

Ele sorri, ligeiramente fora de tempo.

— Outro *encontro*? — pergunta ele.

Coro.

— Percebo. Bem, então é melhor aproveitar ao máximo o tempo que tenho contigo. Saúde. — Ele levanta o copo para brindar e continua a fixar-me, enquanto bebemos. Sou a primeira a desviar o olhar e engulo mais vinho do que devia.

A conversa entre nós rapidamente encontra um tom confortável. O álcool solta as palavras, que fluem com naturalidade. É surpreendentemente fácil sentir-me de novo à vontade perto dele, apesar do tempo que passou. A apenas três dias do Natal, o *pub* está desconfortavelmente apinhado, mas mal dou por isso. A constante renovação de estranhos à nossa volta cria uma barreira que me protege das arestas arriscadamente afiadas de quem fomos um dia. Retribuo os sorrisos, os elogios e os ligeiros toques do Edward, consciente de que bastaria um rasgão muito pequeno para destruir o tecido da minha vida atual. Depois de beber dois copos, estou mais embriagada do que seria sensato. Não consegui comer muito hoje.

— Não sei quanto a ti, mas eu estou cheio de fome — diz ele, como se pudesse

ler a minha mente. — Tens tempo para um petisco rápido? — Considero a proposta. Estou com fome, estou a divertir-me. Não estou a fazer nada de errado. Na minha, ainda que breve, reflexão, não encontro razão para recusar.

— Um lugar aqui perto? — pergunto.

— Parece-me bem — responde ele, enquanto se levanta para me ajudar a vestir o casaco. Depois de abrímos caminho por entre a multidão, ele empurra a porta à minha frente. — Depois de ti. — Tinha-me esquecido de como era sair com um cavalheiro; é como conviver com alguém do passado, do meu passado.

O ar é cortante e sóbrio, mas o Edward diz que conhece um lugar não muito longe. Estou fora de prática a caminhar com saltos altos em ruas de calçada. À segunda vez que tropeço, ele agarra-me no braço, e eu deixo, ciente de que devemos parecer um casal — e acho que não me importo. Paramos em frente a algo que parece uma casa de habitação, e fico confusa quando ele solta o meu braço e bate na intimidante porta preta.

— O que estás a fazer? — sussurro, a sentir-me uma como uma miúda do liceu.

— A arranjar-nos um lugar para comer, a menos que já não estejas com fome.

Antes que eu consiga responder, a porta larga e lustrosa abre-se, e um homem de meia-idade, num fato preto, aparece. É desconfortavelmente alto, como se alguém o tivesse esticado, e tem cara de quem já recebeu demasiadas más notícias.

— É possível arranjar mesa para dois? — pergunta o Edward. Para minha surpresa, o homem acena.

— Claro, senhor, por aqui.

Sinto-me como a Alice no País das Maravilhas enquanto sigo o homem de fato por um corredor comprido com um chão de mármore. Olho por cima do ombro para ter a certeza de que o Edward continua atrás de mim. Ele parece satisfeito consigo mesmo e percebo que isto deve ter feito parte do seu plano para esta noite. Não me importo, afinal ele não me obrigou a vir. Viramos por uma pequena porta, à direita, e entramos numa sala de jantar ampla e iluminada por velas, onde nos encaminham para a única mesa vaga. Há outros quatro casais que já estão sentados e que não levantam, sequer, o olhar.

— Vou buscar a lista de vinhos, senhor — diz o homem de fato, antes de

desaparecer com os nossos casacos por uma porta que tem uma cortina.

— Bem, isto é impressionante — limito-me a dizer.

— Obrigado, gosto deste lugar. É só para membros.

Ele pega no guardanapo de algodão branco à sua frente com as suas mãos bronzeadas, e desdobra-o com cuidado, como se estivesse a manusear o Santo Sudário, antes de o colocar no colo. Faço o mesmo com o meu guardanapo e pergunto-me porque será que demoram tanto tempo a trazer a lista de vinhos. Receio que, sem ela, já não tenhamos temas de conversa minimamente interessantes.

— Como está a correr o teu novo trabalho? — pergunto.

— Bem. Muito bem, aliás. Era para ser temporário, mas ofereceram-me um lugar permanente, e decidi ficar mais algum tempo.

— Parabéns. Qual é o hospital?

— King Alfred's.

— É perto de onde moro — digo. Ele sorri. — E a tua namorada, também trabalha em Londres?

— Trabalha, mas no centro da cidade. Com os meus turnos e o horário dela, não a vejo tanto como gostaria. Aqui não há menu, aviso-te já, servem-te o que têm, mas é sempre bom.

— E se não gostar do que me servirem?

— Tenho quase a certeza de que vais gostar.

Ouço-o falar do trabalho. Sempre quis ser médico e agora é. Acho que foi uma das coisas que mais me atraíram nele quando nos conhecemos. Ele queria ajudar pessoas, salvá-las. Não fala disso durante muito tempo, é demasiado modesto para isso, e muda constantemente de assunto, orientando-o para mim. As minhas histórias parecem-me superficiais e vazias quando comparadas com as dele. O que faço não salva vidas. Faço o que faço para me salvar a mim mesma.

A refeição é a melhor que provei em muito tempo, mas, à medida que voltam a encher o meu copo de vinho, não consigo resistir e tento perturbar a noite perfeita.

— A tua namorada sabe que estás a sair com uma ex esta noite? — pergunto.

— Claro! O teu marido não sabe?

Não respondo e ele ri-se de mim. Não gosto disso.

— Isso foi há muito tempo. Seguimos os dois em frente e crescemos muito desde essa altura — acrescenta. Sinto-me tonta e velha, ultrapassada, como um produto fora de validade.

Ele recusa a sobremesa e eu faço o mesmo. Enquanto fala, não consigo evitar lembrar-me de quando estávamos juntos. Ele tinha dificuldade em tirar as mãos de cima de mim, mas isso foi há mais de dez anos. Pode parecer a mesma pessoa, mas eu não. Apesar da roupa nova e da maquilhagem, continuo a ser uma versão antiga de mim, não aquela de que ele se lembra.

— Levo-te até Waterloo — diz ele.

— Não é mesmo necessário, consigo perfeitamente ir sozinha.

— Sei que consegues, mas lembra-te de que sou novo por aqui. Posso perder-me e a tua companhia seria uma ajuda.

Quando saímos do restaurante, ele oferece-me o braço e não vejo nada de errado em aceitar. Sinto o calor que emana dele através do casaco e reparo na forma como as mulheres parecem fixá-lo com o olhar enquanto caminhamos em direção à estação. Passamos pelo átrio e, com olhos cansados, examino os painéis de partidas, preocupada, para não perder o último comboio para casa.

— Tenho de ir para a linha treze. Obrigada por uma noite maravilhosa.

Dou-lhe um beijo no rosto.

— Temos de repetir isto, um dia destes.

— Eu gostava — respondo, sem saber se é verdade.

Ele segura a minha mão e eu sinto-me logo desconfortável.

— Tenho de ir — digo, a tentar libertar os meus dedos.

— Não tens, não. Vamos tomar mais um copo. Podes apanhar o próximo comboio...

— Não posso mesmo, acho que este é o último.

— Então fica comigo. Arranjamos um quarto num dos melhores hotéis de Londres.

O aperto na minha mão intensifica-se e vejo nos olhos dele um brilho que tinha apagado da memória. Afasto a minha mão.

— Edward, sou casada.

— Não és feliz. Não terias vindo esta noite, se o fosses.

— Isso não é verdade.

— Não é? Eu conheço-te.

— A versão de mim que conheceste está desatualizada há muitos anos.

— Não me parece. Antes, errámos os dois, mas podemos seguir em frente. Não te dei o devido valor naquela altura, mas agora sei que o tens, e quero isso de volta. Acho que também queres. Foi por isso que vieste.

— Lamento se te dei a impressão errada. Tenho mesmo de ir.

Afasto-me. Não preciso de olhar para trás para saber que ele ainda está ali, parado, ou para sentir que cometi um erro enorme.

ANTES

Quarta-feira, 14 de outubro de 1992

Querido Diário,

Hoje é o meu aniversário. Fiz onze anos. Também foi o aniversário da Taylor, mas não estivemos juntas. Foi, oficialmente, o meu pior aniversário de sempre. Está tudo estragado e não consigo imaginar uma forma de consertar as coisas. Correu tudo muito mal, muito depressa, e só foi piorando. A culpa não é minha, não é mesmo.

Tenho usado a pulseira da Taylor para dormir à noite, aquela dourada, com a nossa data de nascimento gravada. Pode parecer uma estupidez, mas usá-la fazia-me sentir que ela estava comigo, e isso deixava-me feliz. Esta manhã, estava tão entusiasmada que me esqueci de a tirar antes de descer. Que parvoíce.

A mãe disse que eu tinha de tomar o pequeno-almoço antes de abrir qualquer presente. Ela só pensa em comida e voltou a engordar, desta vez tanto que teve de cortar a cintura das *leggings* com a tesoura da cozinha porque estavam demasiado apertadas. Ela viu a pulseira, quando estiquei o braço para pegar nos cereais, e, no início, ficou calma. Limitou-se a perguntar o que era e onde é que a tinha arranjado. Leu a inscrição em voz alta: *Minha querida menina*. Eu não queria meter-me em sarilhos no dia do meu aniversário, por isso disse-lhe que tinha sido um presente da mãe da Taylor.

Foi uma pequena mentira inofensiva, e prometi a Deus que, se ele existisse e fizesse a mãe esquecer-se daquilo, eu devolveria a pulseira

no dia seguinte. Mas Deus não existe ou então não estava a ouvir. A mãe perdeu a cabeça e ficou furiosa. Até o pai, que tinha faltado ao trabalho mais uma vez, lhe disse que ela estava a exagerar, mas isso só pareceu piorar tudo. Mandou-me tirar a pulseira e eu comecei a fingir que estava a mexer no fecho. Depois, afastou-se, e eu achei que o assunto tinha acabado ali. Mas ela pegou no telefone que estava preso à parede, do outro lado da cozinha.

O pai serviu-me uma taça de cereais, mas eu não consegui comer. Sabia que ela estava a ligar para a mãe da Taylor e que aquilo ia acabar mal. Os meus cereais estalavam e chiavam, enquanto eu via a mãe descontrolar-se. Às vezes, é difícil perceber uma conversa quando só se ouve um lado, mas, outras vezes, conseguimos preencher o que não nos é perceptível como se tivéssemos ouvido tudo. Ela disse à mãe da Taylor que iríamos devolver o presente. A mãe disse que não gostava que ela andasse a gastar mais dinheiro comigo do que podia pagar, e que usar joias era uma decisão a ser tomada pelos pais da criança.

Eu não sou uma criança.

Depois, a mãe ficou em silêncio. Parecia que a conversa tinha terminado, mas ela continuou a segurar o telefone, com o fio vermelho bem enrolado nos dedos. Depois olhou para mim e eu percebi que ela sabia que eu tinha mentido, e que não importava se a mentira era inofensiva ou não. Abriu a boca, como se dissesse a letra «O», em silêncio, durante muito tempo. Depois disse «adeus» e «desculpa» e eu percebi que estava metida em sarilhos. Largou o telefone e disse-me, muito calmamente, para não mentir. Depois perguntou se eu tinha roubado a pulseira

Respondi que não.

Às vezes minto. Às vezes toda a gente mente.

A mãe mandou-me de novo tirar a pulseira. Abanei a cabeça, e ela começou a caminhar na minha direção, por isso fugi. A mãe é bastante rápida quando não bebe, apesar de se ter desleixado. Já

ganhou a corrida dos pais duas vezes no dia do desporto, mas só me apanhou quando chegámos à parte de cima das escadas. Pôs o rosto bem próximo do meu e gritou-me que parasse de mentir, salpicando-me com perdigotos. Depois, perguntou-me de novo se eu tinha roubado a pulseira. Quando comecei a responder «não», deu-me uma bofetada, com força. A mãe gritou comigo, e o pai, que estava ao fundo das escadas, gritou com a mãe. Depois, ela agarrou-me no pulso e puxou a pulseira.

Era uma corrente fina de ouro, partiu-se e caiu no chão.

Era uma coisa facilmente quebrável.

Não queria que o que aconteceu a seguir tivesse acontecido, queria apenas que ela se afastasse de mim e parasse de estragar tudo. Por isso, empurrei-a.

Não queria que ela caísse das escadas, foi um acidente.

Tudo pareceu desacelerar, e o olhar dela transformou-se, passando de semicerrado e furioso a arregalado, enquanto caía para trás. Aterrou no fundo e ficou imóvel, em silêncio. Por um momento, achei mesmo que pudesse estar morta. Não sabia o que fazer e acho que o pai também não, porque ele ficou simplesmente parado durante demasiado tempo. Depois, ela gemeu, e foi horrível. Já não soava como a mãe, mas o som vinha claramente dela. O pai pareceu muito preocupado e disse que ia chamar uma ambulância, mas a mãe disse que seria mais rápido ele levá-la ao hospital de carro. Perguntei-me se o carro iria pegar e desejei que sim. O pai ajudou-a a levantar-se, enquanto ela gemia continuamente sobre o bebé.

Não sou um bebé, tenho onze anos.

Não me disseram nada, nem sequer adeus. Saíram simplesmente pela porta da frente e foram-se embora sem olhar para trás.

Apanhei do chão a pulseira partida e descí as escadas.

Havia uma mancha de sangue vermelho vivo no tapete onde a mãe caiu; deve ter-se magoado bastante. Fui até à cozinha e peguei no telefone. Carreguei no botão de remarcação; queria desejar à Taylor

um feliz aniversário, mas ninguém atendeu. O meu bolo de aniversário estava num prato em cima do fogão. A avó teria feito um bolo, mas a mãe limitou-se a comprar um no supermercado. Era cor-de-rosa, com uma bailarina feita de açúcar, e fez-me lembrar a caixa de joias da Taylor, o que me deu vontade de chorar.

Sem querer, encostei-me a um dos botões do fogão e saltei para trás quando vi faíscas. Não devia mexer no fogão. É ridículo, na verdade, porque sem fósforos não se acende nada, vi a avó fazer isso centenas de vezes. Carreguei no botão de ignição, várias vezes, só porque não havia ninguém para me impedir.

À hora de almoço, ainda não tinha tomado o pequeno-almoço. Os meus cereais já estavam demasiado moles, mas eu tinha fome, por isso fui à gaveta de cima e tirei a maior faca que consegui encontrar. Depois, cortei uma fatia enorme de bolo e comi-a com as mãos, sentada à mesa da cozinha. Soprei nela com os olhos fechados e fiz um desejo, mesmo sem vela. Tenho de manter o meu desejo em segredo, senão não se realiza.

Quando terminei o bolo, olhei para a pequena pilha de presentes e pensei que a mãe ficaria ainda mais zangada comigo se eu os abrisse antes de chegarem a casa. Abri um cartão, porque tinha a letra da Taylor no envelope. Não dizia grande coisa:

Feliz Aniversário!

Com amor,

Taylor.

Por baixo do nome dela, tinha desenhado dois círculos verdes com rostos sorridentes. Só então chorei, com lágrimas verdadeiras que escorreram pelo meu rosto sem parar. Acho que já não nos vão deixar ser como duas ervilhas na mesma vagem.

AGORA

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

— Já estás aqui? — pergunta o Paul.

— Não consegui dormir — responde a Claire.

— Nem eu.

Nem eu. A nossa insónia parece contagiosa.

— Vou-me embora, assim podem passar algum tempo juntos.

— Não, fica. Se quiseres. Não me importo.

As horas parecem arrastar-se sem que nenhum deles diga uma única palavra. As enfermeiras vêm mudar-me de posição, mas a vista continua a mesma. Quero falar-lhes do homem que me mantém refém no meu sono. Não sei se acreditariam em mim, mesmo que eu pudesse falar. Agora lembro-me de quem ele é, mas não sei por que está a fazer-me isto. Só lhe disse que não.

O meu marido e a minha irmã sentam-se um de cada lado da cama, e o meu corpo danificado forma uma barreira entre eles. O tempo que passamos juntos está impregnado de um silêncio cheio de palavras não ditas. Consigo sentir muros feitos de letras, com cada sílaba a empilhar-se por cima da outra até formar em edifício instável de perguntas sem resposta. As mentiras são o cimento que mantém as paredes de pé. Se não fossem tantas, já teriam desabado. Construímos a nossa própria prisão.

Hoje, o Paul não segura a minha mão, nem põe música a tocar nos meus ouvidos. As páginas viram-se, o tempo arrasta-se, e o ventilador pontua cada momento através do esforço que faz para respirar por mim, até que o silêncio na sala se torna tão denso que alguém tem de o romper. Eu não consigo, ela não o fará, mas ele sim.

— Era uma menina.

Estas três palavras atingem-me como punhais na barriga, tirando-nos do estado de apatia a que nos habituámos.

Era uma menina.

Eu estava grávida.

Era uma menina.

Passado.

Era uma menina.

Já não estou grávida.

Agora que a memória está completa, não a quero. Quero devolvê-la.

Havia um bebé a crescer dentro de mim, mas eu matei-o com os meus erros, e nem sequer me lembro do que fiz de errado, apenas do que perdi por causa disso.

— Podem sempre tentar outra vez — diz a Claire.

Já nem estávamos a tentar. Tínhamos desistido.

Foi um acidente.

Um maravilhoso milagre desajustado, resultante de um acidente.

Imagino a Claire a envolver os braços à volta de Paul, a encostar-se a ele para o consolar. O meu luto pela filha que nunca nasceu também já não é só meu, até isso ela está a roubar de mim. Este pensamento acende em mim uma raiva e um ciúme que se espalham pelo meu corpo imóvel, uma espécie de gravidade emocional que me empurra para o mais fundo de mim mesma.

Eu teria ficado com ela.

Tê-la-íamos amado.

Agora perdi-a, tal como nos perdi.

A Enfermeira do Norte entra no quarto e cheira a chá, completamente alheia ao facto de estar a interromper o que mal consigo compreender. Sinto todo o meu ódio a dirigir-se-lhe, mas ela continua sem dar por isso e movimenta-se pelo espaço como se o mundo não tivesse acabado.

Sai daqui e deixa-me sozinha!

Sinto que estou a desistir, que o meu controlo sobre a realidade está a enfraquecer. Estão a injetar-me qualquer coisa, qualquer coisa que não quero. Consigo senti-la a serpentear por baixo da minha pele, a paralisar a minha

mente, a espremer-me a vida. Por um momento, penso que talvez não fosse mau morrer agora, desaparecer, simplesmente. Por um momento, não quero acordar. Ninguém sentiria a minha falta se eu partisse. Talvez até ficassem melhor sem mim. Acho que estou a chorar, mas a enfermeira limpa-me o rosto com um pano húmido e não repara. Esta não é tão meiga como as outras. Talvez consiga ver toda a sujidade que se esconde nas minhas profundezas. O pano molhado bate no meu rosto e eu abro os olhos.

Vejo-os de pé, sobre mim, todos vestidos de preto. Já não estou na cama de hospital, estou num caixão aberto. Estão todos aqui: o Paul, a Claire, a Jo, até *ele*. Está a atirar terra para cima de mim e não entendo porque é que não o obrigam a parar. A terra entra pelo meu cabelo, para a minha boca, alguma chega mesmo aos olhos. Grito-lhes para que o façam parar, mas não me ouvem porque não conseguem ouvir-me.

Não estou morta.

Ele sorri para mim e depois inclina-se sobre o caixão, sussurrando ao meu ouvido:

— Estás, sim. Mas não te preocupes, vais ter companhia.

Levanta a menina do robe cor-de-rosa e coloca-a no caixão ao meu lado; ela coloca o braço à volta da minha cintura. Tudo fica negro à medida que o caixão começa a descer para a terra. Começo a chorar e ela começa a cantar.

Noite Feliz. Noite Feliz. O senhor, Deus de Amor.

Ela aponta para o céu sem estrelas, e eu olho para a lua.

Pobrezinho, nasceu em Belém. Eis na lapa, Jesus, nosso bem.

Ela aperta-me com força.

Dorme em paz, ó Jesus. Dorme em paz, ó Jesus.

Vira-se para mim, levando o dedo aos lábios, no sítio deveria estar a boca.

— Chiu.

Dorme em paz, ó Jesus. Dorme em paz, ó Jesus.

Desliga a lua, com um gesto, ao puxar um fio invisível. Ficamos mergulhadas numa escuridão implacável. A terra começa a cair mais depressa sobre nós, como se estivessem a cair pedras pesadas. Grito-lhes outra vez para pararem, mas, se conseguem ouvir-me, não estão a prestar atenção. O buraco é demasiado fundo para eu poder sair, mas tenho de fazer

qualquer coisa. Raspo as paredes de terra, a tentar encontrar qualquer coisa para me agarrar, a escavar o solo. Começa a chover, e a água e a terra caem sobre mim até eu desistir e me encolher sobre mim mesma. Escondo-me no meu medo e faço dele a minha casa. Uma moeda cai junto aos meus pés, como se estivesse no fundo de um daqueles poços onde as pessoas pedem desejos. Nenhum dos lados da moeda tem rosto.

— Se quiseres sair, só tens de apontar para a saída — diz a menina. Está de pé por cima de mim, com pedaços de terra molhada no cabelo desgrenhado. Sigo o olhar dela até um letreiro verde de saída de emergência que está enterrado junto aos meus pés.

— Quando quiseres sair, só tens de apontar, só isso.

Olho para o letreiro, já meio coberto de terra, e tento apontar, mas não consigo mover as mãos. Estou de novo a chorar quando sinto a dor. Depois, há sangue. Sangue a pingar por cima do letreiro de saída de emergência, sangue na minha bata de hospital, sangue nas minhas mãos, que coloco entre as pernas, numa tentativa de impedir que a vida se esvaia de mim. Fecho os olhos por causa da dor e, quando os abro, o único rosto que ainda vejo é o da Claire. A menina agarra a minha mão e ajuda-me a apontar o dedo para o letreiro enterrado a meus pés. Uso cada resquício de força que me resta.

— Viste aquilo? — pergunta a voz da Claire, ao longe.

— O quê? — pergunta o Paul.

— Olha! A mão dela... está a apontar com o dedo.

— Amber, consegues ouvir-me?

— O que é que isto significa?

— Significa que ela ainda está aqui.

ANTES

Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — De manhã

Descarrego o autoclismo e limpo a boca com uma tira fina de papel reciclado. Esfrego os lábios com mais força do que é preciso, deixando que as arestas ásperas raspem a pele. Respiro fundo, grata por nenhum dos meus colegas me ter visto assim. É o último programa antes da pausa para o Natal; um dia para superar e estará feito. Já só faltam algumas horas, eu consigo aguentar. Tiro uma pastilha de menta da mala e coloco-a na boca. Sou perita a disfarçar ressacas, mas não é disso que se trata.

Esta manhã, no comboio, consultei a minha agenda: treze semanas, e eu nem sequer tinha reparado. Não é algo que aconteça com frequência, e eu já tinha assumido que nunca iria acontecer. Depois de todo aquele tempo a tentar, agora que tinha perdido a esperança, descubro que estou grávida.

Não parece fazer sentido, mas, de algum modo, faz. Estou praticamente certa. Vou comprar um teste depois do trabalho, é isso que farei. Apesar de acreditar saber a verdade, preciso de confirmar tudo.

Não ouço nada, por isso volto a puxar o autoclismo e abro a porta da cabine. Pensei que estava sozinha, mas estava enganada.

— Aqui estás tu. Senteste bem? — pergunta a Madeline.

Sinto o meu rosto corar. Nunca a vi aqui antes; de certa forma, parece deslocada. Sempre imaginei que tivesse uma retrete portátil debaixo da secretária.

— O que é que fizeste à cabeça? — pergunta, fixando-se na minha testa.

Olho ao espelho e penteio o cabelo para tapar a nódoa negra com os dedos.

— Tropecei em casa, no corredor, ontem à noite; não foi nada de especial. —

É verdade e, ainda assim, estas palavras deixam um sabor desagradável na minha boca.

— Uma noite animada, certo? A afogar as mágoas?

Abro a torneira para lavar as mãos e não respondo.

— Bem, antes disso do que enjoos matinais. Nada como uma gravidez para arruinar a carreira de uma mulher!

Não reajo, continuo simplesmente a lavar as mãos, uma e outra vez. Parece diferente, como se tivesse rasgado o guião. Está a improvisar e eu não consigo acompanhá-la — as falas que ensaiei já não fazem sentido. Fecho a torneira, pego numa toalha de papel e viro-me para ela. Às vezes, não dizer nada é dizer demasiado, mas as palavras não saem.

— Ainda bem que te apanhei — diz ela.

Quero fugir. O meu coração bate com tanta força que sei que ela consegue ouvi-lo.

— Preciso de saber que esta conversa fica dentro destas quatro paredes — continua ela, como se fôssemos duas velhas amigas confidentes. Ainda não consigo articular palavras, por isso limito-me a acenar. Ela abre a mala e tira uma coleção de envelopes vermelhos. — Quero saber o que sabes sobre isto.

Olho para eles. Depois, olho-a nos olhos.

— Cartões de Natal?

— Não são cartões de Natal. Como deves saber, alguém anda a espalhar rumores sobre mim na Internet. Esta semana, também recebi algumas cartas com ameaças no escritório e em casa. Tenho a certeza de que as duas coisas estão ligadas e quero saber se viste alguma coisa estranha ou alguém suspeito por perto.

— Não, acho que não.

— E não recebeste nada desagradável?

— Não. — Sorrio. Não era minha intenção.

— Isto não é uma brincadeira, é sério. Acho que quem escreveu as cartas esteve dentro do edifício.

Nesta altura, percebo uma mudança nela. É assim que a Madeline fica quando está assustada, nunca a tinha visto assim antes.

— Esta estava na minha secretária esta manhã, antes de eu chegar — diz ela, a

segurar no envelope vermelho de cima.

— O que diz?

— Não interessa o que diz.

Fica um vazio onde as palavras não chegam a ser ditas.

— Contaste ao Matthew sobre as cartas? — pergunto.

— Não, ainda não.

— Bem, talvez devesses.

Ela analisa-me com o olhar.

— Vejo-te lá fora — diz, antes de sair.

Fico mais um pouco e lavo de novo as mãos.

Durante o programa, observo a Madeline com mais atenção. Detesto-a, mas ela é boa profissional, mesmo que não mereça estar aqui. Estudo o seu rosto, ainda à procura de uma semelhança que não consigo ver. Acena com a cabeça quando peço licença para ir à casa de banho, como se entendesse como me sinto, como se se importasse. Saio a correr, deixando o telemóvel no estúdio. A Jo também vem à casa de banho, para ver se estou bem. Obriga-me a salpicar água para o rosto, o que ajuda um pouco.

— Só tens de aguentar até ao fim do programa, já não falta muito. Estás a sair-te tão bem, vai ficar tudo bem — diz ela.

Gostava de acreditar nela. Gostava de que estas palavras fossem verdade. Ela regressa ao estúdio sem mim, dando-me um momento para recuperar o fôlego. Quando volto, paro por breves instantes junto à secretária do Matthew. O escritório fica vazio quando estamos no ar, e ele deixa sempre o telemóvel ali. Suponho que ninguém se daria ao trabalho de o roubar — o telemóvel dele é tão antigo que nem sequer precisa de código. Demoro menos de trinta segundos a enviar a mensagem e, depois, apago-a das mensagens enviadas.

Quando regresso ao meu lugar, estão a exhibir um segmento de Natal pré-gravado; os microfones continuam desligados, e tenho alguns minutos para mim.

— Não pareces nada bem. Posso acabar o programa sozinha, se precisares de sair — diz a Madeline.

— Estou bem, obrigada — consigo responder, enquanto ocupo o meu lugar. O ecrã do meu telemóvel ainda está iluminado com a mensagem por ler que acabei de me enviar do telemóvel do Matthew.

Jantar marcado para ti, para mim e para o novo apresentador na próxima semana. Beijos, M

Basta um olhar para o rosto de Madeline para perceber que ela já leu a mensagem, e sorriu para ela, hesitante, como se estivesse a pedir-lhe desculpa. Vejo que o seu pescoço e o seu peito ficam vermelhos, como se uma ira lhe incendiasse a pele.

Famílias no Natal é o tema do programa. Ouço com paciência a Kate, de Cardiff, que não quer visitar a sogra, e a Anna, de Essex, que não fala com o irmão há mais de um ano e não sabe o que lhe oferecer. É tudo um disparate, um absurdo total. Estas pessoas não têm nada de realmente preocupante nas suas vidas. É patético. Volto a sentir uma náusea quando a Madeline fala sobre a importância do perdão.

— Natal é estar em família, seja ela qual for — diz ela, e esforço-me para não vomitar ali mesmo, em cima da mesa. Como é que ela sabe? Não tem nenhuma família.

Quando o programa chega, finalmente, ao fim, sinto-me exausta, mas sei que ainda há muito por fazer hoje. Esta é a minha última oportunidade e estou apenas a começar.

A Madeline não adora televisão, mas há uma coisa de que gosta mais do que de ouvir a sua própria voz na rádio: ver-se num ecrã. Sendo ela o rosto da Crisis Child, às vezes é convidada para dar entrevistas televisivas em representação da instituição, e hoje é uma dessas ocasiões. O programa de notícias onde trabalhei como repórter agendou uma entrevista com a Madeline para o noticiário da hora de almoço, para falar sobre crianças que vivem em situação de pobreza durante o Natal. Bastou um telefonema, a fazer-me passar por alguém da instituição, a sugerir a participação da sua conhecida embaixadora e a fornecer o contacto da sua assistente. O resto avançou sem esforço.

Está um enorme camião de transmissão por satélite estacionado na rua, pronto e a aguardar. Quando olho pela janela, vejo uma câmara montada num tripé em frente à árvore de Natal, do lado de fora do edifício. Quando a reunião para o balanço termina, descemos.

— Quanto tempo mais é que isto vai demorar? — rosna a Madeline, virada para um dos técnicos.

— Pouco, só preciso de apanhar o satélite e colocar-lhe o microfone —

responde o John, um antigo colega meu. Ele vira-se e, ao ver-me atrás dela, faz-me um grande sorriso. — Amber Reynolds! Como estás? Ouvi dizer que estás a trabalhar aqui agora.

Ele envolve-me num abraço, apanhando-me de surpresa com tamanha demonstração de afeto. Esforço-me por devolver-lhe um sorriso sem revelar o desconforto que sinto, incapaz de corresponder ao seu gesto e contando os segundos para que me solte.

— Estou bem, obrigada. E a família? — pergunto-lhe, quando ele finalmente me solta. Ele nem teve tempo para responder.

— Porque estás aqui? Ninguém quer entrevistar-te — diz a Madeline, lançando-me um olhar fulminante.

— O Matthew pediu-me para vir contigo.

— Claro que sim.

O sorriso do John desvanece. Ele trabalha neste meio há mais de trinta anos. Já conheceu muitas «Madelines». A aura da celebridade esvai-se na ausência de humildade.

— Se puder só... — O John atrapalha-se com o microfone, procurando um lugar adequado entre as camadas de tecido preto que ela veste para prender o grampo e esconder a bateria.

— Tire as mãos de cima de mim — dispara a Madeline. — Dê-lhe isso a ela, ela que o faça. Afinal, já apareceu na televisão; atualmente qualquer um pode dizer-se jornalista.

O John acena com a cabeça, a revirar os olhos quando ela não está a olhar, e passa-me o microfone.

— Ainda mal consigo ouvir o estúdio — diz a Madeline, a mexer no auricular, depois de eu terminar.

— Já está no máximo — digo ao John.

— Vou ver se consigo ajustar isso no camião — diz ele, enquanto tira os auscultadores e se afasta da câmara. — Importas-te? — pergunta-me, visivelmente grato por poder afastar-se.

— De modo algum... posso perfeitamente dar uma ajuda.

Coloco os seus auscultadores para ouvir o produtor, do outro lado, e dou o sinal à Madeline quando chega a altura de começar. Ela adapta-se com

facilidade, assumindo a sua *persona* de embaixadora compassiva, sempre que acha que está a ser observada por toda a gente. As respostas fluem da sua boca, mentiras, umas atrás das outras.

— Acho que já está — digo, enquanto tiro os auscultadores.

— Tens a certeza? Foi muito rápido.

— Acho que sim, agora estão a falar com outro convidado.

O seu sorriso falso desvanece-se de imediato.

— Lamento que tenhas visto aquela mensagem — digo.

— Que disparate — responde ela, agitada, a olhar para o relógio.

— Se saíres do *Coffee Morning*, vais ter mais tempo para o teu trabalho de solidariedade.

— Eu não vou sair de lado nenhum. Tenho um contrato e a solidariedade começa em casa. Nunca te ensinaram isso? Aquele bronco vai voltar ou já posso ir?

— Vou só confirmar se terminaste — digo-lhe, enquanto coloco de novo os auscultadores. O som do programa chega nítido e claro. — Ainda assim, deve ser gratificante chamar a atenção para a situação das crianças vulneráveis, não é? — Já falámos sobre isto tantas vezes que conheço de cor a opinião dela sobre o assunto.

— Vulneráveis, o raio. A maioria dessas crianças são umas ingratas e eu culpo os pais por isso. Devia haver um teste de QI para identificar quem é demasiado estúpido para ter filhos e quem obtivesse pontuações baixas devia ser esterilizado. Há demasiadas pessoas idiotas a encher o país com os seus descendentes mentalmente retardados, é uma das razões pelas quais há tanta coisa a correr mal neste país.

Vejo o John sair do camião de transmissão por satélite, estacionado ali ao lado, e acenar freneticamente com os braços, como se estivesse a tentar aterrar um avião à pressa.

— Acho que agora já podes ir — digo.

— Finalmente, já não era sem tempo — responde a Madeline. Não podia estar mais de acordo. Ela dá meia-volta e marcha para dentro do edifício. Sigo-a, incapaz de desviar os olhos da bateria ainda presa na parte de trás do seu lenço preto enorme. Ela carrega com força no botão para chamar o elevador, depois

vira-se para mim e sorri. — E depois há as vadias que engravidam por acidente, muitas vezes de alguém que não deviam. Foi para isso que Deus inventou os abortos. Infelizmente, demasiadas dessas vacas estúpidas não os fazem. — As portas do elevador abrem-se. — Vens ou não? — Abano a cabeça. — Ah, esqueci-me que tens medo de elevadores. — Ela suspira, revira os olhos e entra, a carregar repetidamente no botão para garantir que as portas se fecham antes que mais alguém consiga entrar.

Quando chego ao quinto andar, depois de subir os degraus de pedra, parece que perdi um episódio do meu drama favorito. Está toda a gente a olhar na direção do cubículo que serve de gabinete à Madeline. O Matthew está lá dentro com ela e estão os dois a gritar, tornando pública cada palavra daquela conversa supostamente privada, apesar da porta fechada.

— O que é que se passa? — pergunto, sem me dirigir a ninguém em particular.

— O microfone da Madeline ainda estava ligado. Fizeram uma entrevista com um convidado no estúdio e depois voltaram para ela. Tudo o que ela acabou de dizer foi transmitido em direto na televisão nacional.

Faço o possível para parecer surpreendida.

ANTES

Sexta-feira, 30 de outubro de 1992

Querido Diário,

A mãe regressou hoje do hospital, o que até parece adequado, já que amanhã é Halloween e ela é uma verdadeira bruxa. Tudo ficou melhor sem ela por perto. Pensei que a mãe da Taylor fosse ficar muito zangada comigo depois do que aconteceu com a pulseira, mas tem sido ainda mais simpática do que é habitual. Levou-me à escola e foi buscar-me todos os dias durante duas semanas, porque o pai estava a trabalhar.

Tentei devolver a pulseira à Taylor e pedi desculpa por tê-la levado emprestada acidentalmente durante tanto tempo, mas ela disse que não fazia mal e que podia ficar com ela. Até a arranjou, prendendo as correntes partidas com um pequeno alfinete de segurança. Acho que ficou gira, até melhor do que antes. Acho que ela estava mesmo agradecida pelo que aconteceu na escola na semana passada e que esta foi a forma que ela encontrou de me dizer obrigada.

Não sei o que tem a Taylor que faz com que as outras raparigas não gostem dela. Ela é bonita, simpática e inteligente, mas isso não são razões para serem más com ela. Ainda bem que a encontrei a tempo, na casa de banho das raparigas. Eram duas: a Kelly O'Neil e a Olivia Green. Tinham bocados de papel molhado nas mãos e riam-se. Estavam de pé, nos assentos das retretes, nos cubículos, uma de cada lado da Taylor, a espreitar por cima das divisórias de madeira. Ouvi-a

chorar atrás da porta fechada. A Kelly disse-lhe para se levantar e rodopiar para elas. A outra assobiou.

— Vamos embora se nos deixares ver — disse, e voltaram a rir-se. — Não sejas tímida, mostra-nos.

Sentia uma raiva a ferver na minha barriga e comecei a dar pontapés nas portas delas. A Kelly olhou para mim com desdém, depois voltou a olhar para a Taylor por cima da parede.

— A tua namorada está aqui e está com ciúmes. É melhor puxares as cuecas para cima.

A porta da casa de banho abriu-se e apareceu a senhora MacDonald, a dizer que devíamos estar todas lá fora. A Kelly e a outra rapariga saíram e sorriram as duas para mim ao passarem. Eu disse que precisava de usar a casa de banho e que iria logo depois. Quando já estavam todas longe, bati à porta do cubículo do meio, mas a Taylor não queria sair. Então, subi para a sanita ao lado, exatamente como a Kelly tinha feito, e espreitei para baixo. Ela estava sentada na retrete, com as cuecas pelos tornozelos. Estava coberta de papel molhado — todo enrolado, como se faz para atirar e colar ao teto. Claro que aquilo não tinha caído em cima dela por acaso. Disse-lhe para destrancar a porta e, desta vez, ela fê-lo.

Desci e empurrei a porta com cuidado. Ela ficou ali parada. Tinha os olhos molhados, o rosto vermelho e as cuecas ainda pelos tornozelos, por isso baixei-me e puxei-lhas para cima. Nunca falámos sobre aquele dia. Não sei sequer se devia estar a escrever isto. Agora, andamos sempre juntas e as outras raparigas mantêm-se afastadas de nós, o que para mim é ótimo.

Até a mãe ter voltado para casa, as coisas estavam a correr muito bem. Estava tão feliz quando saí do Volvo, esta tarde, que até dancei na entrada, até à porta. A mãe da Taylor tem trazido comida para eu e o pai aquecermos no forno; coisas que ela cozinha e que têm um cheiro e um sabor maravilhosos. O pai não tem bebido tanto como é costume e pude dormir muitas noites em casa da Taylor, quando ele

trabalha até tarde ou tem de ir ao hospital. A mãe não queria que eu a visitasse. Ninguém me disse isso, mas eu sei. Eu também não queria ir; os hospitais fazem-me lembrar quando a avó morreu. O pai disse que a mãe teve de fazer uma pequena cirurgia à barriga e que foi por isso que esteve ausente tanto tempo. Disse que ela esteve muito mal. Disse também que a culpa não foi minha.

Sabia que ela vinha para casa hoje, mas acho que me esqueci. Por isso, quando a vi ao cimo das escadas, a voltar da escola, assustei-me e fiquei com medo. Ao início, ela não disse nada, ficou de pé a olhar para mim, com a sua grande camisa de noite branca, como se fosse um fantasma. Os círculos debaixo dos olhos estavam ainda mais escuros do que antes e ela estava muito magra, como se se tivesse esquecido de comer enquanto esteve internada.

Eu não sabia o que dizer, por isso fui para a sala ver televisão. O comando já não funciona, por isso é preciso carregar num botão debaixo do ecrã grande e esperar um pouco até a imagem começar a piscar. Surgiu um desenho animado de que não gosto, mas eu já estava sentada no sofá e acabei por vê-lo até ao fim. Ainda tinha o chapéu e as luvas, porque desde que os radiadores deixaram de funcionar está sempre frio em casa. Temos uma lareira e acendemo-la aos domingos, mas nunca me deixam chegar muito perto e hoje não é domingo.

Ouvi-a descer as escadas muito devagar, como o avô fazia quando a anca dele já tinha problemas. Eu tive vontade fugir, mas não havia para onde. Tentei roer as unhas, mas as luvas só atrapalhavam, por isso sentei-me em cima das mãos e comecei a abanar as pernas, como se estivesse num balouço e não no sofá.

Ela parou à porta e perguntou-me se eu tinha alguma coisa para lhe dizer. Abanei a cabeça e continuei a olhar para a televisão. O gato do desenho animado estava a perseguir o rato, mas ele escapava sempre porque é esperto. Ri-me, apesar de não ter piada.

— Está a acontecer outra vez, não está? — disse ela.

O rato espetou uns fósforos entre os dedos do gato, que nem deu por isso, de tão ocupado que estava a olhar para o lado errado. Depois, o rato acendeu os fósforos e fugiu. O gato sentiu o cheiro a fumo, mas só viu as chamas quando não havia nada a fazer. Ri-me outra vez, uma risada alta e fingida, na esperança de que ela se fosse embora e me deixasse em paz.

— Eu disse: está a acontecer outra vez, não está? — repetiu ela, no seu tom zangado, a que significa que estou em sarilhos.

Encolhi os ombros, levantei-me e fui para a cozinha. O meu material de pintura ainda estava em cima da mesa, desde a noite anterior, por isso comecei a desenhar enquanto ela me seguia e se sentava na cadeira à minha frente. Mantive o olhar cabisbaixo. Os lápis estavam todos sem bico. Olhei para ela e perguntei se podia afiá-los por mim. Não me deixam fazer isso. Os nossos olhares cruzaram-se, mas os seus lábios continuaram imóveis. Abanou a cabeça em sinal de recusa.

Eu queria usar mais o lápis vermelho, mas estava tão gasto que mal deixava marca. Fiz força, desenhando um padrão de sulcos irregulares no papel. A mãe tentou segurar-me a mão para eu parar, mas eu puxei-a de volta. Disse que precisávamos de falar, mas eu não tinha nada para lhe dizer, por isso continuei a fingir que ela não estava lá e peguei no lápis preto, que ainda tinha alguma cor. Foi difícil não ultrapassar as linhas com as luvas calçadas, por isso o preto espalhou-se por todo o desenho, até já não se perceber o que era.

A mãe mandou-me olhar para ela. Não olhei. Ela repetiu, dizendo cada palavra devagar:

— Olha. Para. Mim.

Ainda assim, não levantei os olhos, mas sussurrei qualquer coisa, muito baixinho. Ela perguntou-me o que é que eu tinha dito e eu sussurrei outra vez. Depois, levantou-se tão depressa que a cadeira caiu para trás, fazendo-me saltar. Inclinou-se por cima da mesa e agarrou-me pelo queixo, forçando-me a olhar para ela. Cuspiu-me um

pouco nos olhos ao perguntar-me de novo o que é que eu tinha dito. Eu estava com dores no rosto, por isso respondi:

— Eu. Odeio-te.

Foi o contrário de um sussurro.

Ela largou-me e eu corri para fora da cozinha e subi as escadas até ao meu quarto. Ainda assim, ouvi-a gritar nas escadas, mesmo depois de fechar a porta e de tapar os ouvidos com as mãos.

— Não quero que voltes a ver a Taylor. Não quero que ela volte a pôr os pés nesta casa.

Ela não pode impedir-me de ver a Taylor, andamos na mesma escola.

Tentei ler durante algum tempo, mas não estava a conseguir concentrar-me; li a mesma frase vezes sem conta, sem perceber nada do que estava escrito. Atirei o livro para o chão e tirei a pulseira partida da Taylor da gaveta ao lado da cama, onde está escondida. Desprendi o alfinete de segurança e tentei colocá-la, mas a ponta da corrente continuava a escapar do meu pulso. Queria ir pedir doçura ou travessura amanhã à noite, mas sei que não vale a pena sequer perguntar se posso, agora que ela voltou.

Consigo ouvi-la lá em baixo, a arrastar os pés, a raspar restos de assados para o caixote do lixo e a arruinar a minha vida.

AGORA

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

Voo, com os pés à frente, e demoro algum tempo a lembrar-me de que estou no hospital. Ainda não consigo mexer-me ou abrir os olhos, mas vejo a luz a mover-se por cima de mim, como se estivesse a atravessar um túnel. Mudanças subtis de claridade para sombra. Depois, de sombra para claridade.

Percebo que estou enfiada na cama e que estão a levar-me para algum lugar. Não sei o que isso significa, e gostava que alguém o explicasse. Faço perguntas na minha cabeça, mas ninguém me responde:

Estou a ser transferida para uma enfermaria?

Estou melhor?

Estou morta?

Não consigo afastar o último pensamento. Talvez a morte seja assim mesmo.

Não sei para onde estou a ser levada, mas está mais silêncio do que antes. A cama para.

— Pronto, já está. O meu turno terminou, mas alguém virá buscá-la em breve — diz uma voz que não reconheço.

Fala comigo como se eu fosse uma criança. Não me importo. O simples facto de estar a falar comigo significa que devo estar viva.

Obrigada.

Ele afasta-se, e o silêncio instala-se de forma quase insuportável. É uma quietude pesada, como se qualquer coisa de essencial estivesse ausente.

O ventilador.

Tiraram-me o ventilador e o tubo da garganta já cá não está. Entro em pânico até perceber que estou a respirar sem ele. A minha boca está fechada, mas o meu

peito continua a encher-se de oxigénio. Estou a respirar sozinha. *Estou* a melhorar.

Ouçõ passos e depois sinto umas mãos no meu corpo, e volto a sentir medo. Estão a levantar-me da cama e receio cair, receio que me deixem cair. Deitam-me sobre uma superfície fria. Fico com a pele das costas gelada na zona da abertura da bata. Estou deitada de costas, com as mãos ao lado do corpo, a olhar para o vazio, incapaz de ver para lá de mim mesma. Fico sozinha e este é o silêncio mais profundo que já experimentei. Durante algum tempo.

A superfície onde estou deitada começa a elevar-me e a deslizar para trás, de novo com a cabeça à frente, como se estivesse a engolir-me. O silêncio é interrompido por um ruído penetrante, parecido com um grito robótico abafado. Não sei o que está a acontecer. Seja o que for, quero que termine rapidamente. O zumbido implacável é alto, estranho e parece estar a aproximar-se. Por fim, para.

Quando o meu corpo desliza de volta para fora, para uma luz mais intensa, marcada por sombras, quase não dou por isso. Os gritos mecânicos passam a ser o som de um bebé a chorar, o que é infinitamente mais perturbador. Sinto que estou molhada e, num sobressalto, percebo que urinei. Sem qualquer saco para conter esta humilhação em estado líquido, o odor envolve-me, sufocante, e eu desligo.

O som de um assobio traz-me de volta para um lugar um pouco menos escuro. Detesto assobios. Estou de novo na cama e alguém está a empurrar-me, com os pés à frente, por mais uma série de corredores compridos e intermináveis. As sombras sobem e descem por cima de mim, como se eu estivesse a passar por baixo de um tapete rolante de luzes. A cama para e vira-se, e volta a parar várias vezes. Sinto que sou uma espécie de aspirador, a mover-se para trás e para a frente, a tentar absorver a minha própria sujidade. Finalmente, paramos abruptamente, e o assobio termina na mesma altura.

— Desculpe incomodar, pode lembrar-me onde é a saída? Estou sempre a perder-me aqui — diz a voz de uma senhora de idade.

— Não se preocupe, também me acontece o mesmo, isto é um labirinto. Volte por onde veio e vire na primeira à direita, essa é a saída principal para o parque de estacionamento dos visitantes — responde uma voz que não quero ouvir.

Digo a mim mesma que não é ele, que só posso estar a imaginar coisas.

— Obrigada.

— De nada.

É ele. A voz do homem que está a drogar-me para me manter a dormir. Tenho a certeza.

Ele volta a assobiar, e há qualquer coisa em mim que se desencadeia, uma memória esquecida. Quando éramos estudantes, ele estava sempre a assobiar. Isso irritava-me, na altura, e agora aterroriza-me. Tenho tentado convencer-me de que me enganei, de que estou apenas confusa, mas qualquer pequena dúvida que ainda pudesse dar-me esperança desaparece por completo. O homem que me mantém aqui presa é o Edward. Agora sei-o. Só não sei a razão.

Estamos de novo em movimento e eu entro em pânico por imaginar para onde está a levar-me. Com certeza, alguém irá pará-lo, mas depois lembro-me de que ele trabalha aqui. Ninguém questionaria um profissional de saúde a empurrar uma paciente pelos corredores de um hospital. Estou enjoada. É suposto os médicos ajudarem as pessoas, não magoá-las.

Por que estás a fazer-me isto?

A maca faz a sua última paragem e o assobio é substituído por uma coisa pior. Ouço a porta fechar-se.

— Aqui estamos, apenas os dois. Enfim sós, mais uma vez.

ANTES

Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — De Tarde

A equipa deveria estar num almoço de Natal antes das férias, mas há duas ausências: a Madeline e o Matthew. Dada a recente tempestade de categoria 5 nas redes sociais e o facto de a história já se ter repercutido por vários outros meios, isso não me surpreende nada. A entrevista completa foi publicada no YouTube e a hashtag #FrostSaiDeCena está mais popular do que nunca no Twitter, embora por razões ligeiramente diferentes. Pergunto-me se a Madeline já teve sequer tempo de reparar na minha última carta a chantageá-la, que enfiei de forma discreta na sua mala. Não faz mal, isso pode esperar.

A Madeline e o Matthew estão ocupados em reuniões de crise com os responsáveis da estação no sétimo andar. Não consigo imaginar como é que esta história irá acabar bem para qualquer um deles. O Matthew disse a todos os elementos da equipa que fôssemos almoçar sem ele. Reservou mesa num pequeno restaurante italiano mesmo aqui ao lado, porque nada grita mais «espírito natalício» do que umas almôndegas com molho de tomate!

O dono do restaurante parece estranhamente entusiasmado por nos ver. Vejo uma mesa comprida, como se estivéssemos prestes a participar num banquete medieval, com guardanapos, brindes e coroas de papel. As pessoas falam sobre deixar o lugar na cabeceira da mesa livre para o Matthew, caso ele chegue, suponho que por ser o chefe desta equipa disfuncional. Sento-me na ponta da mesa mais próxima da saída e sinto um certo alívio quando a Jo ocupa o lugar vazio ao meu lado. Ainda bem que está aqui.

— *Vino rosso?* — pergunta ela, já a estender a mão para pegar numa garrafa de vinho da casa aberta em cima da mesa.

— Para mim não, obrigada. — Ela faz uma careta, mas não consigo contar a verdade nem mesmo à Jo, não enquanto não tiver a certeza. — Estou bem, mas bebi um pouco demais ontem à noite.

— Com o Paul?

— Não, com um velho amigo.

— Um amigo que não sou eu?

— Também tenho outros amigos, sabes? — digo, enquanto me apercebo de que, na verdade, não tenho. Pelo menos, não agora. Este ano, recebemos ainda menos cartões de Natal do que os que enviei.

Uma das produtoras inclina-se para mim com um biscoito, a tentar chamar a minha atenção. Sorrio-lhe, estendo os dedos e agarro numa das pontas do papel dourado brilhante. Puxo com força, mas nada acontece, e rimo-nos as duas. Tento de novo, com mais força, e o brinde abre-se, fazendo-me sobressaltar, apesar de saber o que estava prestes a acontecer. Ganhei. Coloco a coroa de papel na cabeça e leio a piada, em voz alta, para o resto da equipa:

— O que é que fica sem energia quando está sobrecarregado? — Olho à minha volta, para os rostos expectantes. Duvido que volte a vê-los. — Uma pilha de nervos.

Alguns sorrisos e um ou outro gemido, mas ninguém se ri. Alguém lê uma piada melhor.

A Jo aponta para um pedaço de plástico vermelho em forma de peixe que caiu do interior da pequena embalagem-surpresa. Apanho-o e coloco-o na palma da mão, aberto; lembro-me disto dos tempos em que eu e a Claire éramos crianças. ADIVINHADOR — PEIXE MILAGROSO, lê-se na embalagem, e sorrio ao lembrar-me. A cabeça do peixe dobra-se na minha mão. Não me lembro do que isso significa, por isso leio o pequeno papel branco coberto de instruções, à procura do significado: CABEÇA A MOVER-SE = CIÚMES.

Tiro o peixe da mão e o sorriso do rosto. Estou com ciúmes. Tenho todo o direito de estar.

A porta do restaurante abre-se e uma rajada de ar frio invade o espaço, levantando alguns chapéus de papel das cabeças e atirando-os ao chão. O Matthew chegou. A Madeline não está com ele.

Ele tira o casaco com um ar teatral, antes de se sentar à mesa. Em seguida, dá

pequenas pancadas no copo de *prosecco* com a faca, um gesto completamente despropositado: o restaurante está deserto, à exceção da nossa mesa, e as conversas polidas entre colegas sóbrios já se esgotaram há muito tempo, apesar de todas as fofocas que pudemos trocar.

— Quero que toda a gente aproveite o almoço de Natal e uma tarde de folga bem merecida... — diz ele, antes de fazer uma pausa dramática, o que me dá vontade de lhe atirar o prato à cabeça. Desdobro o guardanapo de papel e coloco-o no colo. — Mas antes disso, tenho uma notícia triste. — Agora, já tem a minha atenção. — Como sabem, hoje houve um infeliz incidente com o microfone da Madeline no noticiário do almoço.

Dou um gole no meu copo de limonada, que tem mais gelo do que bebida, e fico com dores nos dentes.

— O que vou contar-vos agora não tem absolutamente nada que ver com isto.

Mentiroso. Pouso o copo e junto as mãos debaixo da mesa, num gesto de oração virado para a frente, a fazer tudo o que posso para não arrancar a pele dos lábios em público.

— Lamento informar que a Madeline decidiu, por motivos pessoais, deixar o programa e já não será a apresentadora do *Coffee Morning*.

Ouvem-se arquejos, incluindo os meus.

— Estou a contar-vos isto agora porque amanhã os malditos jornais vão publicar a notícia, e queria tranquilizar-vos a todos: o programa vai continuar, os vossos empregos estão seguros. Teremos apresentadores convidados no início do ano. Amber, espero que os ajudes em tudo o que puderes. E, depois, procuraremos uma solução de longo prazo.

Aceno. É a sua forma de me dizer que agora estou segura.

O burburinho e as conversas reacendem-se. Agora que temos uma novidade sobre a qual podemos falar, o tema é só um. O Matthew disse que os motivos da Madeline eram pessoais — suspeito que sou a única pessoa nesta sala que sabe exatamente até que ponto são pessoais.

O nosso pão de alho natalício chega à mesa, seco e pouco apetitoso. Estou a pensar em como sair da situação quando ouço uma batida na janela atrás de mim. Viro-me e vejo a silhueta de alguém, mas a neve artificial impede-me de reconhecer o rosto sorridente que me observa.

— Conheces? — pergunta a Jo.

Não consigo responder de imediato. Estou demasiado ocupada a tentar perceber como e porque é que ele está aqui. O Edward sorri para mim e para a Jo.

— Com licença — digo, sem me dirigir a ninguém em particular, e afasto-me da mesa. Saio para a rua e o vento frio lembra-me de que devia ter trazido o casaco.

— Olá — diz ele, como se a sua presença ali fosse expectável.

— O que estás a fazer aqui? Estás a seguir-me?

— *Ui*, calma! Não, desculpa. Parece, mas não estou a seguir-te, juro. Ontem à noite disseste que vinhas aqui almoçar com a tua equipa.

Disse?

— Tive uma reunião aqui perto e, quando te vi na janela, tive o impulso de te vir cumprimentar.

Não acredito nele.

Noto que não se deu ao trabalho de fazer a barba; uma pelugem cobre-lhe o queixo bronzeado e tem exatamente a mesma roupa de ontem, com a camisa branca a espreitar por baixo do casaco comprido de lã. Ele espera que eu diga qualquer coisa e, perante o meu silêncio, insiste.

— Estou a mentir. Desculpa, não devia fazer isso. Tu sabes sempre quando minto, sempre soubeste. Não houve nenhuma reunião. Lembrei-me de que vinhas aqui e tive de arranjar uma forma de te ver outra vez...

— Olha, Edward...

— Queria só pedir desculpa. Fiquei profundamente envergonhado quando acordei esta manhã e me lembrei de ontem à noite. Queria uma oportunidade para te pedir desculpa, só isso. Não faço ideia porque disse o que disse, talvez tenha sido o efeito do vinho. Acho-te incrível, é verdade, mas isso faz parte do passado. Não quero estragar o teu almoço de Natal. Lamento mesmo... só queria esclarecer tudo e garantir-te que não sou um psicopata.

— Está bem.

— Está frio, por favor volta para os teus amigos. Acho que piorei tudo. Não vou voltar a incomodar-te, Amber. Lamento muito este meu comportamento.

Parece realmente arrependido; tanto que começo a sentir pena dele — não é

fácil viver numa cidade onde ninguém nos conhece realmente. Olho para o restaurante e vejo a Jo na janela a fazer-me sinal para voltar para dentro. Sinto que devia dizer qualquer coisa, mas não consigo encontrar as palavras certas. O frio aperta e o desconforto pesa no ar, o que me leva a optar por dizer o que não devia.

— Feliz Natal, Edward. Vemo-nos por aí — respondo, antes de voltar para o restaurante, deixando-o para trás, na rua fria.

ANTES

Sexta-feira, 11 de dezembro de 1992

Querido Diário,

Aconteceu outra vez. Fui suspensa, mas a culpa não foi minha, juro que não foi. Hoje não queria ir à escola, sentia-me mal. Se a mãe tivesse deixado que eu ficasse na cama nada disto teria acontecido. Portanto, a culpa é dela, aliás, como sempre, mas aposto que quando ela souber não vai ver as coisas dessa forma. *Palavras não me magoam*, dizia a avó, mas a Taylor podia ter-se magoado a sério se eu não tivesse intervindo.

Estávamos na aula de Ciências e a usar bicos de Bunsen pela primeira vez. Sempre me perguntei o que eram, mas nunca nos tinham deixado mexer neles, até hoje. Gostei do cheiro a gás quando os ligámos; fez-me lembrar o velho fogão da avó. O professor Skinner explicou-nos como funcionavam. Todos os bicos de Bunsen têm um orifício e isso é importante. Quando o orifício está fechado, a chama é amarela, mas quando está aberto, torna-se azul e muito quente. Ou seja, tem tudo que ver com combustão. O gás pode ser perigoso e as chamas, obviamente, também, por isso, quando voltei da casa de banho e vi a Kelly aproximar a chama do cabelo da Taylor, tive de agir.

Disseram que, desta vez, lhe parti o nariz. Nem me lembro exatamente do que é que fiz, queria apenas afastá-la da Taylor. O professor Skinner tirou-me de cima dela e perguntou-me o que tinha acontecido. Eu disse que não sabia. Ele gritou comigo e disse-me

para não mentir, garantiu que me tinha visto, mas eu não estava a mentir. Só me lembro dos rostos da Taylor e da Kelly demasiado perto um do outro. Foi como se algo tivesse explodido dentro de mim. Eu adoro a Taylor. Não deixo que ninguém lhe faça mal. Não tinha escolha.

O professor Skinner arrastou-me pelo casaco até ao gabinete da diretora. Nunca tinha ido lá, mas não estava com medo. São todos iguais e não podem fazer-me nada de mais. Foi tudo muito dramático, como se estivesse num filme ou qualquer coisa do género. Se fosse um filme, eu seria a heroína. Mas, como se tratou da vida real, fui a vilã que teve de se sentar numa cadeira dura no corredor enquanto chamavam a sua mãe.

A Taylor apareceu com a enfermeira. Tinha batido com a cabeça quando a empurrei para a salvar. Não parecia muito feliz. O rosto dela estava vermelho e inchado de tanto chorar, mas graças a mim estava bem. A enfermeira disse-lhe que a mãe ia buscá-la em breve. A enfermeira não me disse nada e a Taylor também não. Nunca tínhamos ficado sem palavras uma para a outra e isso deixou-me triste. Perguntei-lhe se estava bem, mas ela ficou a olhar para o chão. Ia perguntar de novo, quando ela falou.

— Não devias ter feito aquilo — disse.

Achei que era muita ingratidão.

— Porquê? — perguntei.

— Porque tens de usar isto — disse, a apontar para a cabeça — e não isto. — Levantou as mãos. — O que é que achas que me vão fazer se não estiveres por cá? Estragaste tudo.

As palavras dela deixaram-me triste e zangada ao mesmo tempo. Percebi que estava aborrecida, por isso fiquei em silêncio e guardei a minha zanga para mim. Era tão grande que fiquei com uma dor no estômago.

Quando a mãe da Taylor chegou, deu-lhe um grande abraço. Eu estava muito preocupada com a possibilidade de ela se zangar

comigo, mas ela também me abraçou e eu soube que ainda gostava de mim. Acho mesmo que gosta de mim. Não tanto como gosta da Taylor, mas bastante. Perguntou-

-me se a minha mãe me vinha buscar e eu respondi que não sabia. A mãe da Taylor e a minha mãe já não se falam desde o incidente da pulseira.

A mãe da Taylor foi falar com a diretora no gabinete. Conseguíamos ouvir cada palavra através da porta de vidro, o que me fez pensar que aquele letreiro a dizer PRIVADO na porta é bastante estúpido. A escola não conseguiu contactar nem a minha mãe nem o meu pai, e acabaram por deixar que a mãe da Taylor me levasse para casa.

A Taylor não me falou enquanto saíamos da escola, nem no Volvo, nem quando chegámos à frente da minha casa. A mãe dela olhou para mim no banco de trás como se não entendesse o que eu ainda estava ali a fazer, mas pedi-lhe que viesse comigo explicar à mãe o que tinha acontecido, porque estava com muito medo. O rosto dela alterou-se, ficou mais suave, e os seus olhos verdes e grandes pareceram-me tristes e meigos ao mesmo tempo. Ela pediu à Taylor que ficasse no carro, não que ela tivesse sequer afrouxado o cinto de segurança; limitou-se a olhar pela janela, sem dizer uma única palavra, nem mesmo um adeus.

A mãe da Taylor seguiu-me até à porta e teve de bater, uma vez que a campainha não funciona há algum tempo. Como não apareceu ninguém, olhei para ela e ela sorriu para mim. É tão bonita e amável, e as roupas que usa combinam sempre umas com as outras, como se fossem feitas com essa intenção. Bateu de novo. Como continuou a não aparecer ninguém, ela perguntou-me se eu tinha a chave de casa. Disse-lhe que sim, mas confessei que estava com medo, o que, aliás, nem era mentira, porque estava mesmo. Sabia que a mãe e o pai iam ficar furiosos. Além disso, tinha prometido à avó que algo assim nunca mais voltaria a acontecer. Agora que ela já não está cá, não sei se isso significa que quebrei a promessa ou não.

Chamei pela mãe, mal entrámos, mas ninguém respondeu. Foi então que a vi. Primeiro só os pés, atrás do sofá, como se ela estivesse a tentar esconder-se, mas sem grande sucesso. Quando me aproximei, percebi que não estava a esconder-se. Não se mexia, tinha os olhos fechados e o rosto pousado numa grande poça de vómito no tapete. Gritei pela mãe da Taylor, porque fiquei mesmo assustada. A mãe parecia estar morta, como da outra vez, quando caiu pela escada abaixo. Também havia um cheiro horrível. O vómito escorria-lhe pelo queixo e sujava-lhe a roupa. A mãe da Taylor disse para não me preocupar, que a mãe não estava bem, mas que ia ficar. Tive de ajudá-la a levar a mãe para cima e, depois, ela disse-me para ir buscar a Taylor ao carro. Percebi que a Taylor não queria entrar, mas acabou por fazê-lo. Ainda assim, continuou sem me falar.

Sentámo-nos no sofá e a mãe dela mandou-nos ligar a televisão e ficar lá em baixo. Liguei-a, mas nenhuma de nós estava realmente atenta; o som estava demasiado baixo para abafar os ruídos vindos lá de cima. A mãe da Taylor levou a minha para a casa de banho para a limpar. A mãe chorava muito alto e depois começou a gritar todo o tipo de coisas.

As três coisas que gritou e de que mais me lembro foram:

1. Foda-se. (Disse isto muitas vezes.)
2. Sai da minha casa, sua vaca. (A casa nem é dela, é da avó.)
3. Não preciso do caralho da tua ajuda.

A terceira foi a mais absurda de todas, porque era evidente que precisava de ajuda de alguém.

Nunca ouvi a mãe falar com outra pessoa nestes termos, a não ser com o pai. Também chamou snobe à mãe da Taylor. Um snobe é alguém que pensa que é melhor do que os outros. Não acho que a mãe da Taylor pense isso, embora ela seja mesmo uma pessoa muito melhor do que a minha mãe. É a melhor mãe de todas. A tarde foi um

pesadelo, mas uma parte escondida de mim sentiu um estranho alívio porque, no meio de tanta confusão, ninguém parecia lembrar-se de que eu tinha sido suspensa.

A Taylor e a mãe dela só se foram embora quando o pai chegou. Ele pediu desculpa e agradeceu muitas vezes, como se não soubesse dizer mais nada. Depois, quando elas se foram embora, perguntou-me se queria *nuggets* de frango para o jantar. Comemos sentados no sofá, em frente à televisão grande, que continuava ligada, mas que ninguém via. O pai esqueceu-se do *ketchup*, mas eu não disse nada. Ele não fez jantar para a mãe e acho que sei porquê. Enquanto ficámos ali, a não ver televisão e a comer os nossos *nuggets* sem *ketchup*, percebi, pela primeira vez, que talvez o pai desejasse tanto quanto eu que a mãe estivesse morta.

AGORA

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

— Como estás, Amber? Ainda consigo ver um fogo nos teus olhos. Gosto dessa determinação.

O quarto do hospital parece um tom mais escuro do que antes. Quando o Edward toca no meu rosto, tudo o que quero é gritar. Quero desaparecer, para que ele não possa ver-me nem me encontrar de novo.

— E a respirar por conta própria agora, que boa notícia, muito bem.

Ele desliza os dedos até ao meu olho direito e força-o a abrir. Consigo distinguir vagamente o contorno desfocado de alguém por cima de mim, antes de um intenso raio de luz ofuscar a minha visão. Agora, vejo tudo branco, salpicado de pontos que se movem. Ele faz o mesmo no olho esquerdo e o meu mundo volta à escuridão.

— Acho que estás a progredir demasiado depressa. Talvez tenhamos de abrandar um pouco as coisas.

Consigo ouvi-lo a fazer qualquer coisa, mas não sei o quê. Quando deixo de ter esperança e aceito o meu destino, ouço a porta abrir-se.

— Como é que ela está? — pergunta o Paul. Não percebo como é que ele pode estar tão calmo ao ver este homem no meu quarto, mas depois lembro-me de que ele só vê um profissional de saúde.

— Receio não ser a melhor pessoa para responder a isso — diz o Edward.

— Desculpe, já falei com tanta gente... não falámos antes?

— Acho que não. Sou apenas um auxiliar do turno da noite.

Um auxiliar? Não entendo.

— E o turno da noite começa agora, por isso já não devia estar aqui.

— E o senhor devia? — pergunta o Paul.

Por um momento, há um silêncio e fico assustada com o que poderá acontecer a seguir.

— Trouxe a sua mulher para aqui, depois de um exame. Estou apenas a fazer o meu trabalho.

Não lhe disseste que eras o meu marido. Pensa, Paul, pensa.

— Peço desculpa, fui rude. Estou muito cansado, desculpe-me. Deve ver de tudo, a trabalhar de noite neste lugar — diz o Paul.

— Ficaria surpreendido com as coisas que acontecem aqui depois do anoitecer — responde o Edward. — Não me importo que fique um pouco mais para se despedir, mas terá de sair em breve. São regras do hospital, espero que compreenda. Não se preocupe, vamos cuidar bem dela enquanto o senhor estiver fora.

O Edward sai, e fico a sós com o Paul. Ele arrasta uma cadeira para mais perto da cama e senta-se. Tenho de encontrar uma forma de lhe dizer que o homem com quem ele acabou de falar está a manter-me aqui. Não percebo porque é que o Edward disse ser um auxiliar do turno da noite, nem porque é que o Paul acreditou. A Claire entra no quarto e, pela primeira vez, fico feliz por isso. Ela é esperta, vai perceber.

— Quem era?

— Apenas um auxiliar, disse que temos de sair.

— Provavelmente tem razão, já é tarde — diz ela, a sentar-se ao lado do Paul, já não do outro lado da cama.

— Ela mexeu o dedo, também viste. Tenho a certeza de que estava a apontar para alguma coisa — diz ele.

Agora lembro-me. Apontei para a placa de SAÍDA. Pensei que era um sonho, mas eles viram-me!

— Vi-a mexer o dedo, sim, mas ouviste o que o médico disse antes. Há pacientes em coma que mexem as mãos, abrem os olhos e até falam, mas continuam em coma. Mexer-se é como alguém a contrair-se durante um pesadelo.

Isto é mais do que um pesadelo.

— Temos de ser positivos, ver o que dizem quando os resultados chegarem...

— Acho que precisamos de ser realistas — interrompe a Claire.

Durante algum tempo, ninguém fala.

— Se queres saber, também não acredito neles — diz ela, por fim.

— Achas que os médicos estão a mentir-nos?

— A mentir talvez não, mas acho que não estão a ouvir. Parecia mesmo que ela estava a tentar comunicar e eles não a conhecem como nós conhecemos.

— Então porque é que não voltou a fazê-lo?

— Já lhe perguntaste? E se ela está aqui a ouvir cada palavra que dizemos?

A Claire pega na minha mão, tem os dedos gelados.

— Amber, se consegues ouvir-me, aperta a minha mão.

— Isto é estúpido.

— Talvez seja demasiado difícil. — Ela larga a minha mão e volta a pousá-la na cama. — Ok, Amber, estamos a olhar para a tua mão direita. Se consegues ouvir-me, mexe o dedo, só um bocadinho.

Eu quero, tento tanto, mas ele fez-me alguma coisa, eu sei que fez. Concentro toda a minha força na minha mão direita, sinto-me como se estivesse a arfar de tanto esforço que faço, mas nada acontece.

— Desculpa — diz a Claire.

— Não faz mal — responde o Paul. — Sei que estás apenas a tentar ajudar. Talvez tenhas razão, também precisamos de descansar. Devíamos sair daqui a pouco.

Por favor, não.

— Cinco minutos, depois saímos.

Ficamos os três em silêncio durante algum tempo. Queria que eles falassem, sinto-me a deslizar para outro lugar e precisava tanto de qualquer coisa para me agarrar. A Claire fala primeiro.

— Vamos precisar de ajuda, se isto for para durar muito tempo.

— Não vai ser.

— Também espero que não, mas se for não conseguimos fazer isto sozinhos.

— Conseguimos, revezamo-nos a cuidar dela.

— Talvez por mais alguns dias, mas e depois? O David está a enlouquecer a tomar conta dos gémeos, não é como antes, quando os meus pais estavam cá para ajudar. Ela tem amigos que nos possam ajudar?

O Paul não responde.

— Ela ainda tem amigos, não tem? — insiste a Claire.

— Fala da Jo, no trabalho. Às vezes saem juntas.

A conversa entre eles vacila e a náusea em mim intensifica-se. A Claire recupera a compostura antes de mim.

— Uma amiga chamada Jo?

— Sim, uma mulher.

Quase consigo ouvi-la a pensar.

— Alguma vez a conheceste? — pergunta.

— Não. Porquê?

— Por nada. Bem, talvez ela possa ajudar.

— Não tenho o número dela.

— Deve estar no telemóvel, não?

Ouçó o Paul abrir qualquer coisa e imagino-o a vasculhar a minha mala. O quarto começa a girar numa direção, enquanto a cama se move na outra. Ouço a menina de robe cor-de-rosa cantar ao longe, mas tenho de ficar aqui, tenho de impedir que isto aconteça. O Paul não pode mexer no meu telemóvel, há coisas que ele não pode ver. Acho que me lembro de uma coisa má. Uma coisa que não devia ter feito e que deixaria qualquer marido furioso, se descobrisse. A memória parece real e é acompanhada por outra. Umas mãos fortes a apertarem-me o pescoço de novo, a luta por ar e, pela primeira vez, acho que me lembro do motivo. Os meus medos erguem-se como tijolos no interior da minha cabeça e bloqueiam tudo o resto.

— Está sem bateria — diz ele. O movimento do quarto abrandando, mas não para totalmente. — Vou levá-lo hoje para casa e carregá-lo.

ANTES

Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — Fim da tarde

— Não acredito que acabei de fazer isto — digo.

— Nem eu, mas ainda bem que o fizeste — responde o Edward.

— Agora, toda a gente vai falar de mim por ter fugido com um estranho a meio do almoço de Natal.

— Não sou propriamente um estranho.

Entramos no *pub* e sentamo-nos à mesma mesa onde estive com a Jo há alguns dias. Gosto deste lugar, faz-me sentir segura, é familiar e parece que nada de mau pode acontecer aqui.

— Ultimamente, as coisas têm estado um pouco complicadas no trabalho. Prefiro beber um copo rápido com um velho amigo do que manter uma conversa sofisticada sobre *prosecco* morno. — Pauso por um momento, sabendo que preciso de acrescentar mais qualquer coisa. — Mas é só isso, dois amigos a beber um copo para porem as coisas em pratos limpos.

— Entendido — responde o Edward. — O que é que queres beber?

— Eu trato disso — insisto, enquanto tiro a carteira da mala, para depois a pousar na cadeira. Está pesada por causa de todas as coisas que não quis deixar no escritório, coisas que poderiam fazer-me falta.

— Então, um copo grande da cerveja de pressão que houver.

— Muito bem. Já volto.

O *pub* está cheio e dou por mim a olhar para as fotografias a preto e branco que estão penduradas nas paredes, enquanto espero. Vejo a data no quadro mais próximo: 1926. O lugar parece exatamente o mesmo. O mundo continua a girar, a replicar-se num ciclo infundável até algo mudar, o que não acontece

porque nós não mudamos. Faço as contas e percebo que são os rostos dos mortos que me devolvem o sorriso. Desvio o olhar. Quando, finalmente sou atendida, parece que os meus pés estão colados ao tapete estampado, horrível, e que estou presa no meu lugar. Contorno a multidão em direção à mesa, com um copo de cerveja numa mão e um de limonada na outra, e dois pacotes de batatas fritas de queijo e cebola entre os dentes. A expressão do Edward fica ligeiramente diferente quando me sento. Não consigo interpretar o seu olhar, por isso ignoro-o.

— Saúde — digo, enquanto levanto o copo.

— Saúde.

— Quais são os teus planos para o Natal?

— Trabalhar, infelizmente. Estou no turno da noite do dia de Natal até ao Ano Novo.

— Que chatice.

— Não faz mal. Ficar acordado toda a noite não é tão mau como as pessoas pensam.

Estas palavras desenterram uma memória.

— Lembras-te da minha cerimónia de graduação? — pergunto, a analisar o seu rosto, que luta contra um sorriso.

Durante algum tempo, tudo decorre de forma fácil, quase confortável. Falamos de viagens que fizemos e dos países que visitámos durante os anos em que estivemos afastados, evitando memórias comuns e concentrando-nos nas outras. Criamos alguma distância, restaurando a ordem. Penso que estamos em terreno seguro e começo a relaxar.

— És feliz? — pergunta ele. Pousa a mão na mesa, demasiado perto da minha. Recolho ambas as mãos para o refúgio do colo, apertando-as em punhos fechados.

— Amo o meu marido.

— Não foi isso que perguntei.

— Edward. — Sei que não vou voltar a vê-lo, esta é a despedida final. Ele também sabe, mas ainda assim persiste na pergunta.

— És? Feliz?

Decido que vou responder-lhe, terminar a bebida e ir para casa.

— Não. Não estou particularmente «feliz» neste momento. Mas não é por causa do meu casamento.

— Então qual é a causa?

— A vida, suponho. É difícil explicar.

— Tenta.

— Cometi erros e agora estou a pagar por eles.

ANTES

Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — Princípio da noite

Acordo com uma dor de cabeça lancinante, sem compreender onde estou ou o que me aconteceu. A última coisa de que me lembro é de estar a conversar com Edward no *pub*. Sento-me. O movimento súbito faz com que o quarto oscile e é como se eu estivesse num pequeno barco em mar agitado, mas não estou num barco, estou numa cama. O quarto onde me encontro está às escuras, as cortinas estão fechadas. Não reconheço a luz ténue nem o cheiro do lugar, uma mistura de objetos velhos e suor. Continuo sem saber onde estou, mas percebo rapidamente que estou nua.

O tempo parece congelar quando encaro o meu corpo pálido. Cada pedaço de mim habitualmente oculto está agora à vista. Dentro da minha mente, o silêncio é ensurdecedor. O quarto onde estou não é o meu. Fixo o olhar nos lençóis azul-escuros, que não reconheço. Ouço o som de um duche ao longe e tento identificar o sabor estranho que tenho na boca. Procuro as minhas roupas e vejo-as no chão. Nem sequer bebi álcool, só tomei uma limonada. Não fiz nada, eu não faria isto.

Não consigo lembrar-me.

Esforço-me para me levantar da cama. É como se estivesse presa num filme em câmara lenta, a lutar para me equilibrar. O quarto inclina-se e distorce-se à minha volta, como se eu fosse mercúrio líquido a tentar escapar de um labirinto sem saída. Por mais que tente, não consigo encontrar o caminho certo. Curvo o corpo para a frente, numa tentativa de fazê-lo obedecer-me; quanto mais me dobro, mais receio tenho de me partir. Ouço um homem a assobiar ao longe, o som está abafado pelo ruído da água a sair de um chuveiro potente. Sinto-me

enjoada. Isto não pode ser real. Não sou o tipo de pessoa que faria isto.

Forço-me a levantar-me e sinto uma dor entre as pernas. Não sei se é real ou se estou apenas a imaginá-la. Tento afastar tanto os pensamentos como a sensação e dou um passo na direção da pilha de roupas, que reconheço como minhas. O quarto volta a girar, a tentar desequilibrar-me. Olho para as minhas pernas nuas e vejo uma tatuagem de nódoas negras arroxeadas nos dois joelhos. Aconteceu algo de muito errado.

Tenho de tentar lembrar-me.

A minha mente percorre um catálogo de memórias recentes, mas todas as páginas estão em branco, até chegar ao *pub*. Só bebi limonada, tenho a certeza. Fui à casa de banho, voltei e estava a preparar-me para sair em breve. Mas depois... nada.

Volto a olhar para o quarto. Vejo uma fotografia emoldurada ao lado da cama e o meu corpo esquece-se de como respirar. A versão mais jovem de mim fixa-me, a rir-se da minha insensatez. Um Edward jovem tem o braço à volta dos meus ombros, e puxa-me para demasiado perto, embora eu pareça não me importar. Lembro-me do momento em que a fotografia foi tirada. Foi na minha cerimónia de graduação. Poucos dias antes de acabar com ele. Não queria fazê-lo, mas não tive outra opção. Ele guardou-a todo este tempo. O rapaz da fotografia tornou-se um homem que desconheço. Um homem de quem tenho agora muito medo. E, não sei como, estou no apartamento dele e as minhas roupas estão no chão.

Não quero lembrar-me.

Nada disto está certo. Tenho de sair daqui, mas nem sequer sei onde estou. Fui mesmo idiota. Interrompo a enxurrada de autoaversão, por um instante, para examinar o espaço à minha volta. Tudo tem um ar de imundície. Há jornais espalhados pelo chão, correio por abrir, uma garrafa vazia, roupas sujas, pratos por lavar, uma caixa de piza aberta no tapete com restos trincados. O ar abafado sufoca-me e noto que uma espessa camada de pó cobre todas as superfícies. Num canto, uma máquina chama a minha atenção. Demoro a identificar o que é, até que percebo — é uma velha câmara de bronzamento. Nada aqui faz sentido.

Volto a olhar para as minhas roupas, abandonadas no tapete manchado. O meu corpo parece todo ele um hematoma e resiste a cada movimento, mas

consigo cobrir-me com as peças que vou encontrando e ignoro as que não consigo localizar. Reparo na minha mala e vasculho-a à procura do telemóvel, mas não o vejo. O que encontro é o teste de gravidez ainda fechado e sinto uma náusea subir pela minha garganta. Olho de novo à volta, a examinar os destroços de uma vida que não reconheço, e avisto o telemóvel em cima de uma mesa. Confirmo a data e a hora, ainda é sexta-feira. O som do duche para e eu fico imóvel. As minhas pernas entram em piloto automático, forçando-me a cambalear até à única porta do quarto. Rodo a maçaneta e abro a porta, deparando com um corredor estreito e comprido. Do outro lado, atrás de uma porta fechada, ouço-o assobiar. O tapete castanho, já sujo, está quase totalmente coberto com pilhas de jornais velhos, e sinto o odor intenso a humidade invadir-me. Reparo em dois grandes quadros de cortiça na parede e reconheço-os de imediato; também estavam no seu quarto de estudante universitário. Na altura, estavam cobertos de fotografias de nós os dois. Ainda estão, mas agora há mais fotografias, só de mim. Eu a sair do trabalho. Eu a ler um jornal no metro. Eu a beber café perto de minha casa há menos de uma semana — reconheço o meu casaco novo. Talvez sejam mais de cem fotografias, todas com o meu rosto a encarar-me de volta. Obrigo-me a desviar o olhar. Tenho de sair daqui. Já.

Avisto o que parece ser uma porta de entrada, entre o quarto onde estou e o lugar onde ele se encontra. Sei que o tempo está a esgotar-se à medida que vou tropeçando pelo corredor, recorrendo à parede e ao monte de lixo acumulado para me equilibrar. É preciso um esforço imenso para dominar as minhas mãos trémulas o suficiente, de forma deslizar a corrente e abrir a porta, revelando uma escuridão ainda mais profunda. Estou no exterior, mas no alto, numa espécie de passadiço dentro de um grande bloco de apartamentos. Viro-me por um instante para ver o número na porta azul-escura de onde acabei de sair, depois começo a recuar. Nem sequer paro para a fechar. Sinto a dor e o choque do ar frio quase como um alívio. Sinto-o infiltrar-se pelas mangas, deslizar pelo decote, subir pela bainha da saia. Pisco os olhos para afastar as lágrimas. Não mereço a compaixão de ninguém, nem mesmo a minha.

ANTES

Terça-feira, 15 de dezembro de 1992

Querido Diário,

Neste momento, estamos todos em casa. A mãe, o pai e eu. Continuo suspensa da escola, mas ninguém parece importar-se. O pai deixou de ir trabalhar. Diz que é para tomar conta da mãe, porque ela não está bem, mas passa os dias no sofá a ver televisão enquanto ela fica no quarto. Ele disse que eu já sou suficientemente crescida para saber a verdade. Ou seja, que a mãe estava grávida quando caiu das escadas e o bebé morreu. É essa a razão de ela ter bebido tanto que acabou por vomitar e de estar a gritar com a mãe da Taylor naquele dia. Eu pensava que as pessoas só gritavam coisas feias quando estavam zangadas, mas o pai disse que algumas o fazem por tristeza.

Eu não sabia que a mãe estava grávida, mas ainda bem que já não está. É nojento. Perguntei ao pai se ela podia engravidar outra vez e ele disse que não, porque tiveram de lhe tirar qualquer coisa da barriga no hospital. Fiquei aliviada. Eles os dois nem conseguem tomar conta de mim como deve ser, quanto mais de outro filho. Tenho medo de que decidam adotar um irmão ou uma irmã a fingir para fazer a mãe feliz. Também não quero isso.

O pai está sempre a sair para ir buscar coisas, mas às vezes volta de mãos vazias. Acho que devia começar a fazer listas para não se esquecer do que vai comprar, como a avó fazia. Hoje pediu-me para vigiar a mãe enquanto ia comprar pão, leite e um bilhete de

raspadinha. Foi difícil, porque eu não queria olhar para ela. A porta do quarto estava entreaberta, por isso decidi vigiar ali de fora, com um olho fechado, como o pai recomendou. Achei que ela podia gostar de me ouvir cantar, uma vez que este ano não foi ao concerto de Natal. Por isso, inventei uma canção engraçada e cantei-a do corredor:

O que havemos de fazer com a mãe bêbeda?

O que havemos de fazer com a mãe bêbeda?

O que havemos de fazer com a mãe bêbeda?

De manhã bem cedo?

Até fiz uma pequena dança, a fingir que bebia de várias garrafas. Ela não se riu, talvez ainda estivesse a dormir. Dorme muito. O pai diz que a tristeza a deixa cansada.

Quando o pai voltou, disse que precisávamos de conversar. Esqueceu-se de novo do leite, mas eu não lhe disse nada porque parecia preocupado com alguma coisa. Sentámo-nos à mesa da cozinha e, a princípio, pensei que ele se tinha esquecido do que queria dizer. Depois fez uma cara estranha e contou-me que temos de mudar de casa, outra vez. Disse-lhe que não quero mudar de casa, mas ele respondeu que não temos escolha. Perguntei-lhe se a culpa era minha, por ter sido suspensa, mas ele disse que não. Começou a tentar explicar, mas as palavras dele chegaram confusas aos meus ouvidos porque, sem dar por isso, comecei a chorar.

Tem qualquer coisa que ver com um homem chamado Will. A avó devia ter falado com ele antes de morrer, mas esqueceu-se, e agora temos de nos mudar porque as pessoas continuam a esquecer-se das coisas. O pai disse que a irmã da mãe está muito zangada porque a avó não falou com o Will. Eu nem sabia que a mãe tinha uma irmã. O pai disse que a conheci quando era pequena, mas não me lembro nada dela. Disse que a irmã da mãe não falava com ela nem com a avó há anos, mas, quando a avó morreu, decidiu que queria metade da casa. Perguntei-lhe se podíamos ficar na outra metade, mas o pai

explicou-me que não é assim que as coisas funcionam. Perguntei-lhe se podíamos ficar se ele ganhasse dinheiro na raspadinha, mas ele disse que já a tinha raspado e que não ganhou nada.

Tudo isto deixou-me muito triste, por isso pedi ao pai para subir e ler um pouco no meu quarto. Ele disse que eu podia ir, desde que fosse em silêncio e não incomodasse a mãe. Disse também que temos de cuidar muito bem dela, porque está mais abalada com tudo isto do que nós. Não vejo porque é que tenho de cuidar dela. Ela devia ter tomado conta da avó e não o fez como devia ser, uma vez que o cancro acabou por matá-la. Não consigo parar de pensar que, se alguém melhor, como por exemplo a mãe da Taylor, tivesse cuidado da avó quando estava doente, ela teria ficado bem e continuaria viva. Tudo estaria bem e não teríamos de continuar a mudar de casa. Isto é tudo culpa da mãe, embora o pai seja demasiado tonto para perceber. A mãe arruinou a vida de toda a gente e eu nunca vou perdoá-la.

AGORA

Véspera da Ano Novo, 2016

Desperto com o som. Já o ouvi antes. Na cama, estou inclinada para trás, com os pés apontados para o teto, enquanto o meu sangue corre para a cabeça. Levantam-me um pouco mais, até ao limite, e tenho medo de cair sem que ninguém me ampare. Mas, depois, inclinam delicadamente a minha cabeça, permitindo-me relaxar, enquanto sinto a água morna deslizar suavemente pelo couro cabeludo, acompanhada por uns dedos suaves que me massajam com cuidado.

Estou a cuidar do meu cabelo sem ter de fazer marcação! Consigo sentir o cheiro do champô, imaginar a espuma e, se me esforçar, quase consigo convencer-me, por alguns instantes, de que estou no cabeleireiro e a minha vida voltou à normalidade. Esforço-me por encontrar algum prazer nesta experiência, por me permitir relaxar e por me recordar do que isso realmente significa.

Penso muito no tempo desde que deixei de o ter. As horas aqui colam-se umas às outras, e é difícil separá-las. As pessoas falam do tempo que passa, mas aqui, neste quarto, isso não acontece. O tempo rasteja, prolonga-se e mancha as paredes da nossa mente com memórias sujas, de tal forma que não conseguimos ver o que está à frente ou atrás de nós. Corrói aqueles que permanecem encalhados nas suas margens, e eu preciso de me deixar ir para me encontrar de novo, mais adiante.

— Pronto, assim está melhor, o sangue seco já se foi todo — diz uma voz suave, antes de me envolver a cabeça com uma toalha macia. Imagino o sangue a manchar a cerâmica branca, com um círculo vermelho a diminuir até que mais uma parte de mim desapareça com a água.

— Eu faço isso, imagino que devem estar muito ocupadas. Não me importo — diz a Claire. Estava a observar, tão silenciosa que nem percebi que estava aqui. As enfermeiras gostam dela, consigo perceber isso. As pessoas costumam gostar da versão que ela lhes apresenta de si.

Voltam a colocar a cama com o encosto na vertical e deixam-nos a sós. A Claire seca-me o cabelo e faz-me uma trança, como fazíamos uma à outra quando éramos crianças. Tudo sem dizer uma palavra.

— Vieste cedo — diz o Paul, a entrar no quarto na altura em que ela termina.

— Ainda não consigo dormir — responde a Claire.

Parece que passo o tempo todo a dormir, mas não é verdade. E, mesmo quando durmo, há sempre alguém que entra e sai. Viram-me, limpam-me, medicam-me. O Edward não aparece há algum tempo, pelo menos não me lembro de ele ter estado aqui. Repito para mim mesma que talvez agora ele me deixe em paz, e então, quem sabe, eu acorde de verdade.

— Ontem à noite, aconteceu uma coisa estranha — diz o Paul.

— Conta — responde a minha irmã.

Preferia quando seguiam aquela regra em que ele chegava e ela saía. Agora estão a passar demasiado tempo juntos, e isso não deverá trazer nada de bom.

— Carreguei o telemóvel da Amber, mas não havia nenhum número de alguém chamado Jo.

— Que estranho.

— Liguei ao chefe dela, a pensar que ele talvez pudesse dar-me o número. No início foi muito simpático, mas depois começou a ficar agitado e disse que não podia dar-me o número porque não conhecia ninguém chamado Jo.

— Não estou a perceber — diz a Claire.

Eu sei que ela percebe.

— Ninguém do *Coffee Morning* se chama Jo. Perguntei-lhe se podia ser uma alcunha ou qualquer coisa do género, disse-lhe que era, sem dúvida, uma amiga da Amber, do trabalho. Ele ficou todo atrapalhado e tentou encontrar uma forma educada de me dizer que a Amber não tinha amigos no trabalho.

Por favor, para.

— Que estranho.

— Começo a perceber porque é que ela se despediu, o tipo parecia um idiota.

Por favor, para de falar.

— Despediu-se? — pergunta a Claire.

Não digas mais nada.

— Desculpa, ela pediu-me para não te contar, esqueci-me.

— Porquê?

— Já não gostava de estar lá.

— Não é isso, porque é que ela não queria que me dissesses?

— Não sei.

ANTES

Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — À noite

Evito encontrar o olhar do taxista quando chegamos à porta de casa. Durante a viagem, reparei nos seus olhos fixos em mim pelo retrovisor, como se tentasse decifrar algo. Não consegui perceber se era repulsa ou preocupação. Talvez fosse um pouco dos dois. Estendo-lhe o dinheiro e nem sequer espero pelo troco, murmurando apenas um agradecimento antes de sair e fechar a porta. Assim que o táxi arranca, a primeira coisa que vejo é o carro do Paul estacionado à frente de casa. Não me disse que iria voltar esta noite. Aliás, quase nem tenho falado com ele.

Procuro um rebuçado de mentol na mala e coloco um pouco de perfume. Encontro o espelho compacto e examino o rosto sob a luz do candeeiro da rua, explorando diferentes ângulos. É a primeira vez que sou forçada a ver-me ao espelho desde que acordei na cama de outra pessoa. A maior parte da minha maquilhagem já desapareceu, mas o rímel escorreu pelo rosto. Não admira que o taxista estivesse a olhar para mim. Lambo os dedos e esfrego a pele debaixo dos olhos, antes de voltar a verificar o meu reflexo. Continuo a parecer eu, embora não seja.

Entro do passeio para a nossa propriedade, cruzando uma linha invisível enquanto fecho o portão atrás de mim, como se estivesse a selar a decisão de avançar com cuidado. O ar está tão frio que a madeira regelada precisa de um empurrão para fechar e queima-me a ponta dos dedos como se estivesse a protestar. Esforço-me por caminhar até casa e deixo na rua todas as verdades por dizer. Observo a fachada enquanto percorro o caminho de gravilha. A casa parece cansada, negligenciada, a precisar de atenção. Em alguns pontos, a tinta

branca solta-se como pele queimada pelo sol. Tudo no jardim parece estar morto ou a morrer. Um tronco grosso de glicínia trepa e ramifica-se numa rede de veias castanhas e secas que cobrem a parte da frente da casa, como se não fosse voltar a florescer. Esforço-me por acreditar que talvez não tenha feito nada de errado, mas o peso da culpa pelo que não consigo ou não quero recordar torna cada passo mais pesado. Resolvi o problema com a Madeline, mas agora receio estar prestes a enfrentar algo muito pior.

Procuro as chaves na mala, mas não as encontro, pelo que decido tocar à campainha. Aguardo um instante, mas o frio intensifica a minha impaciência e toco de novo à campainha. O Paul abre a porta. Não diz nada, e ficamos os dois parados, como se eu estivesse à espera do convite para entrar na minha própria casa. O ar gélido força-me a avançar. Dou um passo à frente e toco-lhe levemente ao passar por ele, sem querer.

— Chegaste tarde — diz ele, enquanto fecha a porta.

— Sim, festa de Natal. Como está a tua mãe? — pergunto.

— A minha mãe? Ah, está bem. Acho que temos de conversar.

Ele sabe.

— Está bem. Fala. — Esforço-me por levantar o olhar e encará-lo.

— Tenho uma coisa para te dizer. Talvez seja melhor sentarmo-nos.

Ele não sabe, mas já não importa. Cheguei demasiado tarde.

— Primeiro, vou buscar uma bebida. Queres uma? — pergunto.

Ele abana a cabeça e eu dirijo-me para a cozinha. Pego numa garrafa de tinto, não interessa qual. Hesito por um momento antes de pegar num copo, mas acabo por afastar a dúvida. Afinal, um copo não vai fazer-me mal. No entanto, percebo que é inútil. Ele está ali para me dizer que tudo acabou, que já tomou a decisão por nós. Independentemente do que fiz ou deixei de fazer, o desfecho está traçado.

Encontro o saca-rolhas e seguro-o com firmeza, numa tentativa de controlar o tremor das minhas mãos, enquanto começo a torcer a espiral no interior da rolha, rasgando-a de dentro para fora. Enquanto rodo o saca-rolhas com o pulso, a ironia percorre-me o braço, sobe pelo ombro e aperta-se à volta da minha garganta, sufocando as palavras e o ar. O nome dela ecoa na minha cabeça, num grito constante e implacável. Preciso da Claire. Preciso dela

desesperadamente e, ao mesmo tempo, odeio-a. Achei que hoje tinha conquistado uma vitória, mas agora percebo que joguei no tabuleiro errado. O som da rolha a sair da garrafa não é tão satisfatório como de costume. Seguro-a entre os dedos, por um instante. Vista de determinados ângulos, ainda parece perfeita, ninguém adivinharia como está danificada por dentro.

O Paul está sentado no sofá, aquele que está normalmente reservado para os convidados. Detenho-me por um instante antes de me sentar no lugar que costuma ser o meu. Sinto-me manchada e despedaçada, mas ele parece alheio a isso.

— Não sei por onde começar — diz ele. Parece nervoso, quase infantil. Antes achava isso encantador, mas agora só quero que ele cresça, que avance e comece a dizer o que tem para dizer. Recuso facilitar-lhe as coisas, mesmo tendo vindo de onde vim e feito o que fiz.

— Tenho andado a mentir-te — diz ele, sem olhar para mim, fixo num ponto no chão.

— Sobre o quê?

— Ontem, não estive em casa da minha mãe. Ela caiu, de facto, mas quando saí de manhã, não fui para lá.

Bebo um pouco de vinho. Percebo agora que, antes de atravessar uma rua movimentada, olhei para o lado errado. A minha paciência está no limite; quero que esta encenação termine de vez.

— Quem é ela? — Finalmente, ele olha para mim.

— Quem? — pergunta.

— A pessoa com quem estás a ter um caso.

Ainda sinto as mãos a tremer, por isso pousei o copo.

Paul abana a cabeça e ri-se.

— Não estou a ter um caso. Céus! Estive com o meu agente.

Levo um momento a processar esta informação inesperada.

— O teu agente?

— Sim. Não te queria dizer até ter cem por cento de certeza, não queria dar-te esperanças para depois te desiludir de novo.

— Do que estás a falar?

— Escrevi outro livro. Não pensei que fosse bom, nem que um livro meu

voltasse a ser bom, mas venderam-no, venderam-no por todo o lado. Soube do leilão quando estava em Norfolk. A confusão na minha cabeça por causa da minha mãe era tanta que nem consegui acreditar. Mas é real e estão a falar de muito dinheiro. Eles adoram-no, Amber! Houve uma guerra de licitações nos Estados Unidos, foi uma loucura, treze estados até agora. E o melhor é que há uma hipótese de um contrato para um filme. Ainda não está tudo assinado, mas parece promissor.

Ele sorri, um sorriso verdadeiro, e percebo que não consigo lembrar-me da última vez que o vi assim. Também sorrio. Parece contagioso e não consigo evitar. Mas depois lembro-me de algo que não posso esquecer.

— Havia roupa interior no teu armário. Agora desapareceu.

— O quê?!

— Compraste *lingerie* rendada para outra pessoa. Eu encontrei-a. Não era o meu tamanho.

Por um instante, não consigo perceber se ele está zangado ou divertido com o que acabei de dizer.

— Comprei *lingerie* para *ti*. Sim, enganei-me no tamanho e devolvi-a. Mas, se fores lá acima agora, vais encontrar o mesmo saco, com o que era para ser a compra certa desde o início, escondido no mesmo sítio. Ou devia estar escondido até ao Natal. Não acreditaste mesmo que eu estava a ter um caso, pois não?

Começo a chorar. Não consigo evitar.

— Querida, lamento tanto — diz ele, a abraçar-me e eu permito que o faça. — Sei que as coisas não têm estado bem há algum tempo, mas eu amo-te. Só a ti. Sei que estive perdido no livro nos últimos meses e peço desculpa pela distância. Passámos por tanta coisa, e é claro que estou destroçado com... a questão do bebé, mas és a única pessoa com quem quero passar o resto da minha vida e isso nunca vai mudar. Percebes?

Naquele instante, podia dizer-lhe que talvez estivesse grávida. Mas afasto o pensamento quase no mesmo momento em que ele surge. Ainda não fiz o teste, não lhe posso contar até ter a certeza. A certeza. Não posso dar-lhe falsas esperanças. Tenho sido tão tonta.

Ele beija-me. Beija-me a sério, como já não fazia há tanto tempo. Não quero que ele pare, mas quando o faz, abro os olhos e ele está de novo a sorrir para

mim. Sorrio de volta. A felicidade que sinto é genuína.

— Só há um senão — diz ele.

Os nossos sorrisos refletidos desvanecem-se num instante.

— O quê?

— Vou precisar de ir para os Estados Unidos por uns tempos. Faz parte do contrato, tenho de fazer a promoção e, se o filme se concretizar, talvez tenha de passar algum tempo em Los Angeles. Sei que era algo que devíamos ter falado antes, mas... eu disse... que sim.

— É só isso? Era isso que estavas com medo de me contar?

— Não sei quanto tempo vou ficar. Podem ser alguns meses e sei que as coisas não têm sido fáceis, ultimamente. Tenho de fazer isto. Sempre disste que não consegues estar longe da tua família e que não podes deixar o teu trabalho, mas podes ir visitar-me e eu volto quando puder. Sei que conseguimos fazer com que isto funcione, se quisermos.

Aceno, em silêncio, e deixo que o meu cérebro processe tudo isto.

— E sei que ficas nervosa quando estou longe. — Lanço-lhe um olhar. — Pronto, não é nervosa, só ansiosa, como na semana passada, quando achaste que havia alguém no jardim às tantas da madrugada. Também tenho pensado nisso e quero que te sintas segura enquanto estou fora. Vi umas câmaras de segurança pequenas que há agora, ativadas pelo movimento, sem fios, muito práticas. Vou encomendá-las e instalá-las na parte de trás da casa. Assim, podes ver as imagens no telemóvel, se quiseres, e comprovar que não está lá ninguém.

— Despedi-me hoje.

— O quê?

— Apresentei a minha carta de demissão. Conteí ao Matthew antes de sair da festa de Natal.

— Porquê?

— Tive a pior semana de trabalho de sempre. É uma longa história. Estava na altura de sair. Por isso, se quiseres mesmo que vá contigo, eu vou.

— Claro que quero, amo-te! — As suas palavras são sinceras e verdadeiras, e as lágrimas que me provocam também o são. Não estamos a representar, estamos só os dois, e isso faz tudo parecer tão mais leve. Um sorriso tão amplo que parece capaz de o engolir ilumina-lhe o rosto dele. Quero sorrir-lhe de volta, mas há um

pensamento que força o seu caminho até mim e estraga tudo. Penso no lugar onde acordei. Na dor surda que senti entre as pernas, no teste de gravidez ainda por abrir na minha mala. Penso na Claire. Há tanta coisa que é só minha, tanta coisa que não devo nem quero partilhar. Tenho de tomar banho. Tenho de lavar tudo o que aconteceu. Ele percebe a mudança na minha expressão.

— O que foi? O que se passa?

— Não podemos contar isto a ninguém, pelo menos por enquanto.

— Vamos ter de contar a algumas pessoas.

— Não por enquanto, por favor. Nem sequer à nossa família.

— Porquê?

— Prometes, por favor?

— Está bem, prometo.

ANTES

Sexta-feira, 18 de dezembro de 1992

Querido Diário,

Já passou uma semana inteira desde que vi a Taylor pela última vez e tenho tanta coisa para lhe contar. Escrevi muito no cartão de Natal dela, e ainda assim não coube tudo, mesmo usando letras pequenas. Sei que ela o recebeu; tive de ir entregá-lo porque o pai se esqueceu de comprar selos. Bati à porta da casa dela, mas ninguém atendeu, por isso enfiei-o pela ranhura do correio. Espero que ela me ligue mais tarde, porque quero mesmo falar com ela.

Pessoas estranhas têm vindo a nossa casa e não gosto disso. Um homem alto e magro, totalmente calvo, veio falar com a mãe e o pai. Disse que se chamava Roger e tinha um sorriso muito branco nada verdadeiro. O Roger é agente imobiliário e veste fatos brilhantes. Disse que achava melhor que nenhum de nós estivesse em casa quando a mostrasse às pessoas. Não disse porquê, mas suponho que seja por a mãe estar sempre tão desleixada ultimamente. Talvez tenha achado que ela assustaria as pessoas.

O pai disse-me que não acreditava que alguém quisesse comprar a casa da avó nesta altura, tão perto do Natal, mas estava enganado. Logo pela manhã, antes de eu me vestir, chegaram pessoas para uma visita à casa, é assim que o Roger lhe chama. Às vezes, ele bate à porta, mas outras vezes entra sem pré-aviso, uma vez que tem a sua própria chave. Fala sobre a casa da avó como se vivesse aqui, mas

nunca viveu e continua a dizer tudo errado.

Não foi minha intenção perder a paciência. O pai teve uma entrevista de emprego esta tarde; decidiu arranjar um trabalho novo. A mãe tinha ido à mercearia da esquina comprar uma lata de feijão cozido, por isso eu estava sozinha em casa quando o Roger entrou. Saí sorrateiramente do meu quarto e consegui ver a parte de cima da sua cabeça lustrosa através dos balaústres. Estava a falar muito alto, como se fosse um ator no palco de uma das peças que a avó me levava a ver. Os atores fazem isso para que as pessoas que estão sentadas nos lugares mais baratos, lá no fundo do teatro, também possam ouvir. O Roger estava a gritar com um casal corpulento, embora estivessem mesmo ao lado dele. Perguntei-me se seriam duros de ouvido, como o avô era. Arrastavam-se pelo *hall* como patos alimentados com demasiado pão duro e não gostei nada do aspeto deles.

O Roger falava tão alto que peguei no batente em forma de pequeno pássaro e fechei a porta do meu quarto em silêncio, mas ainda conseguia ouvi-los. Tentei ler o meu livro, mas não conseguia concentrar-me sabendo que andavam a bisbilhotar lá em baixo, onde não deviam. Subiram as escadas, que rangeram ainda mais do que de costume, e depois passaram uma eternidade a olhar para a casa de banho. Não é uma casa de banho particularmente grande, tem as coisas normais, por isso não sei o que os fez demorar tanto tempo. Foi como ouvir ladrões a passear pela nossa casa, a única diferença é que entraram com a autorização da mãe e do pai.

Entraram no que costumava ser o quarto da mãe e do pai. Ficaram mesmo do outro lado da parede do meu quarto e ouvi o homem corpulento falar que a nossa casa «tem potencial», e perguntei-me o que isso significava. A mãe é a única pessoa que dorme naquele quarto agora e eu odeio-a, mas ainda assim não gostei da ideia de estarem lá e mexerem nas coisas dela. A mulher corpulenta começou a falar; não tinha dito muito até então e foi ela, não o Roger nem o

outro homem, que me deixou realmente furiosa.

As três coisas que ela disse que me fizeram perder a paciência foram:

1. «Ninguém no seu perfeito juízo iria querer viver aqui.»
2. «Isto precisava de ser demolido.»
3. «Que casinha tão feia.»

Senti a minha respiração acelerar e as coisas dentro da minha cabeça tornaram-se muito ruidosas, como acontece sempre que fico muito zangada. Mal podia acreditar que alguém pudesse ser tão rude e estúpido. Não sabia o que ia fazer, não o planeei, mas tive de fazer alguma coisa. Não quis que aquele casal horrível e corpulento comprasse a casa da avó. Não quis fazer algo mau, acho que só quis que eles saíssem.

Tudo aconteceu muito depressa. Ouvi-os sair do quarto da mãe e caminhar pelo patamar, depois o Roger abriu a porta do meu quarto e eu fiquei a gritar o mais alto que conseguia durante muito tempo. A mulher corpulenta parecia apavorada e o Roger também parecia um pouco assustado; o homem corpulento já estava com o rosto vermelho vivo de ter subido as escadas e pensei que ele ia ter um ataque cardíaco.

— Menina, acalma-te — disse o Roger. Isso deixou-me ainda mais zangada; não sou uma menina. Depois disse que não tinham a intenção de me assustar, o que foi estúpido. Eles não me tinham assustado, eu é que os assustei. Queria que se fossem embora, então disse o que a mãe disse à mãe da Taylor quando quis que ela saísse. Gritei: «Sai da minha casa, sua vaca de merda!», bem alto e várias vezes. Mesmo quando já tinham chegado ao fundo das escadas, eu continuei a gritar-lhes no patamar. Depois, atirei o batente de ferro à cabeça do Roger, mas falhei, ou seja, acertou na parede e caiu no tapete. Fiquei contente quando vi que se tinham ido embora. Tive

medo de ter partido o pequeno pássaro, mas estava exatamente igual, sem um único arranhão, ao contrário da parede, que ficou com uma mozza em forma de bico. É curioso como uma coisa tão pequena pode provocar um estrago tão grande e continuar exatamente igual.

Quando a mãe chegou a casa com o feijão cozido, não lhe contei o que tinha acontecido. O telefone tocou e ela atendeu na cozinha, por isso não consegui ouvir muito bem, nem perceber com quem estava a falar. Chamou-me lá abaixo, pouco depois, e disse que o Roger lhe tinha ligado. Pedi-me para me sentar no sofá e eu pensei que estava metida em apuros. Mas, depois, sentou-se a meu lado e, quando olhei para ela, vi que tinha uma expressão triste no rosto, não zangada. Disse-

-me que alguém que tinha vindo ver a casa logo de manhã a tinha comprado e que teríamos de nos mudar em breve. Chorei, não consegui evitar, e ela também chorou um pouco. Tentou abraçar-me, mas afastei-a e corri para o meu quarto.

Um pouco mais tarde, ela subiu. Bateu à porta, mas ignorei-a. Eu sabia que ela não entraria sem eu dizer que podia, não o faria depois do que aconteceu da última vez. Ficou ali durante muito tempo antes de sussurrar:

— Boa noite.

Como se fosse um fantasma, afastou-se. Respondi demasiado tarde, acho que ela não me ouviu, era uma rima que ela própria me ensinou:

Boa noite.

Dorme bem.

Não deixes que as pulgas te mordam.

E, se o fizerem, esmaga-as.

Virei-me e coloquei a almofada por cima da cabeça. Prendi a respiração o máximo que pude, mas o ar forçou a saída através da minha boca e não morri.

AGORA

Véspera da Ano Novo, 2016

— Como é que te sentes?

Abro os olhos e vejo a Jo sentada ao fundo da minha cama, no hospital. Fico muito feliz por vê-la, apesar de ela não ter vindo sozinha.

— Se não querias voltar ao trabalho depois do Natal, bastava teres dito. Não precisavas de enfiar um carro numa árvore e ficar em coma, sabias? — Ela sorri e segura-me na mão. Parece tão jovem. Gostava que o tempo tivesse sido tão generoso comigo como foi com ela. Consigo visualizar o meu quarto, muito mais acolhedor do que imaginei, luminoso, vibrante e repleto de cor. A janela escancarada emoldura um céu azul suave, enquanto os pássaros preenchem o ar com sua melodia de fundo.

— Já te lembras do que aconteceu? — pergunta ela. Abano a cabeça. — Sabes que não foi o Paul, não sabes? Ele nunca te magoaria. Não desta forma. — Aceno, porque agora sei que ela tem razão. A verdade tem estado um pouco emaranhada, torcida, durante o tempo que estive deitada aqui, mas os fios começam a desatar-se e a alinhar-se.

— Não foi um acidente, pois não? — pergunto. É estranho ouvir de novo o som da minha própria voz em voz alta.

— Não.

Aceno de novo. As peças do *puzzle* começam a revelar-se, mas ainda não encaixam.

— Porquê? — pergunta a Jo. Já não está a falar do acidente.

É tão bom estar com ela. É a única pessoa com quem posso ser completamente sincera, sem segredos ou mentiras. Esforço-me por filtrar a verdade que se

esconde nas minhas memórias.

— Tu sabes porquê — respondo.

— Não sei porque é que te despediste. Não precisavas.

— Só aceitei aquele trabalho para chegar à Madeline, sabes isso.

— Também sei que aquele trabalho te fazia bem, era uma coisa só tua.

— Era um trabalho de merda.

— Ser apresentadora de um programa de rádio de topo, ouvido por milhões de pessoas, não é um trabalho de merda.

— Não, mas eu não era propriamente a apresentadora, pois não? Isso foi só uma brincadeira entre nós — digo.

A Jo franze o sobrolho.

— Era?

— Sim. Eu era só a assistente pessoal da Madeline.

— Eras?

— Sim, Jo, tu sabes isso.

— Talvez saiba. Acho que já não me lembrava. Às vezes fico baralhada.

— Não, isso sou eu. Eu é que às vezes fico baralhada — digo, e ela larga a minha mão.

Escurece rapidamente e começa a chover lá fora. O som dos pássaros é substituído por um vento impaciente, que agita as cortinas e os lençóis. O quarto parece desaparecer, como se eu estivesse a ver uma versão a cores de um filme antigo a preto e branco. Sinto que algo não está certo. A cena já não me parece autêntica e lembra-me de que estou perdida. Sento-me e tento alcançar a Jo.

— Por favor, encontra-me. Quero ser encontrada.

Mas a menina de robe cor-de-rosa levanta-se e agarra a mão da Jo antes de eu conseguir chegar até ela. Puxa-a em direção à porta. O quarto começa a desmoronar-se e há peças enormes em forma de *puzzle* que caem pela escuridão abaixo. Tenho de aguentar. Quero desesperadamente juntar de novo todas as peças da minha vida, mas não sei como.

— Tens mesmo de ir? — pergunto.

— Acho que sim, não achas? — diz a Jo, e as duas saem do quarto juntas, fechando a porta atrás de si.

ANTES

Véspera de Natal de 2016 — De manhã

Perder alguém que amamos é sempre muito mau, mas a morte de uma pessoa querida durante o Natal é especialmente dolorosa. Os nossos pais morreram os dois na época natalícia e nada voltou a ser igual. É algo que teremos sempre em comum, mesmo que nos afastemos. Passar a véspera de Natal juntas foi ideia da Claire, mas não consegui dizer que não. Tornou-se uma tradição mórbida entre nós as duas. Ela disse que devíamos tentar lembrar-nos do que temos, não do que perdemos. Eu estou a tentar. Sei que ela os vê em mim. Às vezes, parece que está a tentar extrair os últimos vestígios dos nossos pais através do meu ADN, apenas com o olhar. Tenho os olhos iguais aos da nossa mãe. Também a vejo por vezes, a olhar para mim no espelho, sempre desapontada.

Optei pela High Street de Kingston, sempre movimentada e cheia de vida. Os gémeos, dois pequenos furacões de dois anos, são uma distração muito bem-vinda para o dia que me espera. A Claire empurra-os num carrinho duplo, o maior que já vi. Cada um segura o seu próprio brinquedo nas mãos minúsculas, nunca têm de partilhar nada. São um rapaz e uma rapariga. A Claire tem agora a sua família perfeita, como sempre quis. Deveria ser suficiente. Ela ama os gémeos mais do que me ama a mim, mais do que alguma vez amou qualquer um de nós, e é assim que deve ser. Hoje vou contar-lhe, não tudo, apenas o essencial, no momento oportuno.

— Isso não será demasiado pequeno para eles agora? — pergunta a Claire.

— Eu sei, só achei bonito. — Coloco o vestido para bebés dos zero aos seis meses de volta na prateleira. Fiz o teste de gravidez esta manhã, enquanto o Paul ainda dormia. Deu positivo. Acho que já sabia que ia dar. Não sei como é que

estou grávida agora, depois de tanto tempo a tentar. Acho que é um sinal, só pode ser. Chegou o momento de seguir em frente e começar a construir a minha vida com o Paul. Apenas com ele. Uma família só nossa, intocável, que ninguém nos pode tirar. Quero que ele seja o primeiro a saber, antes de partilhar a notícia com mais alguém. Já ensaiei tudo na minha cabeça e até consigo imaginar a felicidade no rosto dele. Vou contar-lhe esta noite.

Compro algumas roupas para os gémeos, escolhidas pela Claire, mais vale serem coisas de que ela gosta, porque eles nem sequer se vão lembrar deste Natal, quanto mais do que vestiram. Pergunto-me se ainda se lembrariam de mim caso eu desaparecesse das suas vidas em breve. Há uns dias, fui pesquisar o significado de «madrinha»: «Mulher escolhida como tutora legal de uma criança no caso de morte prematura dos pais.» Morte prematura — não consigo tirar esta designação da cabeça. Ser tia e madrinha ainda não significou muito até agora, mas isso vai mudar. Planeio fazer muito mais por eles quando forem mais velhos. Este Natal não ficará nas suas memórias, não terá grande importância.

O número de compradores de última hora, cheios de pressa, torna quase impossível passar de uma loja para a outra. Acho estranho que as pessoas que encontramos, sobrecarregadas de sacos e dívidas, pareçam todas tão felizes. Às vezes, sinto que toda a gente à minha volta é mais feliz do que eu, como se todas as pessoas soubessem um segredo que me foi negado. Os seus sorrisos enormes parecem ecoar e isso sufoca-me. Acabo por odiá-los, odiar tudo. As luzes de Natal, as canções, a neve falsa, todas as coisas de que eu gostava antes, deixam-me indiferente. A Claire também não está a desfrutar. Somos mais parecidas uma com a outra do que eu gostaria de admitir, e vejo-a a afundar-se num estado de espírito sombrio ou pior do que isso. Talvez seja melhor partilhar as minhas notícias mais cedo, para evitar que ela se perca num lugar tão escuro que não consigo acompanhá-la.

Conduzo o nosso pequeno grupo até um mercado de Natal. A Claire adora este tipo de ambiente. Detém-se numa banca de velas aromáticas e pega em cada uma delas, uma a uma, aproximando-as do rosto, enquanto inspira profundamente. Cada vela tem um nome diferente. Amor. Alegria. Esperança. Pergunto-me a que cheira a esperança.

— Aquele amigo da universidade com quem disseste que te cruzaste... — diz

ela, ainda a olhar para as velas. Fico paralisada e, de repente, parece que o mercado de Natal fica em silêncio.

— Não é um amigo, é um ex — consigo dizer.

— Tanto faz. — Ela pega num difusor, com as varetas a apontar para todo o lado, como um ouriço. — Lembrei-me dele ontem à noite.

Ontem à noite, quando acordei na cama dele.

As palavras passaram pela minha cabeça, mas ainda tenho medo de que, de alguma forma, ela as tenha ouvido. Ela continua sem olhar para o meu rosto, e eu fico aliviada, não confio na minha expressão para esconder o que sinto.

— Ele era estudante de medicina, não era? — pergunta ela.

— Sim.

— Não te largava quando acabaste com ele, lembras-te?

— Lembro-me. Ele estava magoado, sem compreender por que terminei. Não podia dizer-lhe que foste tu a empurrar-me para essa decisão.

— Eu não te empurrei. Ele simplesmente não era a pessoa certa para ti. Era bonito, mas faltava-lhe qualquer coisa aqui. — Ela bate na têmpora com o dedo.

— Lembras-te de ele te ligar sem parar quando acabaste? De te esperar à porta do teu apartamento a meio da noite?

— Já disse que sim, estava magoado.

— Nunca te perguntaste porque é que ele deixou de te assediar, mais para o final? — pergunta, virando-se para mim com os olhos a brilhar de satisfação, antes de voltar a focar-se nos artigos à venda.

Fico com a mente sobrecarregada. As peças de um *puzzle* que nem sabia que precisava de resolver começam a encaixar-se.

— O que é que fizeste? — pergunto.

— Nada de especial. Escrevi algumas cartas, só isso. É uma pena que as pessoas já não escrevam cartas, não achas?

Não levanta o olhar, limitando-se a percorrer a banca, de forma casual, e a pegar em pedaços de cera coloridos, que leva ao nariz.

— Diz-me o que fizeste.

Finalmente, ela volta-se para mim.

— Enviei algumas cartas ao diretor da faculdade de Medicina, como se fossem de várias mulheres a queixar-se do comportamento dele. Do teu ex. Usei papéis

e caligrafias diferentes. Foi bastante engenhoso — diz ela, com um sorriso. — Depois, liguei-lhe de um telefone público e avisei-o de que as cartas só parariam se ele te deixasse em paz. — O seu sorriso passa a riso.

— Não tem graça nenhuma, Claire. Podias ter arruinado a carreira dele.

— O que é que ele faz agora?

— É médico.

— Então, não se perdeu nada, vê só. Estás a preocupar-te sem motivo, como de costume. Só te estou a contar isto caso voltes a «cruzar-te» com ele. Não acho que seja uma boa ideia.

— Porquê? — pergunto, com receio de já saber a resposta.

— Porque talvez eu lhe tenha dito que as cartas eram tuas.

ANTES

Véspera de Natal de 2016 — Hora de almoço

O mercado começa a girar ligeiramente à minha volta, e preciso de qualquer coisa para recuperar o equilíbrio. O cheiro a vinho quente sobrepõe-se ao das velas, das especiarias e das pessoas. Tenho de me acalmar. Tento focar-me no que vim aqui dizer. Empurro o Edward para um canto escuro da minha mente e tranco-o dentro de uma caixa. Já guardei memórias desse tipo antes, trancadas em caixas na minha mente. Por vezes, é a única maneira de lidar com determinadas situações.

— Vamos beber alguma coisa? — pergunto.

— Claro — responde a Claire.

Vou para a fila do balcão enquanto ela procura uma mesa. Vejo-a dar batatas fritas aos gémeos para os manter sossegados. Não deviam comer estas porcarias, mas não digo nada. Ouço o som de uma fotografia a ser tirada atrás de mim e viro-me de imediato, enquanto a minha mente revisita as imagens recentes de mim própria, que vi no corredor da casa do Edward. Por um momento, quase acredito que ele possa estar ali, escondido na multidão, a tirar-me mais fotografias. Tento afastar esses pensamentos, focar-me numa coisa de cada vez, mas a imagem do meu rosto naquelas fotografias, captado de forma furtiva, como se ninguém estivesse a ver, não me larga. Fotografias daquelas revelam como nos mantemos à tona quando a vida tenta puxar-nos para baixo. Um retângulo de papel a mostrar-nos como podemos desdobrar-nos.

Ponho as bebidas em cima da mesa e aqueço as mãos no copo quente. Queima um pouco, mas não me importo. A Claire bebe um pouco deste líquido aveludado e observo o seu humor esfriar à medida que o seu corpo aquece. O

seu termostato interno parece restaurá-la, trazendo uma versão mais controlada de si mesma. Ainda assim, a tensão entre nós permanece, densa e inquietante. É desconfortável. Quase ameaçadora.

— Não fiques zangada. Já foi há vários anos — diz ela, a beber mais um pouco.

— Não estou zangada.

— Então, o que se passa?

A pergunta apanha-me de surpresa e sinto que estou prestes a escorregar da cadeira.

— Nada.

— Vá lá, diz de uma vez. Eu conheço-te, lembras-te? — Ela sorri, ainda convencida de que detém o controlo. — Tens qualquer coisa para dizer, por isso diz.

Olho à minha volta. Há muita gente aqui.

— Fiz o que pediste — digo-lhe.

Ela pousa o copo.

— A Madeline?

— Sim.

Ela sorri de novo. Não me surpreende que ainda não saiba, passou a vida dentro de uma bolha feita à medida dela. Não tem interesse em redes sociais, nem sequer usa *email*, só vai à Internet para fazer compras *online*. Desde que deixei o noticiário, ela também deixou de ver notícias. Prefere novelas e horas intermináveis de *reality shows*.

— Já não era sem tempo. Estava a ver que nunca mais — diz, com os olhos a brilhar, como uma criança na manhã de Natal. — Vá lá, conta-me tudo.

— O que importa é que ela se foi embora. Demitiu-se.

— Ótimo. Desejo-lhe uma reforma muito infeliz.

Sempre soube qual é o meu lugar com a Claire. Ela nunca tenta ser o que não é quando está comigo. Sabe o que eu sei e isso nunca parece perturbá-la. A Katie começa a chorar na cadeira alta, mas a Claire nem sequer olha para ela.

— Como é que ela estava?

— O quê?

— Quando lhe contaste?

A Katie começa a chorar ainda mais alto. Consigo ver várias pessoas a lançar

olhares irritados na nossa direção, mas a Claire continua a fixar-me, com aquele rosto tão familiar e, ainda assim, impossível de decifrar.

— Não quero falar sobre isso.

— Eu quero.

— Fiz à minha maneira. O que importa é que está feito.

As duas crianças estão agora a gritar, mas é como se não conseguíssemos ouvi-las.

— Obrigada — diz ela. A conversa parece falsa.

— Não tinha propriamente escolha. Agora que fiz o que pediste, deixa o Paul em paz.

Quando digo isto, ela lança-me um olhar, um olhar de aviso. Um copo parte-se no chão de pedra, a algumas mesas de distância, e sinto que qualquer coisa entre nós também se partiu. Sei que não devia dizer mais nada, mas uma gaveta na minha mente abriu-se sozinha e as palavras, há tanto tempo guardadas e meticulosamente dobradas, irrompem.

— Estou a falar a sério, Claire. Deixa o Paul em paz ou desapareço. Nunca mais me vêes.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta ela, a endireitar-se ligeiramente na cadeira.

— Não.

— Não acredito em ti. Não estás bem. Não estás... equilibrada. Ele magoou-te?

— Não!

Ela observa o meu rosto e eu desvio o olhar. Demasiado tarde. Ela viu qualquer coisa.

— Alguém te magoou?

— Não — respondo de novo. Não suficientemente rápido. Por um momento, quero contar-lhe tudo. Quero dizer-lhe que ela tem razão, que ela tem sempre razão. Houve alguém que me magoou, mas ainda não consigo lembrar-me de como fui parar à cama do Edward. Quando penso no meu corpo nu nos lençóis azul-marinho, temo que tenha sido tudo culpa minha.

— Está tudo bem. Vais contar-me quando estiveres pronta. Contas sempre. Mas o Paul não é bom para ti, já não é. Ele perdeu-se e tu mereces melhor. A

mãe e o pai também sabiam isso.

— Deixa-o em paz.

— Não sejas ridícula.

— Se alguma vez lhe acontecer alguma coisa, eu mato-me.

Os cantos da sua boca curvam-se num sorriso.

— Não, não matas — diz ela, ainda a sorrir.

Corre, coelhinho, corre. Corre! Corre! Corre!

Os gémeos estão a gritar, e agora também eu estou a chorar. A Claire é a única pessoa que não chora na nossa mesa.

— Tínhamos um acordo — digo. — Se as pessoas soubessem o que tu...

A Claire estende a mão por cima da mesa e agarra a minha. O aperto é tão forte que me magoa.

— Tem cuidado, Amber.

ANTES

Sábado, 19 de dezembro de 1992

Querido Diário,

Não tenho falado com a mãe ou com o pai desde que descobri que vamos mudar de novo de casa, mas não sei se deram por isso. Esta manhã, disse ao pai que queria ir ao parque, e ele respondeu que fosse. Depois, enquanto ele e a mãe discutiam lá em cima, liguei à Taylor. A mãe dela obrigou-a a atender o telefone. Ela não disse muita coisa, mas eu pedi-lhe que se encontrasse comigo no parque, se pudesse. O parque fica precisamente a meio caminho entre as nossas casas. Saí de casa às 12h47, porque sei que demoro treze minutos a chegar lá, e disse à Taylor para estar lá à uma. Não tenho relógio, mas devo ter andado muito depressa, porque fiquei à espera bastante tempo nos balouços.

Quando já estava quase a desistir, vi o Volvo estacionado na rua. A mãe da Taylor acenou-me e sorriu. Acenei de volta, mas não sorri, porque queria que ela percebesse que eu estava triste. Achei estranho a Taylor não ter vindo sozinha, não é assim tão longe. Demorou muito tempo a sair do carro e, quando finalmente saiu, não parecia ela. Cortou o cabelo pelo ombro e agora já não parecemos iguais.

O parque infantil é para crianças mesmo pequenas, por isso tem umas grades à volta, para as manter lá dentro e em segurança. A Taylor ficou do outro lado das grades, o que fez parecer que estava a

fazer-me uma visita na prisão. No início foi estranho, nada fácil ou confortável como era antes. Disse-lhe que ia mudar de casa e ela respondeu que já sabia, com um encolher de ombros estranho. Depois disse que tinha ouvido os pais a comentar que o meu pai tinha sido despedido por ter roubado. Respondi que isso não era verdade e expliquei que ele deixou o emprego para cuidar da mãe, mas não sei se ela acreditou. Disse-lhe que talvez fosse melhor falarmos nos balouços, em vez de através das grades, e ela deu a volta.

Perguntei-lhe sobre a escola e ela respondeu que não tinha perdido nada de importante antes do final do período. A conversa parecia pesada, como se houvesse uma barreira invisível entre nós. Senti que ela não percebia como era devastador para mim ter de deixar a nossa casa. Para fazer com que ela me entendesse, forcei umas lágrimas e chorei um pouco. Depois disso, ela ficou muito mais simpática, como antes, embora parecendo diferente. Perguntei-lhe se tinha estado bem na escola sem mim e ela abanou a cabeça. Tirou o casaco e arregaçou a manga da camisola. Tinha duas cicatrizes vermelhas e redondas no braço. Perguntei quem lhe tinha feito aquilo, mas ela não quis responder. Perguntei se podia tocar-lhes e ela acenou que sim. Fui muito cuidadosa, senti a pele macia no seu braço e depois percorri as manchas vermelhas inflamadas em forma de oito. Disse-lhe que lamentava não estar lá para impedir que aquilo tivesse acontecido. Quando tirei o dedo, ela puxou a manga para baixo e voltou a vestir o casaco. Percebi que era a maneira dela dizer que não queria falar mais sobre isso.

Ela levantou-se e afastou-se, o que me deixou assustada. Pensei que a tinha magoado e que se ia embora, mas não foi isso que aconteceu. Parou junto ao carrossel e deitou-se numa parte. Parecia uma tonta e eu ri-me. Depois corri até lá e comecei a empurrar o carrossel o mais rápido que conseguia, a correr ao lado dele, e ela também começou a rir-se. Quando o carrossel já não conseguia girar mais depressa,

saltei lá para dentro e deitei-me no lado oposto ao da Taylor. Continuámos a rir-nos e eu estendi as mãos para tocar nas dela através das barras. Segurámos as mãos uma da outra, a rir e a girar até eu ficar atordoadada, mas não me importei. Gostava que pudéssemos ter ficado assim para sempre.

Mais tarde, depois de pararmos de girar, mas ainda ali deitadas, a Taylor contou-me uma história engraçada sobre a amiga dela, a Jo. Disse que a Jo era excelente a ir a sítios novos e a conhecer novas pessoas, que era ótima a ouvir e a guardar segredos. Comecei a sentir alguns ciúmes da Jo. Acho que, sendo eu e a Taylor melhores amigas, ela não devia precisar de mais ninguém. Na verdade, não gostei nada da ideia da Jo, até a Taylor me dizer que ela não era real, que se tratava de uma amiga imaginária. Ri-me tanto. Ela disse-me que podia emprestar-me a Jo quando eu me mudasse, que a Jo me faria companhia quando eu estivesse assustada ou sozinha, e que, assim, eu teria sempre uma amiga onde quer que fosse. Respondi que não precisava de mais amigas enquanto tivesse a Taylor, mas acho que ela nem me ouviu. Disse que a Jo podia ir para minha casa naquela noite, só para ver se também podíamos ser amigas. Eu respondi que não, obrigada. A Taylor ficou estranha e disse-me que a Jo estava sentada num dos balouços vazios, e que eu não devia magoar os sentimentos dela. Olhei para os balouços. Não havia lá ninguém. Comecei a pensar que a Taylor estava a enlouquecer, mas quando chegou a hora de ir para casa, concordei que a Jo podia vir comigo, só para agradar à Taylor. Agora, a Jo está aqui no meu quarto, a ver-me escrever no diário. Tem cabelo loiro e calças de ganga, e gostamos das mesmas coisas. Está sempre a sussurrar coisas ao meu ouvido. Ainda não sei se vamos ser mesmo amigas, mas ela pode ficar por aqui, por enquanto.

AGORA

Véspera da Ano Novo, 2016

O Paul sai do quarto e eu espero que a Claire diga qualquer coisa. Mesmo que ela esteja convencida de que não consigo ouvi-la, sei que não vai conseguir evitar falar.

— Trinta e cinco anos e continuas a inventar histórias sobre a tua amiga imaginária? A sério? — A risada dela é cruel. — Suponho que a verdadeira questão seja com quem tens realmente estado quando dizes ao Paul que estás com a Jo.

A porta abre-se e sinto um alívio imediato.

— Desculpem, não queria assustar-vos — diz o Edward.

O alívio acaba no mesmo instante.

— Devem pensar que sou louca, aqui sentada a falar sozinha — nota a Claire.

— Pode até parecer loucura, mas não está a falar sozinha. Está a falar com a sua irmã. Falar com pacientes em coma faz bem, tanto a eles como a nós.

— Penso que nunca nos vimos antes. Como é que sabe que sou irmã dela? — pergunta a Claire. Apanhou-o. A Claire tem o dom de ver através das pessoas.

— Parecem irmãs — responde o Edward. — Só preciso de...

— Claro. Doutor...?

— Clarke.

Achei que ele tinha dito ao Paul que era porteiro.

Fico a ouvi-los, enquanto o meu sequestrador e a minha irmã fazem conversa de circunstância. Ela não gosta dele, consigo notar isso pelo seu tom de voz. Tento agarrar-me à forma das palavras, por mais banais que elas sejam. As vozes vão ficando mais baixas, como se alguém estivesse a diminuir o volume do meu

mundo, até quase não ouvir nada. Não sei o que é, mas sinto que está a chegar. O silêncio acaba sempre por me reclamar, porque fui eu quem o escolheu primeiro.

O tempo desacelera. Ainda consigo ouvir Claire ao longe, mas mal. Os meus olhos e a minha boca estão fechados, e o silêncio preenche os meus ouvidos até ficar completamente surda, além de muda e cega. Quando já não ouço a voz dela, abro os olhos e vejo a Claire mesmo à minha frente. Estamos no corredor da casa dela, e ela está imóvel, como uma estátua viva. É como se tivesse sido parada a meio de uma frase, com o horror cravado no rosto, refletido nos seus olhos brilhantes. Sigo o olhar dela e olho para baixo. Vejo sangue a subir pelas minhas pernas, até que desaparece completamente, como se o tivesse imaginado. Sei que não quero ver mais, mas agora que os meus olhos estão abertos, não consigo fechá-los. Quero carregar no botão de parar, mas não consigo e a minha mente continua a rebobinar a imagem. A Claire está a gritar comigo; não consigo ouvir o que ela diz, está tudo em silêncio. Caminho para trás, pela porta da frente, e desço o passeio em marcha-atrás. Ela fecha a porta, enquanto eu entro no carro. Ela estava à espera, sabia que eu ia chegar. Antes de conseguir processar o que isso significa, ligo o motor e conduzo o carro do Paul em marcha-atrás por várias ruas familiares, até parar em frente à nossa casa. O Paul está na entrada, a gritar enquanto eu imobilizo o carro. Abro a porta duas vezes, antes de sair. Com os dedos frios e molhados, aperto a chave com tanta força que sinto a dor cravada na palma da mão. Ajoelho-me na gravilha, ignorando a dor das marcas que as pedras fazem na pele dos meus joelhos, e largo a chave nas sombras projetadas pelo carro. As coisas parecem suceder ao contrário. Levanto-me para enfrentar o Paul, enquanto gritamos um com o outro à chuva. Não consigo captar o que estamos a dizer, mas fico a observar os contornos que os seus lábios desenham. Está a gesticular com as mãos no ar, mas a minha interpretação inicial está errada, o rosto dele exhibe medo, não raiva. A chuva cai com força e tudo volta a desacelerar, até o tempo quase parar.

Consigo ver tudo de uma forma tão nítida, que o ambiente começa a parecer real. Porque é real. Trata-se de uma memória, não de um sonho, tenho a certeza. Olho para baixo e vejo que o meu vestido bege novo está encharcado e colado à pele, mas não há sangue, e sei que o bebé continua aqui, continua vivo

dentro de mim. Coloco a mão no ventre. Pergunto-me porque não estou de casaco e percebo que devo ter saído à pressa. O Paul abana a cabeça e volta a entrar em casa. Fico sozinha à chuva. Tenho quase a certeza de que esta parte está errada. Não fiquei assim parada, à chuva, mas agora parece-me importante estar suspensa no tempo e no espaço até conseguir lembrar-me, até tudo fazer sentido. A chuva é tão forte que me magoa o rosto. Fico com a visão turva e percebo que parte da água que tenho no rosto é minha. Ouço a voz do Paul misturada com a chuva do céu noturno.

— Ela está a chorar.

O céu carregado desaba sobre a casa e escorre pelo carro. A memória está a ser encoberta, mas tenho de me agarrar a ela, tenho de me lembrar do que aconteceu. Sinto a presença dela antes de a ver. A rapariga do robe cor-de-rosa está a meu lado e faz deslizar a sua pequena mão na minha. Agora, consigo ver-lhe o rosto, sei quem é.

— Vê, ela está a chorar — diz de novo o Paul, atrás de uma árvore, e percebo que estou mesmo.

A rapariga começa a chorar também e eu puxo-a para mim, sabendo que nunca poderei largá-la. Ela não podia ter impedido que acontecesse, a culpa não foi dela. A imagem mergulha na escuridão, despojando a memória até que fica apenas o vazio. Só então tudo começa a fazer sentido. Foi ela quem escolheu o silêncio e agora cabe-me carregá-lo.

A rapariga agarra-me com força, duas décadas desmoronam-se, e encaro a criança que fui. Ela atravessou vinte e cinco anos de tempo e espaço para me lembrar de quem fui e mostrar-me quem tenho de ser agora.

Há quem seja um fantasma ainda antes de morrer.

ANTES

Véspera de Natal de 2016 — De tarde

Ainda tenho as mãos a tremer quando chego a casa. Deixei a Claire no mercado de Natal e afastei-me sem olhar para trás. O céu está carregado de uma chuva ainda por cair e eu só quero entrar, fechar a porta e deixar o mundo e os meus erros do lado de fora, para sempre. Tiro as chaves da mala e percebo que peguei no molho do Paul em vez do meu. Não costumo ser tão descuidada. Tenho de me acalmar, recompor-me, manter o foco. Sinto-me melhor quando entro em casa. Encosto as costas à porta e tento fazer abrandar a respiração e os pensamentos. Fecho os olhos por um instante e tento pensar com clareza, mas não tenho qualquer resposta quando os abro. É difícil ver o que não está lá.

Tiro o casaco, no corredor, penduro-o no cabide e baixo-me para descalçar os sapatos.

— Cheguei — digo, sem entusiasmo e sem esperar nada.

Não há resposta.

Desato o segundo atacador.

— Paul?

Nada.

Nunca gostei muito de ser tocada por outras pessoas. Aprendi a não recuar, a não tremer, mas sempre achei fútil agarrar uma pessoa sabendo que, mais cedo ou mais tarde, terei de deixá-la ir. Apesar disso, gostava de ser abraçada neste instante. Gostava de me agarrar a alguém e deixar que me agarrasse de volta.

Sinto a língua a arder por causa do vinho quente e tenho sede, por isso vou até à cozinha e sirvo-me de um copo de água da torneira. Enquanto bebo o líquido fresco, deixo o meu olhar passear pela divisão e vejo-o de imediato. Coloco o

copo na banca e olho para o forno. O botão mais à esquerda não está na posição correta. Rodo-o até estar completamente desligado e fico a olhar para ele, como se pudesse voltar a mexer-se à minha frente. Olho à volta, à procura de uma explicação, e sinto uma onda de raiva tomar conta de mim. Como é que o Paul pôde ser tão descuidado, e logo hoje? Ouço uma tábua do chão ranger noutra divisão e deixo que a minha irritação venha à tona.

— Deixaste o forno ligado! — grito, enquanto atravesso as divisões, à procura de alguém para culpar. Mas o Paul não está aqui.

Detenho-me na sala, que está vazia, havendo lá apenas uma enorme árvore de Natal, num canto. Não estava ali esta manhã. Tínhamos concordado que este ano não iríamos perder tempo com decorações. Mas ali está ela, mais alta do que eu, coberta de pequenas luzes brancas a piscar. Quase todos os ramos têm um enfeite que eu e o Paul fomos comprando ao longo dos anos: um saco castanho minúsculo da Bloomingdale's, numa viagem a Nova Iorque; um pequeno anjo de jade da Nova Zelândia; um boneco de neve de renda branca da Alemanha. Viajávamos tanto. Voltaremos a fazê-lo agora que ele escreveu outro livro. Fico ali, paralisada pelas memórias penduradas em cada ramo da árvore, até me aperceber de que estou a sorrir sozinha, feliz só porque sim. Desligo as luzes da árvore de Natal porque li que podem incendiar-se se ficarem acesas durante muito tempo, levando consigo casas inteiras.

Ouço de novo uma tábua ranger no andar de cima e tento afastar os últimos resquícios de irritação, enquanto subo as escadas à procura do Paul. Ele teve um gesto bonito, por isso tenho de lhe perdoar o resto. Passo de divisão em divisão, e como não há muitas faço-o rapidamente, mas ele também não está aqui. Volto para o nosso quarto, onde há qualquer coisa de diferente, qualquer coisa estranha. Examino o espaço e reparo nas portas do roupeiro, que estão ligeiramente abertas. Deveriam estar sempre fechadas. Respiro mais depressa do que é costume e fico arrepiada, mas digo a mim mesma que estou a ser tonta. Aproximo-me para as fechar e reparo que as minhas roupas foram mexidas. Não estão na ordem certa. Costumo arrumar tudo por tamanho e cor, tenho um sistema montado, e este não é o meu sistema.

Há algo de errado.

Agora, tenho a certeza.

Não estou a imaginar coisas.

Fico totalmente imóvel e tento ouvir o menor dos sons. Nada. Avanço pelo corredor, a espreitar pelas portas entreabertas, com medo do que possa encontrar. A minha própria respiração parece-me demasiado alta. Paro à entrada da casa de banho. Agora que observo com atenção, vejo que o armário dos medicamentos está ligeiramente aberto e as toalhas não estão alinhadas como eu gosto. O Paul nunca faria isto; sabe que isso me deixaria louca. Alguém esteve aqui.

A Claire.

A Claire faria isto só para me castigar, para me dar uma lição. Não compreendo como chegou aqui antes de mim ou como entrou sem chave. Contenho a respiração até conseguir sufocar os pensamentos, para me assegurar de que não serão ouvidos por ninguém.

Preciso de encontrar o Paul. Preciso de saber que ele está bem. É então que o ouço a caminhar no rés-do-chão. Deve ter entrado pelo jardim. O alívio de saber que está seguro permite-me abandonar o caos lá em cima e descer as escadas a correr. Só quero ver o seu rosto. Mas não está na cozinha, onde esperava encontrá-lo. Volto pelo corredor em direção à sala e faço um sorriso antes de abrir a porta, que não me lembro de ter fechado.

As luzes da árvore de Natal estão de novo acesas, mas não é isso que chama a minha atenção em primeiro lugar. O que vejo primeiro é o Edward, sentado no sofá. Olha para mim como se estivesse à minha espera, como se tivéssemos combinado encontrar-nos, como se fosse perfeitamente normal este homem do meu passado estar sentado na minha sala. Tenho vontade de gritar, mas, mais do que isso, tenho vontade de fugir. Ele sorri para mim.

— Olá, Amber. Pareces cansada. Porque não te sentas?

ANTES

Segunda-feira, 21 de dezembro de 1992

Querido Diário,

O pai montou hoje a nossa árvore de Natal. Não é verdadeira, é de plástico e, na realidade, nem sequer é nossa. Era da avó e do avô, mas tenho a certeza de que eles não se importariam. Tem uma cor verde estranha, como se tivesse desbotado e agora quisesse ser cinzenta. Deixaram-me decorá-la. As luzes não funcionam e não há qualquer presente por baixo, mas eu gosto dela na mesma. Quando terminei, a Jo disse que ficou bonita. Gosto de tê-la por perto, ela faz-me companhia.

O pai conseguiu arranjar um novo emprego, o que, à partida, deveria ser uma boa notícia, mas não é. O emprego é no País de Gales, que fica muito longe daqui. Na verdade, é tão longe que é literalmente outro país. Lá, até têm uma língua própria, que soa como se estivessem a falar de trás para a frente. O pai mostrou-me isso com a ajuda de uma cassete. A Taylor disse-me que já esteve de férias no País de Gales e que eles falam inglês tão bem como falam galês, mas eu continuo sem querer ir viver para lá.

Há três grandes razões para não nos mudarmos para o País de Gales:

1. Vou ter de mudar de escola, de novo.
2. Vou ter demasiadas saudades da Taylor.
3. A avó não vai estar lá.

A avó também não está aqui, mas, como todas as coisas dela estão, é fácil fingir que ainda está.

O pai tem estado a guardar as nossas vidas em caixas. Pequenos pedaços da nossa história estão empilhados por toda a casa, num labirinto de coisas velhas de que não precisamos, mas que ele as embrulha e empacota-as com todo o cuidado, como se fossem coisas muito preciosas. Ainda tínhamos as caixas antigas no sótão, das mudanças anteriores. Aliás, foi lá que ele encontrou a árvore. Pediu à mãe que o ajudasse com as arrumações, mas como ela não tem andado bem, ele tem feito tudo sozinho. A mãe nem sequer se veste. Passa os dias todos de pijama. O médico receitou-lhe comprimidos para dormir, o que me parece estranho, uma vez que ela passa praticamente o dia inteiro na cama.

O pai disse que desta vez já sou suficientemente crescida para arrumar as minhas coisas sozinha. Preparou duas caixas, cujos fundos reforçou com fita cola castanha, e deixou-as no meu quarto, para que eu as enchesse antes do jantar. Encontrou uma nota de dez libras numa gaveta da cozinha e decidiu que podíamos comer peixe com batatas fritas como recompensa, só nós os dois. Fiquei contente por ele ter encontrado algum dinheiro. Acho que estamos quase sem nada. Ontem veio cá um homem bater à porta e perguntar pelo pai, e ouvi-o dizer que não pagámos a conta da água. Fui verificar as torneiras na cozinha e na casa de banho, e ainda funcionam. O pai disse que, se mais alguém bater à porta, temos de fingir que não estamos em casa e baixar-nos perto das janelas, para que não nos vejam se olharem para dentro.

Tentei encher as caixas no meu quarto, mas não é tão fácil como parece. Cheguei a colocar alguns livros numa delas, mas algo não me pareceu certo, por isso acabei por tirá-los e devolvê-los à prateleira. Acho que os meus livros não querem sair desta casa. É a casa deles, e deviam poder ficar aqui o tempo que quisessem. Acabei por colocar as roupas nas caixas. Nem preciso de muitas roupas, estou com a

mesma roupa há dois dias e está tudo bem. Também deixei de tomar banho para poupar a água que não pagámos, mas ninguém parece ter reparado. Fechei uma das caixas com fita cola castanha, mas deixei a ponta pendurada. Não me deixam ter tesouras no quarto.

O peixe com batatas fritas era o melhor de sempre! Pus sal, vinagre e *ketchup* no meu, e fiquei tão cheia que mal consegui terminar, mas comi tudo. Acho que o pai também gostou do jantar dele. Estávamos a ter um momento agradável, só os dois, mas depois ele começou a beber vinho tinto de uma embalagem e ficou num daqueles humores estranhos. Perguntei-

-lhe porque é que o vinho vinha numa embalagem em vez de vir numa garrafa, e ele respondeu que eu fazia perguntas a mais e que devia ficar calada. Acho que o pai não devia beber tanto. Torna-se uma pessoa desagradável. Finge ser simpático com árvores de Natal e peixe com batatas fritas, mas a verdade é que acho que ele não gosta de mim. Observei-o depois do jantar, enquanto ele via a televisão grande. Tinha restos de comida na barba e nos lábios, pedaços de pele seca tingidos de roxo pelo vinho. Não me acho nada parecida com ele, nem sequer sei se acredito que ele é mesmo meu pai. Odeio-o quando bebe demasiado. ODEIO-O.

Vi as tesouras quando fui buscar um copo de água à cozinha. Sei que não lhes devia tocar, mas já tenho onze anos. Decidi fechar devidamente as caixas do meu quarto com a fita cola. Mas aconteceu uma coisa estranha quando cheguei ao cimo das escadas. Os meus pés tinham outros planos e, sem aviso, levaram-me para a casa de banho. Acendi a luz e a Jo estava de pé dentro da banheira. Fiquei mesmo assustada. Mandou-me fechar a porta da casa de banho e eu fechei. Depois olhei para o espelho, para conseguir ver o que estava a fazer.

Quando terminei, havia muitos fios do meu cabelo no chão da casa de banho. Cortá-lo pelos ombros foi ideia da Jo. Quando semicerrei os olhos diante do espelho, consegui fingir que era a Taylor a olhar

para mim e isso fez-me sentir feliz. Sorri e ela sorriu de volta. Perguntei à Jo o que achava, e ela disse que eu tinha feito uma coisa mesmo esperta, porque significa que, desde que haja espelhos no País de Gales, posso levar a Taylor comigo.

AGORA

Véspera da Ano Novo, 2016

Acordo com o som de uma rolha a saltar, ao longe. Alguém, algures, está a celebrar. Tenho o vislumbre de uma memória que regressa: champanhe no Natal, o tilintar dos copos, os gémeos a chorar no andar de cima. Tento recuperar mais alguns fragmentos, mas o resto do ficheiro está em branco. Não acho que estivesse bêbada, mas a verdade é que não consigo lembrar-me, e essa mera possibilidade alimenta ainda mais a vergonha que tem vindo a crescer dentro de mim. Os nossos pais costumavam beber e o álcool alterava as pessoas que eles eram. Nunca quis ser como eles, mas a vida tem uma forma peculiar de se repetir, quer queiramos ou não. Ouço risos ao fundo do corredor e pergunto-me o que poderá haver de tão engraçado num lugar como este.

O Paul pega na minha mão. Continua aqui, não desistiu de mim.

— Feliz Ano Novo — diz ele, enquanto me dá um pequeno beijo na testa.

Ano Novo.

Já estou aqui há uma semana. O tempo neste lugar dilata-se como um acordeão: por vezes, está comprimido; outras, parece que a minha existência compactada se torna infinita, escondida nos vincos de um tecido moldado com a forma da vida e em caixas de cartão. Sinto-me um pouco confusa e muito perdida.

Penso nas celebrações de Ano Novo do passado. Não consigo lembrar-me de nenhuma realmente boa, embora suponha que todas elas tenham sido melhores do que esta.

— Se conseguires ouvir-me, só tens de mexer o dedo — diz o Paul. — Por favor.

Imagino-o a fixar os olhos nos meus dedos, a implorar que se mexam. Queria tanto conseguir fazer esse pequeno gesto por ele.

— Tudo bem, eu sei que o farias se pudesses. Disseram-me que posso ficar até à meia-noite, desde que seja só eu. Passam três minutos da meia-noite, por isso...

Ouço o fecho do seu casaco e entro em pânico.

Por favor, não vás.

— Não te preocupes, vou continuar a cuidar de ti. Aqui entre nós, instalei uma pequena câmara no teu quarto, aquela que ia pôr nas traseiras da casa. Vou colocá-la aqui, num lugar onde ninguém consiga vê-la. É ativada através do movimento, por isso, se te levatares e começares a dançar durante a noite, vou poder ver-te no portátil, em casa. Sei que estás aí, Amber. Eles não acreditam nisso, mas eu sei. Só tens de aguentar; vou arranjar uma forma de te tirar daqui.

— Beija-me de novo, antes de desligar a luz e fechar a porta com cuidado, como um pai que foi deitar uma criança. Fico sozinha. De novo.

Portanto, estamos em 2017. Na minha cabeça, parece uma coisa tão futurista. Quando era pequena, achava que nesta altura haveria carros voadores e férias na lua. As coisas mudaram, talvez não tanto quanto gostaríamos, mas o mundo é um lugar diferente. Mais rápido, mais ruidoso, mais solitário. Ao contrário do mundo à nossa volta, a verdade é que nós não mudámos nada. A vida é um espelho e nós não passamos de versões mais velhas de nós mesmos; crianças disfarçadas de adultos.

ANTES

Véspera da Natal, 2016

— O que estás a fazer aqui? Como é que entraste em minha casa?

O Edward está bem instalado no meu sofá, a sorrir-me como se fosse normal, como se tudo isto fizesse sentido. Está ainda mais bronzeado do que da última vez que o vi, e eu lembro-me da velha câmara de bronzamento que vi no apartamento dele.

— Tem calma, Amber. Está tudo bem, porque não bebes um copo de vinho? Relaxa, conta-me como foi o teu dia — diz ele, a apontar para a garrafa de vinho tinto e para dois copos, na mesa de centro. Os nossos copos, meu e do Paul. O nosso vinho.

— Vou chamar a polícia — digo.

— Não vais, a menos que queiras que o teu marido descubra que tens estado a ver outro homem.

Ele pega na garrafa e enche os dois copos. Tento manter-me calma, pensar, perceber o que está a acontecer.

— Querias que eu viesse cá, foi por isso que deixaste as tuas chaves no meu apartamento — diz ele, enquanto as pousa na mesa de centro. Sinto um ligeiro alívio. Preciso destas chaves, nem todas são minhas. E depois percebo o que se passou.

— Tiraste as chaves da minha mala ontem à noite...

— E por que razão é que eu faria isso? A propósito, foi muito feio da tua parte saíres do meu apartamento sem te despedires.

— Tu puseste... puseste alguma coisa na minha bebida — gaguejo.

— O que estás para aí a dizer? — pergunta ele, com o seu sorriso perfeito

ainda fixo no rosto bronzeado.

— Só pode ter sido isso. É a única explicação.

O seu sorriso desaparece.

— Não brinques comigo, Amber. Já somos demasiado crescidos para isso. Tu quiseste ir ao meu apartamento. Quiseste que eu te tirasse a roupa. Quiseste tudo.

Sinto que estou a desmoronar.

— Não quis — respondo, mas estas palavras não parecem minhas, vêm de alguém mais pequeno e distante.

O Edward levanta-se e eu dou um passo atrás. Os olhos dele escurecem antes de ele voltar a colocar o sorriso no rosto.

— Posso?

Sem esperar qualquer resposta, pega no meu telemóvel, que está na mesa de centro. Desbloqueia-o sem me pedir o código e vira o ecrã para mim.

— Parece-te que estou a obrigar-te a fazer coisas que não queres?

Para tudo. Quero desviar o olhar, mas não consigo.

Ele percorre várias fotos de uma mulher que se parece muito comigo, mas eu nunca me vi assim. O meu corpo nu. A minha boca aberta. Uma expressão de puro prazer no rosto. Fecho os olhos.

— Querias ir até ao fim, mas sou demasiado cavalheiro para isso. Temos de ser pacientes e esperar pelo momento certo. Quero que termines tudo com o teu marido primeiro. Não te vou partilhar com ele. Já perdemos demasiados anos longe um do outro, mas agora temos tanto para viver juntos.

O Edward dá mais um passo na minha direção; eu recuo.

— Estás maluco.

Arrependo-me do que disse no instante em que ele atira o telemóvel contra a mesa, com força.

— Não te preocupes, há muitas mais fotos no meu telefone. Tenho uma que é a minha preferida. Estava a pensar enviá-la ao Paul. Que nome tão ridículo, *Paul*. Pobre Paul, acho que lhe assenta bem. Vi o *email* dele no *site* de autor, mas depois achei que não, que devias ser tu a contar-lhe. Fui ou não fui atencioso?

Viro-me para ele, com uma raiva que começa a sobrepor-se ligeiramente ao medo.

— Tens de contar ao Paul a verdade e pedir-lhe que se afaste. Depois eu mudo-me para cá e começamos de novo.

— De novo? Estás completamente perturbado. Drogaste-me, só pode ter sido isso, nada disto faz sentido. Eu nunca faria uma coisa daquelas.

O rosto dele contorce-se numa expressão de amargura.

— Suplicaste por tudo aquilo — diz o Edward, agora a poucos centímetros de mim. — Imploraste que eu preenchesse cada um dos teus buracos sujos.

Tenho de sair daqui. Tenho de encontrar o Paul.

Corro para a porta, mas o Edward chega primeiro. Fecha-a com uma mão e dá-me um estalo com a outra.

Volta a bater-me, e eu caio no chão.

— Porque é que tens sempre de estragar tudo? Já te perdoei pelo que me fizeste há anos, mas não vou permitir que me faças de parvo outra vez.

Lembro-me das cartas que a Claire disse ter escrito sobre ele quando éramos estudantes. Tento explicar, mas ele bate-me de novo, tirando-me o fôlego e as palavras. Deixo de ouvir o que ele diz quando começa a apertar-me o pescoço. Ele levanta-me do chão e é quase impossível respirar. Bato-lhe com os punhos, tento pontapeá-lo, mas ele parece não sentir nada, como se eu fosse uma mosca a tentar magoar um cavalo. Não passo de uma irritação.

Tenho de fazer alguma coisa, qualquer coisa. Ele vai matar-me...

— Estou grávida — consigo dizer.

As duas pequenas palavras flutuam no ar, entre nós. Não era a pessoa a quem eu tinha imaginado contar primeiro. Não acho que me tenha ouvido, não acho sequer que queira ouvir-me. Não consigo pensar, não consigo respirar. As margens da minha visão começam a escurecer e a sombra a espalhar-se devagar, como se fosse tinta a derramar em papel.

Ouçó a porta das traseiras abrir.

O Edward também a ouve e deixa-me cair no chão. Fico imóvel, assustada com o que poderá acontecer a seguir. Ele recua, e penso que vai pontapear-me a barriga. Protejo-a com as mãos e fecho os olhos, mas não é necessário. O Edward sai calmamente pela porta da frente, fechando-a atrás de si quase sem fazer barulho. Ouço o Paul a encher a chaleira na cozinha e sei que, por agora, estou segura. Ele não pode ver-me assim. Levanto-me com as pernas a tremer,

dou duas voltas à fechadura da porta da frente, agarro no telemóvel que está na mesa de centro e subo as escadas a correr, antes de me fechar na casa de banho. Pouco depois, ouço o Paul a subir.

— És tu? — pergunta ele.

— Sim — consigo responder, num esforço para me lembrar de como costuma soar a minha voz para tentar imitá-la.

— Como está a Claire?

O almoço com a Claire parece ter sido há uma eternidade, e por um instante fico confusa sobre a razão de ele perguntar.

— Está bem. Vou só tomar um banho rápido, pode ser? — Encosto-me à porta. Quero tanto abri-la e deixá-lo abraçar-me. Quero dizer-lhe como lamento tudo e como o amo. Gostava de poder contar-lhe a verdade, mas ele nunca me perdoaria. Olho para o telemóvel na minha mão e vejo a imagem parada do meu corpo nu no ecrã. Sinto náuseas. Apago-a, mas aparece outra no seu lugar.

— Fiz as decorações de Natal — diz ele.

— Eu vi, ficaram mesmo bonitas. Ainda bem que foste buscar a árvore.

— Encontrei outra coisa no sótão, quando fui buscar as decorações.

Levanto a mão para tocar na madeira, a imaginar a dele do outro lado, e a desejar poder segurá-la.

— Não foi outro ninho de vespas, pois não?

— Desta vez, não. Encontrei uma caixa com cadernos antigos.

Tenho a certeza de que paro de respirar.

— Parecem diários.

Somos apenas fantasmas das pessoas que esperávamos ser e réplicas falsas das pessoas que desejávamos tornar-nos.

— Espero que não os tenhas lido — digo, cheia de vontade de poder ver os seus olhos, para perceber o que está a pensar e se a sua próxima resposta será verdadeira.

— Claro que não. Não depois de perceber o que eram. Mas fiquei curioso com o «1992» em letras grandes na capa de um deles. Que idade tinhas nessa altura? Dez anos?

— Onze — respondo. — Nunca se deve ler o diário de outra pessoa —

acrescento, a deslizar até ao chão, enquanto fecho os olhos e encosto a cabeça à parede. — São privados.

ANTES

Véspera de Natal, 1992

Querido Diário,

Nunca estive acordada até tão tarde. É uma da manhã e, quando o sol nascer, será véspera de Natal. Esta noite, a Taylor veio dormir cá em casa e ainda está aqui, a dormir no meu quarto. A mãe e o pai disseram que ela podia ficar uma última vez antes de nos mudarmos. Eu tinha ameaçado cortar o cabelo ainda mais curto se recusassem. Vamos sair daqui no dia 27 de dezembro para que o pai possa começar no novo emprego no dia seguinte. Vou ter de mudar de escola, de novo, num país completamente diferente, em janeiro. Nem sequer sabem qual vai ser a escola, de tão pouco que se importam comigo. A mãe diz que a Taylor pode vir visitar-nos no País de Gales quando estivermos instalados. A mãe diz que desta vez tudo será diferente. A mãe é uma MENTIROSA.

A Taylor mal falou durante o jantar e quase não tocou na piza. A culpa foi da mãe, que nos trouxe uma piza havaiana, o que obrigou a Taylor a tirar todos os pedaços de ananás antes de conseguir comê-la. A mãe dela nunca teria feito isso porque sabe o que gostamos de comer. Agora já não temos dinheiro nenhum, nem sequer moedas no frasco das emergências da avó. O pai esteve no *pub*. Tem lá um amigo chamado Tab que lhe paga as bebidas todas, e ouvi o pai dizer que não ia ser preciso pagar antes de nos irmos embora. A mãe ficou zangada com isso, por algum motivo, e pagou a piza com o cartão de

crédito do pai, que só devia ser usado para emergências. Disse-nos para não contarmos a ninguém. Foi como comer uma piza de emergência.

A mãe foi para a cama cedo, disse que estava exausta. Se está mesmo tão cansada, não sei porque precisa de comprimidos para dormir todas as noites, mas fiquei contente por ela nos ter deixado sozinhas. A Taylor e eu vimos um filme. Eu já o tinha visto antes, por isso fiquei a observar a Taylor a vê-lo na televisão grande. Apaguei todas as luzes, como os pais dela fazem nas noites de cinema, e o rosto dela ficou iluminado pelo brilho do ecrã, como se ela fosse um anjo. Ela não se riu em algumas partes com muita piada, mas eu sim. Limitou-se a lançar-me um olhar triste e a voltar a fixar-se no ecrã. Peguei-lhe na mão porque quis e ela deixou. Apertei-a três vezes e, passado um pouco, ela apertou a minha três vezes de volta, mas continuou sem olhar para mim.

Quando o filme acabou, fomos para o meu quarto. Conversámos durante algum tempo, mas não tanto como de costume, principalmente porque a Taylor falou de coisas que aconteceram nas quais eu não estive presente. Ela tem estado com uma rapariga chamada Nicola, fazem *ballet* juntas no salão da igreja. Eu não faço *ballet*, não temos dinheiro para isso. Ao que parece, a Nicola é muito engraçada e está sempre a contar piadas. A Taylor diz que eu continuo a ser a melhor amiga dela. Perguntei-lhe, para ter a certeza. Não sei porque é que ela precisa de outras amigas, eu não tenho nenhuma além dela e estou bem assim.

A Taylor disse-me que está mesmo entusiasmada com o dia de Natal. Toda a família vai estar em casa dela e a sua mãe comprou o maior peru que ela já viu, tão grande como um avestruz, que é um animal muito grande. A avó dela, a quem ela chama Avozinha, vai ficar lá com eles, e isso deixou-me triste por causa da minha avó. Por isso, não falei durante algum tempo, limitei-me a ouvi-la. Sou boa a ouvir, as pessoas dizem tudo e mais alguma coisa se as deixarmos

sem interferir. Foi aí que ela disse que não queria que eu fosse para o País de Gales, e o facto de a minha partida ser o que mais a entristece deixou-me mesmo feliz. Prometi-lhe que não iria para lado nenhum, e eu cumpro as minhas promessas.

O pai chegou a casa bêbedo e fez muito barulho ao subir as escadas. Fiquei envergonhada, mas também um pouco contente porque ele dorme profundamente quando vai ao *pub* e os comprimidos da mãe são tão fortes que é quase impossível acordá-la. A Taylor também está a dormir lá em cima. Estão todos.

Não me deixam ter fósforos. Estão na mesma lista das tesouras, mas eu tenho uma caixa cheia. Já a tenho há algum tempo. Trouxe-a da escola no dia em que aprendemos a usar os bicos de Bunsen. Nesse dia, aprendi muita coisa. Acendi um fósforo antes de descer as escadas. Uma parte de mim queria que a Taylor acordasse, para fazermos isto juntas, mas ela não se mexeu, por isso deixei-a dormir. Gostei tanto do cheiro do fósforo a arder que deixei queimar as pontas dos dedos. Queria que a chama se apagasse sozinha.

Já enchi a mochila da escola com as coisas importantes.

As três coisas mais importantes são:

1. Os meus livros preferidos (incluindo *Matilda*, *Alice no País das Maravilhas* e *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*).
2. Os meus diários.
3. A minha melhor amiga, Taylor. Nunca a deixaria para trás, porque somos como duas ervilhas numa vagem.

ANTES

Véspera de Natal, 2016

Deito-me na banheira, a desejar que a água esteja suficientemente quente para queimar o meu corpo, mas não quero magoar a criança que tenta crescer dentro de mim. Imagino como será esta cena dentro de algumas semanas, uma colina cor de pele a emergir da água do banho, uma nova terra, à espera de ser reivindicada. Pouso a mão direita sobre a barriga, suavemente, como se isso me pudesse magoar, como se não fosse uma parte de mim. Não sinto nada. Talvez ainda seja demasiado cedo.

Quando a água se torna mais fria do que consigo suportar, saio e seco-me. O vapor já se escapou e fico chocada ao ver o meu próprio reflexo no espelho da casa de banho. Marcas vermelhas de dedos são claramente visíveis no meu pescoço branco. Os hematomas que carrego por dentro são menos recentes, mas igualmente fáceis de ver, desde que se saiba onde procurar.

Abro a porta da casa de banho e noto que o Paul está lá em baixo. Depois, sinto o cheiro a fumo e isso quase faz com que me engasgue. Piso com cuidado um tapete de mentiras para não as perturbar. Quando entro no quarto, visto uma camisola de gola alta e umas calças de fato de treino confortáveis, antes de descer apressada para a sala.

— Aí estás tu — diz o Paul. — Queres beber alguma coisa?

— É seguro?

— A bebida?

— A lareira. Não devíamos limpá-la antes de a usarmos?

— Está tudo bem, achei que era aconchegante, já que é véspera de Natal.

A sala está iluminada pela árvore de Natal e pelas chamas da lareira. Ele está a

tentar fazer uma coisa bonita, mas não podia ter escolhido pior cenário. Não preciso de dizer nada, a expressão permite-lhe ver o que estou a pensar.

— Merda, desculpa, deve fazer-te pensar em... Desculpa, fui um idiota.

— Não, está tudo bem, só preciso de algum tempo para me habituar, só isso.

Ele pega na garrafa de vinho tinto que o Edward tinha aberto e enche os copos. Não quero tocar-lhes, muito menos beber, mas finjo. Há tanto para dizer e, no entanto, não consigo encontrar palavras.

— Um brinde a ti e ao novo livro, parabéns — digo, levantando o copo para brindar com ele.

— Um brinde a nós — responde, a beijar-me no rosto.

Bebo um pouco e observo-o enquanto ele bebe metade do copo de uma vez. Ficamos em silêncio durante algum tempo, apenas a olhar para as chamas. É curioso como a mesma coisa pode ter significados tão diversos para pessoas diferentes. Gostava que ele soubesse que estou grávida. Vai achar que é um milagre. Suponho que, de certa forma, é mesmo. Mas não consigo contar-lhe esta noite, aconteceram demasiadas coisas hoje. Quero criar uma memória que não esteja despedaçada antes mesmo de existir. Estendo a mão para a dele, enquanto ele alcança o portátil.

— Então, a Laura enviou as ideias iniciais para a digressão. Vai ser incrível. Nova Iorque, Londres, claro, Paris, Berlim. Ainda bem que somos só nós os dois. Não conseguiríamos ir se estivéssemos presos aqui.

O meu futuro ideal desintegra-se como uma bolha de sabão ao vento: flutua delicadamente por um instante e desfaz-se no seguinte. As palavras não surgem e ofereço-lhe um sorriso. O Paul fecha o portátil e pousa-o em cima da mesa, antes de beber mais um gole do vinho. Continuo a olhar para as chamas que dançam na lareira. Parecem-me selvagens e indomáveis, e sinto vontade de fugir dali.

— Ainda costumavas escrever num diário? — pergunta ele.

— O quê? Não.

Ele inclina-se para o lado do sofá, com um sorriso malandro no rosto.

— Talvez devêssemos ler um bocadinho, só por diversão?

Vejo o diário nas mãos dele, com o «1992» em letras desenhadas na capa, e todo o calor do meu corpo desaparece.

— Disseste que ias guardá-los.

Ele confunde o meu tom com uma brincadeira, pensa que se trata de um jogo.

— Só uma entrada, vá lá.

— Já disse que não.

A minha voz sai mais alto do que eu pretendia e percebo que me levantei. A sua expressão muda e ele estende-me o diário para que eu pegue nele. Arranco-o das suas mãos, como uma criança e aperto-o contra o peito antes de voltar a sentar-me. O Paul está a olhar diretamente para mim, mas eu não consigo desviar os olhos da lareira. Tenho medo do que pode acontecer se o fizer.

— Porque é que os guardaste, se te incomodam tanto? — pergunta.

Estraguei a noite e odeio-me por isso. Estrago sempre tudo. Sinto o rosto a arder e as chamas parecem maiores, não sei porquê, como se fosse apenas uma questão de tempo até consumirem tudo o que me resta.

— Não fui eu. Encontrei-os no sótão dos meus pais, no ano passado, quando estava a tirar as coisas da casa.

O Paul pousa o copo vazio na mesa de centro, ao lado do meu, em que mal toquei. Fecho os olhos para não ver as chamas, mas continuo a ouvir os seus gritos.

— Pensei que não tínhamos segredos — diz ele.

— Não temos. Não são os meus segredos. Os diários são da Claire.

AGORA

Véspera de Ano Novo, 2016

A minha irmã nem sempre foi minha irmã, costumava ser a minha melhor amiga. Nessa altura, chamava-me sempre Taylor. Quase toda a gente me chamava pelo apelido porque era assim que eu gostava. Amber sempre me soou a uma segunda escolha, como num semáforo. Vermelho, Amarelo¹, Verde. Vermelho para parar, verde para avançar, mas amarelo não significava praticamente nada. É insignificante, tal como eu. Convenci-me de que o meu nome era o motivo pelo qual os miúdos na escola não gostavam de mim. Não me chamavam Amber, chamavam-me outros nomes. E isso deixou os meus pais zangados, no início. Tentaram convencer-me de que Amber era uma pedra preciosa, mas eu sabia que não era preciosa. Recusei-me a responder a qualquer coisa que não fosse Taylor, durante várias semanas, e também eles acabaram por me chamar assim. As coisas só mudaram quando me casei. O nome Taylor desapareceu e foi substituído por Reynolds. Depois disso, começaram a chamar-me de novo Amber e até parecia que eu era uma pessoa nova.

Lembro-me de a minha mãe desligar o telefone e contar-me que a Claire me tinha convidado para passar uma última noite em sua casa antes de se mudar. Eu não queria ir, estava zangada por ela se estar a mudar, mas a minha mãe insistiu que eu devia ir, que era a coisa certa a fazer. Ela estava errada. Foi o pior erro da minha vida, e hoje ainda pago por ele.

A mãe da Claire pediu uma piza para o jantar naquela noite. Não era grande cozinheira. Ainda me lembro de a Claire gritar com ela para lhe dizer que eu não gostava de ananás. Era assustadora quando ficava assim, fora de controlo. Nunca falei com os meus pais daquela maneira e achava sempre estranho como é que eles lhe permitiam tudo. Muitas vezes, o pai dela não estava em casa.

Gostava de apostar o pouco dinheiro que tinham e estava sempre a perder empregos e apostas. A mãe tinha um problema com a bebida e parecia sempre tão triste e cansada, como se tivesse sido derrotada pela vida. No fim, desistiu da Claire e da vida, o que me fez perceber que as pessoas que não fazem nada podem ser tão perigosas como as que fazem.

Naquela altura, a Claire não era popular na escola. Era uma miúda revoltada, zangada com o mundo e com quase toda a gente. Tinham feito muitas mudanças e ela metia-se em problemas em quase todas as escolas por onde passava. Era muito inteligente. Demasiado inteligente. Parecia cansada da maioria das pessoas assim que as conhecia, como se conseguisse ver de imediato quem eram e o que eram, ficando eternamente desiludida. Preferia ler histórias a viver vida real, por isso alguns dos seus melhores amigos encontravam-se em páginas de livros. Eu era a única amiga real que ela tinha. Ficava com ciúmes quando eu falava de outras pessoas, por isso aprendi a não o fazer.

Ainda hoje penso no que aconteceu. Pergunto-me se foi tudo culpa minha, se poderia ter feito qualquer coisa para o evitar. Ela era apenas uma criança, mas eu também. As meninas pequenas são diferentes de meninos pequenos. São doces e atrevidas, mas ficam marcadas para a vida. Ainda tenho as minhas cicatrizes. O facto de serem internas não significa que não estejam lá.

Naquela noite, ouvi-a levantar-se e andar pelo quarto. Eu estava de costas para ela, mas com os olhos abertos. Ouvi-a acender um fósforo e senti o cheiro a queimado. Pensei que estava a acender uma vela ou qualquer coisa do género. Às vezes, faltava a luz em casa dela. Os seus pais tinham sempre dificuldades em pagar as contas. Depois, ela saiu para o corredor. Esperei um pouco, mas como não voltou, levantei-me para ver onde é que ela tinha ido. A casa deles estava sempre fria, por isso a mãe tinha-me enviado o meu robe cor-de-rosa. Enrolei-o bem à volta do corpo e fiz um nó.

Saí para o patamar em bicos de pés, passei pelo quarto da mãe da Claire e fiquei ao cimo das escadas. Todas as portas estavam fechadas, menos a da casa de banho, que estava vazia. Ouvi um som lá em baixo e descí os primeiros degraus, esforçando-me por não fazer barulho. Foi então que a vi. Foi uma visão tão estranha. Ajoelhei-me e espreitei através dos balaústres enquanto ela andava pela cozinha.

A Claire tinha a mochila da escola às costas, por cima do pijama, e fiquei a vê-la, absolutamente imóvel em frente ao velho forno branco. Rodou um dos botões e ficou ali, a olhar para o fogão como se estivesse à espera de qualquer coisa, e depois rodou outro. Continuei onde estava durante um tempo, paralisada. Depois, ela virou a cabeça muito devagar na minha direção, e pensei que me tinha visto nas escadas. Foi como se estivesse a olhar diretamente para mim, com os olhos a cintilar na escuridão, como os de um gato. Lembro-me de ter uma vontade súbita de gritar. Devia ter feito isso. Ela desviou o olhar e voltou a olhar para o fogão, antes de rodar mais um botão.

Levantei-me, num silêncio absoluto, e voltei para cima. Não entendi bem o que estava a acontecer, mas percebi que era mau, que estava errado. Tentei rodar a maçaneta da porta do quarto da mãe dela, mas estava trancada. Devia ter batido à porta ou feito qualquer coisa, mas voltei para o quarto da Claire e deitei-me na cama, ainda de robe. Acho que queria acreditar que tudo não passava de um pesadelo.

O cheiro a gás começou a subir até ao quarto, como uma nuvem invisível a espalhar-se por toda a casa, a ocupar cada divisão, cada canto escuro. Puxei o edredão por cima da cabeça, na esperança de que fosse suficiente para me salvar. Depois alguém me puxou o edredão para trás. Abri os olhos e vi a Claire, ainda com a mochila às costas, de pé, a meu lado. Sacudiu-me como se eu estivesse a dormir, embora eu estivesse perfeitamente acordada, e depois sorriu para mim. Vou lembrar-me para sempre do que ela me disse.

— Vou cuidar sempre de ti, Amber Taylor. Dá-me a mão.

Eu sempre fiz tudo o que a Claire me disse para fazer e isso não mudou. Ela parou à porta do quarto, como se tivesse visto um fantasma. Estava escuro e, a princípio, não consegui perceber para onde é que ela estava a olhar. Depois, baixou-se, apanhou o batente de ferro da avó, em forma de pássaro, e enfiou-o na mochila. Tinha a forma de um pisco-de-peito-ruivo, era uma pequena estátua de um pássaro que jamais voaria. Levou-me para o patamar, depois parou de novo e virou-se para mim, enquanto levava dedo aos lábios.

Chiu.

Pegou na minha mão com força e puxou-me pelas escadas abaixo, enquanto o cheiro a gás se tornava mais espesso a cada passo. No final das escadas, virou à

direita, afastando-se da cozinha, em direção à sala. Sentou-me numa poltrona e ajoelhou-se junto à lareira. A mãe dela tinha sempre ali um pequeno monte de jornais e lenha preparado, às vezes com uma vela pousada por cima, pronto a acender, mas só o faziam aos domingos. A Claire acendeu um fósforo e ateou-lhe o lume. Depois, atirou a caixa dos fósforos para cima do monte, pegou de novo na minha mão e levou-me até à porta da frente, que fechou atrás de nós. Eu não tinha chinelos, e lembro-me do cascalho frio a magoar-me os pés enquanto ela me arrastava pelo caminho. Segurava-me a mão com tanta força que parecia ter medo que eu fugisse se me largasse. Disse-me para não chorar, mas eu nem sequer me tinha apercebido de que estava a chorar.

Sentámo-nos no muro de uma casa do outro lado da rua. A pedra estava tão fria que a senti através do meu robe. Ficámos sentadas naquele pequeno muro durante o que me pareceu uma eternidade. A Claire não disse uma única palavra, limitou-se a segurar a minha mão com demasiada força e a olhar para a casa, a sorrir. Eu tinha medo de ficar a olhar para ela durante muito tempo, por isso, fixei o olhar nos meus pés descalços, que iam começaram a ficar azuis por causa do frio. Mesmo quando ela começou a cantar, não levantei os olhos.

Brilha, brilha, lá no céu,

A estrelinha que nasceu.

Acima do mundo, tão alto.

Como um fogo no céu.

A Claire adorava canções de embalar. Dizia que a faziam lembrar-se da avó, mas estava sempre a trocar as palavras todas. Via sempre o que queria em vez do que realmente estava lá.

A casa não explodiu, propriamente. Foi mais como se tivesse rebentado devagar, na parte de trás. Ouvimos um estrondo, não tão alto como nos filmes, mas foi como se o silêncio tivesse sido arrancado debaixo dos tijolos. A fachada parecia exatamente a mesma no início, mas pouco depois consegui ver as chamas a dançarem por trás das janelas. Ouvimos as sirenes muito antes de vermos o carro dos bombeiros. Ela ficou então em silêncio, e o seu sorriso desvaneceu ao mesmo tempo que as lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto. Chorou pelos pais durante várias horas, como uma torneira que não se consegue fechar. Tenho chorado por eles desde essa altura.

Naquela noite, o fumo tornou-se parte de mim. De tal maneira que, por mais vezes que lavasse o cabelo ou esfregasse a minha pele, continuava a sentir o cheiro. Entranhou-se no meu ADN e mudou-me. Ela disse que os matou por mim. Disse que achava que era isso que eu queria e que o fez para que pudéssemos ficar juntas, para me manter a salvo. Passei o resto da vida a perguntar-me o que leva uma pessoa a fazer uma coisa daquelas. Ela disse que eles não a amavam. Não sei se isso é verdade. Há muitas formas de amar e uma só palavra nunca poderia descrevê-las a todas. Algumas são mais fáceis de sentir do que outras, algumas são mais perigosas. Dizem que o amor de uma mãe é insuperável, mas retirem-no e descobrirão que o ódio de uma filha também o é.

O som de uma ambulância lá fora sobressalta-me e varre as memórias da minha mente. Fixo-me num dos azulejos do teto do hospital, que destoa dos restantes, e demoro alguns segundos a perceber que tenho os olhos abertos. Não parece um sonho, parece real. As minhas pálpebras decidiram, sozinhas, levantar-se. O quarto está escuro e não consigo mexer a cabeça, mas consigo ver, tenho a certeza disso. Pestanejei e, pouco depois, voltei a fazê-lo. Cada vez que os fecho, temo não voltar a abri-los, mas abro. Devagar, os meus olhos começam a habituar-se à escuridão e consigo ver o meu quarto. A janela está precisamente onde é suposto estar, mas é mais pequena do que eu tinha imaginado. Vejo uma mesa ao lado da cama, com alguns cartões com votos de rápidas melhoras, não muitos. Além do meu corpo inútil e danificado, estendido à minha frente, consigo ver a porta. Ouço alguém lá fora e vejo que a maçaneta começou a rodar. O instinto diz-me para fechar os olhos e mergulho de volta na escuridão, de volta ao meu mundo, no qual sou vista, mas não ouvida.

¹Jogo de palavras entre Amber (nome da personagem) e âmbar (cor amarela) (*N. do E.*)

AGORA

Véspera de Ano Novo, 2016

Há pessoas mesmo ali fora. Não consigo distinguir quem são, por isso mantenho os olhos fechados. Tento captar o sentido das suas palavras, simples fragmentos de som que se infiltram pela fenda estreita entre a madeira e a parede. A porta abre-se um pouco mais, e as vozes, que falam rápido, tornam-se suficientemente claras para eu perceber que não são as que desejo ouvir.

— Não, tenho a certeza. Vai descansar, dorme algumas horas. Não é preciso perdermos todos o Ano Novo. Vejo-te de manhã.

É o Edward.

Mantenho os olhos fechados e esforço-me por ficar calma. Ele fecha a porta e ouço a chave a rodar. Deixa as luzes apagadas e aproxima-se da cama, devagar.

— Ora, muito boa noite, senhora Reynolds. Como está hoje? Sem mudanças, está bom de ver. Que pena.

Dirige-se à janela e ouço o som das cortinas a serem fechadas. Consigo imaginar o que está à minha volta muito mais claramente, agora que já vi o espaço. Não é tanto como estar num sonho, é mais como tentar ver através de uma venda.

— É Ano Novo. Sabias? Tinha tantos planos para o início de 2017. Pensei que estaria a passar a noite com uma rapariga que conhecia, mas... Ela. Estragou. Tudo. Por isso, ofereci-me para fazer um turno extra esta noite, ofereci-me de propósito só para poder estar com ela. E agora estamos só os dois, como nunca devia ter deixado de ser.

Ouço-o a mexer-se a meu lado, mas não consigo perceber o que está a fazer.

— Tenho pensado muito no teu marido nos últimos dias, e devo dizer que ele

não é nada do que eu estava à espera. A polícia ainda acha que foi ele quem te fez isto, a propósito, mas depois de tudo o que lhes tenho contado, não admira. Ainda me surpreende que o deixem entrar no hospital. Disse-lhes que sou médico e acreditaram em mim. Mas tu também acreditaste, não foi?

Ele está mesmo a meu lado e começa a acariciar-me o cabelo. Retenho a respiração. Ele afasta-me o cabelo para trás das orelhas e consigo ouvir o bater do meu coração, ensurdecedor, a tentar soar o alarme.

— Não é um homem feio, o pobre do Paul, o teu marido, mas não cuida dele, parece um farrapo, na verdade. Foi por isso que voltaste para mim? Querias de novo um homem a sério, em vez de uma amostra?

Percorre o meu rosto com o dedo, acariciando-me, antes de pousar a mão sobre a minha boca.

— Não faz mal se não quiseses responder, eu entendo. Além disso, aprendi da pior maneira que tudo o que sai dessa boca é mentira.

Inclina-se e fala diretamente para o meu ouvido direito.

— Tens de parar de mentir, Amber. Um dia, apanham-te.

Não consigo respirar e, por um instante, penso em empurrá-lo, mas lembro-me de que não posso. Ele tira a mão do meu rosto.

— Ele parece amar-te, tenho de admitir. Mas nunca foi o suficiente para ti, pois não?

Esforço-me para ficar calma, controlo a respiração, tento focar-me. Pergunto-me se ele vai beijar-me outra vez e sinto nojo só de pensar na língua dele dentro da minha boca.

— Ele não andava a foder-te como deve ser? Foi isso? Lembro-me bem de que gostas de uma boa foda, não é, Amber? Deve ser difícil, agora que estás aqui deitada todo este tempo, sem ninguém tratar das tuas necessidades. Posso assumir alguma responsabilidade nesse aspeto, como elemento deste estabelecimento médico, dedicado a fazer-te sentir o mais confortável possível.

Acaricia-me a coxa direita com a mão, que faz deslizar por baixo dos lençóis. Encontra o caminho entre as minhas pernas, com os dedos, e afasta-me as coxas com facilidade. Grito por dentro, enquanto os seus dedos forçam a entrada no meu corpo.

— Como é que te sabe isto? Sentes-te melhor? — pergunta ele. — Fala, não te

ouço.

Os seus dedos avançam com mais força.

— Vou tomar o teu silêncio por um não. Que pena. Mas é difícil curar pessoas quando não somos médicos. E também é difícil ser médico quando uma pequena cabra estraga a nossa carreira com umas cartas de merda.

Os seus sussurros transformaram-se em berros. É impossível que ninguém o oiça. *Porque é que não vêm? Porque é que não me salvam?*

— Partiste-me o coração, destruístes a minha carreira e achaste que ias escapar, não achaste?

Sinto os seus perdigotos baterem-me no rosto, quando ele diz estas palavras.

— Sou um porteiro de merda por tua causa, mas não faz mal. Tenho as chaves de todas as portas do hospital, posso trancar qualquer uma delas e abrir qualquer armário de medicamentos. E sei coisas. Não me esqueci do que aprendi. Sei como te manter aqui sem que ninguém desconfie de nada.

A respiração dele fica cada vez mais ofegante. Tenho de me lembrar de não me mexer, de não fazer barulho.

— Não tens nada a dizer? Não? — Continua a ofegar como um cão. — Cheguei a perdoar-te, sabias? Esperei por ti, vigiei-te, na esperança de que percebesses o erro que cometeste e o corrigisses. Cheguei a pensar que pudéssemos ter uma hipótese. Mas mulheres como tu nunca aprendem, é por isso que eu tenho de te ensinar uma lição, percebes?

Ele para o que está a fazer e, por um instante, penso que acabou, mas não.

— Vi-te aqui no hospital há dois anos, quando a cabra da tua irmã deu à luz. Passaste por mim. Duas vezes. Como se eu não existisse, como se não fosse nada para ti. Segui-te até casa, nesse dia. Amo-te há quase vinte anos e tu nem sequer te lembravas de mim. Bem, talvez agora te lembres.

Ouç-o desaperçar o cinto. Ouço o som de um fecho. Ele acende a luz por cima da cama e puxa o lençol com violência, levantando-me a bata.

— Olha só para esse pelo imundo — diz ele, a passar repetidamente o dedo entre as minhas pernas. — Quando éramos estudantes, costumavas depilar-te, fazias um esforço. Vê só o teu estado agora. No fundo, estou a fazer-te um favor. Devias agradecer-me.

A cama estremece quando ele sobe para cima de mim, com a pele a tocar na

minha, o peso a prender-me, o hálito no meu rosto. Ele força a entrada em mim e eu tento desligar-me de tudo. É como se isto já não estivesse a acontecer comigo, como se estivesse apenas a ser obrigada a assistir de olhos fechados. A cabeceira da cama do hospital bate contra a parede, um metrónomo de repulsa que ecoa na minha cabeça. Sei que não posso lutar contra ele, é demasiado forte, e eu perderia.

— Numa escala de um a dez, quanto é que mede a dor agora?

Está a magoar-me e a tirar prazer disso. Tenho de ficar imóvel e em silêncio. Se não o fizer, vai matar-me, não tenho dúvidas. Para viver, tenho de fingir que estou morta.

Sai de cima de mim quando termina. Tudo fica em silêncio por um momento e eu penso que se vai embora, mas ele fica ali, de pé, sobre mim. Ouço a sua respiração apressada. Sinto o seu cheiro. Parece que está a fazer qualquer coisa ao meu soro. Sem aviso, enfia de novo os dedos em mim para, em seguida, tirá-los e esfregá-los no meu rosto, dentro da minha boca. Raspa os dedos grossos entre os meus lábios, nos meus dentes, nas minhas gengivas, na minha língua.

— Consegues sentir isto? Somos nós, é assim que sabemos. Não foi tão bom quanto eu esperava. Mas, pensando bem, foder contigo sempre foi um bocado como foder com um cadáver.

Ouço o som do cinto a ser apertado. Ele puxa o lençol para cobrir o meu corpo.

— Adeus, Amber. Dorme bem.

Apaga a luz e sai.

Sinto que cheguei a um limite absoluto, uma barreira onde nada mais existe. O receio de não voltar a abrir os olhos consome-me, assim como o pavor do que poderei ver se o fizer. Entorpecida, agarro-me à única coisa que consigo fazer, ou seja, contar. Quando chego aos mil e duzentos segundos, esforço-me por acreditar que estou a salvo. Vinte minutos erguem-se entre nós, uma parede ténue, mas por agora, é tudo o que tenho. Não é suficiente, mas, quando abro os olhos consigo aperceber-me de que a presença física dele se foi. Só então percebo que os meus dedos têm estado a mexer-se, que os usei para contar. Consigo mexer as mãos. Ainda está tudo escuro e os meus olhos tentam ajustar-se. Por enquanto, tudo o que consigo distinguir para além do limite da cama é uma dor

nebulosa e cinzenta. Se as minhas mãos conseguem mexer-se, pergunto-me até onde é que o meu corpo pode ir. Com um movimento deliberado, quase a temer que se parta, levanto o braço direito. Está pesado, instável, parece uma bandeja prestes a tombar. Reparo num tubo fino preso ao dorso da minha mão e, num ímpeto, arranco-o, deixando escapar um gemido de dor. Sei que preciso de ajuda, e depressa, mas cada movimento parece implicar uma lentidão exasperante, como se o tempo e o esforço conspirassem contra mim.

Ainda não consigo mover o resto do corpo. Olho à minha volta para o que consigo ver da cama, até o meu olhar se fixar num cordão vermelho. Parece feito para ser acionado em emergências e eu estou desesperada por ajuda. Estendo o braço direito, trémulo, que avança aos solavancos até alcançar a posição certa, tocando no suporte do soro pelo caminho. Detenho-me por um instante, com os olhos fixos no saco de líquido translúcido meio cheio, que oscila suavemente. Tenho quase a certeza de que é ali que estão as substâncias que ele me injeta. Arranco-o e consigo atirá-lo para dentro do armário ao lado, na esperança de que alguém o encontre e saiba o que fazer. Algo está muito errado. Os meus olhos querem fechar-se e esta insistência torna-se difícil de combater. Volto a levantar a mão em direção ao cordão vermelho. Desta vez, os meus dedos agarram-no e puxam-no. Uma luz vermelha acende-se por cima da cama e o meu braço descai. As minhas mãos agarram os lençóis com tanta força que as minhas unhas se cravam nas palmas. O sono arrasta-me para baixo. Fecho os olhos e sinto-me a mergulhar na escuridão.

Talvez esteja a morrer, mas estou tão cansada de viver que me ocorre ser aceitável. Permito que a minha mente se desligue. Muito acima de mim, para lá das ondas frias e negras, ouço vozes indistintas, com palavras que se recusam a ganhar forma. Duas dessas vozes rompem a superfície e descem para me alcançar.

— Está a entrar em paragem.

Entrei em paragem.

ANTES

Dia de Natal, 2016

O Natal é a altura de aturar a família que não se escolheu.

— Que cachecol tão bonito — diz a Claire, enquanto nos guia pelo corredor.

Eu e o Paul seguimos atrás dela. Não há qualquer vestígio da tensão da discussão de ontem no mercado, mas este é o talento que eu e a minha irmã partilhamos. Fingir sempre foi uma das nossas especialidades. Ainda assim, duvido que ela conseguisse manter-se tão calma se soubesse que o Paul encontrou os diários da sua infância. Nem sequer imagina que eu os li. É uma sensação estranha, ler a própria história através dos olhos de outra pessoa. A nossa versão da verdade perde a forma, porque já não é apenas nossa.

Passamos para o espaço renovado que combina a cozinha e a sala de jantar numa área ampla e aberta. Apesar dos brinquedos espalhados por todo o lado, mantém-se impecavelmente arrumado. Fizeram muitas obras desde que a mãe e o pai morreram, a casa está praticamente irreconhecível, o que é bastante impressionante, se tivermos em conta que vivi aqui desde o dia em que nasci. A Claire redecorou tudo, tapou as fissuras da nossa família com novas camadas de tinta. Continuo a dizer-me que fez sentido os nossos pais terem deixado a casa à Claire e ao David. Eles precisavam mais dela do que nós e a oficina dele fica mesmo ao lado — foi assim que se conheceram.

— O David está lá em cima a mudar a fralda dos gémeos, já desce. Bebem alguma coisa?

O cabelo loiro e comprido da Claire está apanhado para trás, afastado do seu rosto impecável, e ela parece radiante. Claro que ela nem sempre foi loira, mas aquele tom platinado tem sido aplicado com tanta perícia ao longo dos anos que

ninguém diria. O seu vestido preto parece novo e ajusta-se ao corpo como uma luva. Sinto-me desleixada ao pé dela, não sabia que era suposto arranjarmo-nos. Eu sou mais velha, mas ela parece mesmo muito mais nova do que eu, apesar de termos nascido no mesmo dia, com apenas algumas horas de diferença.

— Eu não, obrigada — respondo.

— Não digas disparates, é Natal! — realça a Claire. — Ia abrir uma garrafa de espumante para começar...

— Parece-me bem — diz o Paul.

— Está bem, só um copo — cedo, a olhar para a despensa.

A minha altura, registada todos os anos até à minha adolescência, costumava estar marcada na parte de trás da porta de madeira. A Claire pintou por cima.

Acomodamo-nos nos sofás de canto, e eu sinto-me como um mero adereço numa página de uma revista de decoração escolhida a dedo pela Claire. A cozinha tem um aspeto imaculado, como se nunca tivesse sido usada, embora o ar esteja impregnado de um aroma delicioso. É assim a minha irmã, a deusa não doméstica. O David entra de rompante com uma criança em cada braço. É demasiado alto e anda sempre ligeiramente curvado, como se estivesse constantemente preocupado em bater com a cabeça no teto. A linha do seu cabelo está a recuar rapidamente e a diferença de dez anos entre ele e Claire começa a notar-se.

Quando tínhamos dezasseis anos, ele arranjou o carro do meu pai e, como forma de pagamento, tirou a virgindade à Claire. Na altura, fiquei chocada e um pouco enojada. Ela pensava que eu estava com ciúmes, mas não. A simples ideia de ele lhe tocar daquela forma enchia-me de repulsa. Lembro-me de quando ela começou a sair às escondidas para o ver. Fui muitas vezes com ela e ficava à espera sozinha, a tentar não ouvir o que quer que estivessem a fazer. Numa noite dessas, eu e a Claire ficámos a beber no parque, só as duas. Foi já depois de o David ter ido para o *pub*, onde éramos demasiado novas para entrar. Quando as garrafas de sidra que ele nos tinha dado ficaram vazias, cambaleámos para longe do refúgio das árvores. Era tão tarde que os portões de ferro do parque já estavam fechados, com um cadeado e uma corrente grossa.

Não nos preocupámos, uma vez que os nossos corpos adolescentes conseguiam facilmente trepar e passar por cima dos portões, mas a Claire disse que queria

descansar primeiro e deitou-se no caminho de cimento. Deitei-me ao lado dela e ela segurou a minha mão. Apertou-a três vezes, suavemente, e eu retribuí da mesma maneira. Ficámos ali deitadas, ao luar, a rir-nos, bêbedas, por tudo e por nada. Depois, ela parou e virou-se para mim, com a cabeça apoiada no cotovelo. Sussurrou, como se as árvores e a relva pudessem ouvir-nos. Eu não lhe tinha perguntado o que tinham feito enquanto eu esperava, mas ela contou-me na mesma. Disse-me que se sentiu bem. Lembro-me de sentir vontade de vomitar, alguma confusão e, de certa forma, uma grande traição. Achei que ela estava a cometer um erro enorme. Mas um casamento, dois filhos e quase vinte anos de vida juntos sugerem que talvez eu estivesse errada. Ela nunca esteve com outro homem. Nunca quis. Quando a Claire escolhe amar alguém, isso é para sempre.

— Aqui estão vocês — exclama ele. O David tem tendência para falar mais alto do que o necessário. — Façam-se úteis e entretenham estes dois, pode ser?

Entrega-nos uma criança a cada um e dirige-se para o frigorífico, aproveitando para dar uma palmada no rabo da Claire, esculpido pelo ioga, ao passar. Ela parece não se importar, nem reparar. Fiquei com a Katie e o Paul com o James.

Os gémeos parecem-me tão estranhos, apesar de serem da minha família. O Paul tem um jeito natural para crianças, talvez seja por isso que sempre quis ter filhos comigo. Faz os sons certos, transmite a energia certa. Para mim, é sempre um esforço e nem sempre acerto. Tento falar com a Katie num tom suave, pergunto-lhe se acha que o Pai Natal já chegou. Este ano, a Claire exagerou com os presentes e as decorações. Diz que é tudo para os gémeos, como se eles fossem sequer lembrar-se disso. A Katie agarra-se ao meu cachecol e puxa-o. Liberto o tecido da sua pequena mão firmemente fechada. Preciso que ele fique no sítio, para cobrir as marcas em forma de mãos no meu pescoço. Ela não gosta e começa a chorar. Nada do que faço funciona e o Paul sugere que troquemos de criança. Passa-me o James e mal a Katie está nos braços dele, para de gritar. Ela olha para mim, como se desconfiasse, como se soubesse mais do que é possível saber. Certifico-me de que o cachecol continua no lugar.

O Paul vai ser um pai incrível. Esta noite, vou contar-lhe. É o meu presente de Natal para ele. Não há nada que eu possa dar-lhe que ele já não tenha. Ainda bem que não lhe contei antes. Ele não teria conseguido guardar este segredo da Claire e eu não quero que o ela saiba, pelo menos por enquanto. Vou contar-lhe

quando chegarmos a casa e estivermos só os dois.

A tarde arrasta-se enquanto comemos os quatro mais do que devíamos, preenchendo os silêncios com conversas cordiais e histórias que já contámos uns aos outros demasiadas vezes. Imagino este cenário a repetir-se em milhares de lares por todo o país. Passo o tempo a desempenhar vários papéis: a irmã atenciosa, a mulher dedicada, a tia adorável. Dou pequenos goles no vinho para não ter de encher o copo. Quando a Claire se dirige para a cozinha, aproveito para me oferecer para ajudá-la. O Paul lança-me um olhar de reprovação, não gosta de ficar sozinho com o David, diz que não têm nada em comum. E é verdade.

— Aconteceu uma coisa — murmuro, mal fico sozinha com ela na cozinha.

— O quê? — pergunta a Claire, de costas para mim.

— Uma coisa que não devia ter acontecido.

— De que é que estás a falar? — diz ela, a organizar os pratos na máquina de lavar. Fico sem coragem.

— Nada. Não importa. Eu resolvo.

Ela termina o que está a fazer e vira-se para mim, para me encarar.

— Amber, estás bem?

É a minha deixa. Sei que se lhe contar sobre o Edward ela vai ajudar-me. Analiso o seu rosto, quero dizer a alguém como tenho medo, mas as palavras não saem da minha boca. Este não é o momento certo. Além disso, lembro-me de que também tenho medo dela. Pode obrigar-me a ir apresentar queixa à polícia. Pode contar ao Paul. Pode fazer coisas ainda piores.

— Sim, estou bem. — Agora é a vez dela de me analisar. Sabe que não estou bem. Tenho de lhe dar mais qualquer coisa. — Estou apenas cansada, preciso de descansar, é só isso.

— Acho que estás mesmo cansada. Estás sempre a stressar por tudo e por nada.

O resto do dia esbate-se num turbilhão indistinto. Os gémeos comem, dormem, brincam, choram e recomeçam. Os adultos adorariam poder fazer o mesmo. A mãe e o pai faziam-nos sempre esperar até de tarde para abrir os presentes e, ao que parece, estamos a perpetuar essa tradição um pouco deprimente. Vemos os gémeos a rasgarem, a meio, embrulhos primorosamente preparados, mais fascinados pelo brilho do papel do que pelo conteúdo. Depois, trocamos

presentes entre adultos, todos eles embrulhados de forma perfeita, com recibos de troca discretamente guardados no interior. Abro o presente do Paul e demoro um instante a tentar captar o sentido de ele mo ter dado. Agradeço, com um sorriso forçado, e tento passar para outra coisa.

— Espera, o que é isso? — pergunta a Claire. Ela gosta que façamos tudo por turnos, para que todos vejam o que os outros recebem.

— É um diário — digo.

— Um diário? Agora és a Anne Frank? — ri-se o David. Noto que o Paul parece envergonhado.

— Pensei que talvez gostasses porque...

— Adoro, obrigada — interrompo, antes que ele termine a frase, e dou-lhe um beijo no rosto.

— Eu costumava escrever um diário — diz a Claire. — Sempre achei muito terapêutico. Li que escrever tudo é bom para a ansiedade. Devias tentar, Amber.

Quando já não conseguimos continuar a fingir que somos uma família feliz, ofereço-me para ajudar o David a pôr os gémeos na cama. Leio-lhes uma história que já lhes li antes e fico maravilhada por ver a facilidade com que adormecem. Quando saio do quarto deles, reparo no pequeno pássaro de ferro fundido que mantém a porta aberta. Era da avó da Claire. Ela ainda o guarda. É a única coisa antiga numa casa que foi toda renovada.

Desço as escadas e encontro o Paul e a Claire a falar baixinho na cozinha, mas, mal me veem, calam-se, e há um instante demasiado prolongado antes de o Paul sorrir na minha direção.

ANTES

Dia de Natal, 2016 — Princípio da noite

Eu e o Paul vamos para casa em silêncio. Ele caminha rápido, obrigando-me a apressar o passo para o acompanhar. Uma névoa fina de chuva miudinha paira no ar frio, mas isso não me incomoda. Sinto-me aliviada por estar ao ar livre, por ter saído da casa da Claire. Agora, aquela casa é só dela. Não há nada que seja meu entre aquelas paredes, já nem as minhas memórias me parecem minhas. É uma vida que já devia ter deixado para trás, mas há qualquer coisa que sempre me impediu de seguir em frente. O medo do desconhecido é sempre mais forte do que o conforto do que nos é familiar.

As ruas estão desertas. Gosto da quietude, da serenidade suburbana. Todas as pessoas estão fechadas em casa com familiares que só veem uma vez por ano. A entupir-se de peru, a ver parvoíces na televisão, a desembulhar presentes que não querem nem precisam. A beber demasiado. A falar demasiado. A pensar pouco.

A névoa transforma-se em chuva quando passamos pela bomba de gasolina. Está fechada, aliás como tudo o resto. Só entrei lá duas vezes. A primeira foi há algumas semanas, para fazer uma pergunta. Não há nenhum mal em perguntar, as pessoas estão sempre a fazer perguntas. O empregado analisou o meu rosto com atenção quando terminei de falar, mas rapidamente concluiu que eu não parecia o tipo de pessoa que iria assaltar a bomba. Disse-me que as gravações das câmaras de vigilância eram guardadas durante uma semana e depois automaticamente apagadas. Agradei e esperei um instante, não fosse ele perguntar-me por que motivo é que eu queria saber. Não perguntou e eu saí. Já não se lembrava de mim antes de eu passar pela porta.

A segunda vez foi um pouco mais recente.

A Madeline não demonstrou grande gratidão quando a levei a casa após se sentir indisposta no trabalho, no outro dia. Quando a ajudei a entrar, ela estendeu-me o cartão de crédito e mandou-me abastecer o carro na bomba de gasolina da esquina. Não estava satisfeita com o depósito quase vazio e avisou-me de que não teria tempo para o encher antes do trabalho, no dia seguinte. Presumi que eu ficaria incomodada com as suas exigências, por isso, fiz um esforço por exibir a expressão que ela esperava, mas, na verdade, senti-me bastante feliz comigo mesmo. Isso significava que o bocado de combustível que tive de engolir naquela manhã, ao extrair o depósito dela no parque de estacionamento, não tinha sido em vão. O sabor a gasóleo permaneceu durante várias horas, apesar de o ter cuspidado de imediato. Aprendi esse truque na escola, quando ajudei a limpar o aquário da turma.

— Até podes enganar toda a gente com essa tua farsa de Florence Nightingale, mas a mim não enganas — murmurou, antes de subir as escadas, um degrau de cada vez. Parou a meio e virou a cabeça para olhar para mim. Um sorriso triunfante espalhou-se pelo seu rosto húmido e redondo. A Madeline sempre teve um talento especial para palavras e as que escolheu naquela tarde ficaram comigo muito depois de ela as dizer. — Vejo-te exatamente como és, Amber. Não te esqueças disso. Preguiçosa e perdida, como o resto da tua geração. É por isso que nunca vais chegar a lado nenhum.

Depois, continuou a subir as escadas que me eram tão familiares, que eu tinha percorrido tantas vezes, para cima e para baixo. A casa estava completamente diferente desde o incêndio de há vinte e cinco anos, claro, mas as escadas novas mantinham-se no mesmo lugar e, se virasse a cabeça para a direita, quase conseguia ver a Claire a abrir o gás. Ela achava que deveria ter herdado aquela casa no seguimento da morte dos pais biológicos. Estava certa de que era isso que a avó teria desejado, mas a madrinha, a Madeline Frost, assegurou-se de que ela não receberia um único cêntimo.

Pensei no que Madeline me disse enquanto enchia o depósito do carro e, mais uma vez, enquanto comprava os bidões e os enchia, antes de os colocar na bagageira. Refleti sobre as palavras dela enquanto pagava com o cartão de crédito e voltei a ouvi-las ecoar na minha mente enquanto limpava,

meticulosamente, o volante e cada superfície que tinha tocado, com um pano de algodão.

Quando eu e o Paul passamos pela rua onde a Madeline mora, cada um perdido nos seus próprios pensamentos, viro-me para olhar para a casa dela. Pela primeira vez, percebo que é igual a qualquer outra. Poderia haver uma família lá dentro, a trocar presentes, a jogar, a criar memórias. Poderia haver crianças, netos, animais, barulho e gargalhadas. Poderia haver, mas sei que não há. Lá dentro, há apenas uma pessoa, tenho a certeza disso. Uma pessoa triste, sozinha, miserável. Uma pessoa que só é amada por estranhos que estão convencidos de que quem ouvem na rádio é ela. Uma pessoa que não vai deixar saudades.

ANTES

Quinta-feira, 7 de janeiro de 1993

Querido Diário,

Hoje foi o funeral. Foi estranho, porque não estavam lá muitas pessoas, nada a ver com os funerais que passam na televisão. A minha tia Madeline foi convidada, mas não apareceu. Ela é a única família que ainda tenho, mas nem sequer sei como é o seu rosto. Não faz mal. Agora tenho uma família nova. Chorei quando vi os caixões, porque sei que é isso que se deve fazer, mas não sinto falta da minha mãe, nem do meu pai. Estou contente por eles já cá não estarem. Tudo é muito melhor sem eles. Vivo com a família da Taylor desde o incêndio e é maravilhoso. É como se a minha vida anterior tivesse sido um grande erro, como se eu devesse ter nascido nesta família. A única coisa que me faz chorar a sério é saber que nunca mais vou poder voltar à casa da avó. Não vou poder sentar-me na sua cadeira preferida, nem dormir na cama onde ela dormia. Tudo o que restava dela estava lá. Disseram-me que, agora, a tia Madeline é que é a dona de tudo, do que sobrou.

Na casa da Taylor, tenho muitas roupas e livros novos, e até tenho o meu próprio quarto. No início, partilhávamos o mesmo espaço, mas ela acabava por me acordar a meio da noite. Está sempre a ter pesadelos com o incêndio e acorda aos gritos. É mesmo irritante. Às vezes, não consegue dormir de todo. Quando isso acontece, canto-lhe a música que a minha avó me cantava quando eu não conseguia

adormecer: *A roda do autocarro roda, roda.* Não sei se ajuda.

A Taylor tem agido de forma muito estranha desde aquela noite. Não sei porquê. Não ficou ferida e ninguém de quem ela gosta morreu. Disse que ia contar o que fiz, mas não vai fazê-lo. Eu disse-lhe o que aconteceria se o fizesse. Ainda assim, continua a fazer coisas esquisitas, como ficar de pé em frente ao forno e olhar para ele. E começou a arrancar a pele dos lábios, às vezes até sangram. É nojento. A mãe da Taylor disse que as pessoas lidam com as coisas de formas diferentes e que é preciso dar-lhe tempo. Levou-a ao hospital para falar com alguém sobre o que ela sente, acha que isso pode ajudar. Não me parece.

Depois do incêndio, também eu tive de conversar com muitas pessoas. Falei com médicos no hospital, depois com a polícia, e agora, duas vezes por semana, encontro-me com uma mulher chamada Beth. A Beth é assistente social, o que quer dizer que se dedica a ajudar os outros. Tem uns olhos grandes e tristes que nunca pestanejam e um cão peludo chamado *Gypsy*. Nunca vi o cão dela, mas a sua roupa está sempre coberta de pelos e, enquanto falamos, ela vai tirando-os da roupa e deixa-os cair no chão. Fala muito devagar e com uma voz calma, como se eu tivesse dificuldade em perceber o que diz, e está sempre a perguntar se estou bem, mas sem nunca me fazer a pergunta diretamente.

Foi a Beth que me falou da tia Madeline. Acho que a minha tia deve estar doente, porque não foi ao funeral e nem sequer consegue escrever as próprias cartas. Um advogado escreve-as por ela e depois a Beth lê-me alguns excertos. Às vezes, os seus olhos grandes seguem a leitura, mas os lábios mantêm-se imóveis, e eu fico a pensar nas palavras que ela decide esconder de mim. Não entendi bem o que queria dizer quando mencionou que a tia Madeline é minha madrinha. Desviou o olhar para o chão e explicou, quase como se estivesse a falar consigo mesma, que isso geralmente significa que é alguém a quem cabe cuidar de mim, caso os meus pais não possam

fazê-lo. Fiquei em silêncio. Não quero que ninguém cuide de mim a não ser a mãe da Taylor.

Depois, a Beth disse que a Madeline me ama muito, mas que acha que não pode cuidar de mim. Continuou com aquele ar ainda mais triste, mas eu senti-me aliviada até ela dizer que talvez eu tenha de ir viver numa instituição para crianças até aparecer uma família de acolhimento. Quando o avô foi para uma instituição, morreu. Não quero morrer. Não gosto nada da tia Madeline por não querer cuidar de mim. Ela não quer saber se vivo ou se morro, mas, como não sei quem ela é, a raiva cresce na minha barriga sem encontrar forma de poder sair e magoa-me.

A Beth deixou-me sozinha na sala e disse-me para brincar com uns brinquedos. Eu não queria, não sou uma criança, mas ela insistiu e saiu. Sabia que ela ficou a observar-me através do espelho, já vi filmes em que fazem isso. Por isso, levantei-me e fui até à caixa de brinquedos. Lá dentro havia uma boneca que parecia cara, melhor do que as de plástico. Sentei-a no meu colo e disse-lhe que estava muito triste por causa da minha mãe e do meu pai, e que estava muito grata por os pais da Taylor terem sido tão simpáticos comigo. Depois, fiz uma pequena oração. Até disse «Ámen» no final, porque achei que a Beth é daquelas pessoas que gostam disso. E gostou. Voltou a entrar e disse que eu podia ir-me embora, até disse que podia levar a boneca comigo, por ser tão corajosa. Decidi que iria oferecê-la à Taylor. Dir-lhe-ia que a boneca a vigiava, mesmo na minha ausência. Essa ideia agradou-me, fez-me sorrir, e o meu sorriso contagiou a Beth, que pensou estar na origem da minha alegria.

Não sou parva. Sabia exatamente o que tinha de fazer. Naquela noite, comecei a chorar no meu quarto, suficientemente alto para que a mãe da Taylor pudesse ouvir-me. Ela abriu a porta sem bater, mas eu não me importei, porque é uma porta diferente numa casa diferente, e ela é uma mãe diferente. Cobriu-me com os lençóis, à maneira da avó, e depois ficou sentada durante algum tempo a

acariciar-me o cabelo. Tinha um robe branco e estava sem maquilhagem, mas continuava bonita e cheirava ao gel de banho cor-de-rosa que costuma usar. Quando crescer, quero ser exatamente como ela. Disse-lhe que estava com medo de ir viver com estranhos e chorei um pouco mais. Ela disse-me que não tinha de preocupar-me e deu-me um beijo na testa, antes de sair do quarto e apagar a luz. Depois disso, ouvi-os falar durante várias horas, mas sem gritar, ao contrário do que a minha mãe e o meu pai faziam. Falaram baixinho, no mesmo quarto, como um casal a sério. No dia seguinte, vi os papéis para o acolhimento em cima da mesa da sala de jantar, por isso as coisas acabaram mesmo por correr bem.

AGORA

Segunda-feira, 2 de janeiro de 2017

Continuo viva.

É esta a primeira ideia a tomar forma na minha mente. Não sei como, mas estou viva e de volta. Só que não faço ideia de onde estive. Demoro um instante a decidir se me sinto aliviada por estar aqui e o que é que isso realmente significa. O Edward tentou matar-me, disso não tenho dúvidas, mas continuo viva. Suponho que não seja fácil matar o que já está morto.

Apesar da minha aversão a hospitais, passei muito tempo neste. Foi aqui que eu e o Paul viemos quando estávamos a tentar ter um filho. Foi onde a minha irmã deu à luz e também onde a minha avó morreu. Ela não morreu de cancro, como a avó da Claire, mas de velhice disfarçada de pneumonia, quando tínhamos trinta anos. A sua morte foi lenta e deixou marcas numa família já fragmentada. Por um breve período, ficámos unidos por uma dor e um desespero insuportáveis. Mas a perda acendeu algo na Claire algo impossível de desligar. A raiva que sentira em criança pela morte da própria avó voltou a emergir. A fúria reprimida durante anos ganhou força. O seu ódio precisava de um alvo. E foi então que a Claire encontrou a Madeline. Qual não foi a nossa surpresa quando ela descobriu quem realmente era a sua madrinha e onde é que ela ainda vivia. Destruir a Madeline transformou-se na obsessão da Claire, e, inevitavelmente, acabou por se tornar também na minha. Ela voltou a ser volátil e a desconfiar de toda a gente à sua volta. Essa instabilidade alimentava a minha compulsão por rotinas, uma necessidade de assegurar que tudo estava sob controlo e o mais seguro possível, sempre que a Claire se deixava consumir pela inquietação.

Chamam-lhe POC. Não é um problema grave, mas tem piorado com o tempo.

Na adolescência, tinha de vir a este mesmo hospital todas as semanas. Encontrava-me com um homem baixinho, que gostava mais de falar do que de ouvir. Usava sempre os mesmos sapatos, de couro cinzento, com atacadores roxos, e passei muitas horas a olhar para eles. Depois de quatro meses de visitas semanais, disse-me que eu tinha pensamentos obsessivos e realizava atividades compulsivas para lidar com um nível inexplicável de ansiedade. Eu disse-lhe que ele tinha mau hálito. Deixei de o ver pouco tempo depois. Os meus pais desistiram de tentar melhorar-me e concentraram toda a atenção na Claire, a filha perfeita que conseguiram salvar, com notas impecáveis e sem falhas. Esqueceram-se completamente da versão original, defeituosa e impossível de consertar — eu.

Tento afastar-me do passado e regressar ao presente, sem querer estar verdadeiramente em nenhum dos dois lugares. É então que a ouço chorar. Levo algum tempo a interpretar as suas lágrimas e a perceber onde estou e quando.

— Desculpa por tudo, Amber — diz a voz da Claire, algures, ao longe. As palavras ecoam à superfície enquanto eu permaneço submersa. O som da voz dela resgata-me do fundo, e sinto que despertei de um sono profundo. Há qualquer coisa de diferente.

A luz e a sombra trocaram de posição. É perturbador. É como se alguém tivesse reorganizado os móveis da minha mente sem sequer me pedir autorização.

— Tentaste contar-me sobre ele, não tentaste? Mas eu não quis ouvir. Desculpa — diz a Claire. Agora soa mais perto, como se eu pudesse estender a mão e tocá-la. Demoro algum tempo a perceber o que ela está a dizer, mas acabo por associar «ele» ao Edward.

Sinto que desapareço. As palavras são demasiado pesadas para digerir de imediato. O simples som do nome Edward faz as margens do lugar onde estou escurecerem. Aconteceu algo, algo terrível. Algo pior do que consigo lembrar-me. Seja o que for, a Claire sabe. Talvez agora tudo se resolva. Ela protegeu-me sempre no passado, impedindo que outras pessoas pudessem ferir-me.

— Alguma mudança? — ouço a voz do Paul.

— Não, ainda não. Já o apanharam? — pergunta a Claire.

— Não. Foram ao apartamento dele, mas não estava lá.

Esforço-me por me concentrar e filtrar as suas palavras através da realidade que tenho estado a construir na minha mente, mas nem sempre resulta. Queria poder apagar algumas das memórias tristes e dolorosas que começam a surgir, mas é como se tivessem ligado um interruptor e, de repente, lembro-me de tudo. Até das partes que mais gostaria de apagar.

Lembro-me do Edward no meu quarto.

Lembro-me do que ele me fez.

Não percebo como é que eles sabem.

Depois lembro-me de o Paul me ter dito que tinha instalado uma câmara no meu quarto. Deve ter visto o que aconteceu. A ideia enoja-me.

Ainda sinto que estou debaixo de água, mas o líquido turvo está a tornar-se mais claro e estou a aproximar-me da superfície. E depois há mais.

Consigo lembrar-me da noite do acidente, lembro-me de tudo. Agora, sei o que aconteceu — não era eu quem estava a conduzir no Dia de Natal e nem sequer foi um acidente. Estive ausente. Não sei por quanto tempo, mas agora estou de volta e lembro-me de tudo.

ANTES

Dia de Natal, 2016 — Princípio da noite

— Estás bem? — pergunto ao Paul, enquanto ele se deixa cair no sofá e pega no comando da televisão.

— O quê? Sim, estou bem.

— Queres beber alguma coisa?

— *Whisky*, por favor.

Fico imóvel, por um instante. Há muito tempo que o Paul não bebe *whisky*. Houve uma altura em que era tudo o que ele bebia, mas o líquido âmbar mudou-o e a sua dependência mudou-nos. Tornou-se parte dele. Uma parte feia. Ele achava que o ajudava a escrever e passava as noites no anexo, sozinho, com o portátil e uma garrafa. Uma tríade literária noturna e um cliché dececionante. Tornámo-nos estados independentes com fronteiras líquidas e eu tornei-me uma pessoa zangada, solitária, assustada. Ele escrevia, mas as suas palavras eram as erradas, não pertenciam umas às outras. Quando percebemos que não conseguíamos ter um filho, as coisas pioraram ainda mais. O *whisky* tornou-se o anestésico para a sua dor, e ele consumia-o sem diluição, na forma mais simples. Puro. Mas o efeito estava longe de ser puro. Era como assistir, na primeira fila, a um suicídio lento e prolongado. Quando deixei de conseguir suportar ser espetadora, ameacei ir-me embora. Ele prometeu que iria parar, mas não o fez. Limitou-se a esconder o veneno, a consumir em segredo. Fui-me embora durante dez dias. E foi quando ele parou. Aconteceu há mais de um ano e não estou disposta a voltar a viver tudo aquilo.

— Não sei se temos, querido...

— A minha mãe trouxe-me uma garrafa, está no armário — responde ele, sem

levantar os olhos e a mudar os canais sem parar, incapaz de encontrar o que procura.

Vou até à cozinha e abro o frigorífico. Ignoro o seu pedido e tiro de lá a garrafa de champanhe que pus a refrescar de propósito. Vou contar-lhe sobre o bebé. O seu humor vai mudar quando souber e este será um Natal inesquecível. Já bebi mais do que devia, mas mais um pequeno copo não fará diferença.

— Ainda bem que não temos filhos, não é? — diz o Paul, na sala.

— O quê?

— Todo o caos. Um dia inteiro ocupado com eles, sem se conseguir ter uma conversa que não seja constantemente interrompida.

— Não foi assim tão mau, pois não? — respondo, enquanto volto para a sala.

Uma lágrima escapa-me do olho esquerdo. Não consigo contê-la.

— Não, os miúdos estão bem. A Claire é que me deixa de mau humor. Estou farto de ela ditar como devemos viver a nossa vida, farto de ela estar sempre a meter-se e de tu nunca lhe dizeres nada... — Ele aponta para a garrafa de champanhe. — Isto é para quê?

— Pensei que podíamos celebrar.

— Já celebrámos o contrato do livro. Estás a chorar?

— Estou bem.

— Se é por a Claire dizer que não quer que vás para os Estados Unidos comigo, não quero saber do que ela diz. Ela vai conseguir orientar-se sem ti durante umas semanas, tenho a certeza.

— Contaste à Claire sobre o livro? Quando?

— Foi sem querer, quando estavas lá em cima a ler uma história aos gémeos, antes de eles dormirem.

Percebo agora o olhar que ela me lançou quando saímos. Foi um aviso. O Paul continua a falar, sem se dar conta do que fez.

— Por que razão não haveríamos de contar às pessoas, afinal? E tens razão, devíamos celebrar. — Ele pega na garrafa da mesa e abre-a.

— O que é que lhe disseste exatamente? — pergunto, com a voz trémula.

— Podemos parar de falar da tua irmã, do marido dela e dos chatos dos gémeos?

— O que é que lhe disseste, Paul? É importante.

— Porque estás a ficar tão descontrolada? Ela também parecia maluca.

— Porque ela não gosta da ideia de eu me ir embora. Sabia que ela ia ficar assim. Disse-te para não lhe contares, por enquanto.

— Não foi por causa disso. Foi por causa dos estúpidos dos diários. Perguntou-me porque é que te comprei um e eu disse-lhe que tinha encontrado os dela no sótão. E ela foi de normalíssima a psicótica em menos de dois segundos.

A minha mente está a ficar insuportavelmente ruidosa.

— Disse-te para não contares à Claire sobre os diários e também te disse para não os leres.

— Não os li, a sério. Só li uma frase sobre vocês as duas serem como duas ervilhas da mesma vagem. Citei-a. Achei piada, mas ela não achou.

Duas ervilhas da mesma vagem.

— Ela vai matar-te.

Ele ri-se. Não percebe que não estou a brincar. Ela nunca permitiu que ninguém me afastasse dela, nunca. Fez coisas terríveis a pessoas ao longo dos anos — amigos, colegas, amantes —, nenhum deles era suficientemente bom para mim, na opinião dela. Achava que tinha de me salvar de toda a gente. Pensei que, depois de os gémeos nascerem, depois de ela ter a sua própria família, as coisas pudessem mudar. Mas não mudaram. Ela agarrou-se ainda mais a mim. Acho que, no fundo, até ficou um pouco aliviada quando não consegui engravidar, com medo de que o meu amor por uma criança diminuísse o amor que sinto por ela. Com o Paul, o autor famoso, foi diferente. Ela decidiu que ele era bom para mim e ficou encantada quando ele aceitou viver a menos de um quilómetro de distância dela. Foi uma espécie de teste — ele passou porque não tentou afastar-me dela. Mas agora está a falhar.

Sinto-me mal. Sei do que ela é capaz. Saio da sala, encontro o meu telemóvel e ligo para o número da Claire.

Nada.

Tento outra vez, mas a chamada vai diretamente para o *voicemail*.

— Ele não leu nada. Não faças nada. Não tens de fazer nada. — Falo o mais baixo que consigo.

— Ficou tudo maluco? — diz o Paul, a surgir no corredor, atrás de mim. — Estamos a falar de diários de crianças. Talvez devesse mesmo tê-los lido.

— Se ela te ligar ou aparecer aqui, diz-lhe que já os queimei. Não abras a porta e não a deixes entrar. Onde estão as chaves do teu carro?

— Do que é que estás a falar?

Corro até ao aparador e abro as gavetas cheias de tralha.

— Aconteça o que acontecer, não confies nela, percebes? — Encontro o conjunto de chaves suplentes, agarro na mala sem sequer verificar o que está lá dentro e corro para a porta da frente.

— Amber, espera... — É demasiado tarde. Já estou a descer pelo caminho, enquanto tento distinguir os botões da chave do carro, no meio da escuridão e da chuva. Não tenho casaco e fico logo encharcada. O Paul segue-me até lá fora, ainda com os chinelos novos de Natal. Leva o telemóvel ao ouvido.

— Sou eu... A tua irmã está mesmo perturbada. Acho que tem qualquer coisa que ver contigo. Podes ligar-me para tentarmos resolver isto?... — Dou meia-volta e bato no seu telemóvel, que cai ao chão e se estilhaça na entrada da garagem.

Ele fica a olhar para o telemóvel, com a boca entreaberta, e depois levanta o olhar para me encarar.

— Mas que merda é esta?

— Fica longe da Claire!

— Estás a ouvir-te a ti própria? Pareces louca! Não podes conduzir assim. Deves estar acima do limite...

— Eu estou bem!

Na casa ao lado, há uma luz que se acende e eu vejo o nosso vizinho a sair. Não me tinha apercebido de que estávamos a gritar. Viro-me para entrar no carro, mas deixo cair a chave. As minhas mãos tremem enquanto me baixo para a procurar, aos apalpões, na escuridão. Quando encontro, finalmente, o que procuro, o Paul tenta impedir-me de entrar para o lugar do condutor. Empurro-o para trás, entro no carro e fecho a porta com força, prendendo a sua mão no metal. Ele grita de dor, puxa a mão para trás e eu volto a fechar a porta com estrondo. Enfio a chave na ignição e arranco.

AGORA

Terça-feira, 3 de janeiro de 2017

— Vou para casa para ver se o David não matou os gémeos ou vice-versa — diz a Claire.

— Claro — responde o Paul.

— Merda, desculpa. Não devia ter falado dos gémeos, quanto mais...

— Está tudo bem.

— Tens a certeza de que não queres que te dê boleia?

— Não. Não vou deixá-la de novo aqui. Não desta vez.

Ouçó a porta a abrir.

— Claire?

— Sim?

— A culpa não é tua.

Ele está a ser amoroso com ela, mas não devia. Isto é mesmo culpa da Claire. Tudo o que está errado na minha vida é culpa da Claire. Ouçó-a sair, e fico aliviada.

O Paul pega na minha mão. A dele é forte, quente, segura.

— Desculpa, desculpa — sussurra. — Continuo a desiludir-te. Devia ter ficado aqui.

Imagino o Paul a ver o que o Edward me fez neste quarto. Vejo-o sentado em casa, tão longe, enquanto observa um estranho a deslizar a mão por baixo do meu lençol. Eu estive presa num pesadelo, mas o Paul também esteve preso, do lado de fora, forçado a ver-me vivê-lo. Ele quis entrar tanto quanto eu quis sair.

— Amo-te tanto — diz ele, enquanto me beija na testa.

Passou pelo seu próprio inferno pessoal, enquanto eu estava adormecida no

meu. Queria poder dizer-lhe como lamento tê-lo feito passar por tudo isto e que também o amo. Repito as palavras na minha cabeça, vezes sem conta, até ganharem peso e se tornarem reais.

— Amo-te.

— Oh, meu Deus! — diz o Paul, enquanto larga a minha mão. Instintivamente, quero perceber o que se passa, por isso tento abrir os olhos. A luz intensa é avassaladora e sinto a dor atravessar-me até à parte de trás do crânio.

— Paul. — Ouço uma voz e percebo que é a minha.

— Estou aqui — diz ele, e eu consigo vê-lo. Ele está a chorar e eu também. Ele beija-me e eu consigo vê-lo. Isto é real. Os meus olhos estão realmente abertos. Estou acordada.

ANTES

Dia de Natal, 2016 — À noite

Estaciono na entrada da casa da Claire e vejo-a de pé, no alpendre. Estava à minha espera. Saio do carro e caminho à chuva na sua direção, sem sequer fechar a porta do veículo. O vestido está encharcado e cola-se às minhas pernas, como se o tecido tentasse impedir-me de avançar, como se quisesse que eu não entrasse.

— Olá, Amber — diz ela, de braços cruzados. Tem uma expressão tranquila. O seu corpo está imóvel.

— Temos de falar.

— É melhor acalmares-te.

— Ele não viu nada, não sabe de nada.

— Não sei do que estás a falar.

— Se lhe fizeres mal, se lhe acontecer alguma coisa...

Ela dá um passo em frente.

— O quê? O que é que vais fazer?

Tenho vontade de lhe bater. Quero magoá-la, e muito, mas não consigo. Ainda a amo mais do que a odeio. Não podemos ter esta conversa aqui fora. Nunca se sabe se está alguém a ouvir.

— Posso entrar, por favor?

Ela olha para mim por um instante, como se estivesse a avaliar o risco que corre. Descruza os braços e toma a sua decisão. Acena e, depois, dá um passo para o interior do corredor, deixando espaço suficiente para eu entrar.

— Estás molhada, tira os sapatos.

Fecho a porta, em silêncio, e obedeço-lhe. Fico descalça no seu tapete bege e

novo, preocupada com o que virá a seguir. Estamos num lugar onde nunca estivemos antes. Pergunto-me onde estará o David, se ele consegue ouvir-nos.

— O David está lá em cima. Desmaiou pouco depois de tu e o teu marido terem saído — diz ela, como se lesse os meus pensamentos. É o meu marido, já não o Paul. Começou a dissociar-se da pessoa que identificou como sendo o problema. Os seus olhos estão escuros, frios. Consigo ver que já se retirou para aquele lugar dentro de si que tanto me assusta.

— Quero-os de volta — diz ela. Nem sequer preciso de perguntar o quê.

— Queimei-os.

— Não acredito em ti.

— Ele não os leu.

— Porque é que os tens contigo, sequer?

— Estavam aqui. No sótão. Encontrei-os depois de a mãe e o pai morrerem. Tinham guardado tudo o que era teu. Não havia nada meu.

— Então roubaste-os?

— Não. Queria apenas ter qualquer coisa. Deixaram tudo para ti. Foi como se eu já não existisse.

— Não devias tê-los levado, nem devias ter deixado que o Paul os lesse. Ou querias que lhe acontecesse alguma coisa?

— Não! Ele não os leu. Fica longe dele!

— Tens mesmo de te acalmar.

— E tu tens mesmo de me deixar em paz. — Empurro-a. Não era essa a minha intenção. Ela cambaleia, vacilante, com aquele brilho nos olhos que reconheço de imediato. Em seguida, avança de novo, e aproxima o rosto do meu. Sinto a sua respiração.

— Ele leu-os e agora esse problema tem de ser resolvido — afirma, com calma.

— Ele não sabe.

— Ele leu-os.

— Não, não leu. — Imploro, consciente de que os seus ouvidos estão fechados para a verdade.

— *Duas. Ervilhas. Da. Mesma. Vagem.* Foi o que ele disse. Ele leu-os. — As palavras saem como disparos da sua boca, e cada uma traz consigo uma dor que vai aumentando no meu estômago. É tão intensa que, por um instante, penso

que ela deve ter-me apunhalado. É então que vejo o sangue. Fixo o olhar nas mãos dela, estão as duas vazias, sem qualquer faca. Mas agora também ela olha para a linha fina e vermelha que escorre na parte interna da minha perna direita. Instintivamente, levo as mãos à barriga, e a dor força-me a curvar-me sobre mim mesma.

— Meu Deus — consigo murmurar, antes de os meus joelhos cederem e de me afundar cada vez mais na dor.

— O que se passa? — pergunta a Claire.

— Não, meu Deus, não!

— Estás grávida? — Ela olha para mim, com uma mistura de espanto e nojo no rosto. Não espera pela minha resposta. — Como é que não me contaste uma coisa destas? Nós costumávamos contar tudo uma à outra. — Consigo ver a mente dela a trabalhar, um turbilhão feito desta informação nova. Está a delinear um novo rumo.

— Desculpa — consigo dizer, porque ela acha que devo. A expressão dela não muda.

— É uma pequena hemorragia. Vais ficar bem. Dá-me as chaves do carro.

Abano a cabeça.

— Liga ao Paul.

— Dá-me as chaves. O hospital fica a quinze minutos daqui, é mais rápido do que chamar uma ambulância. Ligamos-lhe no caminho.

Faço o que ela diz, como sempre fiz.

AGORA

Terça-feira, 3 de janeiro de 2017

— Tens fome? — pergunta o Paul. Eu estava a dormir, mas era um sono do qual se consegue acordar. Sento-me na cama do hospital e deixo que ele ajeite as almofadas atrás de mim. A porta está aberta e vejo um carrinho.

— Ela tem de ir devagar, pouco de cada vez — diz a Enfermeira do Norte ao Paul, enquanto lhe entrega um tabuleiro com comida. Reconheço a sua voz. Não tem nada que ver com a pessoa que imaginei. É mais jovem, mais magra, menos gasta. Nunca a visualizei a sorrir, mas ela sorri o tempo todo. Há pessoas que aparentam felicidade por fora, mas só percebemos que estão despedaçadas por dentro se as ouvirmos tanto quanto as olhamos.

O Paul pega no tabuleiro e coloca-o à minha frente. Tem frango, puré de batata e feijão-verde. Um pacote de sumo e qualquer coisa que parece gelatina de morango. Tenho fome, mas, agora que vejo o que há para comer, sinto-me menos ansiosa por comer. Ele pega nos talheres e apanha um pouco de puré com o garfo.

— Eu consigo — digo.

— Desculpa.

Tiro-lhe o garfo da mão.

— Obrigada.

Como quase tudo. Mastigo e engulo pedaços pequenos, porque ainda me dói a garganta, devido ao tubo. A comida não parecia grande coisa, mas, neste momento, parece que tive a melhor refeição da minha vida. O frango estava demasiado seco e o puré cheio de grumos, mas o simples ato de mastigar, engolir e voltar a saborear tornou cada garfada divina. Porque significa que estou viva.

— Consegues lembrar-te de mais alguma coisa? — pergunta o Paul.

Abano a cabeça e desvio o olhar.

— Não muito.

Ele parece aliviado. Fala do futuro como se tivéssemos um, e isso faz-me sentir de novo real. Não consigo imaginar o que foi para ele ter visto o que viu, assistir a outro homem fazer-me aquilo. Mas, pelo menos por enquanto, parece que isso não mudou nada entre nós. As minhas ideias começam a ficar mais suaves e as palavras dele vão-se espalhando por cada recanto, apagando os vincos e trazendo uma nova ordem ao caos. Ele insiste em passar por cada sombra que resta, até que o imperfeito se torna arrumado e limpo, como se fosse algo novo, intacto e imaculado.

O telemóvel do Paul vibra na mesa ao lado da cama. Ele estica-se para pegar nele, lê qualquer coisa e, ao terminar, olha para mim fixamente.

— O que é? — pergunto.

— Tens uma visita.

Sinto que estou a esmorecer.

— Quem?

— A Claire.

Ele espera algum tempo para que eu responda qualquer coisa, mas não digo nada.

— Está tudo bem? Não tens de a ver se não quiseses. Não tens de ver ninguém. Mas, seja o que for que aconteceu entre vocês, tenho a certeza de que ela está arrependida.

— Está bem.

— *Okay*. Ela está no parque de estacionamento, por isso ainda demora alguns minutos a chegar aqui. Vou dizer-lhe que pode subir.

Desvio o olhar, enquanto ele envia a mensagem à minha irmã. O Paul não sabe que me lembro do que aconteceu naquela noite. Ainda não decidi o que fazer, nem até que ponto devo fingir ignorância.

— Posso trazer-te mais alguma coisa? — pergunta ele.

— Adorava um copo de vinho — respondo.

Ele ri-se e o som é maravilhoso.

— Imagino que sim, mas acho que ainda é um pouco cedo para um sumo de

uva. Um dia de cada vez.

Ele leva o tabuleiro e coloca-o no chão, do lado de fora, como se estivéssemos num quarto de hotel e tivéssemos pedido serviço de quarto. Gostava de ir a algum lado, quando tudo isto terminar. Fugir da vida real, nem que seja por pouco tempo. Um lugar onde se possa sentir o sol de dia e ver as estrelas à noite.

A porta está aberta, mas ela bate na madeira antes de entrar.

— Olá — diz, à espera de autorização, antes de se aproximar.

— Entra — diz o Paul.

— Como estás? — pergunta, alternando o olhar entre mim e ele, mas dirigindo-se a mim.

— Estou bem — digo.

O Paul levanta-se da cadeira.

— Bem, acho que vou sair um pouco, deixar-vos pôr a conversa em dia.

Aceno para lhe mostrar que fico bem. Eu e a Claire ficamos a olhar uma para a outra, numa conversa silenciosa que já está a acontecer por trás dos nossos olhares. Ela senta-se na cadeira que ele desocupou e espera até ter a certeza de que ele está suficientemente longe para não nos ouvir.

— Desculpa — diz, finalmente.

— Porquê?

— Por tudo.

ANTES

Sábado, 14 de fevereiro de 1993

Querido Diário,

Hoje é Dia de São Valentim. Não recebi nenhum cartão, mas não me importo. Agora tenho uma família, uma família verdadeira, e isso é tudo o que sempre quis. Até tenho um novo nome: Claire Taylor. Acho que soa bem. Chamo «mãe» à mãe da Taylor e «pai» ao seu pai, e acho que eles gostam. Eu gosto. Toda a gente gosta, menos a Taylor. Passou a manhã toda amuada, a brincar no quarto com a boneca que lhe dei, como se fosse uma criança pequena. Chama-lhe Emily e senta-se a falar com ela quando acha que ninguém a ouve.

Depois do almoço, pedi para ir para o meu quarto e a mãe aceitou. Eu disse-lhe que queria ler o meu novo livro e ela acreditou. Como era domingo, comemos um assado. Todos os domingos há assado. Hoje foi frango, um frango inteiro, com batatas assadas, pudins de Yorkshire e muito molho. Comi tudo, a Taylor deixou uma grande parte da comida no prato. Eu teria comido também a dela, mas já estava tão cheia que achei que ia rebentar. Quando estava a subir as escadas, ouvi a mãe perguntar à Taylor o que se passava. Estão sempre a perguntar-lhe o que está errado e isso deixa-me furiosa. Não há nada de errado. Ela devia estar tão feliz quanto eu e parar de estragar tudo.

Passei pelo quarto da Taylor, a caminho do meu, e vi a Emily sentada na cama, com os olhos de vidro a olharem diretamente para mim.

Lembrei-me de quando a escolhi, numa das visitas à assistente social. Na verdade, era mesmo minha e eu podia recuperá-la se quisesse. Nunca tinha visto uma boneca como aquela antes, tão realista. Tinha cabelo preto brilhante, maçãs do rosto muito rosadas e um bonito vestido azul com sapatos a condizer. Parecia preciosa. Perfeita. Eu não gostava dela. Não me lembro de ter pegado nela nem de a ter levado para o meu quarto. Recordo-me apenas de baixar o olhar e ver o compasso do meu estojo na mão e a Emily no meu colo, com os olhos todos riscados.

Não sabia bem o que fazer a seguir, por isso peguei na Emily pela mão e fui para o jardim na parte da frente. Sou demasiado crescida para brincar com bonecas e deixei a Emily no chão. Na estrada. Com os pezinhos encostados ao passeio. Ainda estava muito cheia do almoço. Sentei-me na relva e arranquei pequenos tufo com os dedos. O sol brilhava e o céu estava azul, mas estava frio. Não me importei. Queria estar lá fora. Queria ver.

Tive uma sensação de que alguém estava a observar e virei-me para olhar para a casa. A Taylor estava lá, na janela do quarto, a olhar para nós as duas. O seu olhar alternava entre mim e a boneca. Depois afastou-se e perguntei-me se iria chorar. Ultimamente, ela estava sempre a chorar.

O primeiro carro não tocou na Emily e isso irritou-me. Não há muitos carros a passar pela nossa rua. Mas a Taylor chegou ao jardim a tempo de ver o segundo carro, por isso foi bom. Esse não falhou. O pneu dianteiro, do lado esquerdo, esmagou-lhe o rosto, com o cabelo a enrolar-se na roda. Fiquei a observar enquanto ela rodava por cima e por baixo, por cima e por baixo. O pneu traseiro do mesmo lado também a esmagou, mas sem a tirar do sítio, onde ficou deitada, achatada no alcatrão. A Taylor ficou ao meu lado, a olhar para a boneca ao longe. A sua expressão não se alterou, o seu corpo não se moveu, ela ficou simplesmente ali. Eu continuei a arrancar pedaços de relva e a enrolá-los entre os dedos. E comecei a trautear uma melodia

sem sequer me dar conta:

A roda do autocarro roda, roda, pela cidade.

— Contaste a alguém? — perguntei.

Ela não perguntou o quê, só abanou a cabeça e olhou para baixo.

— Muito bem — disse-lhe. — Acontecem coisas más quando se conta o que não se deve contar.

Ela olhou para mim, com uma expressão meio vazia, nem feliz nem triste. Dei uma palmadinha no pedaço de relva ao meu lado e, ao fim de algum tempo, ela veio sentar-se nesse sítio. Ela estava sem casaco e eu sabia que devia estar com frio, por isso estendi a mão para segurar na dela, e ela deixou. Apertei-a três vezes e ela apertou a minha de volta, também três vezes. Foi nesse momento que percebi que iríamos ficar bem, que nada tinha verdadeiramente mudado. Ela perdeu-se, mas eu consegui trazê-la de volta. Agora podemos até ser irmãs, mas seremos sempre ervilhas da mesma vagem.

ANTES

Dia de Natal, 2016 — À noite

A Claire enfia a cabeça debaixo do meu braço, suportando a maior parte do meu peso, e leva-me até ao carro. Deixo-a fazer isso porque não tenho a certeza de conseguir manter-me de pé sozinha. Continuo descalça enquanto cambaleamos pela entrada, com o cascalho molhado a cortar-me a pele dos dedos dos pés. Ela ajuda-me a sentar no banco do passageiro, e noto que está a usar umas luvas de couro vermelhas que nunca tinha visto antes. Estou sentada de lado e ouço alguém chorar dentro do carro. Demoro alguns segundos a perceber que sou eu. A Claire entra, prende o cinto de segurança e fecha a porta.

— Onde é que estão os diários, Amber?

— Já te disse que os queimei.

— Estás a mentir.

— Pelo amor de Deus, leva-me ao hospital.

Ela nunca conduziu o MG do Paul, mas faz marcha-atrás, na entrada, como se o carro fosse dela, com uma luva vermelha no volante e a outra na alavanca das mudanças, como se fosse uma corredora de automóveis, alguém no comando. Fecho os olhos e pouso as mãos na barriga, como se estivesse a tentar segurá-la dentro de mim. Tenho a certeza de que é uma menina.

Eu e a Claire não falamos enquanto ela conduz. As únicas vozes que ouço vêm do rádio, mas nem mesmo essas são reais, está tudo pré-gravado. De vez em quando, abro os olhos para olhar pelas janelas, para me certificar de que ela vai na direção certa, mas só vejo escuridão. Tenho de apoiar uma mão no *tablier* para me equilibrar enquanto fazemos uma curva.

— Pensava que não podias engravidar — diz ela, enquanto engata a segunda. Acho que agora estamos na estrada principal, não deve faltar muito.

— Também eu.

Terceira.

— O Paul sabe?

— Não.

Quarta.

— Porque é que não me contaste?

— Disseste sempre que não precisávamos de mais ninguém.

Quinta.

Abro os olhos e percebo que as dores desapareceram. Não sei o que isso significa.

— As dores passaram — digo, a tentar endireitar-me um pouco. — Acho que estou bem.

Sinto uma onda de alívio. Olho para a Claire, mas a expressão dela não mudou, está como se não me tivesse ouvido.

— Uma vez, quando estavas grávida dos gémeos, também sangraste, não foi? — pergunto.

— Ainda assim, devias ser vista no hospital, mais vale prevenir do que remediar.

— Tens razão. Mas agora podes abrandar.

Ela não responde e continua com o olhar fixo na estrada.

— Claire, eu disse que podes abrandar, acho que estou bem. — Volto a colocar as mãos na barriga, por instinto.

— Devias ter-me contado — murmura, num tom tão baixo que me deixaria na dúvida, se não tivesse o movimento dos lábios. O seu rosto contorce-se numa expressão amarga e cruel. — Sempre partilhámos tudo. Se tivesses feito o que te pedi e parado de mentir, nada disto estaria a acontecer. A culpa é toda tua, se estiver morto.

— Não está morto — digo. As lágrimas transbordam das minhas pálpebras e deslizam pelas maçãs do rosto. Estou convencida de que não está morto, posso jurar que consigo sentir o coração do meu bebé por nascer a bater junto ao meu. A Claire faz um pequeno aceno de cabeça, como se estivesse a mostrar-me que

acredita em mim. Fecho os olhos e agarro-me com mais força ao banco. Tenho de aguentar, já não pode faltar muito. Estamos a ir tão depressa que devemos estar quase a chegar.

— Amber.

A Claire pousa a mão enluvada na minha. Está fria e eu abro os olhos. Vejo-a a olhar para mim, em vez de olhar para a estrada. Sorri e, no mesmo instante, fico paralisada por uma onda de terror.

— Amo-te — diz ela, antes de voltar a olhar para a estrada, com as duas mãos no volante.

Ouço o som agudo dos travões e, de repente, tudo parece desacelerar. Sinto o meu corpo desprender-se do banco, como se estivesse a voar. Atravesso o para-brisas, com as mãos à minha frente, como quem mergulha numa piscina feita de vidro. Mil fragmentos minúsculos cortam cada parte do meu corpo. Estranhamente, não sinto dor. Toda e qualquer sensação de sofrimento desapareceu. Subo alto no céu noturno. Consigo ver as estrelas, tão próximas que quase consigo tocá-las, mas depois embato com a cabeça no asfalto, antes de embater com um ombro e o peito, enquanto pedaços de pele se rasgam e fico imobilizada, abruptamente. Tudo fica parado. Já não estou a voar.

Volto a sentir dor, mas agora está em todo o lado, muito pior do que antes. Estou despedaçada por dentro e por fora, e tenho medo. Não choro, não consigo, mas sinto o sangue a escorrer-me pelo rosto, parece que tenho lágrimas vermelhas. Ouço a porta do carro bater e o som distante do rádio, uma canção de Natal ainda a tocar. A minha agonia aumenta até tornar tudo negro. E, nessa altura, deixo de sentir dor, não sinto nada. Só consigo dormir.

AGORA

Terça-feira, 3 de janeiro de 2017

- Deixaste-me ali.
- Tinha estado a beber, não devia estar a conduzir. Fiquei com medo.
- Ficaste com medo? Nem sequer pediste ajuda?
- Ela desvia o olhar.
- Pensei que estavas morta.
- *Desejavas* que eu estivesse morta.
- Não é verdade, nunca digas isso. Eu amo-te.
- Precisas de mim, não me amas. É diferente.
- Sabes o que teria acontecido se descobrissem que eu é que estava a conduzir? Eu tenho dois filhos pequenos que precisam de mim.
- E eu estava grávida. E agora já não estou.
- Eu sei. Lamento muito. Nunca faria nada de propósito para te magoar, sabes isso.
- Contaste ao Paul?
- Conteí o quê?
- Que eras tu quem estava a conduzir?
- Não. Tu contaste-lhe?
- Achas que ele permitiria que entrasses aqui se eu lhe tivesse contado?
- Ela deixa escapar a raiva com um sussurro cortante.
- Foi um acidente, Amber. Estava a tentar ajudar-te. Estava a tentar levar-te ao hospital. Não te lembras?
- Lembro-me de te ver a apertar o cinto, a conduzir muito depressa e depois a travar bruscamente. Lembro-me de voar pelo ar.

— Tive de parar.

— Não, não tiveste.

— Estava a conduzir, tu estavas a chorar de dor e disseste qualquer coisa sobre uma menina de robe cor-de-rosa. Pensei que estava uma criança na estrada. Gritaste para eu parar.

As palavras dela infiltram-se pelos meus ouvidos, à procura de um lugar dentro de mim. Já não consigo discernir o que é real. Não sei em que história acreditar: na minha ou na dela. O silêncio que envolve a sala serve para amenizar as minhas feridas, mas a Claire consegue desfazer cada costura, deixando-as de novo expostas.

— Não havia nenhuma criança quando saí do carro, nunca a vi. Ou ela foi fruto da tua imaginação ou fugiu — diz ela.

As duas coisas.

Viro-me para o lado porque não consigo olhar para ela. Foi preciso muito amor para a odiar como eu a odeio.

— Não devia ter-te deixado lá. Mas tu devias ter-me contado sobre a gravidez. E sobre ele. É isto que acontece quando mentimos uma à outra.

— Não te menti.

— Também não me disseste a verdade. Pesquisei sobre ele, o Edward Clarke. Foi expulso da faculdade de medicina pouco depois de teres acabado com ele.

— Por causa das cartas que escreveste.

— Talvez. Seja como for, eu tinha razão, sempre soube que havia algo de errado com ele. Arranjou vários empregos temporários em diferentes hospitais até conseguir este. Acho que o escolheu para estar perto de ti. Percebes? Acho que ele anda a seguir-te há anos e não creio que isto tenha acabado. Diz-me onde é que ele mora.

— Não me lembro.

— Lembras-te, sim. Diz-me. Não vou deixar que ele te magoe de novo. Não vou deixar que ninguém te magoe de novo.

— Agora, quero dormir — peço, enquanto fecho os olhos.

— Trouxe-te isto — diz ela, e ouço-a pousar qualquer coisa na mesa de cabeceira. Abro os olhos apenas o suficiente para conseguir ver, mas não olho para ela. — Pensei que isto pudesse lembrar-te de quem fomos, de quem

podíamos voltar a ser — diz ela. Mas eu não respondo.

A pulseira dourada parece muito mais pequena do que eu me lembrava, fico até surpreendida ao pensar que cabia no meu pulso. É a que ela me roubou quando éramos crianças. A minha data de nascimento está gravada no metal. E a dela também. Gémeas terríveis. Ainda tem o alfinete de segurança que usei para a consertar quando ela a partiu. Tão frágil. Estou também surpreendida que ela ainda a tenha. Quero tocar-lhe, mas não o faço. Fecho os olhos e viro-me de costas para ela. Anseio pelo regresso de um silêncio capaz de me engolir na escuridão, não quero ouvir mais nada. Tenho o que quero. A porta fecha-se e fico sozinha. A pulseira desapareceu e a minha irmã também.

DEPOIS

Seis semanas mais tarde

15 de fevereiro de 2017

Fico ao fundo da nossa cama, a observar o seu rosto enquanto ele dorme. Os olhos do Paul movem-se sob as pálpebras fechadas e a sua boca está ligeiramente entreaberta. Nos últimos meses, envelheceu. As suas rugas aprofundaram-se, as suas olheiras têm agora um tom mais escuro. Estou a olhar para um homem feito, mas só consigo ver uma imagem de vulnerabilidade. Deixo-me envolver pela serenidade sublime que só a noite sabe conceder e pondero, com cuidado, se fiz a escolha certa. Concluo que sim. Não permitirei que o meu passado trace o nosso destino.

Estou em casa há mais de um mês. Depois de tanto tempo na quietude da escuridão, sair do hospital provocou-me uma espécie de sobrecarga sensorial. O mundo pareceu-me tão acelerado, tão barulhento, tão real. Talvez tenha sido sempre assim e eu nunca tenha reparado. Foi preciso algum tempo para me ajustar, para processar tudo. Visitei o local do acidente, por sugestão do especialista em trauma do hospital. Havia um ramo de flores murchas junto à árvore. Alguém bem-intencionado deve ter pensado que eu tinha morrido naquela noite. Talvez uma versão de mim tenha mesmo morrido.

Estou a tentar seguir em frente. Já perdoo a Claire, de tal forma que nos oferecemos para tomar conta dos gémeos, ontem, enquanto ela e o David foram celebrar o Dia dos Namorados. Achei que mereciam um momento a dois e até lhes preparei uma refeição especial.

Ter os gémeos aqui em casa foi uma experiência agradável. À tarde, fizeram uma sesta no nosso quarto de visitas. Nunca tinham dormido aqui antes e verifiquei várias vezes se estavam bem. Fiquei à entrada do quarto, a observar os

seus rostos rosados, os tufos de cabelo despenteados, os dois a sonhar profundamente, como duas ervilhas da mesma vagem. Coloquei umas estrelas luminosas no teto, que eles pareceram adorar. Acendi e apaguei a luz para lhes mostrar que as estrelas não brilham se não houver escuridão. Choraram menos do que é costume, e o Paul foi incrível e fez tudo para os manter felizes. Falou-lhes no tom certo, tornou tudo melhor. Agora, a casa voltou a ficar em silêncio. Olho para o relógio, são 03h02.

Mesmo ao fim de algumas semanas, ainda sinto os efeitos secundários do coma. Tenho pesadelos horríveis e inquietantes, e tenho dificuldade em dormir. Desço as escadas, em silêncio, e o *Digby* vem ter comigo. Agora, temos um cachorro, um labrador preto. O Paul é que teve a ideia. Vou até à cozinha e olho para o relógio antes de começar a minha rotina, são 03h07.

Começo pela porta das traseiras. Rodo a maçaneta repetidamente até ter a certeza de que está trancada.

Para cima, para baixo. Para cima, para baixo. Para cima, para baixo.

Depois, posiciono-me em frente ao forno grande, com os braços dobrados e as mãos levantadas à altura da cintura. Os dedos assumem uma posição familiar: o indicador e o médio tocam o polegar em cada mão. Sussurro baixinho para mim mesma enquanto verifico com o olhar se está tudo desligado, com as unhas a fazer um som seco ao chocarem umas contra as outras. Repito o gesto. Uma vez. Duas. E, por fim, uma terceira.

O *Digby* observa-me da porta da cozinha, com a cabeça inclinada. Preparo-me para sair, mas hesito por um instante, perguntando-me se não será melhor verificar tudo uma última vez antes de o fazer. Olho para o relógio, são 03h15. Não há tempo. Visto o casaco, pego na mala e verifico o conteúdo: telemóvel, carteira, chaves, além de outras coisas pequenas. Confiro tudo mais duas vezes antes de prender a trela do *Digby* à coleira e de me obrigar a sair de casa. Verifico três vezes se a porta da frente está trancada, antes de descer pelo caminho no jardim, que está iluminado pelo luar.

Descobri que caminhar ajuda, e o cachorro gosta bastante, seja de dia ou de noite. Algumas ruas e um pouco de ar fresco é tudo o que preciso para poder voltar a dormir. Nada mais parece funcionar. Sigo pela estrada principal, sem uma única luz a brilhar no interior das casas, como se toda a gente tivesse

desaparecido e eu fosse a única pessoa no mundo.

Continuo a caminhar pelas ruas adormecidas, sob um céu negro coberto de estrelas que parecem lantejoulas. São as mesmas estrelas que contemplei há mais de vinte anos, mas eu sou outra pessoa, irremediavelmente. Não há luar e estou envolta na escuridão quando viro para a rua da Claire. Fico a olhar para a sua casa, a absorver cada pormenor, como se estivesse a vê-la a sério pela primeira vez. Devia ter sido minha. Nasci aqui. Prendo a trela do *Digby* a um poste de iluminação, pego na chave e entro.

Primeiro, observo a Claire e o David. Parecem tão calmos, deitados, completamente imóveis, virados de costas um para o outro.

A roda do autocarro roda, roda.

Acho que os ver assim deve significar alguma coisa. Qualquer coisa sobre a relação deles, mas já não me lembro o quê e, seja como for, agora já não importa.

Roda, roda.

Verifico a pulsação do David. Não tem, já está frio. Contorno a cama para verificar a da Claire. É fraca, mas está lá. Suponho que ele tenha comido uma quantidade maior da refeição que lhes preparei. O saco com medicamentos do hospital parece ter funcionado. Tinha as minhas dúvidas, mas se um porteiro do hospital consegue entender estas coisas, com a ajuda da Internet, não podia estar para lá das minhas capacidades.

Roda, roda.

Caminho até ao quarto das crianças, antes de regressar para junto da Claire.

A roda do autocarro roda, roda.

O som do choro dos gémeos quebra o silêncio. Inclino-me para mais perto da cama, na esperança de que ela consiga ouvi-los.

Pela cidade.

Sussurro-lhe ao ouvido:

— Duas ervilhas da mesma vagem.

Ela abre os olhos e dou um salto, afastando-me da cama. Ela vira o olhar na direção do som dos filhos que choram no fundo do corredor. Acalmo-me quando percebo que ela não consegue mover nada, a não ser os olhos. Estão arregalados e descontrolados, com uma expressão que nunca lhes tinha visto

antes. Medo. Levanto o bidão de gasolina de forma a ficar no campo de visão da Claire. Ela olha para ele e depois para mim. Observo o rosto da minha irmã uma última vez, antes de pegar na mão dela, apertando-a três vezes para depois a largar.

— Nunca gostei de gasolina — digo, antes de sair do quarto.

DEPOIS

Quarta-feira, 15 de fevereiro de 2017 — 04h00

Escolho um caminho diferente para voltar para casa, um pequeno desvio com o *Digby* a acompanhar-me. Está frio, e apresso o passo quando ouço os carros dos bombeiros. O som das sirenes faz-me pensar no Edward. A polícia nunca chegou a capturá-lo. Lembro-me da tarde em que o detetive Handley veio a minha casa para relatar o que tinham descoberto. Sentou-se no nosso sofá com grande delicadeza, como se não quisesse perturbar o ar na sala nem deixar marcas nas almofadas. Recusou, com um gesto educado da cabeça, a minha oferta de chá e permaneceu em silêncio durante algum tempo, visivelmente a escolher as palavras certas e a ponderar a melhor ordem para as dizer. A pele dele ficou ainda mais pálida quando começou a descrever os vestígios de sangue e pele queimada encontrados no interior do solário do apartamento do Edward. A Claire não tinha qualquer álibi para a noite em que os vizinhos disseram ter ouvido um homem a gritar. Eu também não, mas não importou, já que ninguém perguntou onde estávamos. Talvez tenha sido um acidente, segundo o detetive. Talvez devido a um curto-circuito. Lembro-me de acenar enquanto ele falava. Algo ou alguém terá interferido. Não havia corpo, nem uma conclusão clara ou definitiva. Por vezes, é preciso que o caos prevaleça para que a limpeza e a ordem possam emergir.

Os meus pensamentos desviam-se para a Madeline, enquanto viro numa esquina para a estrada principal. Desde que acordei, penso nela com frequência. Passo pela bomba de gasolina onde comprei o combustível há mais de dois meses. As imagens do sistema de videovigilância desse dia já terão sido apagadas, mas os registos mostrarão que foi paga com um cartão de crédito com o nome

Madeline Frost. Ela estava sempre a dar-me o cartão para comprar os seus almoços ou pagar a lavandaria, mas eu usei-o também para muitas outras coisas, incluindo fazer um segundo conjunto de chaves de casa quando ela me pediu para fazer uma cópia para a nova empregada. Aceitar um emprego que estava claramente abaixo das minhas qualificações foi útil para poder fazer este tipo de coisas, mas a melhor parte foi conhecer a agenda da Madeline, porque, na qualidade de assistente pessoal, era eu quem a criava. Sabia onde ela estaria em cada minuto do dia, com semanas de antecedência, e sabia quando ela não teria um álibi.

A última nota de ameaça que entreguei antes da festa de Natal tinha o nome da Claire, para que não houvesse dúvidas sobre quem estava por trás de tudo. A Madeline estava arruinada após o desastre épico no noticiário do almoço, um fracasso ainda maior do que o planeado, que superou todas as minhas expectativas. O rosto da «Crise Infantil» proferiu palavras tão horríveis ao vivo que, ao lado disso, o facto de ela ter abandonado a afilhada órfã e roubado a sua herança pareceu-me irrelevante. Mas eu ainda não tinha terminado com a Madeline. Sempre achei que ameaças são vulgares, mas o que fiz foi diferente, sublime. Foi justiça. As pessoas acreditam que o bem e o mal são coisas opostas, mas estão enganadas. São apenas reflexos um do outro, partidos e distorcidos, como vidro estilhaçado.

Repeti para a polícia tudo o que ensaiei. Escrevi uma carta da Madeline para a Claire, onde ameaça lidar com ela da mesma forma que lidou com os seus pais. Estou habituada a redigir cartas em nome da Madeline, na qualidade de assistente pessoal, por isso estou confiante de que a caligrafia é uma cópia perfeita da dela. A Claire nunca chegou a ler a carta, claro, mas, quando for o momento, irei explicar que ela ma deu para a guardar, caso o impensável acontecesse. Toda a gente achava que a Madeline ficaria descontrolada se deixasse de trabalhar, uma vez que aquele emprego era tudo para ela. Vão acreditar que estavam certos quando a polícia encontrar os bidões de gasolina vazios trancados no anexo dela. Também vão encontrar a caneta usada para escrever a carta na secretária de carvalho da sala de estar. Vão encontrar tudo o que é preciso.

Chego a casa, entro silenciosamente e dispo o casaco. São 04h36. Estou um

pouco adiantada, mas agora não consigo voltar a dormir. Sinto-me suja, contaminada, por isso subo para tomar um duche. Tranco a porta da casa de banho e viro-me para o espelho. Não gosto do que vejo, por isso fecho os olhos. Abro o fecho da minha antiga pele e deslizo para fora de mim mesma, como se fosse uma nova boneca russa, mais pequena do que a anterior, a imaginar quantas versões de mim ainda permanecem ocultas. Abro o chuveiro e coloco-me por baixo da água sem hesitar. Está gelada, mas não me mexo e deixo que a temperatura suba gradualmente, quase sem dar por isso quando me começa a queimar a pele. Não sei quanto tempo fico assim, não me lembro. Não me lembro de me secar ou de envolver o roupão à volta do corpo. Não me lembro de sair da casa de banho ou de descer de novo. Só me lembro de estar outra vez na sala, a olhar para o grande espelho acima da lareira e a gostar da mulher que me devolve o olhar. Pego no *Digby* e sento-me com ele ao colo, enquanto acaricio o seu pelo preto e macio na escuridão. Agora, só me resta esperar.

Um dos gémeos começa a chorar. Ponho o *Digby* no chão e corro pelas escadas acima para os confortar. Mais cedo, quando tentei gravar o som deles a gritar, só sorriam, mas no fim lá conseguimos. Já há claridade no quarto deles. Abro as cortinas e olho para a nova luz do dia a espalhar-se pelas ruas e pelas casas abaixo. O Paul ainda dorme, por isso levo os gémeos para baixo e preparo-lhes o pequeno-almoço. Coloco-os nas cadeiras altas e preocupo-me com o facto de poderem ter frio na nossa casa antiga. Surge-me outra ideia, e decido que é boa. Aliás, não sei porque não me ocorreu antes.

As chamas crepitam na lareira, e espalham luz e calor pela sala. Os gémeos ficam a olhar, fascinados, como se nunca tivessem visto um fogo antes. Talvez nunca tenham visto. Pego nos diários, um de cada vez, folheio algumas páginas e atiro-os para as chamas. Faço uma breve pausa no último, passo o dedo indicador onde está escrito «1992», na capa, e foco-me nas últimas páginas. A princípio, as palavras não se deixam ler, ficam presas na minha garganta, mas obrigo-me a fazê-lo. Pela última vez, permito que os meus olhos decifrem as palavras da Claire daquela noite, a noite que mudou tudo.

A Taylor disse-me para o fazer.

Arranco a página e amarroto-a, antes de a atirar para o fogo. Depois de vê-la arder até não restar mais nada, atiro para lá o último dos diários da Claire. Eu e

os gémeos ficamos sentados a ver até que tudo o que a mãe deles escreveu não
passe de fumo e cinzas.

DEPOIS

Primavera de 2017

Sempre me fascinou a queda livre entre o sono e a vigília. Aqueles preciosos segundos de semiconsciência antes de abrir os olhos, quando damos por nós convencidos de que os sonhos podem ser realidade. Por enquanto, ao longo de mais um instante fugaz, rendo-me à ilusão autoimposta de que posso ser qualquer pessoa, estar em qualquer lugar, ser amada.

Sinto uma sombra projetar-se sobre as minhas pálpebras, que se abrem de imediato. A luz é tão forte que, por instantes, não consigo lembrar-me de onde me encontro. Por um breve momento, acredito estar de volta ao quarto do hospital, mas então o som do mar chega até mim. São ondas suaves que beijam, com delicadeza, a margem de areia branca, ao longe. Levanto a mão para proteger os olhos do brilho do sol e reparo nos sulcos intrincados que estão gravados na minha palma, nas impressões digitais que o tempo não apagou. A minha pele reconhece-me, apesar de ter sido tão desconfortável de carregar.

Sento-me ao ouvir as crianças, o seu riso contagiante a dançar nos meus ouvidos até que um sorriso se espalha pelo meu rosto. Não importa que os gémeos não tenham nascido de mim. Agora são meus, e aprendi que a água pode ser mais densa do que o sangue, se o permitirmos. Censuro-me por ter adormecido quando deveria estar a tomar conta deles, mas relaxo ao observar a praia à minha volta. Tirando um ou outro coqueiro, este lugar é só nosso. Não há mais ninguém. Nenhuma razão para ter medo. Respiro fundo e tento descontraír. Recosto-me na cadeira, entrelaço os dedos e pouso as mãos no meu colo. Quando baixo o olhar, vejo as mãos da minha mãe. Desvio de novo o olhar para os meus sobrinhos e decido, naquele instante, que irei amá-los

incondicionalmente, aconteça o que acontecer, façam eles o que fizerem, mudem como mudarem, ou sejam o que forem.

O sol quente aquece a minha pele e ilumina a nossa nova vida. Este é o nosso pequeno refúgio paradisíaco por algumas semanas, uma pausa antes do Paul ter de partir para os Estados Unidos. Viro-me em direção ao hotel, e pergunto-me onde estará. Escolhemos um quarto no rés-do-chão, mesmo junto à praia, para podermos sair diretamente para o sol durante o dia e contemplar as estrelas à noite. É enorme, parece mais uma suíte do que um quarto, e raramente nos cruzamos com alguém. Há poucos hóspedes, devido à época das chuvas, embora não tenha caído uma gota desde que chegámos.

Os estores estão todos abertos, e consigo ver a silhueta do Paul lá dentro, sentado na cama. Está ao telefone. De novo. Não se adaptou à nossa nova vida tão depressa quanto eu tinha esperado, mas adora as crianças e ama-as como se fossem suas. Dei-lhe, finalmente, a família que ele sempre quis, e agora ninguém nos pode tirar isso. Lanço um último olhar às crianças e certifico-me de que estão bem. Levanto-me da espreguiçadeira para ir ter com o Paul e lembro-me de que também precisa que tome conta dele.

O Paul desliga o telefone que estava pousado na mesa de cabeceira, mal entro no quarto. Não levanta o olhar e sinto que interrompi qualquer coisa.

— Quem era? — pergunto.

— Ninguém — responde, ainda a evitar olhar para mim. A cama está soterrada por uma colcha de folhas brancas A4, cobertas de texto a preto e tinta vermelha. A revisão interminável voltou a tomar conta de tudo.

— Bom, alguém era — digo, esforçando-me por esconder uma certa irritação na voz. Era suposto estarmos de férias para aproveitarmos estar juntos em família, não para ele se esconder aqui, a olhar para palavras e a falar com a agente. Olho de novo para as crianças. Estão bem, por isso volto-me para o Paul. Agora, ele está a olhar para mim, com os lábios ligeiramente arqueados.

— Era suposto ser uma surpresa — diz ele, enquanto se levanta e se aproxima para me beijar. — Os teus ombros estão vermelhos, precisas de mais creme?

— O que é que era suposto ser uma surpresa?

— Mandeí vir uma coisa do serviço de quartos.

Ainda não acredito nele.

— O quê? Porquê? Falta pouco para o jantar.

— É verdade, mas normalmente bebemos champanhe no nosso aniversário.

— Não é o nosso aniversário...

— Não disse que era o de casamento — responde, com um sorriso. Sei de que aniversário ele está a falar, por isso, sorrio também.

— Pensei que estivesse a falar de novo com a tua agente.

— Não desta vez — diz ele, com as mãos no ar. — Mas acabaste de me lembrar de uma coisa. Talvez ligue para ela através do Skype, para uma conversa rápida antes de as bebidas chegarem. Depois sou todo teu.

Reviro os olhos.

— Cinco minutos, de certeza que podes perdoar-me?

— Está bem, cinco minutos — digo, antes de o beijar no rosto.

Quero refrescar-me, mas primeiro verifico os gémeos. Agora, integram a minha nova rotina e tenho de verificar três vezes como estão para me sentir tranquila. Estão exatamente onde os deixei, a erguer castelos de areia, a desfazê-los e a começar de novo. Há uma serenidade na forma como se entretêm juntos. Não consigo deixar de me perguntar se isso é comum, se serão sempre assim.

— Olha para isto — diz o Paul. Já está sentado à pequena secretária no canto do quarto, com o portátil aberto à sua frente. Reparo que a etiqueta da sua *T-shirt* espreita junto ao pescoço. Dou um passo em frente para ajeitá-la, mas, sem saber bem porquê, desisto a meio. Em vez disso, inclino-me ligeiramente e espreito para o ecrã, por cima do seu ombro dele. — A pessoa que está a tomar conta do *Digby* enviou isto. Parece que ele também está a ter umas boas férias.

Sorrio ao ver a fotografia. O cão está a arfar, mas parece sorrir para a câmara.

— Sei que sentes falta dele, mas vamos vê-lo em breve — digo. O Paul adora aquele cão e detesta deixá-lo para trás. Todos precisamos de alguém ou algo para amar. Sem isso, o amor dentro de nós não tem para onde ir. — Podes vigiar os gémeos enquanto tomo um duche rápido? — pergunto, lançando um olhar na direção deles.

— Claro.

A caminho da casa de banho, reparo que o Paul deixou de novo a televisão ligada. Está sem som, mas uma imagem familiar prende o meu olhar, e não consigo desviá-lo. Observo uma repórter conhecida que está de pé, junto à

entrada de um tribunal, rodeada por várias equipas de televisão e outros jornalistas a competirem pelo melhor lugar no passeio. A imagem muda e mostra agora uma carrinha da polícia a atravessar um portão. Depois, surge a casa da Claire, onde crescemos, agora escurecida, consumida pelas chamas. Leio as palavras que deslizam no rodapé do ecrã, uma sequência de maiúsculas que parecem gritar-me em silêncio:

COMEÇOU O JULGAMENTO DE MADELINE FROST POR HOMICÍDIO.

Mesmo com o som desligado, o que se passa na televisão torna-se ensurdecador. Não entendo por que motivo ele insiste em tê-la sempre ligada, parece uma obsessão. Desligo-a e viro-me para lhe dizer qualquer coisa, mas ele já começou a chamada através do Skype. O som da ligação é interrompido, e ele começa a falar ao portátil antes que eu possa dizer uma palavra. Deixo-o fazer o que está a fazer e entro na casa de banho. O meu reflexo no espelho apanha-me desprevenida. Estou bonita. Pareço a versão de mim mesma que deveria ser, a viver a vida que deveria ter vivido. A vida que me foi roubada.

Fecho a porta e abro o chuveiro. Não vou demorar-me. Quero apenas livrar-me da areia e do creme na pele, lavar o cabelo e trocar de roupa. Dispo o biquíni, entro na cabine e deixo que os jatos de água fria me atinjam o rosto.

De repente, ouço batidas na porta do quarto e solto um murmúrio de frustração pelo momento inoportuno.

— Entre — diz o Paul. Percebo que ainda está ao telefone com Londres, mas sinto-me aliviada por ser ele a tratar disso. Cinco minutos sozinha tornaram-se um luxo raro que já não tenho por certo. — Ótimo, muito obrigado. Pode deixar ali — ouço-o dizer. As palavras chegam-me distorcidas pelo som do chuveiro, mas há nelas um tom distante, talvez até indiferente. Espero que não se tenha esquecido de dar gorjeta.

Visto-me depressa, passo uma escova no cabelo emaranhado e espalho um pouco de creme para depois do sol no rosto e nos ombros. O Paul já está sentado no deque, fora do quarto, virado para o mar turquesa. Trouxe as crianças para mais perto dele e sentou-as numa manta à sombra. Adoro-o por amá-las da forma como sempre esperei que iria amá-las.

— Estás aqui. Pensei que te tinhas afogado — diz ele, quando me junto aos três. — Uma bebida, minha senhora? — pergunta, a pegar numa garrafa de

champanhe de um balde prateado numa bandeja.

— Que bom, sim, por favor. — Sento-me ao lado dele e sinto o calor da cadeira de madeira através da saia. A Katie ouve-me e vira-se, a sorrir.

— Mamã – diz ela, antes de começar de novo a brincar. Nunca me tinha chamado isso antes, e faz-me tão feliz. Afinal, sou madrinha deles. Será assim tão errado querer ser mais do que isso?

O Paul usa a unha do polegar para cortar o papel dourado à volta do gargalo da garrafa. Retira-o e, depois, torce o metal que segura a rolha, removendo-a com facilidade. Sem barulho, sem alarido, sem desperdício. Enche os nossos copos e, nessa altura, dou-me conta de que sou feliz. As coisas entre nós melhoraram tanto. Recuperámos o casal que éramos. Somos tudo o que sempre desejei. Estou no paraíso, com a minha família e é esta a essência da felicidade. Talvez nunca a tenha realmente conhecido até agora.

Ele pousa a garrafa na bandeja redonda, e há qualquer coisa ao seu lado que capta a luz.

— O que é aquilo? — pergunto, a olhar para o reflexo dourado por cima da prata.

— O quê? – responde ele, seguindo o meu olhar. Sorrio, por pensar que se trata de mais uma surpresa, um presente, um jogo.

Não é.

Por instantes, as palavras recusam-se a tomar forma.

— Viste quem entregou isto no quarto?

— Eu ainda estava no Skype, limitaram-se a entrar e deixar aquilo ali ao lado. Porquê? O que se passa?

Não respondo. Estou hipnotizada pela pulseira fina na bandeja, suficientemente pequena para caber no pulso de uma criança. Está presa com um alfinete de segurança velho e ligeiramente enferrujado, e tem a minha data de nascimento gravada.

O meu nome é Amber ~~Taylor~~ Reynolds. Há três coisas
que devem saber sobre mim:

1. Estive em coma.
2. A minha irmã morreu num acidente trágico.

3. Às vezes, minto.

AGRADECIMENTOS

Existem muitas pessoas a quem tenho de agradecer por terem tornado este livro uma realidade.

Antes de mais, quero expressar a minha profunda gratidão ao meu extraordinário agente, Jonny Geller, por ter confiado em mim. Estendo também o meu reconhecimento à Catherine Cho, à Kate Cooper e a toda a equipa incrível da Curtis Brown. A Kari Stuart, da ICM, é verdadeiramente notável, e serei eternamente grata por tudo o que fez por mim.

Sinto-me incrivelmente privilegiada por *Às Vezes, Minto* ter encontrado um lar na HQ/HarperCollins, no Reino Unido, e na Flatiron/Macmillan, nos Estados Unidos. Tenho duas editoras extraordinárias, a quem serei eternamente grata: a Sally Williamson, no Reino Unido, que acreditou neste livro com uma paixão inabalável e tem a gargalhada mais encantadora; e a Amy Einhorn, nos Estados Unidos, uma força da natureza e uma verdadeira maga das palavras.

Gostaria de reservar um momento para reconhecer o melhor professor que já tive: Richard Skinner. Ele transmitiu-me tantas lições, impossíveis de enumerar aqui, mas, acima de tudo, ensinou-me a acreditar em mim mesma o suficiente para não desistir. A minha gratidão para contigo será eterna.

Quero também agradecer a todos os formandos da Faber Academy na primavera de 2016 — todos vocês fizeram parte da minha jornada como escritora e ganhei amigos para a vida. Um agradecimento especial à Kelly Allen, Dan Dalton, Giles Fraser, Alison Marlow, Trisha Sakhlecha e Helen Trevorrow, por serem os meus primeiros leitores e por partilharem opiniões tão perspicazes.

Agradeço às pessoas do Milton Keynes University Hospital por me permitirem entrar no vosso mundo e por responderem às minhas muitas, muitas perguntas, especialmente à Maureen Peskett, à Josie Warner e à Amanda Wilson. E um

agradecimento ao Wayne Moulds pelos seus conselhos e ajuda na pesquisa.

Obrigada aos meus pais por me incentivarem a ler e a amar livros desde muito nova — não se pode ser escritor sem se ser leitor. Um agradecimento sincero ao resto da minha família e amigos pelo vosso amor e apoio contínuos. Um agradecimento especial à Charlotte Essex, a minha mais antiga companheira de escrita, por me ter empurrado para cima de um penhasco na Bolívia, há muitos anos, e por continuar a encorajar-me a fazer coisas de que tenho medo. Obrigada, Jasmine Williams, por acreditares em mim, e Anna MacDonald e Alex Vanotti por me fazerem rir, ajudarem-me a manter a calma e estarem sempre presentes quando preciso.

Por fim, quero expressar a minha gratidão ao meu marido, Daniel, também escritor, que compreende melhor do que ninguém a importância desta jornada. Não posso imaginar tê-la percorrido ao lado de outra pessoa. O meu primeiro leitor, o meu melhor amigo, o meu tudo. Não teria chegado aqui sem ti. Obrigada por me aturares e por retribuíres o meu amor.

Contents

1. [Agora](#)
 1. [Boxing Day, dezembro de 2016](#)
2. [Antes](#)
 1. [Semana anterior, 19 de dezembro de 2016](#)
3. [Agora](#)
 1. [Boxing Day, dezembro de 2016](#)
4. [Antes](#)
 1. [Segunda-feira, 19 de dezembro de 2016 — De tarde](#)
5. [Agora](#)
 1. [Boxing Day, 26 de dezembro — À noite](#)
6. [Antes](#)
 1. [Segunda-feira, 19 de dezembro de 2016 — À noite](#)
7. [Antes](#)
 1. [Segunda-feira, 16 de setembro de 1991](#)
8. [Agora](#)
 1. [Terça-feira, 27 de dezembro de 2016](#)
9. [Antes](#)
 1. [Terça-feira, 20 de dezembro de 2016 — De manhã](#)
10. [Antes](#)
 1. [Quinta-feira, 24 de outubro de 1991](#)
11. [Antes](#)
 1. [Terça-feira, 20 de dezembro de 2016 — De tarde](#)
12. [Agora](#)
 1. [Quarta-feira, 28 de dezembro de 2016 — De manhã](#)
13. [Antes](#)
 1. [Terça-feira, 20 de dezembro de 2016 — À noite](#)
14. [Antes](#)
 1. [Quarta-feira, 13 de novembro de 1991](#)
15. [Agora](#)
 1. [Quarta-feira, 28 de dezembro de 2016](#)
16. [Antes](#)
 1. [Quarta-feira, 21 de dezembro de 2016 — De manhã](#)
17. [Antes](#)
 1. [Sábado, 7 de dezembro de 1991](#)
18. [Agora](#)

1. [Quinta-feira, 29 de dezembro de 2016](#)
19. [Antes](#)
 1. [Quarta-feira, 21 de dezembro de 2016 — De tarde](#)
20. [Antes](#)
 1. [Sábado, 14 de dezembro de 1991](#)
21. [Agora](#)
 1. [Quinta-feira, 29 de dezembro de 2016](#)
22. [Antes](#)
 1. [Quinta-feira, 22 de dezembro de 2016 — De manhã](#)
23. [Antes](#)
 1. [Quinta-feira, 22 de dezembro de 2016 — De manhã](#)
24. [Antes](#)
 1. [Domingo de Páscoa, 1992](#)
25. [Agora](#)
 1. [Quinta-feira, 29 de dezembro de 2016](#)
26. [Antes](#)
 1. [Quinta-feira, 22 de dezembro de 2016 — À noite](#)
27. [Antes](#)
 1. [Quarta-feira, 14 de outubro de 1992](#)
28. [Agora](#)
 1. [Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016](#)
29. [Antes](#)
 1. [Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — De manhã](#)
30. [Antes](#)
 1. [Sexta-feira, 30 de outubro de 1992](#)
31. [Agora](#)
 1. [Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016](#)
32. [Antes](#)
 1. [Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — De Tarde](#)
33. [Antes](#)
 1. [Sexta-feira, 11 de dezembro de 1992](#)
34. [Agora](#)
 1. [Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016](#)
35. [Antes](#)
 1. [Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — Fim da tarde](#)
36. [Antes](#)
 1. [Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — Princípio da noite](#)
37. [Antes](#)
 1. [Terça-feira, 15 de dezembro de 1992](#)

38. [Agora](#)
 1. [Véspera da Ano Novo, 2016](#)
39. [Antes](#)
 1. [Sexta-feira, 23 de dezembro de 2016 — À noite](#)
40. [Antes](#)
 1. [Sexta-feira, 18 de dezembro de 1992](#)
41. [Agora](#)
 1. [Véspera da Ano Novo, 2016](#)
42. [Antes](#)
 1. [Véspera de Natal de 2016 — De manhã](#)
43. [Antes](#)
 1. [Véspera de Natal de 2016 — Hora de almoço](#)
44. [Antes](#)
 1. [Sábado, 19 de dezembro de 1992](#)
45. [Agora](#)
 1. [Véspera da Ano Novo, 2016](#)
46. [Antes](#)
 1. [Véspera de Natal de 2016 — De tarde](#)
47. [Antes](#)
 1. [Segunda-feira, 21 de dezembro de 1992](#)
48. [Agora](#)
 1. [Véspera da Ano Novo, 2016](#)
49. [Antes](#)
 1. [Véspera da Natal, 2016](#)
50. [Antes](#)
 1. [Véspera de Natal, 1992](#)
51. [Antes](#)
 1. [Véspera de Natal, 2016](#)
52. [Agora](#)
 1. [Véspera de Ano Novo, 2016](#)
53. [Agora](#)
 1. [Véspera de Ano Novo, 2016](#)
54. [Antes](#)
 1. [Dia de Natal, 2016](#)
55. [Antes](#)
 1. [Dia de Natal, 2016 — Princípio da noite](#)
56. [Antes](#)
 1. [Quinta-feira, 7 de janeiro de 1993](#)
57. [Agora](#)

1. [Segunda-feira, 2 de janeiro de 2017](#)
58. [Antes](#)
 1. [Dia de Natal, 2016 — Princípio da noite](#)
59. [Agora](#)
 1. [Terça-feira, 3 de janeiro de 2017](#)
60. [Antes](#)
 1. [Dia de Natal, 2016 — À noite](#)
61. [Agora](#)
 1. [Terça-feira, 3 de janeiro de 2017](#)
62. [Antes](#)
 1. [Sábado, 14 de fevereiro de 1993](#)
63. [Antes](#)
 1. [Dia de Natal, 2016 — À noite](#)
64. [Agora](#)
 1. [Terça-feira, 3 de janeiro de 2017](#)
65. [Depois](#)
 1. [Seis semanas mais tarde](#)
 2. [15 de fevereiro de 2017](#)
66. [Depois](#)
 1. [Quarta-feira, 15 de fevereiro de 2017 — 04h00](#)
67. [Depois](#)
 1. [Primavera de 2017](#)
68. [Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)